

"PERIGOSAMENTE VICIANTE"

- Sherrilyn Kenyon, primeiro lugar na lista de mais vendidos do *New York Times*

"CROSBY SERVE SUSPENSE, SEGREDOS E ESCÂNDALO SULISTA
COMO NINGUÉM!"

- Harlan Coben, primeiro lugar na lista de mais vendidos do *New York Times*

AO NORTE
DA LOUCURA
TANYA ANNE
CROSBY

AUTORA NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO NEW YORK TIMES



AO NORTE DA LOUCURA

TANYA ANNE CROSBY
TRADUZIDO POR LISLAINE M.
OLIVEIRA



“Ao Norte da Loucura”

Escrito por Tanya Anne Crosby

Copyright © 2015 Tanya Anne Crosby

Todos os direitos reservados

Traduzido por Lislaine M. Oliveira

Design da capa © 2015 DamonZa

✿ Created with Vellum

*Para o meu marido, Scott, que acredita em mim.
Meus agradecimentos a Michelle Boubel, John Clayton e William Tisdale.
Um agradecimento especial às cidades de Charleston, James Island e Folly
Beach por fornecerem uma nascente infinita de inspiração... junto com
minhas desculpas por ter tomado algumas liberdades com a história e a
paisagem de Secessionville Creek. A área tem seu próprio valioso passado e,
embora eu tenha passado a maior parte da vida em Charleston, achei aquele
pontinho no mapa por acaso depois de uma brincadeira de ‘Minha Mãe
Mandou’... ou talvez, se você acreditar em providência... ele me escolheu.*

CONTENTS

Menções a Tanya Anne Crosby

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Epílogo](#)

[Livro 2 Prévia](#)

[Sobre a Autora](#)

MENÇÕES A TANYA ANNE CROSBY

“Tanya Anne Crosby cria uma história que toca a alma e fica para sempre no coração.”

— SHERRILYN KENYON, AUTORA BESTSELLER #1 DO NYT

“Os personagens de Crosby prendem o leitor...”

— PUBLISHERS WEEKLY

“Tanya Anne Crosby se propõe a nos oferecer uma leitura divertida e o faz com humor, um ritmo acelerado e a quantidade certa de romance.”

— THE OAKLAND PRESS

“Romance preenchido com charme, paixão e intriga...”

— AFFAIRE DE COEUR

“Crosby mistura a quantidade certa de humor... Fantástico, excitante!”

— RENDEZVOUS

“Quando tentamos selecionar algo por si só, descobrimos que está ligado a tudo o mais no Universo”.

— JOHN MUIR

PRÓLOGO

Tudo depende de um momento.

Tome uma decisão em uma fração de segundos ou ceda a um capricho... e como peças de dominó caindo, eventos virão, bons e ruins. Em um mundo perfeito, se você tomar uma decisão com a melhor das intenções, somente o melhor dos resultados poderá sair. Mas, às vezes, pessoas más fazem a coisa certa. Às vezes, pessoas boas fazem a coisa errada.

Você pode dizer que uma caneta levou à minha morte.

Uma simples caneta, descansando, não em minha mesa, mas no balcão da cozinha, onde a abandonei após escrevinhar a palavra “tomates” em minha lista de compras. Um pouco antes de chegar àquele lugar, ela estava em meu criado-mudo, onde a coloquei após desenvolver um plano para reunir minhas três filhas. Dali, ela viajou para o meu escritório, onde escrevi uma cláusula adicional ao meu testamento. As reflexões de culpa de uma velha mulher, basicamente. Mas, então, eu me esqueci... até que vi a caneta e coloquei em movimento a cadeia de dominós que me trouxe para este momento...

Só agora, um segundo antes do meu fim, entendo que talvez isso tenha começado a muito tempo atrás... em outro momento... em uma praia ao norte de Folly...

“**A**posto a minha parte que a Sadie fica com a casa.”

No quesito apostas, era loucura, claro, mas Caroline sabia que a provocação de Augusta nada tinha a ver com um anseio de preservar “a casa” para a posteridade Aldridge. Assim como Rhett Butler, Augusta não dava a mínima – sobre a casa.

“Por que a mãe faria isso?” a irmã mais nova, Savannah, perguntou.

Augusta deu de ombros. “Por que a mãe faria qualquer coisa?”

Até este ponto, Savannah havia passado a vida inteira defendendo a mãe, e Augusta estava determinada a passar o resto da dela acusando-a. Caroline estava cansada de ficar no meio. Ela ignorou as irmãs, espiando pela janela enquanto a limusine passava pelos destroços incendiados do antecessor Georgiano da casa. Destruída durante um incêndio na cozinha no ano seguinte ao fim da “Guerra de Secessão”, a casa original havia escapado a fúria de Sherman e uma das batalhas mais importantes do sul só para encontrar seu destino nas mãos de um incêndio comum enquanto cozinham. Construção na “nova casa grande” começou no ano seguinte. A Fazenda Oyster Point era o legado da família dela... junto com uma vida de disfunção.

Por que a mãe faria qualquer coisa?

As respostas foram enterradas nessa manhã, junto com a mãe delas... tudo que restava agora era a lenda: Para o resto do mundo, Florence Willodean Aldridge era a queridinha da mídia, herdeira de um dos jornais locais mais antigos que sobreviveram. Para Caroline e suas irmãs, ela era...

Como a casa.

Havia a fachada que as pessoas viam pelo olhar das lentes de uma câmera – a maravilhosa plantação do sul que agraciou as capas de revistas como *Southern Living* e *House Beautiful*... onde barba-de-velho se agarrava às árvores majestosas como cortinas grisalhas... e, então, havia a fachada por trás da porta vermelha, onde a vagarosa decadência da alma penetrava na fibra da estrutura... infiltrando o solo e o pântano ao redor, purulento e fétido.

Era assim que Caroline sentia o cheiro do pântano – aquele odor sulfuroso inconfundível que aumentava quanto mais se aproximavam da casa... aquele fedor que sua mãe nunca admitiu embora fosse obcecada por docíssimas magnólias e azaleias e as plantasse compulsivamente para mascarar o cheiro.

Era engraçado, Caroline pensou, como você podia olhar direto para a casa, com suas cumeeiras de contos de fadas, realmente sentir o cheiro de decadência e, ainda assim, seu cérebro acreditava na bela mentira. Mesmo agora, enquanto o carro seguia o caminho privado, pelos carvalhos desfalecidos e as magnólias enroladas, antigas feridas pareciam se reabrir e apodrecer... como se na presença da casa, somente as memórias que haviam nascido aqui tivessem qualquer vitalidade real.

Caroline achou que estava pronta, mas não estava muito preparada para a adrenalina de emoções que a assomaram enquanto o telhado íngreme com frontão triangular coberto de piche e águas-furtadas perfeitamente espaçadas tomaram seu campo de visão. Como o corpo deitado dentro do caixão que elas haviam acabado de abandonar, a velha Vitoriana parecia ter envelhecido de forma acelerada – evidente até pela última camada grossa de tinta branca. E, ainda assim, lá estava, de pé... desafiando os anos, uma matriarca sulista em seu próprio direito, uma anfitriã educada, entretendo os convidados. A varanda de dois andares, com mais de seiscentos metros quadrados de alpendre revestido – como o cemitério – estava lotada, deixando nenhuma dúvida de que a mãe delas era adorada. Uma multidão se movia, parando na entrada de carros, admirando as azaleias da Flo.

Caroline queria desesperadamente sentir o que eles sentiam, mas em vez de pesar, tudo que conseguia juntar do fundo da alma era algo como arrependimento.

A limusine fez a curva na vaga produzindo um som desagradável sobre os cascalhos e Savannah tomou a mão dela com um aperto gentil. “Pronta?”

A resposta era não, mas Caroline concordou mesmo assim.

Savannah foi a primeira a sair do carro, retirando uma poeira imaginária

de seu simples vestido preto enquanto aguardava por Caroline. Augusta tomou o caminho de menor resistência e correu pela porta de Savannah, seu vestido rosa se destacando enquanto ela disparava pelos degraus da varanda e desaparecia em um mar de vestidos pretos e ternos.

Por um momento, Caroline se demorou dentro da limusine, invejando a falta de consideração de Augusta com o dever. Ela não tinha a mesma opção. Não importava como se sentia com relação à Flo, hoje ela era a sobrevivente Aldridge mais velha e, fortificada por séculos de graças sociais sulistas, regida por boas maneiras.

Era maio. As azaleias estavam todas florescidas. Vermelhas como a porta. A tonalidade recordou Caroline do batom de sua mãe e, por um instante, ela quase esperou Flo aparecer aos pés da porta com seu penteado inspirado em Jackie-O, usando um vestido em A perfeitamente passado que a fazia parecer um charmoso anacronismo.

Mas isso nunca mais ia acontecer.

Ela fez sua cara de pôquer e respirou fundo, abrindo a porta do carro.

Juntas, ela e Savannah, adentraram a casa, enquanto um por um, vizinhos que Caroline não via há dez anos traziam simpatia junto com suas melhores caçarolas. Agradecendo cada um por ambos, ela colocou a comida na sala de jantar, notando que havia mais do que o suficiente para alimentar o exército por um ano. Talvez elas pudessem doar um pouco? Ela não queria que fosse desperdiçado e não pretendia ficar em Charleston após a leitura do testamento. Ela tinha certeza de que suas irmãs tinham a mesma ideia. Quaisquer arranjos que tivessem de ser feitos poderiam ser lidados pelo telefone, e-mail e fax. Essa era a beleza da tecnologia.

“Minha querida”, alguém disse de forma simpática, dando um tapinha nos ombros de Caroline enquanto ela colocava um terceiro prato de salada de ambrósia no buffet. Inacreditavelmente, não havia mais espaço na antiga mesa Georgiana, mesmo com seus quase dois metros de extensão.

“Ah, olá, dona Rose!” Caroline exclamou. “Que prazer em vê-la!” Não havia pretensão no cumprimento. O rosto enrugado de Rose Simmons trouxe memórias dos primeiros anos de Caroline nessa casa antiga, as únicas boas que conseguia recordar.

“Graciosa! Eu não perderia isso”, dona Rose disse. “Sua mãe era uma mulher maravilhosa. Um funeral tão formoso!” ela acrescentou com sincera aprovação. “Espero que meus filhos apresentem seus cumprimentos de forma tão bela!”

Uma pontada de culpa acertou Caroline. Tudo havia sido pré-arranjado. Era a única coisa pela qual podia agradecer sua mãe: Flo não era do tipo que deixava negócios pendentes. Ela evitou o elogio. “Bom, fico feliz por ter vindo”, ela ofereceu com um sorriso e, então, viu de relance a figura de pé na entrada da sala de jantar e todos os pensamentos se espatifaram em sua mente de uma só vez.

“Ah, antes que eu me esqueça, trouxe os verdinhos!” dona Rose declarou.

Caroline piscou, seu olhar fixo no homem com quem ela quase havia se casado dez anos atrás. “Verdinhos?”

Seus olhos eram de um azul tão vívido quanto se lembrava, com pontos de luz que escureciam ou brilhavam dependendo da intensidade de seu sorriso. Agora mesmo, eles estavam praticamente elétricos e Caroline mal conseguia manter o foco. “Eu não conheço os Verdes, dona Rose...”

Dona Rose deu risada, dando palmadinhas gentis no antebraço de Caroline. “Bem, claro que você conhece! Você sempre os pedia, eu me lembrei e os trouxe!”

Caroline deu um sorriso confuso à senhora e percebeu que Jack estava abrindo um sorriso malicioso, aquelas luzes em seus olhos dançando com travessura. O gracejo familiar e divertido a incomodava bem mais do que deveria.

Dona Rose levou a mão ao peito. “Pobre querida! Deve ser o choque”, ela declarou. “Isso é bastante compreensível.” Ela deu tapinhas no braço de Caroline como forma de consolo. “A morte da Flo foi tão inesperada!” Ela balançou a cabeça. “A falta de sua mãe será extremamente sentida, mas deveria lhe alegrar saber que eles estão falando sobre plantar um jardim no Parque Waterfront em homenagem a ela. Espero que o façam!”

“O Jardim Memorial de Florence Willodean Aldridge”, Rose continuou, mas Caroline não estava mais ouvindo. A senhora espiou sobre o ombro para ver o que havia capturado a atenção de Caroline e um repentino olhar de compreensão cruzou seu semblante. Ela sorriu conscientemente. “Bem, meu Deus! Eu entendo. Vou deixá-la com seus convidados, minha querida garota. Só não esqueça de separar os verdinhos para mais tarde. Eu os cozinhei do jeito que você gosta, com um bom e grande pernil de porco!”

Ficou claro para Caroline, de repente, que os “verdes” não eram pessoas. Dona Rose havia trazido folhas de mostarda. E, sinceramente, ela as odiava com todas as forças, mas se lembrava vagamente de ter cinco anos no batismo da filha de dona Rose e se sentindo muito culpada por querer cuspi-

las. Com um olhar dominante de sua mãe, ela havia engolido com relutância e elogiado os verdinhos da dona Rose com ênfase – obviamente, com ênfase demais.

Dona Rose a desaprovou, balançando um dedo em alerta. “Você sempre foi muito magra!”

As bochechas de Caroline se aqueceram enquanto a vizinha de sua mãe caminhava vagorosamente se afastando, deixando-a totalmente à mercê de Jack.

A senhora acenou para Jack ao sair da sala de jantar e disse de forma agradável, “Tarde, Jack”.

Jack a cumprimentou com um sorriso e um aceno. “Boa tarde, dona Rose. Você está formosa como sempre.”

Dona Rose abaixou a cabeça timidamente e riu como uma garota do colegial. Assim que ela ficou longe do alcance da voz, Jack virou o impacto total de seu sorriso malandro para Caroline. “Só não se esqueça de separar uns verdinhos para mais tarde”, ele provocou, movendo-se da porta e passeando para dentro do aposento com uma languidez que era ao mesmo tempo irritante e tranquilizadora em sua familiaridade.

“Acho que sua mãe nunca lhe ensinou a não ouvir a conversa alheia”, Caroline disse, odiando-se por ceder aos sentimentos de rancor.

O brilho nos olhos dele desapareceu. “Nós dois sabemos que minha mãe não me ensinou praticamente nada, Caroline.”

Ele disse isso calma e simpaticamente, mas Caroline sabia que havia acertado um ponto sensível. Por um longo instante, eles ficaram se encarando, nenhum muito certo do que dizer. O odor de magnólias desfalecidas flutuava entre eles. Dez anos atrás, sua mãe havia encomendado as flores como peças de centro para as mesas no casamento. Agora, elas adornavam cada canto da casa e Caroline iria para sempre associar o cheiro com morte e sofrimento.

Apropriado, de alguma forma.

Jack teve a decência de parecer desconfortável. Mãos nos bolsos, ele olhava para o chão. “Ainda precisamos falar com a Sadie”, ele ofereceu, “Finalizar o relatório”.

“Bem, tenho certeza de que a encontrará na cozinha”.

Sadie, a governanta da mãe delas, que havia encontrado Flo esparramada ao pé da escada. Dopada com Rivotril, Flo aparentemente havia tropeçado em uma tábua solta no topo da escada.

“É só uma formalidade”, ele assegurou-a. “Pode esperar.”

Ela preferia acreditar que ele estava ali por causa do trabalho, não por algum sentido errôneo de obrigação com o passado deles. “Então, você está trabalhando?”

“Eu vim expressar meus pêsames, não aborrecê-la. Desculpe-me, Caroline.”

Antes, Caroline não poderia imaginar outra pessoa que ela preferisse para confortá-la. Agora, ela nem sabia como falar com ele. “Obrigada por vir, Jack.”

Ele deu um passo atrás. “Você é mais parecida com ela do que imagina”, ele disse de forma calma, retirando as mãos dos bolsos. Ele hesitou, claramente querendo dizer algo mais. Em vez disso, virou-se e saiu.

Ignorando os olhares clandestinos dos convidados, Caroline virou as costas para ele. Esforçando-se para ser casual, ela enfiou uma colher de prata em um dos pratos antes de seguir Jack até o saguão para vê-lo se retirar.

Ele avançou lentamente pela multidão, de alguma forma evitando contato humano apesar da largura de seus ombros. Ele nem uma vez olhou para trás. Sem uma palavra, abriu a porta da frente, saiu rumo à claridade da tarde e fechou a porta em silêncio atrás de si.

Caroline se sufocou em uma onda de emoções. “Merda”, ela disse suavemente.

Savannah apareceu atrás dela. “Tão ruim assim?”

Caroline piscou para espantar as lágrimas. “Ele disse que estava procurando a Sadie.”

Savannah levantou a sobrancelha. “Bom, duvido que esse seja o motivo de ele ter vindo aqui hoje.”

“O passado não muda só porque ele quer!” Caroline disse enfaticamente e Savannah concordou, sabiamente reconhecendo o fim da paciência dela no tópico Jack Shaw.

O Dive Inn era o último refúgio antes da solidão do lar.

Durante o pico do verão, era tanto uma armadilha para turista como o resto dos estabelecimentos na rua central de Folly, mas hoje havia várias vagas de estacionamento perto dos bares mais evidentes e aquelas em frente à indescritível construção estavam vazias. Jack fez uma curva de última hora no estacionamento não pavimentado e adentrou o lugar, encontrando-o inabitado, exceto pelo bartender, dono do lugar, e um casal mais velho em uma das mesas ao fundo.

“Yo, Jack! Onde você tava?”

“Trabalho”, Jack ofereceu como explicação, mas a verdade era que ele vinha aqui principalmente quando estava evitando a Kelly – o que ele supôs estar fazendo agora.

“Ficando ocupado?”

“Ocupado o suficiente”, Jack respondeu. “Que tal uma Guinness, Kyle?”

“Claro”, o bartender falou e se direcionou ao freezer, pegou uma caneca gelada e foi enchê-la para Jack direto da torneira prateada brilhante que havia sido polida com amor. O balcão de madeira pode ter anos de batidas e arranhões característicos, mas as torneiras eram imaculadas. Kyle deslizou o copo pelo bar para ele. “Você ouviu sobre a garota Hutto?” ele perguntou, puxando assunto.

Jack balançou a cabeça, tomando um gole da Guinness, feliz que ele não havia trazido à tona a maior história de Charleston – a morte de Florence W. Aldridge.

Apesar de odiar o hábito, ele estendeu a mão para pegar um cigarro, mas

a imagem do rosto de Caroline o congelou. Ela costumava odiar quando ele fumava, mas esses dias ele só fazia isso quando bebia. Batendo no bolso, como se para manter os rolinhos de câncer sob controle, ele se perguntou por que se sentia forçado a fazer qualquer coisa só porque Caroline gostava ou não daquilo. Era óbvio que ela não queria nada com ele.

Aparentemente, perdão não era uma virtude das Aldridge.

“Achei que tivesse”, Kyle persistiu. “Eles moram a algumas portas de você.”

“O que tem ela?”

“Parece que ela sumiu da praia a umas semanas. Não apareceu muito nos noticiários por causa dessa senhora do jornal que morreu, mas alguém veio aqui mais cedo e colocou isso –” Ele moveu o queixo na direção de um pôster feito em casa com a imagem colorida granulada de uma linda garotinha loira.

“Eles acham que ela se afogou?”

Kyle deu de ombros. “Quem sabe? Parece que sempre tem alguém fazendo algo estúpido naquele mar. A questão é, eles não são turistas. Você ia achar que eles sabem das coisas.”

Jack tentou se lembrar quem eram os Huttos, mas não conseguiu identificar. Folly Beach era uma comunidade pequena e íntima, mas ele ficava mais na dele. As coisas iam melhor dessa forma. Na realidade, foi parte da razão pela qual ele havia se mudado para Folly. Ele odiava trabalhar no campo e não gostava de conversar sobre cercas com os vizinhos. Na verdade, ele não havia trabalhado na bicicleta por mais de um mês porque estava cansado da velha do outro lado da rua vindo perguntar se ele ainda estava solteiro. Ele tomou outro gole da Guinness e levou a mão ao bolso para pegar o celular. Três ligações perdidas da Kelly. Zero da Caroline.

Então, de novo, ele não estava esperando que Caroline ligasse. Ela era orgulhosa como a mãe – que se dane! Mesmo dez anos depois, ela não estava prestes a esquecer um erro idiota. Ele colocou o celular no balcão e terminou de virar o copo, olhando o celular com malícia.

O bartender o olhou com curiosidade. “Dia ruim?”

Jack deu de ombros. “Enterrei uma amiga”, ele falou.

E brigou com a mulher que de alguma forma ainda conseguia consumir seus pensamentos mesmo após todos aqueles anos, mas ele não ofereceu aquela parte. Não era da conta de ninguém.

Caroline era a única razão pela qual ele não conseguia se estabelecer com a Kelly, ele percebeu. Toda vez que considerava a ideia, o rosto de Caroline

aparecia em sua mente – como um daqueles jogos irritantes de parque de diversão. Ele não achava que era assim que deveria ser – casado com uma garota, obcecado por outra.

Não havia nada errado com a Kelly.

Ela só não era a Caroline.

“Vou tomar outra.”

Kyle concordou e obedeceu.

Ok, então talvez como uma descrição dos últimos doze anos “obcecado” fosse um pouco exagerado, porque ele havia conseguido tirar Caroline de sua cabeça muito bem – exceto quando decisões com consequências por toda a vida estavam prestes a ser tomadas. Neste minuto, contudo, *era* uma obsessão total, completa com toques fantasmas que estavam sequestrando seu corpo. Só vê-la já havia feito isso com ele. Ele havia ficado com uma sensação de saudades que era intensamente desagradável, e ele não conseguia afastá-la.

Olhando o celular de novo, pensou em ligar para ela – só para parar de pensar nela – e isso tornou claro que ela era provavelmente o motivo pelo qual ele nunca havia mudado o número. Aquele pensamento nunca havia lhe passado antes, mas ele tinha plena certeza de que era verdade. Ele não havia superado. Pior, tinha medo de nunca conseguir, e o pensamento de viver a vida em um limbo o fez se sentir como fumar um cigarro atrás do outro, seis maços de cigarros, bem na frente dela.

Seu celular tocou e o coração acelerou. Então, ele viu o número e sentiu a decepção: Kelly.

Ele não poderia evitá-la para sempre.

Esvaziando o copo mais uma vez, ele pegou a carteira, pagou a conta, agarrou o celular, e quase como uma reflexão tardia, levou a mão ao bolso, desenterrando o último maço de cigarros, ainda meio cheio, e o jogou no bar, saindo em seguida. O celular parou de tocar, mas ele iria ligar de volta para ela. Agora que estava tudo claro em sua mente, ele percebeu que continuar daquele jeito não era justo.

Era hora de abrir mão.

COMO OS ÚLTIMOS convidados já haviam ido embora, Caroline se juntou à Savannah e ao filho de Sadie, Josh, na varanda dos fundos enquanto Augusta permanecia no andar de cima, fazendo as malas para o voo que ela havia arranjado no momento em que confirmara uma nova data para a leitura do

testamento. Agora, a leitura estava marcada para as dez da manhã de segunda-feira. O voo de Augusta era às três. De alguma forma, o fato deixou Caroline mais deprimida do que ver o caixão da mãe ser abaixado no chão nesta manhã.

Assim que as três tivessem ido embora... assim que a casa tivesse sido vendida, o último “t” cruzado e o último “i” pontilhado... onde seria o lar?

Aproveite o momento, Caroline.

O momento era tudo o que elas realmente tinham. Aquela foi uma lição amarga que ela havia aprendido depois do Sammy. As últimas palavras que Caroline se lembrava de ele dizer eram, “*Yo ho, yo ho – olhe para mim, Cici! Sou um pirata – assim como o Barba Negra!*”

De fato, ele era.

Assim como o Barba Negra.

Nada ficou além de um fantasma.

Naquela tarde, Flo havia ficado tomando banho de sol mais longe da praia com uma margarita na mão. Flo nunca o ouviu, e todas as três garotas tinham continuado a desenhar imagens na areia, alheias ao perigo no qual o irmão delas se encontrava. Como descobriu mais tarde, Caroline foi a última a vê-lo vivo – algo que nem Caroline nem Flo haviam aprendido a perdoar.

Elas suspeitaram que Sam havia flutuado até o canal em seu pequeno barco inflável e dali não havia como saber o que poderia ter sucedido com ele... um barco de pesca não o vira a tempo, uma lancha com um guerreiro bebedor de final de semana no controle do leme, um buraco em sua jangada... poderia ter sido qualquer coisa. As correntes poderiam tê-lo levado para fora do mar.

Depois que ele partiu, nada mais foi o mesmo.

E ninguém a chamou de Cici novamente.

No horizonte, uma faixa fina de rosa segurava lá em cima a escuridão que descia. Enquanto ela descia, o riacho perdeu um pouco do seu vislumbre, desvanecendo em preto.

Ela havia esquecido quão bonito o verão poderia ser na Ilha.

A Fazenda Oyster Point ficava no final sudoeste de uma faixa de terra que dobrava em Clark Sound e no mar. A casa em si fora construída para que oferecesse uma vista do pântano salgado pelas varandas da frente e dos fundos. Agora mesmo, o capim do pântano estava alto e verdejante, permitindo pouco mais do que relances da água que cintilava como diamantes sob o manto verde. Uma brisa rápida curvou o capim-da-praia... como fileiras

de artistas fazendo reverência. No final do cais, os últimos raios de sol se refletiam na torre de estanho do telhado do ancoradouro. Caroline inalou aquele cheiro familiar de pântano salgado para dentro dos pulmões, guardando tudo isso para mais tarde.

Savannah suspirou. “Não consigo acreditar que ela vai embora no aniversário dela.”

Era impossível controlar Augusta. Caroline aceitou aquilo. “Talvez ela tenha outros planos?”

“Este é um momento para se estar em família”, Savannah argumentou, “mesmo se você só estiver indo com a maré. Mas se você me perguntar, acho que ela precisa de nós mais do que precisamos dela”.

Isso era provavelmente verdade, mas Caroline tinha certeza de que esse era o modo de Augusta mostrar ao mundo o pouco que vida e morte a afetavam. Ela fazia questão de dizer quão sortudas elas eram quando tantos outros não eram – que qualquer segundo gasto respirando nunca deveria ser desperdiçado afundando-se em sofrimento. Considerando quão abruptamente a vida da mãe delas terminara, Caroline achou que Augusta tinha razão.

“Como podemos fazê-la ficar?” Savannah persistiu.

Josh acabou rindo da pergunta. “Melhor esquecer isso!” Ele tirou o garfo da boca por tempo suficiente para balançá-lo na direção dela. “Se Augie está determinada a ir embora, ela vai. Isso é tudo.”

Para todos os efeitos, o filho único de Sadie era como um irmão para elas, mas ele era mais próximo de Augusta do que de Caroline ou Savannah. Apenas meses de diferença na idade, quando crianças, os dois haviam passado basicamente todos os momentos juntos.

Augusta era onze meses mais nova do que Caroline e Savannah era quase dois anos mais nova do que Augusta. A relação dos pais delas já havia começado seu declínio tóxico quando Augusta nasceu e, quando o irmãozinho delas chegou, os pais já mal se falavam – menos ainda com os filhotes desnorteados. Era um mistério para todos como Sammy foi concebido.

Nessa viagem, contudo, Augusta mal havia conversado com Josh – por sinal, com qualquer uma delas.

Savannah enrugou a testa. “Por que diabos ela tem de ser tão contrária?”

Josh balançou a cabeça. “Depois de todo esse tempo, vocês duas ainda não aprenderam a lidar com aquela garota. Você não pode dizer a Augie o que fazer, e não pode lhe dar ultimatos.” Seus olhos azuis brilharam. “Você

definitivamente não pode fazer planos para ela.” Sua pele castanho-amarelada era perfeita – como a da mãe, exceto pelo fato de Sadie ser pelo menos dez tons mais escura. Caroline sempre suspeitara de que ele tinha uma descendência mista, mas Sadie nunca havia sido afável sobre a paternidade de seu filho e Caroline tinha certeza de que Josh simplesmente não sabia. Não parecia incomodá-lo. Nada o incomodava. Em toda a vida, ela não tinha uma lembrança de Josh derramando uma lágrima – não que ela pudesse dizer que fosse muito diferente dele. Emoções não vinham com facilidade para a Caroline também.

“Quem quer chá gelado de pêssego?” Sadie gritou. Com seu quadril na porta, balançando uma bandeja carregada de copos transpirando, ela empurrou a tela. Antes que alguém pudesse se levantar para ajudá-la, ela passou com a bandeja e a colocou em uma mesa perto da cadeira de balanço onde Josh estava sentado. Pegou um copo, entregando-o para Savannah.

Caroline franziu para ela. “Você não precisa mais nos servir, Sadie.”

Sadie virou aqueles olhos pretos expressivos para Caroline. “Chega disso, hein?!” ela exigiu, empurrando um copo de chá gelado na cara de Caroline. “Para começar, sua mama cuidou muito bem de mim, mas se você acha que estou fazendo isso porque é meu trabalho, está enganada, senhorita!”

Josh riu de modo nervoso. “Melhor pegar... ou vai tomar um banho.”

Caroline esticou o braço para pegar o copo. Ela não tivera a intenção de magoar os sentimentos de Sadie. Apenas tinha a consciência de que Sadie estava em luto também. “Pelo menos, sente-se conosco”, ela apelou para a doméstica de longa data, mãe e amiga substituta.

Sadie agarrou um copo, deixando um na bandeja, e se sentou na cadeira de balanço de frente para Josh. “Pretendo fazer isso”, ela proclamou e começou a balançar gentilmente enquanto bebericava o chá de pêssego.

Silêncio pontuou a conversa.

Grilos cricrilavam melancolicamente e Caroline suspirou, entregando-se ao momento de auto piedade pela relação que ela não tinha mais chance alguma de consertar. Flo havia partido para sempre.

Como o Sam.

Augie de repente apareceu atrás da porta de tela, pressionando o rosto contra a rede.

Caroline tomou cuidado para não denunciar sua decepção. “Malas prontas?”

“Tudo pronto.”

Sadie levantou o copo. “Bom. Venha e se sirva de chá gelado, tá?”

“Tô bem”, Augusta respondeu. Ela deslizou a língua para fora, esmagando-a contra a tela suja e revirando os olhos. Savannah riu das caretas enquanto ela as fazia.

Josh resolveu responder dando um tapa na porta de tela onde a língua de Augusta estava escorada. “Vem pra cá, Augie!”

“Blé! Nojento!”

“Você sabe quantos ovos de mosquitos foram depositados nessa tela?” ele reagiu. “Isso que é nojento!”

Augie empurrou a porta, espancando a língua. “Tem razão. Onde está o chá?” Localizando o copo restante, ela o pegou e tomou um longo gole, então soltou um suspiro satisfeita consigo mesma.

“Agora, sente-se”, Sadie exigiu.

Sem protestar, Augie fez como pediram. Ela sentou no chão perto da cadeira de balanço de Josh, abraçando os joelhos. “Desculpa deixar vocês na mão mais cedo. Não sou tão boa com o papo furado, vocês sabem.”

Savannah bufou. “Isso é uma meia-verdade!”

Augusta lançou um olhar profundo para a irmã mais nova. “Será que não podemos ser todos agradáveis agora?” Havia uma rispidez no elogio que só os surdos teriam perdido.

Savannah evitou seu olhar, encarando o pântano, e Caroline tomou consciência do humor melancólico de Savannah. Estava evidente na queda dos ombros dela, e ela imaginou por que Augusta não conseguia ver isso e dar um tempo para a irmã.

Apenas uma vez, ela desejou que pudessem ficar juntas e ser uma família normal.

“Então, agora que estamos todos juntos”, Sadie arriscou, dirigindo a conversa. “Talvez vocês, garotas, pudessem me animar com um favorzinho?”

Não havia muito que qualquer uma delas pudesse negar a Sadie, mas com um prefácio daqueles, Caroline tinha a sensação de que o favor não era tão pequenino.

Só o som de cadeiras de madeira balançando no deck irregular rompeu o silêncio da resposta.

“Meu Senhor!” Sadie exclamou. “Não é como se eu fosse pedir um fígado!”

Caroline riu nervosa.

“É só um pequeno exercício”, Sadie induziu. “Quero que vocês todos

sugiram uma história feliz sobre a mama de vocês – só uma. Vamos usar um minuto para lembrar algo bom sobre a Flo!”

“O fígado teria sido mais fácil”, Augie declarou. Ela levantou a mão com um sorriso forçado. “Quer o meu?”

Caroline, Savannah e Josh caíram todos na risada. Sadie não. “Augusta Marie, você ainda é uma garotinha incorrigível e mala sem alça, hein?”

Augie persistiu. “Acho que isso significa que você não vai querer meu fígado, né?”

Sadie olhou para ela com uma expressão de indignação justa. Era um olhar que Caroline conhecia muito bem. Era o olhar furioso de você-está-em-apuros-agora que ela lhes dava sem discriminação.

“Eu começo, Mama”, Josh ofereceu, lançando um olhar de repreensão para Augie enquanto se inclinava para a frente, juntando as mãos como se fosse se concentrar.

Augie falou abafando o riso. “Pense bastante.”

Caroline levou a mão à boca para reprimir um sorriso.

Olhando de soslaio audaciosamente para Augie, Josh levantou a sobrancelha. “Quando eu tinha sete anos”, ele começou, indicando com a cabeça na direção do píer, “eu estava lá pulando pedras com a maré alta e a Flo veio com duas varas de pescar, um balde e um saco de camarões fedorentos. Ela me deu uma vara e disse, ‘Nenhum homem sob o meu texto vai crescer sem saber como pegar uma truta!’”

Os olhos negros de Sadie cintilaram. “Isso foi legal. Consigo ouvi-la agora.”

Caroline conseguia imaginar a mãe claramente, sua figura alta e aprumada, marchando para o píer, varas e balde em mãos, mandona como sempre, mesmo quando estava tentando ser legal.

“Sim... ela me mostrou como colocar a isca no anzol e, então, sentou por horas, esbofeteando mosquitos.” Ele riu e balançou a cabeça com a memória. “Ela ficou mais feliz do que eu quando peguei o primeiro diacho de peixe.”

“E qual foi?” Sadie perguntou.

“Cantarilho, acho.”

Caroline se lembrou daquele dia. Não havia sido muito antes de Sammy ter desaparecido e a vida delas mudado para sempre. “Ela fez você limpá-los também, não fez?”

Josh concordou e fez uma careta de nojo.

“Claro”, Sadie disse. “Se vai pescar, tem que comer, e óbvio que você

não vai comer sem limpar! Não pode simplesmente ir matando as criaturas de Deus por nada, viu?”

A varanda caiu em silêncio novamente – um intervalo estranho e desconfortável que fez até Sadie parar de balançar. Ainda assim, ninguém fez qualquer tentativa de sair. Como Caroline, eles estavam provavelmente determinados a segurar o que sobrava do momento e o que era provavelmente o último crepúsculo que passariam naquela varanda juntos como uma família.

Quando ninguém mais se adiantou, Caroline cedeu. “Ok, minha vez.”

“Essa é a minha garota!” Sadie disse e começou a balançar novamente, sorrindo.

“Vejamos... eu devia ter uns sete anos também – a mãe estava com gripe. Você–” Ela apontou para Augie, tentando aliviar o humor. “E você–” Ela apontou para Josh. “Nós estávamos fazendo o café da manhã para servir para ela na cama e, entre nós três, destruímos tudo. Sav estava encarregada da torrada e foi a única coisa que não queimou.” Caroline sorriu com a memória. “Augie virou o saleiro todo nos ovos que eu destrocei. Então, levamos para ela. Eu sabia que tínhamos feito a maior bagunça e esperei que ela odiasse.” Os olhos de Caroline arderam, mas só por um instante. “Que eu seja amaldiçoada se ela não comeu com um sorriso.” Por um instante, ela se deleitou em privacidade com a memória, e então acrescentou para o benefício de todos, “ela nos disse quão orgulhosa estava”.

Na realidade, foi a única vez que ela disse aquelas palavras para Caroline. *Única.*

“Não me lembro disso”, Savannah disse queixosamente.

De forma inexplicável, em vez de alegria ou simpatia, o resultado da lembrança deixou Caroline com um buraco vazio em sua alma. Tristeza o preenchia a cada segundo que passava.

À distância, o oceano se estendia como um lençol preto de veludo deslizando sobre os bancos... como se Deus estivesse se preparando para dormir na terra naquela noite.

Ela não sabia por quanto tempo eles permaneceram perdidos naquele pensamento particular enquanto o céu do crepúsculo escurecia trazendo a noite. Nem uma única estrela brilhou pela escuridão que desceu.

Enquanto estava sentada lá, o mesmo pensamento que havia passado em sua consciência o dia todo retornou como um grito em seu cérebro: não haveria mais chances de construir uma relação com a mãe. Aquela oportunidade havia sumido para sempre, roubada por um escorregão estúpido

e inoportuno descendo a escada. Arrependimento, como o canto sem fim dos grilos, preenchia o ar.

“Dane-se isso!” Augie declarou de repente, atirando o copo na varanda. “Não vou sentar aqui e fingir que ela era algo que não era!”

Evitando contato visual com todos, inclusive Josh, Augie se levantou e saiu da varanda, batendo a porta de tela no caminho para dentro de casa. O som ecoou no pântano.

NO FUNDO DO PÂNTANO SALGADO, além do ponto onde o capim alto se dividia, um casco de barco se projetou da lama, meio virado, sua massa submersa se decompondo na lama escura e penetrante. Os restos de inúmeros barcos apareciam como lixo nos pantanais de Folly, muitas vezes abandonados pela maré fugitiva. O esqueleto de madeira mal chamava a atenção. Ficou lá, deteriorando-se e alimentando o solo ao redor, nada mais que um lembrete que “nessa distância os homens não deveriam nunca chegar”.

Somente criaturas que não conseguiam supor o que havia lá embaixo perambulavam ali.

Ocasionalmente, aves marinhas desciam para salvar um detrito esquecido, uma fita manchada de lama, um botão ou um pedaço de laço esfarrapado.

Hoje, um zíper brilhante incrustado de lama surgiu sobre a sujeira, provocando os bicos de pássaros que desciam. Não queria se mover.

E, então, a maré se antecipou, trazendo novas camadas de sedimento, enchendo o solo com água salobra. Pesada com a carga, a mochila submergiu no solo enlameado.

Longe dos olhos.

Longe do coração.

O cheiro de bacon provocou a consciência de Caroline. Ela abriu um olho para espiar o despertador da mãe: sete e meia. A leitura do testamento era às dez.

Hora de levantar e se arrumar.

Ela supôs que o bacon fosse a maneira gentil de Sadie acordá-las e, só por um momento, ficou nostálgica com as memórias que o cheiro trouxe à mente. Uma coisa era certa: manhãs na casa Aldridge podiam ser conectadas. Depois que a mãe tinha ido trabalhar. Antes da escola. Domingos antes da igreja. Dias preguiçosos de verão. Todas começavam na cozinha. Elas tinham Sadie a agradecer por isso.

Vender a casa seria um pouco como cortar raízes, mas aquele era o final inevitável para tudo aquilo.

Forçando-se a levantar e sair da cama, Caroline encontrou o shorts que havia usado na noite anterior, vestiu-o temporariamente e agarrou uma nova camiseta da mala que ela nem se importou em desfazer. Sadie a havia colocado no quarto da mãe, mas ela tentou não associar nenhum simbolismo ao fato. Ela era a mais velha e a primeira a chegar. Só isso. Não tinha a intenção de remoer o que seria perdido depois de hoje, porque, na realidade, não precisavam de uma casa para mantê-las juntas.

Se realmente lhes importasse, elas encontrariam uma maneira.

As fotos da mãe – todas alinhadas na penteadeira – continuaram um borrão quando Caroline passou, abrindo a porta do quarto para encontrar Tango, o labrador preto da mãe, deitado lá fora com o nariz enfiado no espaço debaixo da porta. “Pobrezinho!” ela exclamou e se inclinou para

acariciá-lo atrás das orelhas. “Sente falta da mamãe?”

Em resposta, Tango choramingou, batendo seu grosso rabo ébano contra o chão de madeira, parecendo, se possível, ainda mais desamparado. Seu rosto mostrava sinais de barba branca e os olhos pareciam sábios demais para um cachorro. Eles lembravam Caroline de um velho triste. “Vem cá, garoto”, ela o atraiu, levantando-se e dando tapinhas na perna. “Chega de se definir. Vamos comer bacon!”

Tango se arrastou, o rabo balançando, e a seguiu corredor abaixo. No topo da escada, Caroline parou por um instante, dando uma batidinha com o dedo do pé na tábua solta. A ripa de carvalho estava levemente torcida, sobressaindo do encaixe o suficiente para segurar um dedo do pé. Flo provavelmente havia estado medicada, ou bêbada ou grogue – talvez todos os três. Ser assassinada por uma tábua de assoalho torcida. Que azar!

Ela olhou para cima para estudar o teto. Estava levemente descolorido, mas além disso, não danificado, e ela fez uma nota mental para chamar alguém para checar o telhado em busca de fendas e, então, desceu, direcionando-se à cozinha. Se elas iam vender a casa, teriam de fazer todos os reparos necessários – provavelmente muitos deles, já que aparentemente a atenção de Flo para detalhes havia deteriorado no que se tratava da casa.

Realmente, por que ela deveria ter se importado? No final, ninguém havia se preocupado em voltar para casa. Ela havia morrido sozinha. Caroline só esperava que tivesse acontecido de forma instantânea e sua mãe não tivesse despertado para sentir o vazio bocejante que a rodeava. Esse pensamento deu um nó na garganta dela.

Como esperado, todas já estavam na cozinha – o único cômodo que não parecia encaixar na antiga Vitoriana. Para Sadie, Flo não havia poupado em conveniências modernas e a cozinha industrial de aço inoxidável era o sonho de um chef.

Sadie estava em seu fogão de oito bocas e qualidade comercial fritando ovos enquanto Augie estava sentada na ilha, rabiscando com papel e caneta. Savannah estava do lado dela, apoiada em uma mão com a torradeira posicionada em sua frente. Já na ilha tinha um prato amontoado de bacon e outro com uma pilha alta de torradas grossas com manteiga, mas não estava claro pela posição da manteiga e da faca quem exatamente estava passando manteiga – talvez Augusta, exceto por ela parecer muito entretida com seus rabiscos.

Augie deu uma olhadela quando ela entrou. “Bom dia, Bela

Adormecida”, ela disse e voltou a rabiscar.

“Bom dia.”

“Dormiu bem?” Savannah perguntou.

“Bem”, Caroline respondeu.

Tango se acomodou aos pés de Caroline, olhando para ela com esperança, e Caroline imaginou se sua mãe tinha feito planos para o cachorro. “Sadie, quantos anos tem o Tango?”

Sadie olhou para ela depois de virar um ovo. “Talvez sete?” Ela voltou para fritar o café da manhã.

“Ele sente falta da mãe.”

“A vida é uma merda!” Augie observou sem olhar para cima.

Sadie se virou e balançou a espátula para ela. “Pare com isso, Augusta, hein! Você não quer dizer isso.”

“Claro que não”, Augusta respondeu, mas continuou rabiscando sem olhar para cima, embora talvez com um pouco mais de urgência.

Todas elas tinham demônios para exorcizar, Caroline percebeu. Se o resto delas estava sentindo pelo menos metade da ambivalência que ela sentia, com certeza ia bagunçar a cabeça delas. Ela deixou o ânimo da irmã passar sem comentário e andou até Sadie para beijá-la na bochecha. “Obrigada, Sadie. Você não precisava mesmo fazer nada dessas coisas.”

Sadie virou seus olhos escuros para Caroline. “Você, também, senhorita! Se não parar, vou dar com essa espátula nos traseiros magrelos das duas, tão me ouvindo?”

Caroline riu da ameaça insignificante. Sadie nunca havia batido no próprio filho até onde Caroline conseguia se lembrar. “Onde está o Josh?”

“Josh tem a própria casa”, Sadie respondeu com raiva. “Algumas coisas por aqui *mudaram*.” Seu tom ficou um pouco mais leve e até mudou para orgulho. “De qualquer forma, você não pode ter um homem concorrendo a prefeito que ainda mora com a mama, não é?”

“Tá brincando?!” Caroline não quis soar tão surpresa, mas Josh não havia nem mencionado. Ele havia percorrido um longo caminho desde pirralho magrelo que havia escondido grilos na cama dela e enfiado uma cobra de jardim por baixo da porta do banheiro. Ela puxou um pedaço de bacon, cortou ao meio e jogou um pedaço para o Tango. Tango o pegou no ar, engolindo sem mastigar.

“Josh vai ser O Cara!” Augie sugeriu sem um traço de reverência.

Caroline estava determinada a não morder a isca de Augusta.

“Charleston?”

“Não, senhora!” Sadie balançou a cabeça e sorriu. “James Island – se eles ganharem o recurso no município. Ele ainda está com o escritório da procuradoria por enquanto.”

“Quando ele tem de renunciar? Quando anunciar a intenção de concorrer?”

“Isso mesmo”, Sadie respondeu alegremente.

“Isso pode levar um tempo.”

Desde 1993, James Island vinha lutando legalmente para ser reconhecido como município – principalmente porque seus residentes odiavam o prefeito de Charleston. Após ganhar um processo em 2006, eles ficaram indo e vindo e perderam novamente em 2011. O resultado final foi proteção policial irregular, pois algumas áreas ainda eram policiadas pela Cidade de Charleston, enquanto outras pelo estado e outras praticamente não eram.

Mastigando o pedaço de bacon roubado, Caroline foi até a geladeira, onde a lista de compras da mãe estava presa. *Guardanapos, comida para cachorro, tomates...* Ela estendeu a mão para agarrar a lista sob o ímã do supermercado Piggly Wiggly e fez uma nota mental para comprar mais comida para o cachorro. Ela ficaria aqui tempo suficiente para isso, pelo menos, e poderia até considerar levar o Tango de volta para Dallas – se Sadie não o quisesse e se Flo já não tivesse feito planos para ele. “Não acho que ela precise mais disso.”

Elas todas sabiam quem “ela” era.

Sadie olhou sobre o ombro, seus olhos escuros melancólicos, e então voltou sua atenção aos ovos sem uma palavra.

Savannah e Augusta assistiram enquanto Caroline amassou a lista de compras e a jogou na lixeira.

CAROLINE DIRIGIU o clássico Town Car até a cidade.

Embora ela praticamente teve que forçar Augie a entrar enquanto Savannah roubou seu celular para evitar que ela chamasse um táxi, até então Augie não havia reclamado apesar de o trânsito da manhã de segunda-feira estar extraordinariamente ruim. Caroline não havia tirado o pé do freio por pelo menos vinte minutos. À frente, um batalhão de carros da polícia estava reduzindo a velocidade de tudo.

Sentada no banco do passageiro, Augusta suspendeu o pescoço para fora

da janela, tentando ter uma perspectiva melhor enquanto elas se dirigiam pelo trânsito na rua King. “Jesus! Parece que eles estão no Daniel!”

“Por que diabos ele mantém o escritório nessa parte da cidade?” Savannah perguntou do banco de trás.

Augie virou para lhe lançar um olhar furioso. “Talvez ele sinta que pode ajudar a galera melhor ficando no lugar – ele não continua fazendo trabalho pro bono?”

“Sim”, Sadie se intrometeu, olhando para Augusta com um pouco de exasperação. “Mas a sua irmã está certa. Aquele homem é um tolo de manter o escritório aqui. De qualquer forma, parece-me que você se daria melhor na vida, Augusta, se parasse de pegar cada tocha que encontra por aí, hein?!”

Caroline se preparou para o ímpeto de fúria de Augie, mas aparentemente Sadie ainda era a única pessoa que podia falar com a irmã dela daquela forma e se safar. Caroline não era mais corajosa o suficiente para fazer isso e Savannah parecia protegida o suficiente se defendendo.

Ao se aproximarem do escritório de advocacia de Daniel e finalmente conseguirem ver através da multidão de transeuntes, Caroline identificou Josh do lado de fora, falando com alguns dos policiais mais admiráveis.

Augusta encarou curiosa enquanto elas passavam por eles e Caroline procurava uma vaga. “Eles *estão* no escritório do Daniel...”

Sadie pareceu preocupada. “Por que será?”

Essa parte da rua King ainda tinha de se beneficiar completamente do novo fluxo de dólares de impostos. Não muito longe, depois da praça Marion, as ruas mais baixas haviam sido renovadas em sua maioria, mas essa parte da cidade ainda tinha algumas janelas fechadas com tábuas e barras de metais nos comércios. Embora houvessem alguns restaurantes badalados lucrando disso, os moradores de rua andavam por aí falando sozinhos e crianças com não muito mais que nove anos de idade fumando nas esquinas. Quanto mais próximo você chegava da praça Marion, melhor a vizinhança.

Elas encontraram uma vaga quase um quarteirão depois, onde um adolescente desmazelado estava se apoiando contra um orelhão, avaliando os aros das rodas. Caroline tentou não prestar muita atenção a ele. Ela cuidou do parquímetro e juntas andaram de volta ao escritório do Daniel, onde Josh ainda estava do lado de fora. Ele fez sinal para elas entrarem, onde o parceiro de Daniel, George, cumprimentou-as.

A expressão de Sadie era cheia de temor. “O que diabos aconteceu, hein?”

“Invasão”, George respondeu. “Talvez crianças.”

Caroline se lembrou do adolescente se apoiando no orelhão.

“Danny chegou às quatro da manhã porque o alarme disparou. Parece que eles o acertaram na cabeça com um bastão, quase abriram a cabeça dele. Por sorte, bateram com a parte fininha. Encontraram o bastão quebrado jogado perto dele no chão.”

“Ah, não!” Sadie exclamou. “Ele está bem? Onde ele está agora?”

“St. Francis. Espancado e sortudo, mas no geral está bem.”

A mão de Sadie foi ao peito. “Graças a Deus!”

“Vocês podem visitá-lo mais tarde”, George sugeriu com uma piscadela. “Ele ia gostar disso.”

Caroline não tinha tanta certeza, mas achou que Sadie abaixou a cabeça e ficou ruborizada.

“Podemos marcar uma nova data”, Caroline disse a George. Ela olhou para Augie, levantando as sobrancelhas, dizendo-lhe sem palavras para não dizer nada.

“Não é necessário”, ele disse. “Já me ofereci para ler o testamento da mãe de vocês. É bem direto. Então, venham”, ele direcionou. “Vamos assim que o Sr. Childres voltar. Meus pêsames pela sua mãe”, ele ofereceu às garotas e acrescentou, “O funeral foi muito bonito”.

“Agradecemos a sua visita”, Caroline ofereceu.

Elas passaram pelo escritório do Daniel, onde papeis estavam espalhados pelo chão e prateleiras tombadas.

“Uau, está destruído!” Savannah observou.

George concordou e se virou para piscar para ela. “Uma boa coisa ele ter deixado o testamento quietinho em meu escritório ontem à noite antes de ir para casa.”

Uma vez no escritório do George, elas caíram em silêncio, assistindo-lhe revirar e organizar amontoados de papeis que descansavam em sua mesa. De vez em quando, ele olhava sobre os bifocais e oferecia um sorriso estranho.

Ela conhecia George apenas de passagem, mas Daniel Greene era praticamente um membro da família. Ele cuidava da parte jurídica para o *Tribune* assim como os assuntos pessoais de Flo. Durante a infância delas, ele ia à casa quase todo sábado de manhã pelas panquecas da Sadie e, então, ele e Flo desapareceriam no escritório dela. Às vezes George ia junto.

“Desculpa”, Josh disse ao entrar e se apoiar contra a parede distante, ignorando o assento vazio.

“Prontos?” George perguntou, virando-se para Caroline.

“Mais pronta não dá para ficar.”

“Está bem, então.” George limpou a garganta e ficou de pé. Deu a volta na mesa e sentou na beirada, ficando de frente para elas, sua expressão lúcida. “Há quanto tempo a gente se conhece?”

Quando ninguém pareceu inclinado a responder, Caroline disse, “Muito tempo”.

George concordou. “Isso mesmo. Muito tempo e tem sido uma manhã de merda, então se vocês, garotas, não se importarem, vamos facilitar isso para todos e pular as formalidades. Podemos lidar com as particularidades mais tarde.”

Augusta foi rápida em se intrometer. “Sou totalmente a favor.”

Caroline concordou.

E Savannah também.

“Então, vamos prosseguir”, ele disse e começou a revirar o monte de papéis que segurava. Ele limpou a garganta novamente. “‘Item quatro’”, disse, olhando sobre os bifocais para Josh e recitando de costume, “‘Para Josh Childres, deixo a casa na rua Legare que uma vez pertenceu à família do meu marido...’”

“Jesus!” Josh exclamou, parecendo surpreso.

“Ela era uma mulher generosa”, George reconheceu e então continuou. “Vou pular a parte de termos legais aqui. Leiam vocês mesmos depois se quiserem.” Ele olhou para Sadie. “‘Item cinco: Para Sadie Childres, deixo a casa perto dos portões, a propriedade ao redor imediato...’”

“‘Item seis: Também para Sadie, deixo uma ação de três por cento do *Tribune* e uma cadeira na comissão de diretores... junto com meu amor e gratidão eternos por todos os anos que ela serviu, não apenas minha família, mas eu, como minha mais querida amiga.’”

Sadie segurou o choro.

Caroline não conseguia olhar para ela. As lágrimas que ela pareceu não conseguir derramar no funeral pinicavam seus olhos como abelhas zangadas.

“E assim por diante... ‘Item sete: Também para Sadie, deixo um estipêndio anual de duzentos e cinquenta mil dólares a ser pago em parcelas mensais enquanto ela viver.’”

George parou repentinamente, olhou para os pés por um instante e, então, resumiu, “Há um ou dois itens aqui sobre caridade. Flo deixou quinhentos mil para a Casa Palmetto no nome do irmão de vocês. Outros trezentos e

cinquenta mil para O Beacon em North Charleston, de novo em nome de Sam. Ela também deixou a Sadie como a única testamenteira”.

Caroline teve o repentino pressentimento de que uma bola de canhão estava prestes a cair.

“Quanto ao resto, não vou medir palavras ou confundir vocês, garotas, com termos legais. Há inúmeros deles. O ponto principal é que vocês irão dividir tudo que restou igualmente, com certas estipulações e ajustes... sob uma condição...”

No silêncio que se seguiu, Caroline pôde ouvir o ranger dos dentes de Augie. Fora isso, suas irmãs permaneceram quietas. Caroline inspirou. “Que condição seria essa?”

“Todas as três garotas devem permanecer na casa em James Island... juntas... por um período de um ano.”

Augie deu um salto ficando de pé. “O quê?!”

Caroline agarrou a mão da irmã e tentou puxá-la de volta à cadeira. “Por quê?” ela perguntou, tentando permanecer calma.

George encontrou o olhar de Caroline diretamente, evitando a expressão ameaçadora de Augusta. Ele retirou os óculos. “Não posso fingir saber quaisquer das razões da mãe de vocês. Caroline, ela determina que você administre o *Tribune*, ordene as coisas. Está perdendo dinheiro.” Ele olhou para Savannah, que ainda tinha de pronunciar alguma palavra. “Savannah, sua mãe queria que você escrevesse o seu livro, só isso... mas ela queria que você fizesse isso de dentro da casa”. Finalmente, ele se virou para Augusta e olhou para ela com bom senso. “Augusta, sua mãe queria que você fosse a responsável por restaurar o lar da família.”

Augusta explodiu. “Odeio aquela maldita casa!”

Caroline apertou a mão de Augusta e forçou uma voz calma. “E se nós recusarmos?”

O olhar de George retornou para Caroline. “Certamente, está dentro do poder de vocês fazê-lo”, ele ofereceu. “Mas se não obedecerem aos termos especificados neste testamento” – ele folheou os papéis, puxou três grupos grampeados e os entregou a cada uma delas – “os vinte e sete milhões de dólares restantes serão doados a várias caridades, tudo em nome de Samuel Robert Aldridge III e a casa será vendida, todo o lucro também irá para caridade”.

Caroline piscou. “E o *Tribune*?”

Pela vida inteira de Caroline o jornal havia sido um pouco como o amante

indesejável da mãe – charmoso à distância, mas de perto, ciumento, necessitado e controlador. Agora que poderia desaparecer no piscar de olhos, ela não conseguia suportar a ideia de perdê-lo. O *Tribune* podia não ser o sangue da fortuna da família, mas era o legado delas apesar de tudo.

Os olhos cinza-castanhos dele estavam duros, resolutos, e ela entendeu naquele instante por que Daniel havia lhe dado o dever de dar a notícia. “Caso vocês se recusem a cumprir os termos do testamento, o *Tribune* irá fechar suas portas após cento e quarenta e cinco anos de publicações diárias de notícias para a Cidade de Charleston e o *Post* terá felizmente um competidor a menos.”

“Simples assim?” Savannah perguntou, sua voz mal saindo mais que um suspiro.

“Simples assim”, George afirmou. “Flo foi inflexível sobre ninguém além de uma Aldridge sentar no leme do jornal e ela pensou que deveria ser a Caroline.”

Um arrepio percorreu a espinha de Caroline. “Ela pode fazer isso?”

George concordou. “Este é o último desejo de sua mãe e testamento”, ele disse. “Isso é o que ele dita. É o que eu pretendo cumprir.”

A sala caiu em um silêncio perturbador.

Caroline olhou de volta para descobrir que Sadie havia feito seu caminho para o saguão com a ajuda de Josh. Ela estava soluçando em silêncio, agarrando os ombros dele.

Augusta se virou para Savannah de repente, seus irritados olhos azuis apertados. “Você sabia disso? Você sempre parece saber tudo antes de nós!”

Os olhos de Savannah se arregalaram. “Claro que não!”

“Sim, aposto!” Augusta se levantou e agarrou a bolsa. “Bom, não pretendo sentar aqui por mais outro minuto. Não vou deixar a mãe descarrilhar minha vida da tumba dela! Essa é a maior pilha de cocô de cachorro que já ouvi!” Ela empurrou a mão de Caroline quando Caroline tentou alcançá-la. “Me larga!”

“Augie! Onde você vai?”

Augusta não se importou em virar. “Onde você acha?” ela disse audaciosamente e marchou direto para a porta. “Tenho um avião a pegar!”

Augusta convenceu Josh a levá-la de volta para casa e de lá, malas prontas, foram direto para o aeroporto internacional de Charleston.

Uma das duas coisas iria acontecer agora: Após Augusta aterrissar em New York, ela iria pensar sobre sua decisão precipitada, reconsiderá-la, talvez perder um pouco de tempo assim sua capitulação não iria parecer tão fácil de ganhar, e então daria meia-volta e retornaria para Charleston.

Ou, então, ela poderia ter pretendido dizer cada palavra que disse e nada que alguém dissesse iria fazê-la mudar de ideia – neste caso, poderiam dar adeus a tudo – todo mundo exceto Sadie e Josh, claro. Percebendo que era uma possibilidade distinta, Caroline passou um tempo contemplando aquele cenário em especial enquanto desfazia a mala e ia tomar um banho quente.

Sentindo-se uma intrusa na casa na qual havia crescido, ela sentou imersa na antiga banheira de porcelana da mãe, com os pés escorados nos ornamentos de ferro.

Quando se chegava a última análise, não era muito que mudaria. Nem ela nem as irmãs haviam pedido muito para Flo – não que Flo não teria dado tudo o que pedissem. Era simplesmente que... *precisar* da mãe de alguma forma parecia inaceitável.

Se Augusta decidisse voltar, Caroline teria de ir a Dallas fazer algumas mudanças e colocar a própria vida em espera. Ela já havia tirado licença do trabalho na Oliver-Heber Books, e ainda tinha de descobrir o que fazer com o apartamento, mas isso não era o que a preocupava no momento. O que estava dando nós em seu estômago era o simples fato de que, apesar de todos os conflitos, Flo *a* havia colocado no leme do *Tribune*.

Como ela poderia adivinhar as intenções da mãe? Ela não era vidente e Flo nunca havia encorajado seu envolvimento com o jornal. Caroline havia dado um jeito de arranjar um cargo lá por conta própria, e nos dois anos em que havia trabalhado no *Tribune* antes de ir para a faculdade, Flo havia dado ordens pelos corredores, mal falando com ela – não diferente da vida em casa. Após Caroline terminar os estudos, sua mãe simplesmente a havia afastado. Nunca, nem por um segundo, havia dado a entender que queria Caroline de volta ao jornal – muito menos para comandá-lo um dia – e Caroline havia imaginado com frequência que sua mãe sentia que o legado da família iria morrer com ela. Talvez ainda fosse... mas neste exato momento Caroline se sentiu nervosa, empolgada, culpada, exultante e envergonhada. Será que ela havia julgado mal a mãe?

Quem diabos tinha sido Florence Willodean Aldridge?

Era tarde demais para saber.

Lágrimas surgiram nos olhos de Caroline.

Abaixando a cabeça na água agora morna, ela lavou toda a evidência de sua mágoa, negando as lágrimas, e emergiu da banheira, agarrando o roupão fofo, na cor pêssego e com as iniciais da mãe. Enfiando-se nele, decidiu que se sentiria muito melhor assim que tivesse seus pertences enviados de Dallas, em vez de se apropriar de itens que ela nunca teria considerado pegar emprestado enquanto a mãe estivera viva. Isso a fez se sentir como uma usurpadora. Uma hipócrita.

Em vez de procurar pelo secador da Flo no enorme banheiro imaculado, foi resgatar o seu mesmo na mala, onde havia colocado após utilizar de manhã. Pela primeira vez desde que chegou, ela levou um tempo para explorar o quarto da mãe.

Fotos de Caroline, Augusta e Savannah ocupavam praticamente cada canto de cada pedaço de móvel, do antigo criado-mudo Georgiano às paredes pintadas de concha. Não surpreendentemente, não havia uma única fotografia do pai delas no meio do grupo. Havia algumas da Sadie e do Josh e uma do Tango quando era mais novo. Ele estava no píer como se protegesse a casa de qualquer coisa que pudesse emergir do pântano. Distraído pelo fotógrafo, Tango olhava para trás com astutos olhos de ébano. Flo havia tido um ponto fraco por animais. Ela havia tratado o cachorro como se fosse um dos filhos... o menininho bom dela, ela o chamara... no mesmo tom que reservara para Sammy. Caroline devolveu a fotografia, enfiando-a de volta atrás de uma foto da Savannah vestida como a estrela de Belém para a peça de Natal da terceira

série.

“O que você está fazendo?”

A Savannah crescida estava parada na porta, observando Caroline com olhos cinzas coléricos, olhos que tinham uma semelhança estranha com os da mãe.

Caroline levantou o canto da boca em um sorriso cansado. “Bisbilhotando.”

“Engraçado como isso nunca foi uma tentação enquanto ela estava viva.”

“Jesus, não!” Caroline exclamou. “Este quarto era – ainda é – um baita museu.”

Savannah estendeu o braço para cima, pendurando no batente da porta, um gesto de menina que parecia completamente incompatível com suas curvas de mulher. Sua cinturinha acentuava peitos fartos. Os de Caroline, em comparação, estavam tristemente em falta.

“Com fome?”

“Não muito.”

Savannah pareceu chateada. “Estava esperando que você quisesse ir ao Shack. Faz tempo que não tenho boas ostras de Lowcountry e eu tô com um desejo horrível.”

Diferente de Caroline e Augusta, Savannah nunca havia perdido sua fala lenta sulista, mas parecia mais forte hoje, como se ela já tivesse se acomodado pelo longo período. Quanto às ostras, Caroline já havia comido melhor que a variedade grumosa e suja de Lowcountry, mas não disse nada. “Há mais na geladeira do que todas nós podemos comer em um ano.”

Savannah deu risada. “Algo bom já que estamos presas aqui, né?”

Caroline deu de ombros. “Isso depende muito de Augusta, não é?”

Savannah tocou de leve no batente da porta com as pontas dos dedos, procurando poeira. Era a única coisa que ela havia herdado dos pais que Caroline invejava – a altura do pai delas – ou pelo menos um pouco dela. Com seus um e setenta e três, Savannah era a mais alta das três irmãs. Caroline mal tinha um e sessenta e para parecer a chefe de alguém, tinha de usar saltos de pelo menos seis centímetros.

A decepção se prolongou no tom de Savannah. “Acho que sim.”

Caroline piscou, percebendo de repente que sua irmã mais nova estava pedindo sua atenção. Ela reconsiderou. “Acho que podemos ir.”

Os olhos de Savannah se arregalaram com esperança.

“Mas eu não trouxe nada para vestir.” A umidade dos verões em

Charleston era inesquecível, mas de alguma forma ela havia esquecido.

Os olhos de Savannah brilharam. “Vamos! Vai ter uma brisa. Eu deixo você pegar emprestada uma das minhas blusas.” Seus lábios se curvaram um pouco com travessura. “Provavelmente lhe devo uma de qualquer forma.”

Brevemente, Caroline considerou as chances de achar um certo alguém no Shack. Ele morava lá perto, ela sabia, mas era assim que ela pretendia viver o resto da vida? Evitando Jack Shaw?

Não.

“Por minha conta”, Savannah insistiu.

Caroline levantou uma sobrancelha. “Já vendeu aquele livro?”

“Não, mas algo me diz que a Augie vai voltar para casa assim a irmãzinha falida dela não terá que viver de miojo pelo resto da vida – de qualquer forma, pela sua aparência, você não irá exatamente comer cada centavo meu.”

Caroline franziu. “O que é isso que todo mundo cismou com o meu peso? Tudo bem”, ela abrandou. “Vamos lá comer um pouco de frutos do mar gordurosos.”

Savannah aplaudiu com alegria. “Yeah!” ela disse, e a visão de seu sorriso honesto imediatamente fortificou o humor de Caroline.

NO CAMINHO para sair de Folly, Jack parou na esquina da rua Center e East Ashley, rasgando um dos pôsteres feitos em casa de um orelhão. Ele dobrou o pedaço de papel e o colocou no bolso, depois retirou um pacote de chiclete meio surrado – sua alternativa para cigarros. Desembalando um, colocou-o na boca, pensando na garota Hutto.

Primeira coisa na segunda-feira, ele iria descobrir quando e como ela havia desaparecido. Ele havia aprendido a confiar em sua intuição e algo sobre o desaparecimento dela o estava irritando como areia nos sapatos. Até que investigasse o caso, ele sabia que não iria sumir.

Havia oportunidade suficiente para uma criança se afogar nessa cidade. Eles estavam cercados por água – o rio Folly de um lado, o oceano Atlântico do outro, com uma das correntes mais perigosas da costa leste. Uma criança sem supervisão poderia facilmente se encontrar muito no fundo – literalmente. Na verdade, uma vez ele viu um homem adulto ficar com o rosto cheio de areia enquanto estava de pé com os tornozelos fundos no surfe.

Ainda assim, se os pais tivessem certeza de que ela não havia se afogado,

talvez estivessem certos.

No momento, ele estava a caminho do centro para ver Kelly – mais areia em seus sapatos que ele precisava jogar fora – mas enquanto deslizava para dentro do carro e começava a fechar a porta, ele percebeu o Town Car *vintage* amarelo-limão de 78 estacionado em frente ao Shack. O modelo era o último das edições de tamanho inteiro antes que Lincoln os encolhesse em 1980. O torso imaculado e alongado havia adquirido a cobiça da maioria dos colecionadores de automóveis locais e era quase tão celebrado como a última dona. Ele não precisava ver as placas para saber de quem era. Mas a motorista usual do carro não poderia estar atrás do volante, o que significava que havia uma ótima chance de que uma das filhas de Flo o havia dirigido até lá.

Era quase demais para resistir.

Sua mente se encheu de pensamentos – todos muito tentadores – e ele bateu a porta do carro e virou na direção da rua Center, procurando vagas perto do Shack. Ele passou devagar por uma vaga atrás do Lincoln, paralisado pela indecisão. Parou o carro por um instante enquanto mastigava ferozmente o chiclete, contemplando se estacionava ou não.

Ele havia pensado em parar de fumar há anos, mas o fato de que estava fazendo aquilo agora o irritava mais do que as ligações constantes de Kelly.

Caroline não queria vê-lo. Aquilo era bem claro.

Então, por que ele estava se escondendo no carro dela? Ele estava agindo como um garoto do ensino médio com uma paquera e não gostou nada disso. Estava procurando outra discussão? Isso o faria feliz?

Claro que não.

Ele pisou no acelerador, lembrando-se de que havia pessoas idosas e crianças andando pelas ruas escuras. Cerrando os dentes quase tão forte quanto o fazia com o volante, recusou-se a olhar no retrovisor enquanto colocava uma distância entre ele e o Shack, mas agora estava irritado, seu humor piorando como o sol se pondo nos pantanais de Folly.

Um bando de aves marinhas se espalhou de um pedaço de terra seca perto da estrada, como se voando para longe do humor dele. Ele passou pelo barco que os moradores de Folly usavam como quadro de avisos e leu as palavras, “Ela disse sim!” em seu casco, pintadas em azul elétrico sobre um pedaço caído que cobria a arte da semana anterior. Ele apertou a mandíbula, imaginando que criança boba havia pensado que aquela mensagem valia a pena ser divulgada. Quase semanalmente as mensagens mudavam, cada uma

celebrava um novo amor, um noivado recente, o nascimento de uma criança. Jack normalmente fazia que não as via, preferindo não lembrar como era a sensação de amar alguém tão alegremente. Hoje, ele não conseguia achar seu desapego usual.

Talvez isso fosse o melhor que teria?

Talvez devesse dar uma chance à Kelly?

Talvez precisasse ver um psiquiatra?

Talvez, mas tudo que ele queria fazer neste momento era ver se a boca de Caroline ainda tinha o gosto doce do qual se lembrava.

SENTADAS NO PÁTIO, com um balde de pernas de caranguejo, uma vasilha de ostras e um prato cheio até a borda com camarão cozido, Caroline e Savannah evitaram qualquer discussão sobre o testamento. Nenhuma das duas havia tido a oportunidade de processar as medidas legais da tarde de qualquer forma e parecia sem sentido falar sobre planos definitivos sem saber o que Augusta pretendia fazer. Gostando ou não, a bola estava com a Augusta. Então, por enquanto, Caroline decidiu que iria se familiarizar de novo com a irmãzinha durante um especial de domingo no Shack.

“Estou feliz que você me convenceu a vir”, admitiu. “Eu tinha me esquecido quão tranquilo é aqui fora.”

O sol estava perto de se pôr e o céu inteiro ficou inundado de cor. Uma pena que elas estavam sentadas na varanda com tela. Pelo menos, tinham ventiladores soprando silenciosamente sobre elas.

Savannah descascou um camarão enorme. “Há algo realmente especial sobre o cheiro do oceano, não é?”

“Não acho que isso seja o oceano”, Caroline afirmou, apertando o nariz. Ela não conseguia sentir o cheiro de nada além do molusco cozido.

Savannah deu risada. “Você tem razão.” Ela respirou fundo e levantou os ombros, inspirando tudo. “Ainda assim, amo isso.”

Caroline lutou com a perna de caranguejo, rachando-a nas articulações e escavando o máximo de carne que conseguia. Ela tentou rachar o meio grosso onde a carne mais suculenta permanecia, mas não cedia. Caroline olhou a perna de caranguejo curta e grossa com um pouco de irritação. “De jeito nenhum vou ser derrotada por um crustáceo morto!”

Savannah lhe passou o quebra-caranguejo.

Ela o usou para quebrar a perna e o colocou na mesa. “Você tem que se

perguntar por que as pessoas amam tanto essas coisas.” Levantou seu prêmio depois de arrancar um bom pedaço da carne de caranguejo. “É quase trabalho demais.”

Enquanto Caroline ia atrás de outra perna de caranguejo, seu celular tocou no fundo da bolsa. O toque antigo e bem alto chamou a atenção. Um velho extravagante olhou-a com olhos estreitos. “Droga!” Ela fez careta ao pensar em colocar aquele caldo fedorento de caranguejo em sua bolsa.

“Você devia atender”, Savannah sugeriu quando Caroline não se moveu rápido o suficiente para pegar o celular.

Caroline chutou a bolsa para Savannah. “Minhas mãos estão sujas. Você atende?”

Savannah agarrou um maço de guardanapos e os entregou a ela. “Provavelmente é a Augusta. Não estou pronta para falar com ela ainda, mas você não deveria deixá-la curiosa.”

Caroline pegou os guardanapos e olhou para a irmãzinha. Sem dúvida ela estava certa. Provavelmente era Augusta. De alguma forma, Savannah parecia ter um sentido para essas coisas e Caroline havia parado de perguntar como a muito tempo atrás. Ela limpou as mãos e alcançou a bolsa. “O que a faz achar que eu quero falar com ela? Ela foi bem rude durante o final de semana inteiro.”

O olhar de Savannah encontrou o de Caroline quando o telefone parou de tocar. “Ela está magoada, assim como nós, Caroline. Ela só não sabe como mostrar.”

Caroline olhou o número. “Augusta.” Ela ressentiu ter que correr às ordens de Augusta, mas Savannah estava certa – nos dois casos – a última coisa que queriam fazer era deixar Augusta curiosa – principalmente quando precisavam de algo dela. O telefone havia parado de tocar antes que ela pudesse atender, então apertou o botão para retornar a ligação.

Augusta atendeu ao primeiro toque. “O que vocês estão fazendo?”

Caroline tentou não soar irritada, mas seu tom a traiu. “Estamos no Shack, comemorando seu aniversário.”

Do outro lado da linha, Augusta suspirou pesadamente. “Desculpa sobre mais cedo. É que me pegou de surpresa, sabe? Fiquei irritada.”

Caroline segurou a língua, certa de que qualquer coisa que dissesse só iria piorar tudo.

“Mas pensei sobre isso no voo”, Augusta continuou. “Não é como se uma de vocês tivesse pedido isso também.”

Savannah escavou as ostras restantes, procurando por oportunidades perdidas enquanto fingia ignorar a conversa.

“Não, não pedimos.”

“A Sav está brava comigo?”

Caroline olhou para Savannah, imaginando de quem ela poderia ter herdado aquela paciência imperturbável. “Não.”

Outro suspiro exagerado soou no ouvido de Caroline. “Óbvio que eu tô voltando.”

Caroline soltou a respiração que ela não havia percebido estar segurando. “Isso é bom. Quando?”

“Preciso talvez de uma semana aqui.”

Caroline sentiu outra onda de alívio. Augusta não havia nem levado a “lista de regras” com ela. Ela mal tinha olhado para as regras e por mais ridículo que parecesse, eram estipulações sobre quanto tempo qualquer uma delas poderia ficar longe sem aviso prévio. Como sempre, a mãe delas havia considerado todos os detalhes.

“De qualquer forma, só queria que vocês soubessem. Não estou feliz com isso, mas estarei de volta na próxima semana. Peça desculpas à Sav por mim, ok?”

“Pode deixar. Ela mandou dizer feliz aniversário.”

Savannah olhou para Caroline por cima da ostra que estava inspecionando, levantando uma sobrancelha.

“Diga a ela obrigada.”

“Ok.”

“Falo com vocês em breve.”

“Tchau.” Caroline terminou a chamada e respirou fundo. “Putá merda, ela mudou de ideia em tempo recorde!”

Savannah virou sua faca de ostra em uma das dobradiças no grupo em sua mão e abriu a concha, revelando o prêmio escondido. “Sim, bem eu sabia que ela ia voltar a si.” Ela pescou outra ostra enrugada e a segurou com nojo. “Vinte e sete milhões de dólares podem ser bem persuasivos. Ei, vamos pedir margaritas! Temos que comemorar aqui!”

“Se dá pra chamar isso de comemoração.”

Savannah deu de ombros. “Se dá pra chamar isso de comemoração.”

O garçom veio e limpou a mesa delas, anotou o pedido da bebida e depois de um tempo, voltou com duas margaritas em copos de coquetel com grossas bordas azuis.

Caroline levantou o copo e ofereceu à Savannah. “Para Florence Willodean Aldridge”, disse.

Savannah levantou o copo, tinindo contra o de Caroline. “Para a mamãe.”

Os chineses tinham uma palavra para as almas condenadas a sofrerem um desejo insaciável por mais do que poderiam consumir: *èguǐ*, eram chamadas. Fantasmas famintos, descritos com barrigas protuberantes e bocas minúsculas – entidades na forma de lágrimas com abismos sem fundo no lugar de almas e apetites eternamente vorazes que nunca poderiam ser satisfeitos.

Algumas pessoas nasciam assim.

Essa era a única explicação para a nostalgia infinita que parecia existir antes da memória.

Às vezes, não havia nada a ser feito, mas se render a ela.

De alguma forma, nos momentos silenciosos após o primeiro abate... havia existido paz no desejo... mas, então, a fome voltava – antes mesmo da carne daquela primeira costela ter derretido no chão molhado e em decomposição.

Dez anos rastejados antes do próximo banquete, mas também falhou em satisfazer, e então o próximo e o próximo. A fome vinha mais rápido, mais cedo e mais forte – o sacrifício sempre à beira de ser suficiente, mas nunca era.

Mesmo agora, a fome estava buscando tranquilidade.

Uma tranquilidade que era descoberta somente em reflexos... em manhãs quietas no pântano salgado... quando o cheiro de morte sequestrava a brisa da manhã.

CEDO NA MANHÃ DE TERÇA-FEIRA, Caroline entregou um buquê de girassóis no quarto de Daniel no hospital St. Francis. Deixou Savannah em casa encarando uma página em branco na tela do computador.

Daniel estava alerta o suficiente para lhe dar uma leve visão geral de como o *Tribune* estava financeiramente. Enquanto a empresa conseguia pagar as contas, estava perdendo dinheiro e distribuição, e ela aprendeu que, embora houvesse herdado os títulos da mãe, sua mãe não havia exatamente colocado uma fé cega em Caroline. Esperava-se dela que trabalhasse em conjunto com o Daniel em todas as negociações, e em todas as coisas editoriais com a ajuda de um editor-chefe de longa data, Frank Bonneau.

Bonneau administrava o departamento editorial do *Tribune* desde que Caroline conseguia se recordar. Ele era um jornalista sensato e conservador e George já havia avisado que era mais provável que ele desviasse dela e levasse suas reclamações para Daniel, que, conseqüentemente, também tinha uma cadeira na diretoria – outra razão para George aparentemente ter sido trazido à confusão.

Ela ainda não sabia como, mas tinha de encontrar uma maneira de ganhar o respeito de Bonneau, e ela tinha certeza de que após seu curto período no *Tribune* não o havia deixado com a melhor impressão – se, na verdade, ela o havia deixado com alguma impressão, além do fato de que era filha da chefe.

Caroline já tinha algumas ideias para implementar assim que se estabelecesse no cargo – algo que se sentia forçada a fazer o quanto antes para mostrar confiança. Provavelmente não era autêntico começar trabalhando tempo integral logo de início, pois havia certa decência que deve ser seguida no Extremo Sul. Para administrar o jornal diário ela precisava não somente do respeito dos funcionários, mas do respeito das pessoas de Charleston. Sua mãe havia compreendido isso muito bem e se tornado o ícone deles – a princesa da alta sociedade.

O *Post* poderia ser maior, mas o *Tribune*, com sua linhagem contínua, era como um último baluarte do jornalismo americano do Velho Mundo – e estava se tornando tão relevante quanto a Rainha da Inglaterra. Se continuassem no caminho que estavam, o jornal logo se tornaria obsoleto e a ostentação da mãe dela, à qual haviam sobrevivido mesmo quando a *Gazette* de Benjamin Franklin não havia, seria discutível. Os negócios do jornal haviam percorrido um longo caminho desde os séculos dezoito e dezenove e Caroline tinha diversas mudanças a fazer.

Nascido durante a queda da Confederação, a história do *Tribune* estava

profundamente entrelaçada com a do *Post*. Ambos poderiam traçar sua linhagem ao *Charleston Daily News* e cada um em silêncio desafiava o outro, embora por muitos critérios o *Post* já tenha ganhado. Com uma distribuição e equipe que era mais do que duas vezes a do *Tribune*, eles podiam se permitir não reconhecer o competidor mais antigo deles. Mas a competição estava lá mesmo assim – um aceno aqui e ali, feito com reverência, porque ambos tinham uma reputação por reportagem sólida e serviço à comunidade. A mãe dela havia trabalhado duro para continuar aquele legado.

Após visitar Daniel, Caroline passou o resto do dia examinando os livros caixas com George no escritório na rua King. Na quarta-feira, Daniel foi liberado do hospital e se juntou a eles, olhos pretos, machucados, pontos e tudo o mais.

Nem ela nem George mencionaram “o incidente”, como estavam se referindo ao infortúnio de Daniel agora, e Daniel não o mencionou também. Caroline pensou que talvez ele não se importasse de ouvir lições de moral sobre onde conduzia seus negócios. Mas isso era realmente fora do limite dela. Se ele e George estavam contentes em investigar arrombamentos às quatro da manhã a cada semana, era direito de eles fazê-lo. A única preocupação real de Caroline era o *Tribune*.

Ela encarou a última linha da folha de pagamento. “Minha mãe considerou compras de ações?”

“Não”, Daniel respondeu imediatamente. “Recomendamos isso, mas Flo era inflexível sobre o jornal permanecer leal aos funcionários de longa data. Alguns têm estado com o *Tribune* há uns cinquenta anos.”

“Como quem? Isso faz com que eles tenham setenta anos ou quase isso!”

“Agnes, por exemplo. Costumava ser repórter e agora trabalha nos classificados. E Lila, que trabalha na folha de pagamentos.”

Caroline levantou a sobrancelha. “É possível levar lealdade longe demais.”

Daniel a olhou com desaprovação. “Tenho certeza de que não receberia muito bem alguém me dizendo que eu deveria parar de praticar direito assim que chegasse aos setenta.”

“O que é precisamente amanhã”, George se intrometeu e falou abafando o riso.

Caroline reprimiu um sorriso, embora tivesse certeza absoluta de que George não era muito mais novo que Daniel.

Daniel lançou um olhar seco para George. “Sessenta e três”, esclareceu

para o bem de Caroline e olhou para ela de forma sutil. Aparentemente, não havia terminado com o sermão. “Alguns diriam que trinta e três é jovem demais para ser colocada em uma posição de influência que afeta o bem-estar dos outros.”

Caroline se conteve para não apontar que aos trinta e cinco anos – apenas dois anos mais velha do que ela era – alguém poderia ser eleita presidente dos Estados Unidos e em uma posição para influenciar muito mais vidas do que aquelas ligadas a um jornal de cidade do interior. Levantando a pilha de jornais em sua frente, ela os espremeu na mesa para alinhar as bordas e deixá-los de lado. “Não estaríamos forçando ninguém a sair”, ela argumentou. “Uma aquisição de ações seria apenas um incentivo.”

Daniel a olhou furioso. “Uma cenoura para um bando de mulas velhas?”

George gargalhou de novo e isso pareceu irritar Daniel ainda mais. Seus lábios se afinaram em irritação.

Caroline franziu. “Eu não disse isso.”

Após um instante, George parou de rir tempo suficiente para vir em defesa dela. “É um negócio inteligente”, afirmou e olhou Caroline de forma significativa. “Odeio dizer isso, mas as lealdades duradouras da sua mãe não estavam ajudando o resultado final.”

Caroline apreciou o gesto. E neste momento, precisava disso mais do que qualquer coisa.

Daniel murmurou algo sob a respiração, e ela percebeu que ele poderia estar muito amarrado às filosofias de sua mãe para abraçar quaisquer mudanças que ela precisaria fazer para manter a empresa à tona. Ela preferia trabalhar com George, e Daniel poderia não gostar disso, mas ela estava no comando agora.

Engraçado como tudo – mesmo algo tão inoportuno como uma invasão – às vezes levava a resultados impensados, mas afortunados. Era um tipo de providência... exceto que Caroline não acreditava em providência.

Por volta do meio-dia, Sadie interrompeu a reunião deles para entregar o almoço – como havia feito a semana toda. Mas dessa vez, Caroline ficou de boca calada e não a reprovou por isso, e ela percebeu algo que havia passado despercebido antes: podia ser que Sadie ainda estivesse tentando cuidar das filhas de Florence... mas talvez estivesse usando isso como desculpa para ver Daniel Greene. Ela viu os dois flertando como adolescentes estranhos.

O que mais havia mudado durante sua ausência?

Certamente não Jack.

Mas *aquilo* também não lhe dizia mais respeito – e por que diabos ela iria pensar sobre ele em um momento como esse estava além dela.

HORAS depois do pôr do sol, o pavimento ainda estava quente sob os pés descalços da menina.

Uma neblina baixa se arrastava pelo pântano salgado, desenrolando-se como um tapete de fios de aranha sobre o asfalto. Carregando os chinelos em uma mão, ela se apressou pela estrada, fortemente alinhada com carvalhos e árvores de Tupelo.

Nessa parte da ilha, muitas das casas eram antigas, algumas novas, uma datava de quando aqueles pantanais eram ocupados por plantações de arroz cultivadas por fazendeiros cavalheiros. No final da estrada, através dos arbustos selvagens, você quase conseguia ver a carcaça queimada da casa original, sua estrutura de tijolos marcada com uma memória visual das chamas expiradas há tempos.

A Fazenda Oyster Point era um dos legados mais ricos e duradouros de James Island. Antes de ser queimada, a propriedade original havia servido como hospital do campo da divisão confederada, e próximo dele ficavam as sepulturas sem identificação de aproximadamente trezentos soldados que haviam morrido na batalha de Secessão. As pessoas locais alegavam que os estuários próximos eram cheios dos ossos dos mortos Confederados e da União.

A essa hora da noite, ela se sentia como uma infratora na estrada Fort Lamar. Como dedos ossudos e acusadores, as árvores agitavam seus membros tremendo enquanto ela passava, suas formas curvadas lançando sombras sinistras enquanto o vento suspirava com exasperação sobre sua invasão.

Sua mente estava lhe pregando peças.

Era idiota não dizer a ninguém onde estava indo. Ela não havia dito nem ao seu amigo corretor de imóveis que havia listado a casa na estrada Backcreek. Tinha tanta certeza de que ele não se importaria se ela simplesmente sentasse no cais e tirasse algumas fotografias do farol na ilha de Morris. Agora tanto seu carro quanto o celular estavam sem bateria e ela não gostava muito da ideia de bater na porta de estranhos para perguntar se poderia usar o telefone.

Atrás dela, um par de faróis dianteiros apareceu, dois feixes de luz de alto

nível que foram diminuídos assim que o motorista a avistou.

Instintivamente, ela se moveu para o lado direito da estrada, evitando o lado do motorista.

O carro – um Acura preto novinho com uma capa brilhante de cera – desacelerou, e o batimento cardíaco dela fez o oposto. Ela ouviu a janela do passageiro começar a zunir e virou para olhar as sombras do carro. A voz era masculina. “Precisa de ajuda?”

A garota continuou andando. “Não!”

“Tem certeza? Para onde você tá indo?”

“Posto de gasolina”, ela respondeu e apressou o passo. Como uma reflexão tardia, acrescentou, “Meu carro não está ligando”.

Ele soou incrédulo. “Você não tem um celular?”

A garota lhe lançou um olhar irritado e conseguiu ver melhor seu rosto. Branco, quase trinta anos, pecaminosamente lindo. Na realidade, ela nunca havia conhecido um cara tão bonito – nem mesmo o namorado ciumento da colega de apartamento dela, pelo qual ela tinha uma paixão secreta, era tão bonito. Ela diminuiu o passo, pensando que ele não poderia ser muito mais velho que ela e relaxou um pouco. “Eu tenho um celular. Mas está sem bateria. E sem carregador.”

Ele piscou para ela e lhe deu um sorriso devagar. “Vai ser muito útil assim.”

Ela devolveu um sorriso torto e lhe deu força total de seu sarcasmo. “Uau, obrigada por me avisar.”

Ele parou o carro de forma repentina e a garota teve a mais breve propensão a continuar andando. Em vez disso, ela parou e virou para encarar o carro e o motorista.

“Bem, sabe... isso me deixa em uma posição difícil”, ele disse, mas sem fazer menção de abrir a porta do carro, e então a garota permaneceu onde estava.

“É? Como assim? Sou eu que estou andando.”

“Justamente”, disse. “Agora que sei disso, não posso deixá-la aqui nessa estrada escura toda solitária.”

A garota deu de ombros. “Já andei distâncias maiores.”

Ele pareceu pensar sobre a resposta dela por um instante e ela pensou que ele ia realmente embora, pois gentilmente ligou o motor.

“É o seguinte”, ele disse. “Eu poderia deixá-la usar meu celular, mas então ainda me sentiria obrigado a esperar com você até alguém aparecer para

ajudar... ou eu mesmo poderia levá-la ao posto.”

A garota mordeu o lábio. “Sei lá... não costumo entrar em carros com estranhos.”

“Nunca é bom”, ele concordou. “Bom, eu também poderia dar uma olhada no seu carro.”

Ela lhe inclinou um olhar. “Você sabe alguma coisa sobre carros?”

“Alguma coisa... mas não posso prometer que vou conseguir consertá-lo.” Ele olhou de volta na direção da qual ambos haviam vindo. “Onde ele está? Não o vi.”

“Estrada Backcreek.”

“Ah, tá certo. Ok, aqui, pegue meu celular.” Ele se estendeu para pegá-lo no banco do passageiro e então entregá-lo por aquela janela.

A garota ignorou os alarmes disparando em sua cabeça e foi hesitante em direção ao carro, pronta para escapular caso ele abrisse a porta.

Ele sorriu para ela enquanto ela pegou o celular de sua mão e meramente lhe assistiu enquanto começou a discar os números. Sua colega de apartamento atendeu ao segundo toque e ela apressadamente explicou o que havia acontecido enquanto o motorista esperava pacientemente no carro. Com ajuda a caminho, ela desligou, sentindo-se melhor. Ele era apenas um cara muito fofo e bom tentando ajudar. Ela lhe devolveu o celular. “Obrigada. Muito agradecida. Sou a Amy.”

“Prazer em conhecê-la, Amy. Sou o Ian. Então, o que você quer fazer? Que tal ligarmos o rádio e sentarmos no capô até que a cavalaria chegue? Ou você quer que eu dê uma olhada no seu carro?”

Amy mordeu o lábio novamente. “Não sei... acho que vai demorar um pouco. Ela não é de se apressar muito.”

Ele considerou aquilo, inclinando a cabeça enquanto a olhava. “Você vai se encontrar com ela no posto?”

“Sim...”

“Então tá”, sugeriu. “Ligue de novo para a sua amiga, diga a ela para encontrá-la no carro. Dê meu nome e a minha placa e eu dou uma olhadinha no seu carro.” Ele lhe entregou o celular de novo pela janela do passageiro.

Amy considerou a sugestão. O pavimento quente já havia enchido a sola dos pés de bolhas.

Realmente, qualquer decisão parecia estúpida a essa altura, mas mandá-lo seguir em frente e se arriscar sozinha em uma rua escura e deserta parecia a menos sábia de todas. A estrada escura a estava assustando. Ir direto para o

posto era provavelmente a melhor escolha, mas sua amiga ainda levaria facilmente uma hora para chegar do centro da cidade, principalmente do jeito que ela perdia tempo. Além disso, ela já havia usado o celular dele. Se ele quisesse lhe fazer algum mal, não a teria deixado usar o celular. Quão estúpido seria isso?

De qualquer forma, ele era fofo demais para ser perigoso.

“Tem certeza de que você não se importa de olhar meu carro?”

“Não é como eu havia planejado passar a noite, mas não me sentiria bem deixando-a abandonada.”

“Pelo menos você é honesto”, Amy disse, sorrindo enquanto pegava o celular oferecido e abria a porta do passageiro.

“Por que não vai andando?” ele sugeriu. “Eu sigo. Não é longe.”

Amy entrou no carro. “Nah, tudo bem”, ela falou. “Teremos que ir ao posto primeiro de qualquer forma porque sei o que está errado: estou sem gasolina.”

Ele lhe deu um olhar que a lembrou do modo como o irmão mais velho a olhava quando ela fazia algo estúpido. “Tá brincando, né?”

“Infelizmente, não. Coloquei meu pagamento inteiro em um novo utensílio para a câmera. Pensei que tinha gasolina suficiente para chegar em casa.”

“Jesus”, ele falou, balançando a cabeça. “Quem ainda faz isso?”

Ela forçou um riso. “Paupérrimos universitários que dirigem ferro velhos pré-históricos”, respondeu.

“Jesus”, ele disse de novo e suspirou. “Tudo bem.”

Menos de vinte e cinco minutos depois, eles viraram na longa entrada para carros da estrada Backcreek. Sem uma palavra, Ian Patterson, o homem mais fofo que já existiu, saiu do carro e encheu o tanque para ela e depois pediu que ela tentasse ligar. O motor ligou bem, e ele se afastou, obviamente entediado com toda a situação. Amy tentou não ficar decepcionada pela saída repentina dele. “Obrigada”, Amy disse. “Tem certeza de que eu não posso lhe retornar o favor?”

“Não precisa. Mas você deveria ir para casa”, ele sugeriu enquanto entrava novamente no carro e batia a porta.

“Bem, obrigada de novo. Muito obrigada pela sua ajuda”, ela disse e seguiu o carro dele enquanto ele dava ré para sair do estacionamento.

“Vá para casa, Amy”, ele disse com firmeza enquanto subia a janela. A superfície pintada refletia a lua cheia atrás dela.

“Tudo bem”, ela falou, mas então só ficou lá, pensando na imagem da lua na janela dele. Com a neblina baixa rastejando pelo pântano, pensou que talvez mais algumas fotos do farol em alta definição ficariam espetaculares. Assim que ele se foi, ela agarrou a câmera no carro e fez o caminho de volta ao cais. Ela já estava aqui; mais algumas fotos não iriam machucar ninguém.

Uma vez no cais, ela acendeu um cigarro e ficou lá encarando a vista, imaginando se o Sr. Bonitão tinha uma namorada. Ela não tinha nem como entrar em contato com ele – uma pena. A verdade era que provavelmente nunca o veria de novo. De qualquer forma, ele obviamente não estava interessado, então ela terminou o cigarro, jogou-o na água e começou a tirar fotos, começando com o flash ligado.

Ela nunca ouviu o farfalhar no capim. Nunca viu a sombra deslizando pela noite. Nunca soube o que a atingiu. A última noção que teve foi o cheiro doce e ácido de algo pressionado contra seu rosto. Ela agarrou a câmera na mão como se fosse sua corda de salvação ao mundo, seus dedos pressionando desesperadamente o estojo de metal enquanto tentava gritar, mas o grito nunca veio. O som de sua câmera batendo no cais de madeira jorrou em sua consciência como um pesadelo.

Aproximando-se da recepção, Caroline estendeu a mão à jovem moça sentada atrás da mesa. “Olá”, ela disse. “Sou Caroline Aldridge.”

“Ah, Deus – pensei que fosse – desculpe-me!” A recepcionista ficou de pé, batendo os joelhos no teclado, quase derrubando a prateleira deslizante da mesa. A cor se exauriu de seu rosto. “Eu estava no funeral. Pam!” Ela bateu a mão de forma estranha no peito. “Quero dizer, sou a Pam! Sinto muito pela sua perda!”

Caroline sorriu, já gostando da garota. Havia algo genuíno sobre ela. “Também faço isso quando estou nervosa.”

Os olhos de Pam se arregalaram um pouco e ela afastou a franja loiro escuro dos olhos de forma nervosa. “Ai, Deus, estou falando besteiras?”

Caroline sorriu. “Um pouco, mas não se preocupe. Provavelmente, estou mais nervosa do que você. Preencher o lugar da minha mãe será difícil.”

“E eu bem sei!” Pam exclamou sem a menor pontada de malícia.

Caroline levantou uma sobrancelha, surpresa pelo consentimento, embora nem um pouco ofendida. Afinal, a verdade era a verdade.

“Ah, Deus! Sou tão idiota!” Pam declarou, de repente percebendo sua gafe. “Por favor, diga-me em que posso ajudá-la – além de calar minha boca!”

Caroline respirou fundo. “Na verdade, em muito, mas primeiro, se você não se importar, por que não me apresenta à equipe?”

Pam se apressou por trás da mesa. “Claro! Deixe-me ajudar a levar suas coisas ao escritório da sua mãe – quero dizer, *seu* escritório, daí lhe mostro o lugar.”

“Obrigada”, Caroline disse com gratidão.

Elas jogaram sua mochila e bolsa no novo escritório e fizeram o caminho metodicamente pelos departamentos editorial e vendas, seguidos por circulação e contabilidade. Pam a apresentou a algumas das almas mais corajosas que se adiantaram para conhecer a nova chefe: Brad Bessett, um dos repórteres principais – relativamente novo no jornal, porque Caroline não se lembrava dele; Agnes, uma senhora corpulenta com brilhantes olhos azuis e um queixo duplo de quem Caroline se lembrava vagamente do departamento editorial a uma década atrás – ela agora cuidava dos classificados; Doreen Hill, que mantinha o furo de reportagem na educação; e Bruce, o cara compulsório no computador, que parecia apenas segui-las enquanto Pam a levava de mesa em mesa.

Considerando o estado das finanças do jornal, Caroline ficou surpresa ao descobrir que os gabinetes haviam sido renovados desde sua última visita – com mesas modernas e cubículos. Toda a área da recepção agora parecia um salão Vitoriano, provavelmente para destacar a história venerável do jornal. Embora Caroline não compartilhasse da extrema prudência de Augusta no que se referia a dinheiro, ela nunca teria gastado rios em decoração quando a empresa estava perdendo tanto dinheiro. Só o preço do candelabro na recepção poderia cobrir o salário de alguém por um ano.

Elas passaram por uma sala sem janelas e Pam acenou para os ocupantes enquanto passavam, mas não parou. “O que é ali?”

Ela apontou para a sala pela qual haviam passado. “Aquilo? Ah, Internet barra desenvolvimento de audiência”, Pam disse um pouco sem interesse.

Caroline não se ressentiu dela. Tinha certeza absoluta de que a garota havia obtido aquela atitude honestamente. Sua mãe só teria tido uma tripulação de esqueletos à mão para as tarefas digitais mais rudimentares. Com exceção de ter uma presença online como substituto das Páginas Amarelas, Flo nunca havia tido muito interesse em mídias novas. Isso era algo que Caroline pretendia mudar. A Internet, com todas as suas invasões na mídia social, era um futuro inegável.

“Quantos trabalham lá?”

Pam levantou quatro dedos. “Quatro – um especialista em desenvolvimento de audiência, dois criadores e um designer, mas um dos criadores está de férias e nosso designer quebrou o dedo do meio e, uh... não consegue trabalhar.”

Caroline deu um sorriso falso. “Não irei perguntar como.”

Pam se inclinou para sussurrar, “Eu também não perguntei, mas quando você o conhecer, fará sentido.”

“Você sabe quantas pessoas trabalham para o jornal agora?”

“Não exatamente, talvez cento e vinte – mas Lila, na folha de pagamento, pode lhe dizer com certeza.”

As sobrelanceiras de Caroline se juntaram. Se seu palpite estivesse certo, sua mãe já deve ter começado a reduzir a folha de pagamento, apesar do que Daniel alegou. No último verão em que ela havia estagiado no *Tribune*, eles haviam alcançado quase cento e cinquenta funcionários.

Na sala de redação, Caroline reconheceu a maioria dos rostos, mas a pessoa com a qual esperava esbarrar – temia, na verdade – ela não encontrou. Aparentemente, o editor-chefe teve uma dor de dente e estava passando a manhã no dentista.

Quando Caroline voltou à mesa, já era hora do almoço e ela considerou sair para chamar Savannah, mas Pam mal havia saído do escritório dela quando retornou, batendo hesitante no batente da porta. “Desculpe-me interromper, mas há uma mulher aqui que diz que realmente precisa falar com você.”

Caroline ficou de pé, franzindo o cenho. “Ela falou meu nome?”

“Bem, ela pediu para falar com a publicadora, não o editor. Então, seria você, correto?”

Soava estranho ouvir o título da boca de outra pessoa. O choque a fez hesitar um instante longo demais.

“O Frank voltou, mas eu pensei...”

“Não... vá em frente e a traga aqui”, Caroline a direcionou.

Pam saiu e retornou em menos de cinco minutos, conduzindo uma jovem mulher cujos olhos estavam cheios de tormento. A princípio, Caroline mal percebeu qualquer outra coisa sobre ela, tão palpável era sua agonia.

“Obrigada”, a mulher disse, adentrando mansamente o escritório. Ela não poderia ser muito mais velha que Caroline e parecia estar chorando há dias. Seus olhos castanhos estavam contornados de vermelho, injetados de sangue, as pálpebras inchadas.

Caroline deu a volta na mesa, com medo que a mulher fosse ter um colapso já que parecia tão frágil. “Como posso ajudá-la?” ela perguntou.

“Meu nome é Karen Hutto”, a mulher disse, sua voz se fundindo ao choro. “Eu-eu preciso da sua ajuda para encontrar minha garotinha.”

APARENTEMENTE, o pai de Amanda Hutto deveria tê-la levado à escola na manhã em que ela desapareceu. Atrasada para o trabalho, e com medo de perder o emprego, Karen Hutto havia deixado a garotinha de seis anos no jardim da frente, mochila em mãos, esperando pelo pai, que aparentemente esqueceu que era seu dia, nomeado pelo juiz, de bancar o pai e simplesmente nunca apareceu.

Certo de que seria outra madrugada, Jack correu pela casa para tomar banho e se limpar, e enquanto estava lá, aproveitou uns minutos para falar com alguns vizinhos sobre Amanda. Ninguém havia visto a criança na manhã em que ela desapareceu – ninguém viu nada – embora alguns tenham se demonstrado receosos quanto ao pai que, aparentemente, tinha uma leve linha violenta. Pelo pouco de busca que Jack havia feito, a mãe havia registrado pelo menos uma liminar judicial que não deu resultado e as acusações pareciam voar entre eles de forma mais venenosa do que entre celebridades em um reality show.

A essa altura, não havia nada que Jack pudesse fazer. A garotinha havia desaparecido da frente da própria casa, então esse caso pertencia à polícia de Folly Beach. Se precisassem de ajuda, provavelmente não seria a polícia de Charleston que chamariam. Eles ligariam no escritório do xerife e, no final, Jack não poderia passar mais tempo em um caso que não estava em sua jurisdição – principalmente agora que parecia haver um assassino a capturar.

Ele havia ficado acordado metade da noite porque uma estudante universitária chamada Amy Jones havia sido encontrada sob o cais de uma residência próxima a James Island. O interior da boca dela havia sido pintado com um corante azul e a língua removida. Se havia sido uma isca para pescar, ou o assassino havia levado consigo, ainda precisava ser descoberto, mas uma coisa era certa, não estava em sua boca.

A morte dela poderia estar de alguma forma ligada ao desaparecimento de Amanda?

Logicamente, Jack achava que não. Além do fato de que ambas eram do sexo feminino e as ilhas estavam em geral estagnadas, com relativamente poucos crimes, não havia nenhum denominador comum.

De qualquer modo, esse caso seria um pé no saco suficiente sem adicionar conflito desnecessário com a polícia de Folly Beach. Jack tinha a sensação de que seu novo parceiro, Garrison, seria um espinho ao seu lado. Felizmente para Jack, Joshua Childres havia sido designado no caso Jones. Childres lhe daria todo o espaço que ele precisasse enquanto trabalhava com

o time para solucionar o assassinato.

Ao final do dia, Caroline se sentiu um pouco como uma criança bastarda que havia chegado ao trono após a morte de um rei que não tinha herdeiros. Claramente, ninguém havia se incomodado de contar às pessoas no *Tribune* o resultado do testamento, e Pam havia deixado os subordinados em estado de pânico simplesmente por levar Karen Hutto ao escritório dela em vez do de Bonneau.

Embora não fosse óbvio quanto da desordem era por causa da morte da mãe dela, pouco mais de duas semanas sem Florence W. Aldridge na direção, e não era mais certo quem deveria administrar o escritório. Ela só percebeu agora quão prudente havia sido se conectar com Pam porque Pam era a guardiã, e por toda a ingenuidade dela, cada ação sua agora era decisiva – o que, infelizmente, só pareceu forçar Bonneau a traçar limites invisíveis.

O teste real veio durante a tarde, com notícias que literalmente pararam a imprensa: em algum momento na noite anterior, o corpo de uma universitária, de vinte e dois anos, da faculdade de Charleston, foi descoberto sob o cais de uma casa em James Island. A propriedade, que na verdade não ficava longe da Oyster Point, estava desocupada e à venda, mas o carro da garota foi encontrado na entrada para carros, chaves ainda na ignição. Isso era tudo o que sabiam. A polícia não estava cooperando com mais detalhes.

Finalmente, Caroline ficou cara a cara com Frank Bonneau – em um argumento sobre manchetes colidindo na capa – duas manchetes similares que ele certamente sentia que competiam entre si – principalmente desde que o desaparecimento de Amanda Hutto era notícia antiga em seu livro. No final, Caroline tomou a decisão de publicar ambos os artigos, discutindo que uma

garotinha de seis anos ainda desaparecida não era a mesma história de uma não tão desaparecida e muito morta mulher de vinte e dois anos. Ela tinha certeza absoluta de que sua mãe teria tomado a mesma decisão. Se havia uma coisa que ela sabia que Flo levava a sério era sua comunidade.

E ainda assim por mais horrível que fossem as notícias do assassinato, o caminho inteiro dirigindo para casa, tudo que Caroline conseguia pensar era em Karen Hutto e o olhar de confusão nos olhos da mulher. Sua filha parecia ter sumido sem nenhum rastro. Eles haviam esgotado cada recurso e ninguém havia respondido aos panfletos. Pior, divorciados e cada um culpando o outro, ela e o marido eram agora suspeitos primários em uma investigação pendente. A coisa toda fez Caroline se lembrar do desaparecimento de Sammy, menos a presunção da culpa. Sem dúvida, a morte do irmãozinho foi o evento mais traumático da vida de Caroline e mais de vinte e cinco anos depois, não havia um dia em que algo – qualquer coisinha – não a fizesse relembrar aquele momento terrível na praia quando Sammy tinha quatro anos e Caroline, oito.

Em algumas coisas, Caroline ainda permaneceria com oito anos para sempre.

Hoje, olhando no rosto daquela mulher, ela nunca conseguiria ter encontrado a determinação para mandá-la embora. Era o mesmo olhar que Caroline se lembrava de ver nos olhos da mãe dela – aquele olhar de desespero e medo silenciosos que mais tarde se tornam desesperança, melancolia e finalmente o vazio emocional no qual sua mãe havia vivido até morrer. Mas uma coisa era diferente: todos aqueles anos, quando seu irmão desapareceu na mesma praia, Caroline havia sido incapaz de ajudar. Ela estava em uma posição agora de fazer *algo*, mesmo que fosse apenas ajudar a manter a história da mulher com o público, assim a polícia não iria simplesmente encerrar o caso e mudar de direção.

No caminho para casa, ela pegou a via expressa. Veleiros, grandes e pequenos, ponteavam o rio Ashley, silhuetas negras revoltas contra um pôr do sol dourado. Junto com a margem da praia, o capim do pântano dançava lentamente na brisa.

Por mais serena que a paisagem fosse, era difícil acreditar que logo do outro lado do canal, apenas ao jogar de uma pedra da sua casa... uma garota havia sido brutalmente assassinada.

Apesar do pensamento repulsivo, ela manteve a janela abaixada, determinada a aproveitar os últimos dias temperados antes de o verão

convergir neles com toda a fúria do inferno.

Levando o Town Car ao estacionamento, encontrou Sadie e Savannah sentadas na varanda da frente. Caroline saiu do carro, deixando a mochila no banco de trás por um instante junto com a bolsa. “Estou feliz que alguém parece ter tido um dia despreocupado!” ela gritou, tentando soar animada.

“Sim, bom, pense de novo!” Sav respondeu. “Acho que lavamos e guardamos cinquenta milhões de pratos hoje. Eu teria trocado de lugar feliz!”

“Você teve notícias da Augie por acaso?”

“Não”, Savannah disse, “mas aparentemente Josh teve. Ele veio para o almoço.”

Caroline subiu os degraus, parando para puxar uma flor de azaléia do arbusto perto da escada. Ela a levou às narinas. “Elas não têm um cheiro muito forte, não é?”

“Algumas têm”, Sadie expressou. “Não aquelas, mas elas eram a cor favorita da sua mãe.”

Caroline jogou a flor fora. “Ah, merda! Esqueci de parar e comprar comida pra cachorro.”

“Sem problemas”, Sadie falou. “Comprei enquanto estávamos fora.”

Caroline lhe deu um sorriso cansado, mas agradecido. “Não iria culpá-la se pedisse as contas, mas estou muito feliz que ainda está por aqui.”

“Você parece cansada”, Sadie expressou. “Entre e descanse um pouco, hein? O jantar estará pronto logo – e antes que você diga alguma coisa, pode parar. Tudo o que fiz foi esquentar as sobras. Assim que essa bagunça estiver acabado, vocês estarão por conta própria.”

“Agora você está condenada”, Savannah se intrometeu. “Quando estivermos passando fome, lembre-se de que é tudo culpa sua, Caroline. Você é quem está atormentando-a para se aposentar!”

Caroline não estava preocupada. Sadie não ia a lugar algum.

“Tudo petulância”, a governanta falou, “Vocês sabem onde me encontrar se esquecerem onde está o abridor de latas”.

Caroline fez sinal de positivo e adentrou a casa, ansiando pelo silêncio.

Ela encontrou Tango deitado ao pé da escada com o tênis de corrida da mãe e ela o agarrou exausta. “Não, não!” repreendeu-o e subiu os degraus, jogando o tênis sem cerimônia no closet da mãe. Ela ainda não estava pronta para entrar lá e lidar com as coisas da mãe. Tango, por outro lado, não tinha a mesma hesitação. Ele correu, recuperou o tênis, e fugiu para o outro lado da cama para escondê-lo do olhar de Caroline.

“Que seja”, ela abrandou. “Fique com o maldito tênis!”

Exausta demais para lutar com o cão, ela se deitou na cama para descansar os olhos antes do jantar. Tango pulou sem convite, trazendo o tênis, aconchegando-se perto dela na cama e Caroline automaticamente rolou e o abraçou, desejando que a presença vigorosa pertencesse a um macho muito diferente enquanto ia caindo no sono.

O som de vidro quebrando se registrou em algum lugar... talvez em um sonho.

Os olhos de Caroline se arregalaram.

Tango não estava mais na cama ao seu lado, mas ela levou um tempo para se lembrar onde estava e que ele havia estado ali para início de conversa. O tênis era um lembrete distinto. Estava pressionado contra a testa dela, soprando o inconfundível odor de suor de pé. Meio grogue, pegou o tênis, examinou-o e o jogou no chão, então, saiu da cama, olhando para o relógio.

A casa estava perfeitamente silenciosa. Passava das oito horas.

Por que ninguém a chamou para o jantar?

Esfregando o sono dos olhos, ela andou até a janela, espiando, notando que o carro não estava mais estacionado na entrada.

Talvez Savannah levou Sadie para casa?

Seu notebook ainda estava no banco de trás, então trabalho estava fora de questão até a irmã voltar para casa – graças a Deus! Ela estava completamente cheia dos números a essa altura. Com um suspiro, desceu as escadas em direção à cozinha e percebeu tardiamente que havia pulado o almoço por completo. Seu estômago retumbou em protesto. “Paciência é uma virtude!” ela disse.

Mas a campainha soou no instante em que ela pisou na cozinha. Xingando de leve, deu meia-volta, indo atender a porta e a abrindo sem pensar.

Jack levantou a sobancelha assim que a porta se abriu. “Sabia que uma garota foi assassinada na estrada Backcreek ontem à noite?”

“Sim. Ouvi dizer. O que você está fazendo aqui, Jack?”

“Você realmente precisa tomar mais cuidado, Caroline.”

“O que você é – meu pai agora?” Ela apertou o queixo. “O que posso fazer por você, Jack?”

“A Savannah e a Augusta estão por aí?”

“A Augusta está em New York. Volta em alguns dias. Não faço ideia de onde está a Sav. O que foi?”

“Nada urgente.”

“Você costuma fazer visitas depois das oito para falar sobre nada urgente?”

Ele nem piscou perante ao tom birrento dela. “Você ainda acorda do lado errado da cama”, ele observou com uma leve curva nos lábios. Ele esfregou a testa para indicar o lugar na testa dela onde a marca do tênis ainda estava visível, mas sumindo.

Ela lhe deu um meio sorriso. “E você continua o sempre observador.”

“Faz parte do trabalho”, ele alegou. “De qualquer forma, recebemos o exame toxicológico da sua mãe hoje e eu queria lhe contar os resultados.”

“Ok, bom...” Caroline escancarou a porta e os braços em exasperação, irritada consigo mesma por ter feito o rosto de Jack a última coisa que viu antes de adormecer. Aparentemente, ela o havia invocado ali. “Certamente, entre!”

Ele adentrou, olhando ao redor. “Então, você está sozinha?”

Caroline ignorou seu coração tropeçando. Quantos anos haviam se passado desde que ela ficara sozinha em um quarto com o Jack? Ela havia dito a si mesma que não estava nem um pouco afetada pela presença dele, mas isso era uma tremenda mentira. “Parece que sim.” Ele fechou a porta e ela começou pela cozinha, esperando que ele a seguisse. “Já que está interrompendo meu jantar, está com fome?”

Ela percebeu o humor no tom dele. “Sobrou alguma verdinha da Rose?”

Caroline lhe lançou um sorriso torto sobre o ombro, aquecendo-se com a presença dele, apesar de sua decisão contrária. “Podemos procurar.”

“Então tá bom.”

Ele seguiu até a cozinha e então ficou lá observando-a abrir a geladeira e puxar um número de potes plásticos. “Josh esteve aqui, então não sei o que sobrou.”

Ela colocou alguns dos potes na bancada, pegou dois pratos e os ajeitou na bancada também, em seguida, recuperou garfos da gaveta. “Então, conta logo, o que você descobriu?”

“Nada. *Mesmo.*”

Caroline abriu um dos potes, espiando dentro dele, virando a cabeça para ele em descrença. “Então, deixe-me ver se entendi direito. Você veio até aqui para me dizer que não descobriu nada no exame toxicológico da minha

mãe?” Ela colocou o pote recém-aberto de feijão-de-vaca na bancada e abriu outro, procurando pelas verdinhas.

Os olhos dele estavam cheios de pensamentos que ela não conseguia ler. “Era no meu caminho para casa, e eu passei também para ver como você estava, Caroline.”

Ela colocou outro pote aberto – esse com salada de ambrósia – na bancada. “É um pouco tarde para visitas sociais, não acha?”

Ele olhou para ela com tamanha expressão esgotada no rosto que ela se sentiu imediatamente arrependida. “Você quer saber tudo o que descobrimos ou prefere repetir todo o papo furado do passado?”

Caroline exalou e se inclinou na bancada. “Ok, diga-me... o que vocês encontraram?”

“Muito, muito pouco, e isso que me intrigou. Encontramos insignificantes sinais de benzodiazepinas e álcool, mas esperávamos encontrar mais com base no que descobrimos em seu armário no banheiro.”

“Álcool?”

“Só leves sinais. Ela estava sóbria quando caiu da escada.”

“Sóbria? Uau.”

Caroline não conseguia recordar um momento desde o instante da morte de Sammy em que Flo tivesse passado sem um pouquinho de *ajuda*. Embora ela tenha conseguido administrar o jornal melhor do que Caroline parecia estar fazendo no momento. “Talvez ela tivesse acabado de acordar... ela deve ter estado desnorreada? Augusta está com a tábua em sua lista de coisas a arrumar. Eu consigo ver claramente onde seria perigoso para alguém que não estivesse prestando atenção no meio da noite.”

Ele a encarou. “Baseado no relatório da autópsia da sua mãe, a hora da morte foi aproximadamente 19:30 – um pouco cedo para ir dormir, não acha?” Ele desviou o olhar. “Sei que ela estava depressiva.”

Caroline sentou no banco e encarou a comida em sua frente, de repente nem um pouco faminta. “Não sei o que a Flo estaria se não depressiva.”

“Você está bem?”

Caroline engoliu. “Estou bem”, ela mentiu e apertou a mandíbula enquanto olhava para os olhos de Jack, tentando não trair a tempestade de emoções se formando dentro dela. “É só que não era assim que eu esperava que as coisas fossem terminar... para a minha mãe.”

Ou para ela e o Jack.

“Sinto muito, Caroline. Pensei que você iria querer saber.”

Caroline segurou as lágrimas, sentindo-se muito mais vulnerável e odiando-se por se sentir assim mesmo depois de todos aqueles anos. “Há mais alguma coisa?”

“Não.”

Ela ficou de pé, olhando para ele, seus olhos pinicando com as lágrimas que ela se recusou a derramar.

Jack a estudou, os olhos azuis sabendo demais. A última coisa que ela queria agora mesmo era que ele sentisse pena. “Bem”, ela falou, “obrigada por vir”.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e Caroline imaginou por que ele não havia mandado outra pessoa para lhe dar a notícia. Teria sido mais fácil.

Felizmente, não teve de pedir que ele saísse. Ele era muito intuitivo. “Por favor, venha trancar a porta assim que eu sair”, ele indicou e Caroline o seguiu. Quando chegaram ao saguão, ele parou e disse, “Vejo que virou o espelho”. Ele apontou para o maciço espelho emoldurado de ouro que estava pendurado no saguão. “Por alguma razão, sua mãe o tinha virado para a parede.”

Confusa, Caroline encarou o espelho, imaginando por que estaria voltado para a parede. De qualquer forma, ela não havia tocado nele. Poderia ter sido a Sadie e sua sobra Gullah Hoodoo – mas estava exatamente assim quando Caroline entrou pela porta. Ela fez uma nota mental para perguntar à Sadie mais tarde.

Caroline o deixou sair, virando a tranca. Foi até a janela da frente para vê-lo entrar no carro sem identificação, um Ford Mustang prata. Ele sentou lá por um momento encarando a casa, então, deu partida no carro e saiu.

Só após ele ter ido embora que Caroline percebeu que não havia nem pressionado por detalhes sobre o assassinato da noite anterior. Isso era o emprego dela agora, mas tudo, inclusive Karen Hutto, havia sumido de sua mente na presença dele.

De repente, precisando conversar com Savannah, Caroline foi buscar o celular para ligar para a irmã e descobrir onde ela estava – e percebeu tardiamente que sua bolsa ainda estava no carro junto com o notebook. Ela desviou para o escritório da mãe, onde sabia que ainda havia um telefone fixo. Sua mãe odiava telefones e preferia não estar cercada pelo incessante toque em casa assim como no escritório, então havia mantido dois telefones fixos em casa. Um em seu escritório e outro no quarto de hóspedes, como cortesia.

Isolado no fundo da casa, o escritório da mãe estava separado do resto da casa por portas francesas arqueadas. Portas exteriores, que combinavam com as de dentro, se abriram para uma vista envolvente do pântano. Era uma sala do trono majestosa que se encaixava perfeitamente para a rainha da mídia de Charleston.

Com a respiração estremecida, Caroline ficou do lado de fora do escritório, sua mão hesitando na maçaneta. Nenhuma delas era convidada ao escritório de Flo com frequência e ela arreganhou a porta destrancada com um misto de reverência e temor.

Supere isso, disse a si mesma. Flo não vai aparecer do nada e gritar com você por bisbilhotar os negócios dela. De qualquer forma, os negócios agora são seus.

Ela espiou lá dentro e o coração martelou contra as costelas.

Do outro lado do aposento, nas portas francesas que levavam à varanda dos fundos, um dos vidros chanfrados estava estilhaçado, oferecendo uma clara visão da noite. Uma porta fora deixada entreaberta.

Jack puxou o telefone do painel e olhou para o identificador de chamadas. Seus dedos se atrapalharam enquanto se apressava para atender. “Caroline?”

Por um instante, houve um silêncio absoluto do outro lado. “Jack!” ela sussurrou, “Volte – depressa!”

Palavras que ele estivera esperando ouvir por um bom tempo, mas algo em sua voz lhe dizia que não era pela razão que esperava. Felizmente, ele não havia ido muito longe. Mesmo enquanto perguntava, deu a volta com o carro. “Está tudo bem, Caroline?”

“Não!” A única palavra explodiu no receptor e Jack sentiu o peito ficando ainda mais apertado.

“O que aconteceu?”

“Não sei! Alguém arrombou a casa – depressa!”

Prendendo o celular entre o rosto e o ombro, ele ligou as luzes azuis, mas não as sirenes. “Fique no telefone, Caroline!” ordenou e chamou reforço pelo rádio.

CAROLINE SE AGACHOU PERTO da mesa da mãe com o telefone preso na orelha. Ela havia ido direto a ele, com a intenção de chamar a polícia, mas seus dedos automaticamente discaram o número de Jack, sabendo que ele não poderia estar muito longe.

Ela não havia percebido que ainda se lembrava do número.

Não havia sinal do invasor, mas o céu noturno além do vidro quebrado e a

porta aberta a fizeram se sentir vulnerável. Ela ouviu Jack chamar reforço e então brigar com o telefone. “Ok”, ele disse.

“Depressa!” ela sussurrou.

“Estou aqui, Caroline – dando a volta agora. Fique abaixada!”

Ela não havia escutado o carro estacionar, mas o ouviu jogar o celular sem desligar e esperou pelo que pareceu uma eternidade enquanto ele fazia o caminho pela propriedade até o escritório nos fundos. A porta da frente estaria trancada. Ela não havia se importado em ligar o alarme porque Savannah ainda estava fora.

Em algum lugar.

Onde ela estava?

Uma nova onda de pânico se instalou. Ela não havia nem considerado que talvez alguém tivesse levado sua irmã enquanto ela dormia. O tempo inteiro ela havia ficado sentada na cozinha falando com o Jack, consumida pelo passado deles, e sua irmã poderia estar em perigo. Mas não, ela se lembrou, o carro havia sumido. Assim como o Tango. Savannah estava bem.

Depressa, Jack.

Seus pensamentos se desviaram para o assassinato da noite anterior.

O lugar onde o corpo havia sido encontrado era próximo da Oyster Point, mas ela não conseguia imaginar o assassino sendo estúpido o suficiente para ainda estar na área.

Onde está você, Sav?

“Polícia”, Jack disse. “Mãos para o alto!”

Caroline colocou a cabeça para cima só o suficiente para espiar por sobre a mesa.

“Graças a Deus!” ela disse, tão feliz em vê-lo como nunca antes. No momento, não se importava que história havia existido entre eles. Ela poderia ter pulado nele e beijado seu rosto com entusiasmo, exceto que a arma dele estava apontada e vê-la foi suficiente para mantê-la fixa no lugar.

“Sou só eu aqui.”

“Tudo limpo aqui também”, ele lhe disse, “mas fique onde está”. Ele chutou a porta aberta e entrou. “Eles poderiam ter entrado na casa?”

Caroline balançou a cabeça. “A porta de dentro estava fechada, mas talvez. Não sei. A porta do escritório estava destrancada.”

“Vamos esperar até que o reforço chegue para verificar a casa. Você tocou em alguma coisa?”

Caroline balançou a cabeça. “Só o telefone. E a porta do escritório.” E a

mesa que ela estava agarrando neste momento, mas isso era bem óbvio.

“Bom.”

Ele acendeu a luz e inspecionou o aposento. Além do vidro quebrado, nada parecia fora do lugar. Papeis ainda estavam impecavelmente empilhados na mesa, as gavetas estavam fechadas e os livros nas estantes estavam todos no lugar. Flo havia sido uma organizadora meticulosa e seu escritório não era exceção. Mas o coração de Caroline não ia parar de martelar.

“Quem quer que tenha sido deve ter se assustado, mas talvez consigamos pegar algumas digitais na porta.”

Eles caíram em um estranho silêncio.

Sobre que diabos vocêalaria quando sua casa acabara de ser vandalizada e seu salvador era o homem com quem você deveria ter casado, mas não o fez porque ele a traiu? Nada. Esse era o assunto.

Depois do que pareceu os dez minutos mais longos da vida de Caroline, eles finalmente ouviram o chiado de pneus na entrada. De repente, haviam homens uniformizados se espalhando pelo aposento, três para começar e um quarto instantes depois.

“Chequei todo o perímetro”, o quarto disse. “Nada.”

Caroline decidiu que devia ser seguro sair do lugar de trás da mesa, mas Jack a mandou voltar, então liderou o grupo para dentro da parte principal da casa.

Alguns minutos muito tensos mais tarde, um deles retornou. “A casa está limpa”, ele disse e marchou para fora pela porta dos fundos.

Caroline ouviu ainda outro carro parar e uma porta se abrir e bater, seguido por um profundo latido e a voz de Savannah.

Abandonando seu lugar atrás da mesa, Caroline saiu para tranquilizar a irmã. No instante em que viu Savannah, correu para abraçá-la, apertando-a forte.

Tango latiu para ela confuso.

“Caroline! Que diabos está acontecendo aqui?”

Caroline explicou brevemente o que havia acontecido e então exigiu, “Onde vocês estavam?”

“Levei a Sadie para casa. Tomamos uma taça de vinho. Quando subi para chamá-la para o jantar, você estava tão fora de si que nem se movimentou, então levei o Tango comigo e deixei você dormir. Quando isso aconteceu?”

Caroline balançou a cabeça. “Essa é parte maluca. Não faço ideia! Acordei de um sonho, pensei ter ouvido vidro quebrar, mas o Tango não latiu

e a casa estava silenciosa. Não pensei mais sobre isso. Então, a campainha tocou, era o Jack, talvez ele os tenha assustado – não faço ideia!”

Savannah deu de ombros e abraçou Caroline de novo. “Graças a Deus você está a salvo! Agora, devagar e me conte de novo o que aconteceu.”

Caroline respirou fundo e lhe contou a história mais uma vez, sem o benefício teatral. Elas andaram de braços dados até entrar em casa enquanto outro carro da polícia vinha derrapando no estacionamento, luzes piscando, salpicando conchas de ostras de debaixo dos pneus. A essa altura, ela estava começando a se sentir um pouco tola, considerando que ninguém havia realmente entrado na casa, e imaginou quanto da resposta da polícia tinha a ver com o Jack e quanto com o simples fato de que sua mãe havia sido um pilar respeitado da comunidade. Pensando que Karen Hutto parecia estar sendo ignorada, ela se sentiu um pouco culpada.

Tango voltou e latiu quando mais dois homens saíram do carro e Jack andou passando por eles, cumprimentando os recém-chegados. Caroline encontrou o olhar dele rapidamente e desviou.

Savannah lhe deu um olhar significativo. “Você sabe que uma garota foi morta logo no final da estrada ontem à noite?”

Caroline estremeceu e apertou o braço de Savannah. “Sim, vamos trancar o escritório da mãe por dentro hoje à noite e talvez você devesse ligar para a Sadie, deixá-la a par – chega de sair sem me dizer onde está indo!” Ela virou para chamar o Tango para casa, mas Jack estava brincando com ele. “E ele fica dentro de casa de agora em diante.”

Savannah olhou por sobre o ombro. “O Tango ou o Jack?”

“Engraçada”, Caroline disse sem a tentativa de bom humor da Savannah. “Quis dizer o que late.”

“Ainda bem que você não disse o que morde”, sua irmã provocou. “Nós duas sabemos quem esse seria.”

Caroline lançou um olhar diabólico para a irmã caçula, irritada porque ela havia invocado com sucesso imagens íntimas de Jack na mente de Caroline – memórias provocantes com as quais realmente não precisava ou queria lidar no momento. Ela se arrependeu por completo de contar qualquer coisa para Savannah.

Sua irmã sorriu consciente.

ERA QUASE uma da manhã quando a polícia havia terminado.

Se havia uma impressão digital em qualquer lugar no escritório da mãe dela, eles a encontraram e a tiraram. Até onde dava para dizer, nada havia sido levado e não havia evidência de que alguém tivesse entrado na casa, mas o incidente deixou Caroline sentindo um temor, principalmente após a invasão no escritório de Daniel.

Savannah ficou ao seu lado, até que não conseguia mais ficar de olhos abertos e então pediu licença, deixando Caroline para se despedir do Jack.

Sentindo-se estranha, Caroline ficou no degrau mais alto da varanda, olhando para ele, mantendo distância. “Obrigada por vir me salvar”, ela ofereceu.

Um lado da boca dele se curvou para cima e, por um instante, ela quase pôde esquecer que haviam anos de ressentimento entre eles. “Estou surpreso que você se lembrou do meu número.”

Caroline sorriu com pesar. “Estou mais surpresa que você não o mudou.”

Ele levantou as duas sobrancelhas. “Não fui eu quem partiu.”

Caroline concordou com a cabeça. “Justo”, disse. Mas os dois sabiam por que ela havia ido embora.

Ele enfiou as mãos nos bolsos, algo que sempre fazia quando se sentia um pouco incerto e Caroline desejou não ter sabido esse detalhe sobre ele. “De qualquer forma... não se esqueça de colocar o alarme hoje à noite.”

Caroline cruzou os braços contra a leve brisa no ar. “De jeito nenhum que eu vou esquecer!”

“Tem certeza que não quer que eu fique... no sofá?”

“Vamos ficar bem, Jack. O Josh está vindo para cá depois de passar na Sadie.”

Por um instante, eles apenas se encararam. Caroline reconheceu o arrependimento nos olhos dele e isso só serviu para confundi-la.

“Está bem, então... tente dormir um pouco.” Ele se virou para ir embora.

“Jack?”

Ele parou e virou.

Por alguma razão, ela de repente estava relutante em vê-lo partir, mas não poderia lhe pedir para ficar. “Houve uma invasão no escritório do Daniel semana passada. Elas poderiam estar conectadas?”

“Na rua King?”

“Sim. Falaram que foram crianças procurando por dinheiro para drogas. Eles destruíram o lugar e deixaram o Daniel no hospital.”

“A área é difícil”, ele reconheceu, e pareceu pensar sobre isso por um

instante, admitindo, “Provavelmente não. Vou verificar mesmo assim.”

“Obrigada.”

“Boa noite, Caroline”, ele disse, abrindo a porta do carro e entrando.

“Noite, Jack”, ela falou.

Ele a esperou entrar em casa antes de sair dirigindo.

“**S**e a vida lhe der limões, faça uma limonada.”

Essa havia sido a frase favorita de Sadie quando Caroline e suas irmãs estavam reclamando de injustiças visíveis e aquele conselho poderia se encaixar agora, Caroline pensou, exceto que, não importa por quais lentes você enxergasse, reclamar sobre herdar vinte e sete milhões de dólares ficava exatamente sob a rubrica de “pobre garotinha rica”.

Basicamente toda a vida de Caroline, ela havia tido muita noção de que, no grande esquema das coisas, reclamações de qualquer Aldridge eram recebidas como indelicadas. Todas as três meninas estudaram no Ashley Hall até o ensino médio, quando Augusta havia começado sua cruzada pessoal contra sua posição na vida. Com exceção do desaparecimento de Sammy, elas haviam vivido infâncias relativamente protegidas, levadas por um motorista para a escola e de volta para casa, e vestindo uniformes de tartã que as fazia parecer um pouco com bonecas de porcelana, até as variações de ruivo em seus cabelos. Quando Augusta insistiu em ser tratada como uma “pessoa normal”, as três foram transferidas para a escola pública para apoiarem a irmã – mais para o desalento de Flo. Já era hora de elas todas descobrirem os garotos, e de Caroline conhecer Jack.

Ele era o relutante jogador de futebol destruidor de corações que costumava passar o tempo fora do campo sozinho e alheio aos olhares lançados pelas garotas em sua direção. Um solitário taciturno, criado por uma mãe alcoólatra e drogada e abandonado pelo pai dipsomaniaco. Embora as mães deles não pudessem ter sido mais diferentes, ou vindo de passados mais diferentes, os dois eram crianças negligenciadas. A mãe de Caroline a havia

abandonado pelo jornal e uma montanha de pesar enquanto a de Jack o havia abandonado pelas drogas e a prostituição. Ambos eram produtos de suas circunstâncias.

Um campeão para a perdedora, Jack foi o primeiro e único a ver Caroline do modo como ela se sentia. Ele via nela o que mais ninguém via – aquele poço sem fundo de tristeza que era inerente em crianças abandonadas, não importa o preço de suas roupas.

Na época, uma parte de Caroline havia necessitado a compaixão que Jack a mostrou, mas o problema em ser o projeto de alguém era que, eventualmente, outro projeto iria aparecer para puxar as emoções. Caroline sentia que a necessidade de Jack de criação era um vício assim como drogas ou álcool e Caroline tinha de encarar o fato de que não era necessário muito para obscurecer o sofrimento de ser uma pobre garotinha rica.

Eles estavam noivos para se casar quando ela descobriu sobre a “indiscrição” de Jack com a melhor amiga dela. Ela havia rejeitado completamente as promessas apaixonadas dele de que nada havia acontecido – mais por medo de que aquilo fosse apenas uma questão de tempo até que ele partisse o coração dela. Mas depois, mesmo depois quando finalmente veio a acreditar nele, a única coisa que havia impedido Caroline de pegar o telefone e ligar para ele foi uma sensação irritante de dúvida que o amor nunca fora parte da equação deles.

Em suma, Jack precisava consertar as coisas.

Ele ainda precisava consertar as coisas.

Aparentemente, Josh também. Ele dormiu lá até que a porta foi consertada, o que levou mais tempo do que qualquer um anteciparia. O vidro italiano chanfrado teve de ser feito sob encomenda, mas mesmo após os reparos terem sido feitos, Caroline teve de assegurá-lo repetidas vezes que elas ficariam bem por conta própria e prometeu ligar o alarme todas as noites. Se ele fosse ficar com alguém, Caroline raciocinou, deveria ser a mãe dele. Não fazia sentido deixar Sadie sozinha enquanto ele olhava três mulheres adultas que eram perfeitamente capazes de se defender. De qualquer forma, o que ele ia fazer? Mudar-se indefinitivamente? Isso seria ridículo. Flo havia vivido lá sozinha por anos. Elas ficariam bem.

A real razão pela qual ele queria ficar, ela suspeitava, era que Augusta estava finalmente a caminho de casa. Caroline aproveitou a oportunidade da chegada da irmã para agendar um voo para Dallas. Ela não havia acumulado muito na vida, mas o suficiente que fosse preciso fazer alguns ajustes,

inclusive trazer o carro para Charleston. O Town Car da mãe era ótimo se você fosse um colecionador, mas Caroline não ligava muito para carros e não se importava em ser o centro da atenção toda vez que entrasse na estrada. Preferia ficar invisível em seu pequeno Lexus prata.

Quanto a Dallas, ela não sentia muito arrependimento em deixar o lugar, mas como não poderia sair do aluguel, decidiu usar o apartamento como depósito, o que iria lhe permitir tempo amplo para tomar uma decisão de longo prazo. Se iria continuar ou não na direção do *Tribune* ainda era uma incerteza, mas ela não ia ficar em Charleston um ano inteiro sem seus pertences, então empacotou tudo com o que não poderia viver sem, e o que não coube no carro, ela despachou.

No final das contas, ela levou cinco dias para completar o que Augusta havia levado aproximadamente duas semanas – ou melhor, o que ela havia dito que levaria duas semanas, porque, na verdade, ela havia aparecido em Charleston sem muito mais do que havia partido. Caroline previu muitas mais “viagens” para New York para sua irmã recalcitrante.

Caroline deu sua escapada de Dallas durante o trânsito da hora do almoço, e assim que se instalou na I-20, com gasolina no carro e uma xícara de café fumegante, ligou para Savannah para lhe avisar de que estava a caminho.

“Tudo está tranquilo por aqui”, Savannah lhe tranquilizou.

“Bom. Como está a Augie?”

Savannah bufou de leve. “Augie é... bem, Augie. Ela está bem.”

Não muito mais precisava ser dito. “Pelo menos ela é previsível”, Caroline ofereceu. “Assim que eu voltar, você pode ir fazer o que quer que tenha de fazer em D.C.”

“Estou bem por enquanto.”

Caroline franziu o cenho. Savannah já havia estado em Charleston mais do que três semanas. Em algum momento, teria de voltar para casa e organizar suas coisas.

O que ela estava evitando?

“Tem certeza?”

“Positivo.”

“Tudo bem. Bom, você sabe mais. Então, como estão os outros?”

Savannah pareceu aliviada quando Caroline abandonou o tópico D.C. “Bem. O Josh está perdido em ação – ele e a Augie tiveram uma briguinha. A Sadie está bem. Ela está aqui agora. Quer falar com ela?”

“Nah, tudo bem. Ainda tenho que ligar para o escritório, e depois preciso prestar atenção à estrada. Não tenho dirigido nesse sentido há anos.”

“Ok”, Sav disse. “Dirija com cuidado.”

“Pode deixar. Amo você”, Caroline ofereceu.

“Amo você também.”

Elas desligaram e Caroline tentou lembrar a última vez que havia dito aquelas palavras para alguém além das irmãs. O último homem para quem ela havia dito tinha sido o Jack. E embora tivesse certeza de que o havia feito, em algum momento, ela não se recordava de ter dito aquelas duas palavras para a mãe. Nem conseguia se lembrar de sua mãe ter lhe dito – ou para alguém, por sinal. Nem mesmo ao pai delas. Era difícil saber conclusivamente se Flo havia amado mesmo algo ou alguém. Certamente, ela não odiara ninguém, mas sempre parecera emocionalmente estéril. Se bem que se Caroline pensasse mais longe... em um tempo antes daquele dia na praia, conseguia vagamente se lembrar da risada da mãe. Mas era tamanho fantasma de uma memória que não conseguia ter certeza se era real. Ela suspirou, encarando a estrada à frente. Um carro semiautomático a ultrapassou e ela viu o cara no táxi encarando seu carro.

“Idiota”, falou em voz alta.

E o *Tribune*?

Será que a Flo havia amado o jornal? Ela o guardara com muito ciúmes – ainda o fazia, direto de seu túmulo – mas para Caroline, aquilo tinha gosto de necessidade de controle, não amor. Mas enquanto Caroline não era Augusta – incansável em sua revolta – Savannah também não o era. Sua mãe havia perdido o direito de controlar qualquer aspecto da vida dela. O jornal estava prestes a mudar e Caroline já havia engajado uma expansão no time da Internet. Assim que conseguisse, pretendia contratar alguém que fosse experiente com mídia social.

E o pai dela? Juntos, Flo e ele haviam feito quatro filhos em quatro anos. Aquilo era amor? Ou simplesmente luxúria? Basicamente, a única coisa da qual Caroline se lembrava sobre o pai era a ausência dele. Ele estava vindo ou indo ou planejando partir. Antes de sua morte, ele havia construído uma carreira política muito promissora, mas aparentemente – apesar das diferenças nas políticas deles – ele tinha um defeito crítico em comum com John F. Kennedy. Ele tinha uma queda por mulheres. Caroline sabia pouco mais sobre ele – pelo menos nada que não fosse de conhecimento público. Flo ficava calada quanto a ele e nunca recebia bem aquela discussão.

O pai dela havia se mudado pouco menos de dois meses após a morte de Sammy e três meses depois se tornou uma das cinquenta e seis vítimas do furacão Hugo – mas não pela razão que as pessoas estavam esperando morrer durante um desastre natural. Enquanto os ventos de Hugo chicoteavam Charleston, puxando com força antigas árvores e mutilando pontes, seu pai tombava morto nos degraus de sua casa na rua Legare devido a um enorme ataque cardíaco aos trinta e oito anos – cinco anos mais velho do que Caroline era agora. Sua nova namorada, uma graduada de vinte e três anos da Faculdade de Charleston, trouxe a notícia à Flo em algum momento durante o caos da reconstrução. Caroline não se recordava da mãe derramando uma lágrima sequer. Ela havia agradecido à garota educadamente e então ordenou à Caroline que buscasse as irmãs. Assim que juntou todas em um aposento, trouxe a notícia de forma trivial, algo entre barganhando com o pessoal da construção e bajulando Sadie para que ela fizesse sua famosa torta de limão – como se torta de limão fosse magicamente conseguir animá-las.

Autenticamente, Caroline nunca havia sentido mais do que uma mórbida e muito desprendida fascinação sobre os detalhes da morte do pai. Ela tentou imaginar com frequência como deveria ter sido para a namorada dele – mal saíra da escola, e provavelmente louca pelo senador ilustre e mais velho – ter de encarar sua morte sozinha naquela casa, sem nenhum acesso a um telefone ou serviço médico de emergência, com água subindo ao redor.

Caroline tomou um gole do café, percebendo que estava apertando o celular na mão esquerda por quase trinta minutos. Ela o apoiou. Não sabia o número do escritório de qualquer forma. Pelos últimos dias, Pam havia ligado para ela a cada hora cheia, mas o dispositivo estava estranhamente silencioso hoje. Na realidade, quando percebeu que já era quase quatro e meia, começou a parar o carro para localizar o número do escritório no histórico de chamadas quando o telefone tocou.

“Pam aqui.”

“Oi, Pam.”

“Frank quer saber se você estará aqui para a reunião da manhã?”

“Não vejo por que não. Estou no caminho de volta agora.”

“Ah, bom!” Ela estava falando baixo de repente, sussurrando. “Ele passou o dia super irritado e não está feliz com você propondo a hora de dormir para às 18h. Ele diz que temos colocado o jornal na cama à meia-noite desde que produzimos a primeira edição e é uma profanação da tradição.”

“Obrigada por me contar, Pam.”

Caroline já havia começado a pôr em prática algumas decisões para diminuir custos, e colocar o jornal na cama mais cedo era apenas uma delas. “Algo mais?”

“Bem, sim. Sabe aquela moça, Karen Hutto?”

“Sim?”

“Ela quer colocar um anúncio para a filha desaparecida dela.”

Caroline nem sequer pensou sobre a decisão. “Ela não tem que fazer isso. Diga ao Frank para preencher o espaço das notícias com uma pequena atualização.”

Pam estava sussurrando novamente. “Tem certeza? Quero dizer, ele vai rachar o crânio na mesa se eu lhe disser isso.”

Caroline suspirou, provavelmente mais pelo benefício da Pam do que por cansaço. Sinceramente, tudo sobre o *Tribune* a revigorava tanto quanto a amedrontava. “Você trabalha para o Frank ou para mim?”

“Você.”

“Então, diga a ele, por favor. Faça alguém ligar para a Sra. Hutto. Vamos expor alguns detalhes. Se a polícia não vai fazer nenhum progresso, vamos dar ao público algo que possa ajudar Karen a encontrar sua filha – junte tudo o que ela tem e publique.”

“Ok. Quem você quer que cubra?” Havia um tom esperançoso em sua voz.

“Diga ao Frank para decidir.”

“Ok.” Ela soou desapontada.

“Não fique com medo dele, Pam. Ele vai mudar de ideia.”

“Ok. Entendi. Preencher o espaço das notícias com a Amanda, pegar detalhes com a Karen, dizer ao Frank para decidir quem vai cobrir a história e não ficar com medo do grande lobo mau.”

Caroline deu risada. “Isso mesmo, garota! Lembre-se, ele vai bufar e soprar, mas é só isso o que ele pode fazer porque ele é um cigarro faltando da máquina de oxigênio.”

Pam falou abafando o riso. “Ok.”

Caroline riu, percebendo que não havia visto Jack fumar nem mesmo uma vez desde que ela havia ido para casa. “Ah, e antes que eu me esqueça. Olhei seu currículo. Você tem experiência com jornalismo!”

Pam de repente soou um pouco envergonhada. “Tenho.”

“Você quer escrever, Pam?”

“Quero!” ela exclamou. “E eu tenho – um pouco – mas Frank é reservado

quanto à sala de redação, e a Sra. Aldridge – quero dizer, sua mãe – ela pensou que eu poderia conquistar a simpatia dele aprendendo os truques do ofício de baixo para cima. Então, ela me começou na mesa da recepção.” Ela pausou e disse bem mais baixo, “Eu já fiquei lá por *muito* tempo.”

“Ok, coloque alguns textos seus em minha mesa. Vamos ver o que você já conseguiu e eu verei se não dá pra acelerar esse processo um pouco.”

Caroline conseguiu ouvir o sorriso no tom de Pam. “Obrigada!”

O telefone de Caroline tocou. “Pode me ligar se precisar de mim”, ela disse. “Estarei aí de manhã.” Ela terminou a ligação com a Pam e olhou para o identificador de chamadas, seu coração saltando um pouco ao ver o nome na tela.

Caroline jogou o telefone no banco do passageiro sem atender. Tocou mais três vezes, e ela encarou a estrada à frente, sentindo-se dolorosamente ambivalente.

Do que você está com medo?

Seus sentimentos por Jack eram a única coisa que nunca havia conseguido controlar. Ela conseguia lidar com a mãe – e basicamente tudo o mais em sua vida – sem vagueza e indecisão, mas nunca havia conseguido tomar uma posição com o Jack. Aquilo, mais do que qualquer coisa, era por que ela havia partido de Charleston.

Já havia passado da hora de ela enfrentar seus medos, disse a si mesma – todos eles. Não só aqueles ligados a estar à altura das expectativas da mãe. Exceto que no que se tratava dele, ela não fazia ideia do que realmente tinha medo.

Ter o amor dele e então perdê-lo?

Ou será que ela só tinha medo de não ser merecedora do amor – de ninguém – e que o Jack pudesse acordar um dia e descobrir isso?

Por anos, sempre que ela havia considerado mais do que bebidas e jantar com um cara, o rosto de Jack surgiu em sua mente. Ela podia mentir para si mesma, mas a razão era perfeitamente óbvia. O que ela havia sentido por ele tinha sido real. Mas amar alguém não significava que estar com ele era certo. Nem significava que ele correspondia aos seus sentimentos. Caroline não queria se estabilizar.

Por isso que você ainda está sozinha.

Mas ela ia ficar morando em Charleston, e sua posição no jornal iria

colocá-la frente a frente com o Jack com mais frequência do que gostaria. Ela ia realmente continuar fugindo para evitá-lo?

Olhou o telefone, irritada pelo diálogo em sua mente. Esticando o braço, ela o pegou e pesou na palma da mão por um longo instante, encarando a estrada à frente. Então, respirou fundo, desbloqueou a tela do celular e clicou na primeira entrada em seu histórico de chamadas.

É SÓ OUTRO LUGAR, Caroline se assegurou.

O novo prédio com a rampa de madeira serpenteando a fez lembrar menos do edifício original entalhado de grafite e mais de algo que você encontraria na orla em Myrtle Beach. A única coisa que lhe era familiar agora era a enorme montanha de conchas de ostras descartada nos fundos. O restaurante original havia sido uma instituição de Charleston até que foi queimado em 2006. Era também onde ela e Jack haviam tido seu primeiro encontro. Infelizmente, ela não se lembrou daquela parte até depois que já havia desligado. Mas onde na cidade eles poderiam ir para ficarem livres dos fantasmas do passado?

Nenhum lugar.

“Uau”, ela exclamou, assim que saiu do carro. “Isso é tão diferente!”

Jack esperava no final da rampa, seus lábios inclinados um pouco com melancolia. “De todos os lugares... você escolheu este?”

Caroline levantou a sobrancelha ao chegar ao lado dele. “Tecnicamente, nosso primeiro jantar aqui não foi um encontro.”

“Assim como este não é?”

Ele a estava desafiando.

“Isso mesmo”, ela disse com um sorriso ansioso.

Para ser sincera, ela não fazia ideia do que *isso* era e esperava que ele não fosse perguntar por detalhes, pelo menos não agora. Sua atração por Jack estava viva e bem, mas hoje à noite era mais sobre definir os limites, produzir uma nova amizade tênue, e talvez um pouco de pescaria – embora não do tipo geralmente feito com uma vara. Caroline esperava obter um pouco de discernimento sobre a investigação de Amanda Hutto – qualquer coisa que possa dar esperança à mãe da garota. Embora Folly Beach tivesse sua própria polícia menor, que estava lidando com o caso, Caroline sabia que o Jack tinha amigos entre eles.

Levando a mão à cintura dela, ele a encorajou a subir a rampa na frente

dele e Caroline deu um pulo ao contato, olhando para ele com surpresa. O olhar que eles compartilharam foi revelador demais, e Caroline evitou olhar de novo. Felizmente, ele não a tocou de novo, mas o ar entre eles estava carregado de influências ocultas.

Dentro do restaurante, a atmosfera não era menos turística e Caroline teve a impressão devastadora de plasticidade. As cadeiras cobertas de grafite haviam sumido, assim como as mesas bambas cobertas por jornais. Embora ainda uma confusão de móveis, as mesas e cadeiras eram todas de plástico e a atmosfera de cabana havia sumido. As mesas estavam cobertas por toalhas de plástico em xadrez, vermelho e branco, e havia peixes falantes nas paredes. E era limpo.

Jack pareceu sentir sua decepção. “Se importa de sentar no cais?” ele perguntou. “Há uma brisa hoje à noite. Os mosquitos não devem estar muito ruins.”

“Gostei da ideia.”

“Então, vamos.”

Caroline deu um passo atrás para deixá-lo falar com a anfitriã, estudando a pequena multidão. Era chique vir aqui agora. Um casal sentado no bar com Martinis, olhando de modo sonhador nos olhos do outro. Nos velhos tempos, quando ela e Jack haviam ido lá pelo prato ocasional de ostras, não havia glamour à experiência, e o lugar estava normalmente vazio, exceto pelos poucos locais que sabiam onde encontrar a entrada escondida na estrada Folly. Caroline achou que agora eles estavam preparados para atividades maiores – casamentos talvez.

Como o que ela nunca teve.

O pensamento se infiltrou em sua mente antes que ela o pudesse filtrar.

Isso não era sobre ela e o Jack.

Era sobre Amanda Hutto. Era sobre provar, pelo menos a si mesma, que poderia estar à altura das expectativas que a mãe havia colocado. Havia mais em jogo aqui do que sentimentos e a morte do romance. A imagem completa era muito maior.

Com o charme natural de Jack, eles não tiveram que esperar muito por uma mesa no cais estreito, cercados pelo riacho Sol Legare. A garçonete os acomodou em uma mesa para dois e tentou acender a vela algumas vezes. Caroline quase lhe disse para nem se importar, exceto que o sol estava se pondo e não parecia haver outra fonte de luz no cais.

Uma fenda de luz do sol no horizonte enviou filamentos de rosa e pêssego

por quilômetros, lançando uma luz celeste sobre o riacho.

Caroline se sentou, arrependendo-se completamente de sua escolha de restaurante. Ela havia escolhido este lugar porque era o cenário menos romântico que ela conhecia na cidade inteira, sem perceber até que Sadie a esclareceu, enquanto saía de casa, de que havia sido reconstruído.

Ignorando os outros casais no final do cais e o cenário muito íntimo, Caroline comparou as imagens àquelas que haviam vivido em suas memórias. A brisa do anoitecer estava agradável e o cheiro de barro arado, de onde as ostras que eles estavam prestes a comer haviam sido arrancadas, estava pungente e forte. Aqui fora, ela conseguia facilmente imaginar que nada havia mudado... que lá dentro, cada centímetro do interior – cadeiras, mesas, paredes – estavam cobertos de grafite por anos. Nos velhos tempos, havia apenas uma razão para que alguém viesse ao Bowens Island – as ostras. Ela esperava que isso não tivesse mudado.

“Não se preocupe”, ele disse, parecendo ler seus pensamentos – pelo menos a parte que não tinha a ver com amantes ou arrependimentos. “Elas ainda são ótimas.”

“Ah, bom!” Caroline disse um pouco desconfortável.

Felizmente, não tiveram de esperar por muito tempo até a garçonete retornar. “Bebidas?” a garota perguntou com alegria.

“Não para mim”, Caroline anunciou, apoiando o cardápio na mesa. A última coisa que ela precisava hoje à noite era julgamento debilitado.

“Guinness”, Jack disse facilmente, recolhendo o cardápio dela e entregando os dois de volta à garçonete. “Nós vamos querer o buffet de ostras e um cozido de Frogmore sem o frog.”

A garçonete não percebeu a piscadela de Jack para Caroline. “Ah, mas não há sapos no cozido”, ela o assegurou.

Jack soou decepcionado. “Nem mesmo um?”

“Não, senhor. O cozido tem esse nome devido ao...”

Sem querer, Caroline escondeu um sorriso, mas Jack não segurou a risada.

“Você está me provocando!” a garota declarou com uma forte fala sulista arrastada, e deu risada, demorando o olhar por um instante longo demais em Jack enquanto embaralhava os cardápios nervosamente.

“Só um pouquinho”, Jack confessou e seu sorriso estava cheio de travessura bem-intencionada.

Ele ainda tinha o mesmo efeito nas mulheres – no instante em que abria a

boca ou sorria, de alguma forma encantava cada uma – exceto pela mãe dela.

“Então, diga-me por que estamos aqui”, Jack disse, sem se importar em medir as palavras. Ele nem mesmo percebeu a expressão de olhos sonhadores da garota enquanto ela se afastava. “Fiquei surpreso que você me ligou de volta.”

“Bem”, Caroline começou, abrindo o guardanapo, “Não tenho certeza se você já ouviu, mas voltei para ficar...” Ela o olhou para medir sua expressão. “Por um tempo.”

Ele não pareceu tão surpreso, mas ela explicou mesmo assim, em detalhes, sem perceber até esse instante quanto precisava falar sobre as mudanças em sua vida. Ela continuou lhe contando sobre as estipulações do testamento da mãe, as explosões de raiva de Augusta e mesmo suas preocupações sobre Savannah estar evitando a própria vida. Não havia percebido por quanto tempo estava falando até que a garçonete retornou com a Guinness de Jack.

“Então, é isso o que você quer?” ele perguntou, referindo-se ao seu retorno à Charleston.

Caroline deu de ombros, relaxando um pouco. “Embora eu não goste de a mãe dar ordens do túmulo, eu seria idiota de abandonar tudo isso. Nem a Augusta pode fazer isso.”

Jack deu de ombros. “Você pode fazer um bem extraordinário com essa quantia de dinheiro”, ele reconheceu. “Isso é certeza.”

Como se alguém tivesse aumentado o volume da música de fundo, os sons do pântano se ampliaram enquanto o sol se punha, banhando-os com a luz que se espalhava das janelas no meio de um coro de grilos.

Os pensamentos de Caroline viajaram para a mãe.

Flo havia certamente feito sua parte pela comunidade. As pessoas a amavam por isso, mas teria sido legal se sua caridade houvesse começado em casa. Suas vidas, de tantas maneiras, eram uma bagunça – todas elas. Caroline não conseguia permanecer em um relacionamento, ou mesmo ter um normal. Augusta parecia sentir que tinha de dar seu sangue para a melhoria da raça humana. Pelo que Caroline sabia, ela não tinha vida e dedicava todo o seu tempo para a posição de Diretora dos Serviços Voluntários e Serviços Jovens para a Cruz Vermelha americana. E Savannah... Caroline tinha de confessar... ela não conhecia mais sua irmã mais nova. Sabia de sua história de vida, claro, mas não sabia realmente o que motivava Savannah. Ela era quieta e distante e intensamente reservada – algo que Caroline não havia

percebido até retornar para Charleston.

“Como você está suportando?”

A doçura em sua pergunta a pegou de surpresa. Seu peito se contraiu um pouco e ela abriu a boca para responder, mas encontrou a voz presa na garganta. Engoliu e deu de ombros por um instante, ela só conseguia olhar para aqueles sagazes olhos azuis, confusa pelas emoções que a pergunta dele trazia.

Ele parecia exatamente o mesmo, exceto pelas poucas linhas ao redor dos olhos e da boca.

Linhas de risada?

Ele era feliz?

Ela não ousou perguntar.

Caroline se lembrou de respirar.

“Suas irmãs a veneram... mesmo que não demonstrem”, ele ofereceu.

Só Jack havia compreendido verdadeiramente a relação dela com as irmãs... mesmo quando Caroline não o fazia. Memórias doces demais para serem descartadas rechearam sua mente. Na defensiva, ela as afastou e se agarrou ao aqui e agora.

Não era mais o trabalho dele sustentá-la.

Ela mudou de assunto. “De qualquer forma, obrigada mais uma vez por vir me resgatar na outra noite. Acho que você pode dizer que essa é minha tentativa de agradecê-lo... pensei que poderíamos encontrar uma forma de enterrar o passado.”

Ele sorriu. “Contanto que não seja em minhas costas.”

Caroline deu risadas. “Houve um tempo em que posso ter contemplado isso”, ela admitiu, “mas já passamos disso.... certo?”

O sorriso dele suavizou, seus lábios virando levemente nos cantos, mas o sorriso sumiu um pouco dos olhos. “Caroline”, ele começou, e ela se preparou para uma tensa conversa. Mas, então, ele pareceu pensar melhor do que quer que estivesse prestes a falar, e concedeu, “eu não gostaria de nada mais do que um recomeço para nós.”

Algo se agitou no estômago dela.

Ela queria lhe perguntar o que, exatamente, ele queria dizer com aquilo. A ideia dela de recomeço era tentar encontrar um meio termo onde eles não quisessem se matar, mas ela tinha medo de já saber o que ele estava propondo.

A brisa aumentou levemente e a vela piscou de forma nervosa entre eles.

Caroline não conseguia desviar o olhar dele. “Então... como está a Kelly?” ela se viu perguntando sem querer saber. Era impossível não saber sobre a vida amorosa de Jack. Apesar de todo o toque de classe, Charleston ainda era uma cidade pequena e a fofoca havia chegado claramente a ela em Dallas – mais pelos “amigos bem-intencionados” que pensavam que ela tinha o “direito de saber”.

Jack pegou o copo, tomou outro longo e substancioso gole e depois o levantou para mostrar à garçonete que ele já estava pronto para outra. Engoliu com força, como se mastigando mais do que apenas as palavras que queria dizer. “Nós terminamos.”

“Sinto muito”, Caroline disse automaticamente.

“Não precisa. Deveria ter acabado há muito tempo. E você? Algum negócio inacabado em Dallas?”

“Não.”

A única palavra deixou mil perguntas não-respondidas pairando no ar. Jack teve a cortesia de não perguntar nenhuma delas.

A garçonete lhe trouxe outro copo, e Jack se inclinou a ele cuidadosamente enquanto conversavam pelos primeiros depósitos de ostras na mesa deles. Quando o cozido saiu da cozinha, Caroline já estava cheia demais para comer qualquer coisa, mas beliscou a salsicha e o camarão. Ela percebeu que Jack evitava os camarões, até os empurrava um pouco na direção dela, recordando-se que ela gostava mais deles.

Um gesto de amor.

Ela preferiu pensar nisso como uma oferta de paz.

“Delicioso!” ela disse. “Obrigada!”

Ele assistiu a ela comer, seu olhar fixo na boca dela e Caroline tentando não se importar com o que ele estava pensando.

Ele se inclinou para a frente, e o coração dela titubeou com a proximidade. A mesa era completamente pequena demais, íntima demais. Mesmo com a brisa fresca, as mãos dela estavam úmidas. Borboletas se agitavam em seu estômago.

“Você está bonita, Caroline”, ele sussurrou.

Caroline engoliu o pedaço de camarão e, então, engoliu de novo, um nervoso bloco subindo em sua garganta.

A mão dele deslizou até a dela na mesa e pulsos elétricos se espalharam pelo corpo dela. Ela não se mexeu, não parecia conseguir.

“Jack...” Caroline protestou e tentou afastar a mão – tarde demais. Ele

esticou a mão, agarrando-a e a prendendo na mesa.

“Diga-me que você não tem pensado na gente”, ele exigiu.

Caroline balançou a cabeça, confusão enevoando seus sentidos. “Eu-eu não posso...”

“Não pode o quê?” ele perguntou, sua voz áspera e baixa. Ele a puxou mais para perto e Caroline não teve a força de vontade de resistir. Ele se inclinou para frente, seus lábios quentes e macios. O leve toque passou um calor instantâneo para ela, uma sensação de quero mais. O corpo dela se agitou e ela apertou as pernas fechadas, sentindo a agitação de desejo. Ela sacudiu a mão e se sentou de volta, inalando o ar para limpar a mente.

Jack simplesmente olhou para ela, o cenho franzido. Ele não se sentou de volta, não se moveu, simplesmente olhou para ela com um misto de decepção e tormenta.

“Você vai me fazer um favor?” ele se arriscou.

“Claro.”

“Preciso que você me prometa que será cuidadosa quando estiver indo e vindo... principalmente quando estiver sozinha.”

“Claro”, Caroline o assegurou. “Por causa da invasão?”

Seus olhos azuis a penetraram. “Não exatamente.”

O CASAL do final do cais, tendo terminado o jantar, passou por eles na saída, rindo juntos... daquele modo fácil que os amantes tinham um com o outro.

O modo como Caroline e Jack costumavam ser.

O álcool devia adormecer Jack, mas teve o efeito contrário. Machucava sentar tão perto dela e não poder tocá-la. Ele nunca havia parado de amá-la e sua sensação de dever lutava com seu coração. Se ela fosse qualquer outra pessoa, ele nunca iria considerar dizer o que queria dizer... o que ele se sentia forçado a dizer, apesar dos anos de comprometimento com o trabalho. Ainda assim, mediu suas palavras com cuidado, sabendo que estava prestes a passar dos limites.

Desde a invasão na casa dela, os pesadelos dele estavam lhe dando calafrios à noite. A propriedade das Aldridge ficava a uma curta distância do lugar do assassinato de Jones. Havia uma sensação crescente de temor em seus ossos da qual ele não conseguia se livrar. Se algo acontecesse à Caroline – ou às irmãs dela – porque ele escondeu o que havia descoberto com o médico-legista... bem, ele não conseguiria viver com isso.

Ele bebericou a cerveja, esperando pelo casal sair antes de continuar. “É só um pressentimento”, ele disse, assim que ficaram sozinhos, “mas é um bem forte, Caroline... não é seguro para ninguém ficar sozinho à noite”.

Ela deu risada. “Agora imagino que você vai se oferecer para ser meu guarda-costas?”

Ele não sorriu. “Estou falando sério.”

Caroline se enrijeceu visivelmente. “Por quê, Jack? Você acha que pode haver mais assassinatos?”

Jack tomou outro longo gole da bebida antes de responder, sentindo-se torturado até o fundo da alma. Ainda assim, não poderia se forçar a trair o distintivo. “Não tenho certeza”, ele disse. Mas aquelas três palavrinhas guardavam o inteiro bem-estar de uma cidade dentro delas e carregavam o peso de sua responsabilidade profissional. Ele era um oficial da polícia. Não era isso o que deveria fazer? Proteger as pessoas? Se não pudesse nem mesmo proteger a mulher que ele amava – que havia amado por quase toda a vida – para que diabos servia seu distintivo?

O pântano ao redor adquiriu um ar bem menos benigno.

A garçonete trouxe outra cerveja para o Jack sem ele ter pedido e ele esperou ela se afastar.

Caroline sentou mais para a frente. “Você está dizendo o que eu acho que está dizendo, Jack?”

Ele mediu as palavras com cuidado. “Moral da história... ainda não sabemos com o que estamos lidando.”

Mas Jack sabia confiar naquela sensação em seu âmago. Somente uma vez – na vida – ele não prestara atenção... e na manhã seguinte eles o haviam escoltado ao necrotério para identificar o corpo da mãe dele.

Julgando pela condição do corpo de Amy Jones, sua morte não havia sido perpetrada precipitadamente – não abastecida por raiva ou hostilidade. Não importa como olhasse para isso, não conseguia afastar a sensação de que o assassino havia sido interrompido... preparando o corpo para algo mais... que esse não era seu primeiro homicídio... nem seria o último.

Ele podia ver as engrenagens girando por trás dos brilhantes olhos de avelã de Caroline. “Você vai fazer uma coletiva de imprensa?”

Os ombros de Jack ficaram tensos. Ele já havia dito demais... e ainda não o suficiente. Preferia perder o distintivo a perdê-la. Cheio com a confusão, balançou a cabeça.

“Você não acredita que as pessoas têm o direito de saber?”

“Só há um corpo”, ele disse explicitamente, e se sentiu um hipócrita porque esse havia sido o motivo pelo qual alertara Caroline – assim ela poderia se proteger – mas falar com a mulher que ele amava era bem diferente do que deixar a cidade inteira em pânico.

Sua expressão de repente se transformou em fúria. “E a Amanda Hutto?”

“O que tem ela?”

“Ela está desaparecida, Jack!”

“Esse é o problema, Caroline. Ela está desaparecida. Você não pode tomar uma decisão sobre o destino de uma pessoa quando não tem corpo.”

As narinas dela se alargaram e Jack sentiu que ela queria falar mais.

“Você acredita que o desaparecimento dela está ligado ao caso Jones?”

Ele balançou a cabeça. “Não vejo o que uma estudante universitária de vinte e dois anos e uma garotinha de seis anos têm em comum.”

Os ombros dela estavam para trás e sua expressão revelava uma raiva sincera. “Você se lembra do Gaskins? As vítimas dele não tinham nada em comum!” Caroline sentou-se novamente na cadeira, jogando o guardanapo na mesa e qualquer tênue conexão que Jack havia sentido entre eles sumira. “Você pelo menos tem uma pista?” ela perguntou, um pouco mais calma agora, mas com uma rispidez que ele nunca havia notado nela antes deste segundo.

Na realidade, pela primeira vez desde que a encontrara – aos quinze anos – ele viu não a doce e suscetível garota pela qual havia se apaixonado e com quem quase se casou, nem a mulher que praticamente o havia deixado de pé no altar... nem o objeto de sua atual obsessão, mas uma completa estranha. “Talvez”, ele admitiu, calando-se. “Não posso dizer.”

UM ARREPIO repentino se lançou pela espinha de Caroline.

Apesar da brisa quente, ela desejava ter trazido um suéter.

O cricrilar dos grilos e o coaxo dos sapos eram de repente como sons da morte. A noite parecia ameaçadora, escura, e o cheiro sobre o qual ela havia se tornado ambivalente ultimamente se tornou asqueroso, como o odor indissolúvel de decadência.

Suas emoções pairavam perto da superfície.

Sua memória voltou àquele dia na praia com o irmão. E se fosse o Sammy que estivesse desaparecido agora? Ela se lembrou do rosto de Karen Hutto, cheio de agonia e dor. Havia uma cidade cheia de Karen Huttos lá fora

– todas prontas para protegerem seus filhos – se tivessem a informação correta. Ela não entendia a sensação de direito que arriscava o bem-estar dos outros.

O que quer que sentisse por Jack, havia sido tapado por um desejo devastador de fazer a coisa certa. Não, ela *precisava* fazer a coisa certa.

A garçonete retornou para perguntar ao Jack se ele queria outra cerveja, mas antes que ele pudesse responder, Caroline pegou a bolsa e caçou a carteira dentro dela, recuperando o cartão de crédito. Ela o entregou à garçonete, sorrindo com nervosismo, “O jantar é por minha conta”, ela anunciou, voltando-se para o Jack. “Pode deixar que eu pago.”

Ele pareceu traumatizado demais para protestar e a garçonete hesitou só por um instante antes de se afastar com o cartão de Caroline.

Caroline ficou de pé. “Obrigada pela conversa, Jack. Foi muito esclarecedora.”

Ele ficou lá sentado, olhando para ela, seus olhos azuis fechados, e Caroline estava perturbada demais para saber o que mais dizer. Ele parecia de alguma forma frio e removido, e neste momento, ela sentiu tudo menos isso. Cada nervo em seu corpo estava gritando e seu coração batendo como um punho contra sua costela. Ela não podia sentar lá e fingir que tudo estava bem.

Ela seguiu a garçonete para dentro para assinar a conta e deixar o Jack sentado sozinho, sem ousar olhar para trás e ver se ele a estava olhando enquanto saía. Tudo o que ela sabia era que dessa vez, não estava indefesa. Não tinha que se sentar à toa e assistir ao mundo ir para o inferno.

Somente um homem cego poderia ter perdido a gritante manchete na primeira página na edição da manhã do *Tribune*.

SEQUÊNCIA DO ASSASSINO DO RIACHO: AUTORIDADES TEMEM MAIS MORTES.

Jack olhou duas vezes para o display fora da estação Lockwood e caçou dinheiro no bolso para pagar por um único exemplar. Assim que o pegou nas mãos, entrou e jogou o jornal sem cerimônia em sua mesa, depois se sentou, xingando.

Ele não estava em sua mesa nem por vinte segundos antes que seu parceiro chegasse para lhe mostrar uma cópia do mesmo jornal. Jack o expulsou e bateu a porta. Don Garrison era um bom detetive, mas com sua natureza suavemente competitiva era um pouco como esfregar sal em um machucado no momento.

Ele entendeu por que Caroline se sentiu levada a alertar a multidão. A garota Hutto. Isso a atingira bem onde ela morava – na longa sombra da morte do irmão dela. Ela estava pensando com o coração, não com a cabeça.

Ele se sentou e respirou fundo enquanto retirava o celular do bolso. Mesmo antes de soltar o ar, estava discando o número de Caroline.

Sem resposta.

Ele não estava surpreso. Desligou e discou de novo e de novo, deixando uma mensagem somente após a terceira vez que ouviu a saudação curta e impessoal dela.

Talvez devesse ter esperado isso – e ele o teria feito com relação à mãe dela – mas essa era a Caroline. Apesar de sair de forma abrupta na noite

anterior, sua ação excludente o pegara de surpresa.

“VOCÊ NÃO ESTÁ qualificada para administrar este jornal!”

A voz de Frank Bonneau rugiu pelos tijolos das paredes do antigo edifício. Do outro lado das portas de vidro de seu escritório, Caroline conseguia ver que as cabeças estavam abaixadas na sala de redação, os membros da equipe se escondendo em seus cubículos como se estivessem escondidos em trincheiras, preparando-se para uma artilharia pesada.

Tendo sido incluída contra a sua vontade, Pam se sentou em uma cadeira no canto do escritório de Caroline, cabeça baixa, sem ousar falar uma palavra. Frank estava gritando tão alto e forte que mesmo as janelas do escritório dela estavam começando a embaçar. Dizer que ele estava chateado era uma declaração incompleta.

Caroline o deixou resmungar, sentindo-se pior pela Pam do que por si mesma porque ela havia esperado pela raiva dele. Por bem ou por mal, ela acreditava estar fazendo a coisa certa e estava preparada para defender sua ação.

Rosto avermelhado, sacudindo uma cópia do *Tribune* de hoje, ele continuou gritando, “Você faz alguma ideia do que o *Post* vai fazer com isso?”

O “isso” sobre o qual ele estava falando era a matéria de capa que Caroline havia passado no final da noite anterior após deixar o Jack. Colaborando com a Pam no horário final do jornal ir para a cama à meia-noite, ela havia dado a história e o nome do autor para Pam. Elas haviam trabalhado juntas a noite toda, até o último minuto possível, verificando informações e obtendo uma segunda fonte.

A partir do momento em que o exemplar chegou às bancas, os telefones começaram a tocar – o departamento de polícia, a nova fonte de Pam na polícia de Charleston, querendo ter certeza de que não seria identificado, Jack, estranhos aleatórios, outros repórteres querendo mais informações.

“Em todos os meus quarenta e tantos anos”, Frank estava gritando, “nunca vi jornalismo mais barato! Quem em sã consciência libera uma história dessa quando há apenas um corpo?! Parabéns, Sra. Aldridge”, ele disse. “Você vai apavorar a cidade inteira com base em uma especulação!” Ele balançou a cabeça em repulsa e atirou o jornal na mesa dela. “Eu nunca teria aprovado isso!”

“Então, deveria ter ficado ontem à noite.”

Em protesto pelas mudanças vindouras, Frank havia ido para casa cedo e Caroline excluiu uma das matérias de capa dele – não que ela tivesse tido a intenção de fazer algo pelas costas dele. Aquilo simplesmente havia acontecido, e ela não ligou para ele porque, bem, não queria um argumento.

“Não vou ficar de babá sua, e não vou passar meus últimos anos na sala de redação me irritando com uma garota metida a besta que pensa que sabe mais do que todo mundo porque estudou em uma universidade da Ivy League e trabalhou para um punhado de jornalecos sensacionalistas!”

“Nunca trabalhei em um jornaleco!” Caroline o assegurou, tentando manter a voz calma. “Cada jornal com o qual já colaborei recebeu reconhecimento da indústria. Isso é completamente injusto de se dizer, Frank.” Ela entendia os princípios do jornalismo e conseguia apoiar sua história. “Eu achei uma pista por acaso”, disse na defensiva. “Assumi a responsabilidade e minha fonte é cem por cento confiável.”

“Sua fonte é anônima!” ele gritou de volta, irritando-se novamente.

“Nós checamos com uma segunda fonte na polícia de Charleston, que verificou a possibilidade de um assassino em série ter sido discutida.”

“Surpresa, surpresa! Uma segunda fonte anônima!”

E agora Caroline estava ficando irritada. Ela já havia suportado o suficiente do ataque de raiva dele. “Nós o citamos de fundo! Isso é perfeitamente legítimo! Não é a mesma coisa que anonimato!”

“Você vai mesmo me ensinar sobre jornalismo?” ele perguntou, os olhos esbugalhados e o rosto ruborizado.

Caroline abaixou o tom da voz, percebendo quão alto havia ido para lhe responder. “Nomeamos ambas as fontes como detetives e Pam ligou para verificar tudo. Nós até corroboramos os detalhes com a colega de quarto.”

“Isso é outra coisa!” ele disse, seu tom de voz subindo novamente. Ele olhou para Pam. “Você ou a Pam escreveu essa maldita entrevista?”

Pam abaixou ainda mais a cabeça.

“Eu fiz a entrevista inicial, mas dei à Pam a história.”

“Você deu os créditos para ela quando você trouxe os detalhes chaves para esse pedaço de ficção especulativa?”

“Não! Pam tinha sua própria fonte na polícia. Eu só lhe dei a pista! Ela seguiu e escreveu a história.” Caroline estava perfeitamente determinada a aceitar a raiva dele por sua parte nisso, mas não ia deixá-lo descontar na Pam. “Considerando que eu sou a editora, não queria determinar um precedente ao

escrever a história sozinha.”

“Talvez devesse ter pensado nisso antes de dar uma história para uma jornalista inexperiente!”

“Que inferno, Frank! Você alguma vez já se importou em ler o currículo dela? Ela tem muita experiência e é boa pra caramba! Você nem lhe deu uma chance! Ela está esperando há dois anos para ser promovida à sala de redação! Até minha mãe esperava que você abrisse espaço para ela, mas você aparentemente é tão controlador que até a Flo tinha medo de ofendê-lo!”

Ele avançou e bateu o dedo indicador tão forte no jornal ofensivo que Caroline pensou que ele fosse quebrar o dedo. “Isso é jornalismo estenográfico da pior forma! Você vai arcar com as consequências disso aqui – não, correção! *Nós* vamos arcar com as consequências! O *Post* irá nos enforcar com isso! Vamos nos segurar pela pele de nossos dentes, aqui, e a única razão pela qual ainda não fomos à falência é porque as pessoas nos respeitam. Ainda temos uma marca distintiva nessa cidade, mas não se formos publicar bosta de vaca como essa!”

“Essa história não é diferente das mil que já li!”

“Esse é o ponto, Caroline. Somos melhores que isso! Isso é o papo furado de ‘ele disse, ela disse’! Se vamos publicar uma história como essa, você precisa levantar as mangas e fazer um jornalismo investigativo real! Identificar suas fontes, apoiá-las.” Ele balançou a cabeça. “Com relação a sua mãe... ela iria se revirar no caixão se soubesse o que você fez!”

Essa era a única coisa que Caroline não suportava ouvir.

Caroline se fortaleceu nos saltos, defendendo sua posição. “*Nós fomos* atrás da história. Falamos com a melhor amiga, corroboramos detalhes. Senti que era nossa responsabilidade informar ao público o que eu descobri. Você não acha que as pessoas têm o direito de tomar decisões sobre suas vidas com toda a informação disponível?”

“Que inferno!” ele explodiu. “Não é nossa responsabilidade alertar o público, Caroline – é nossa responsabilidade relatar as notícias de forma responsável! Eu nunca teria enviado essa história para a mesa. Se você quer administrar esse jornal como um pano para lavar louça, pode fazê-lo sozinha!”

Ele saiu fazendo barulho do escritório dela de modo repentino, batendo a porta e gritando obscenidades que nenhum escritório deveria jamais ouvir.

Caroline virou sua atenção para Pam. “Sinto muito por isso.”

“Ele está tão irritado”, Pam disse, levantando-se enquanto declarava o

óbvio.

Caroline estava irritada também, mas não pelas mesmas razões. “Ele vai superar isso.”

Pam parecia envergonhada, apesar de Caroline tê-la defendido, o que só fez Caroline se sentir pior. “Honestamente, nunca o vi assim.”

Caroline se sentiu confusa de repente. Ela havia reagido com raiva e medo. Será que havia abusado do poder que sua posição lhe dava? “Você pode ir”, ela disse.

No instante em que Pam saiu do escritório dela, o telefone tocou de novo – provavelmente Jack pela centésima vez. Após sua primeira mensagem, ela não se importou mais em falar com ele. Ele também estava irritado. Ele se sentia traído. Ela entendia isso, e havia se preparado para a raiva dele, acreditando que estava fazendo a coisa certa – mas, de repente, não estava mais tão certa. A veemência com a qual todo mundo parecia estar reagindo à história a pegou de surpresa. Ela sinceramente achava estar fazendo a coisa certa. Ao contrário do que alguns podiam pensar, não era apenas sobre vender jornais. Era sobre fazer algo que importava, e armar a comunidade – sua comunidade – para lidar com o que estava prestes a chegar.

Ela havia sacrificado Jack pela sensação de dever. De nenhuma forma ela o trairia por menos do que decência moral.

De novo o telefone tocou e ela o encarou, atendendo-o ainda hesitante. Ela ficou agradecida por ouvir a voz de Josh do outro lado. “Caroline?”

“Jesus! Graças a Deus é você!”

“Levando a culpa?”

“Você não iria acreditar em como!”

Houve um momento de silêncio do outro lado do telefone. “Não posso dizer que estou do seu lado. Na verdade liguei para perguntar onde você deixou a cabeça.”

Caroline se sentou na cadeira, sentindo-se totalmente derrotada. “Você também não!”

“Droga, Caroline... suas fontes são dois investigadores anônimos – você nem os nomeou como da polícia. Poderia pelo menos ter especificado que nenhum deles estava com o escritório da procuradoria da região. Eles poderiam apontar o dedo para mim!”

Caroline apoiou a cabeça na mão, uma sensação ruim acomodando-se em seu estômago. Ela havia reagido. Havia tomado a decisão no calor do momento. Não estava preparada para isso. Quando sua mãe redigiu o

testamento, certamente não esperava que Caroline fosse assumir a posição tão cedo. Talvez Caroline tivesse cometido um erro? E, pior, havia arrastado Pam a isso.

O tom de Josh, pelo menos, era gentil, mesmo se as palavras dele a fizessem se sentir mal. “Já estou ouvindo merda por causa disso. Você tem que revelar suas fontes”, ele pressionou.

A garganta de Caroline deu um nó. “Não posso, Josh.”

“Não pode ou não vai?”

“Não vou. Mas lhe garanto que ambas as minhas fontes são cem por cento confiáveis.”

“Jesus, você volta para casa por um mês e já fez mais mal para a minha política do que eu poderia ter feito com todos os meus dias cheirando maconha na faculdade.”

“Você não cheirou maconha na faculdade”, Caroline o lembrou, a voz vazia.

“Você sabe o que estou dizendo, Caroline. Se não revelar a fonte, eles podem supor que sou eu. Sou o mais próximo a você. Você tem que fazer isso certo.”

Se ela revelasse qualquer uma das fontes, ambas poderiam perder seus distintivos, e Pam havia prometido à fonte dela anonimato. Não seria correto revelar uma e não a outra. Deus, parecia que ela havia feito uma confusão de tudo. “Não posso, Josh!”

Houve uma longa pausa do outro lado do telefone. “Tudo bem, então... preciso ir.”

“Você está bravo?”

“Não bravo. Decepcionado. Vejo você hoje à noite.”

Ele desligou, e Caroline segurou o telefone na mão pelo instante mais longo, sabendo que assim que houvesse linha, iria tocar novamente.

Como algo que ela havia pretendido para o bem se transformara em algo tão errado?

NO INSTANTE em que Caroline chegou à rua, luzes azuis piscaram em seu retrovisor.

Consternada depois do dia que havia tido, ela tentou determinar que pecado no trânsito havia cometido nos quase quarenta e cinco metros desde que havia saído da garagem. Alguns olhares duros canalizaram sua ansiedade

em raiva.

Era o Jack.

Buscando um caminho no trânsito na hora do *rush*, ela encostou o carro assim que pôde, mas não antes de achar um bom lugar, relutante em atrasar os outros simplesmente porque Jack estava irritado com ela. Assim que parou, Jack encostou o carro sem identificação junto com o dela, estacionando em um ângulo que ficasse na frente dela como se para impedi-la de sair. Ele nem se importou em desligar a luz azul quando saiu do carro.

Imbecil.

Ele estava na porta dela assim que ela abaixou o vidro, o queixo dele imóvel com uma fúria que deve ter escalado com cada ligação ignorada durante o percurso do dia. Pela última conta, haviam sido treze. Ela tentou manter a raiva longe de seu tom de voz. “Você se importa em me dizer por que fui parada?”

O tom dele era frio e duro. “Carteira de habilitação, por favor.”

Caroline revirou os olhos. “Você só pode estar brincando!”

Se os olhos dele tivessem sido adagas, ela percebeu que seria uma mulher morta sentada atrás do volante do carro. “Habilitação!” ele ordenou.

“Ok, e agora... você foi rebaixado à guarda rodoviário?” Caroline estava exasperada, mas obedeceu, tirando a habilitação da bolsa e a entregando.

“Essa é uma possibilidade distinta”, ele lhe disse, apanhando a habilitação da mão dela. “Você compreende o que fez, Caroline?”

Agora começou.

Isso era exatamente o que Caroline estivera tentando evitar o dia todo. “Sim, Jack, sei o que fiz. Alertei o público para tomar cuidado já que vocês não parecem estar aptos a fazer o serviço.” Era injusto dizer isso, ela percebeu, mas não gostou da atitude dele.

Um músculo na mandíbula dele se agitou. “É isso mesmo?”

“Sim, pelo amor de Deus! Temos uma criança desaparecida e uma mãe que está traumatizada. Temos pelo menos um cadáver e razão para suspeitar que haverá mais – sim, eu acredito que é isso que estou fazendo!” Talvez não tenha feito da forma correta, mas estava tentando ajudar.

Algo no olhar dele suavizou. “Você se aproveitou do seu cargo”, ele reagiu. “Jesus, Caroline, você colocou palavras em minha boca!”

“Eu diria que você estava tentando se aproveitar do seu!” Caroline balançou a mão em protesto sobre ele pará-la no trânsito. “Que diabos é isso?”

“Acho que estamos quites.”

“Não, não estamos!” Caroline exclamou. “Você ainda tem muito o que compensar já que quer tanto!”

“Então é isso?” Seus olhos azuis brilharam com raiva renovada. “Porque você acredita que eu comi sua melhor amiga a dez anos atrás?”

“Deus, não!” Que ele ia reduzir tudo isso *àquilo* era intolerável. Caroline estava tentando desesperadamente fazer a coisa certa, e embora ainda estivesse irritada sobre aquela traição de outrora, aquilo *não* era o problema. Isso era sobre uma garota morta e uma criança desaparecida e vidas que logo podem estar destruídas para sempre.

“Não acredito em você”, ele disse. “Acho que é exatamente sobre isso – olho por olho!”

“Sério, Jack? Você acha que eu iria publicar uma história que afetou a vida de milhares só para me vingar de você? Eu superei essa baboseira há anos”, ela mentiu. “Isso não é sobre nós!” Pelo menos parte disso era verdade. Caroline nunca iria se vender a qualquer preço por vingança e nunca iria brincar com a vida dos outros. Sua noção de responsabilidade era grande demais. Ela era a filha mais velha, levada a cuidar das irmãs, levada a cuidar de tudo e todos cujas vidas possam ser impactadas por suas decisões.

“Como eu disse, não acredito em você. Acho que ainda está zangada e pode muito bem admitir isso.”

Caroline sentiu um calor tomar seu rosto.

Ela não estava prestes a admitir coisa alguma!

O carro dele estava parado bem no meio do trânsito e uma olhadela no retrovisor revelou expressões irritadas nos rostos dos motoristas que passavam. “Isso é hora e lugar para essa discussão?” Ela bateu no volante com o dorso da mão, perdendo a calma, perdendo a razão. “Estamos no trânsito da hora do *rush*, pelo amor de Deus!” Ela não conseguia lidar com isso. O dia inteiro dela havia ido à merda e noventa e nove por cento disso era culpa dela.

A expressão de Jack foi impenitente. Ele olhou para baixo para a carteira de habilitação dela. “Não dou a mínima para onde estamos. Há quanto tempo você está em Charleston agora?”

Caroline piscou, sentindo-se um pouco como um veado pego no farol do carro. Muitas coisas estavam acontecendo ao mesmo tempo. “Você sabe há quanto tempo estou aqui, Jack. Pare com isso!”

Ele estudou a habilitação dela do Texas, devolvendo-a; sua raiva anterior

parecia ter dissolvido em seus traços. “Você pretende continuar uma residente permanente do estado da Carolina do Sul?”

Caroline simplesmente olhou para ele, de repente compreendendo a direção que ele estava tomando com aquela linha de questionamento.

“Pretende?” ele insistiu.

Ela se ressentiu em ter de responder. “Relutantemente.”

Ele estendeu a habilitação dela. “Você tem quarenta e cinco dias do dia de residência para transferir seu registro”, ele disse em seu tom mais autoritário, “noventa dias para obter uma nova habilitação e entregar a antiga ao estado da Carolina do Sul”.

Caroline cerrou os dentes. “Muito obrigada pela informação. Agora se importa em me dizer por que me parou para início de conversa?”

“Placas de fora do estado”, ele declarou – diferente de Caroline, sua voz estava agora completamente desprovida de emoção. “É nossa responsabilidade verificar a situação do seguro do motorista e informações da placa do veículo, mas como você sabe, também houve um homicídio na área e é também meu dever parar veículos de fora suspeitos.”

Caroline sentiu uma pulsação na têmpora. “Você *ainda* é um imbecil!”

O olhar dele encontrou o dela e qualquer emoção que ele havia conseguido afastar do tom de voz estava visível lá mesmo no fundo de seus olhos azuis-safira. “E você ainda é uma riquinha mimada que não consegue tomar o lugar da mamãe e não sabe nada sobre quando parar de tentar!”

Ele sabia exatamente o que dizer para magoá-la.

Caroline agarrou o volante, forçando uma respiração pelos pulmões. Ela virou, lágrimas furando os olhos, escondendo a queimação reveladora. “É isso o que você pensa de mim?”

Ele não hesitou antes de responder. “Você alguma vez já me ouviu dizer coisas nas quais não acredito?”

Caroline apertou os olhos de forma acusadora. “Consigo pensar em pelo menos três palavras!” A essa altura, motoristas não estavam mais tão irritados pelo carro policial bloqueando o trânsito. Ela imaginou todos eles com pacotes de pipoca na mão, observando com interesse enquanto o policial e a transgressora discutiam como amantes. Até Pam dirigiu devagar, esticando o pescoço para ver o que estava acontecendo. Caroline estava envergonhada. Ela fingiu não vê-la. “Já acabamos aqui? Vejo as coisas com mais clareza agora.”

“Não. Não vê. Sua cabeça ainda está muito enfiada no rabo da sua mãe

para você conseguir ter uma visão mais geral daqui! Por bem ou por mal, você não apenas traiu a *minha* confiança. Eu lhe contei aquela merda porque *eu amo você* mais do que amo meu distintivo! Mas isso não importa! Você não só arriscou o trabalho da minha vida por uma história mal terminada; você apavorou aquelas pessoas. Você entende isso, Caroline?”

Caroline piscou, seu cérebro concentrando a atenção em três palavrinhas. “Há um assassino lá fora”, ela disse sem a mesma determinação. “Acredito que as pessoas têm o direito de saber que devem tomar cuidado!”

“Pode ter certeza absoluta de que elas o farão, porque você criou a atmosfera na cidade inteira. Da próxima vez que quiser sentar na cadeira da sua mãe, lembre-se disso! Você não é só uma repórter. A mamãe não pode consertar seus erros. Tudo o que você faz e diz tem um impacto agora! Isso é algo que sua mãe entendia claramente e aparentemente você não!”

A cabeça de Caroline começou a doer.

Assim como o coração dela.

Ela não conseguia nem contra-atacar porque, lá no fundo, estava começando a perceber que talvez tivesse realmente cometido um erro daqueles que abala a carreira. E a questão não era se iria sobreviver a isso, mas se o jornal iria.

Ela e Jack iriam sobreviver a isso?

Provavelmente não.

“Tenho novidades para você”, ele disse, acrescentando insulto ao ferimento, “você tem que percorrer um longo caminho antes de tomar o lugar da sua mãe. Não me importa se ela era Mamãezinha Querida a portas fechadas. Aqui fora, ela fazia a coisa certa. Sempre.” Ele jogou a habilitação de volta pela janela. “Dirija com segurança”, concluiu e se afastou, deixando a cabeça de Caroline martelando. Havia uma dor ainda maior na região do coração, mas ela não podia arcar com prestar atenção àquilo agora.

Ela tinha de consertar essa bagunça terrível.

Jack entrou no carro, desligou as luzes azuis, e se juntou à multidão no trânsito da hora do *rush*. Como lemingues se lançando de um precipício, as pessoas iam seguir aonde quer que a mídia os levasse. *Aquilo*, ele disse a si mesmo, era a verdadeira fonte de sua raiva – *aquilo*, e não o fato de que ele havia confiado em Caroline e ela havia traído sua confiança tão facilmente.

A verdade era que ele estava mais irritado consigo mesmo do que poderia estar com ela. Não deveria ter lhe dito uma palavra. Felizmente, ele não havia revelado nada que pudesse colocar em risco o caso.

Pelo amor de Cristo, ele havia admitido à Caroline que a amava.

Com sorte, aquela parte da informação havia ido além da compreensão dela, embora julgando pelo olhar de desorientação em seus olhos depois do que havia dito, ele não achava que ela havia perdido uma só palavra. Por bem ou por mal, ele já havia falado demais.

A bola agora estava com ela.

EM ALGUM LUGAR LÁ FORA, Caroline pensou que a mãe deveria estar adorando o espetáculo. Ponto feito! Sem mais jogar pedras de seu abrigo. Todo mundo era humano. Todo mundo cometia erros. E Caroline parecia estar fazendo bem mais do que lhe cabia. Mas aparentemente, seu dia ruim não estava perto de acabar.

Ela dirigiu para a entrada de carros e encontrou uma jovem mulher loira em uniforme da polícia sentada na parte de trás de uma velha Jeep Cherokee

vermelha. Caroline estacionou atrás dela, preocupada que algo estivesse errado. Do minuto em que voltara à Charleston, parecia que havia tido um drama atrás do outro. Ela saiu do carro, batendo a porta. “Posso ajudá-la?”

“Na verdade, não”, a mulher disse calmamente, olhando para Caroline enquanto ela se aproximava. “Só vim desabafar um pouco.”

E que pouco amplo era esse, Caroline não conseguiu deixar de notar. Ela estendeu a mão. “Eu sou a Caroline Aldridge.”

A mulher nem se importou em descruzar os braços e tudo o que estava faltando para completar sua atitude beligerante era uma bola de chiclete na boca. “Sei quem você é.”

Não havia muita paciência sobrando após a provação com o Jack, mas Caroline esperou ela falar – algo que a mulher não pareceu inclinada a fazer até que estivesse pronta. “Como está a janela dos fundos?” ela perguntou.

Confusa, as sobrelhas de Caroline colidiram. “Você está aqui para falar do arrombamento?”

“Não”, ela disse. “Embora espero que você tenha consertado. Aparentemente, há um assassino em série à solta... você ouviu falar?”

Irritação se rasgou em Caroline. “Eu disse ao Comandante Condon que minhas fontes são confidenciais. Não irei revelá-las. Não tenho mais nada a dizer!”

A mulher olhou Caroline de cima a baixo, medindo-a, olhos em chamas com o que Caroline interpretou como raiva. “Não estou aqui para descobrir quem vazou aquela informação. Já sei quem o fez, assim como todos os outros policiais. A única razão pela qual ele não foi suspenso a essa altura é porque ninguém quer ver um bom rapaz tomar uma acusação injusta, mas posso lhe dizer o seguinte... aparecer na casa da ex-namorada por causa de uma janela quebrada com metade da força policial não ajudou muito a causa dele. Mas, como eu disse, não estou aqui sobre o arrombamento. Estou de folga.”

Caroline estava cansada de joguinhos. “*Por que você está aqui?*”

Direto ao ponto, quem diabos era ela?

“Porque eu precisava ver a presunçosa Caroline Aldridge com os meus próprios olhos! Você nunca deu a mínima para o Jack naqueles tempos. Ainda não dá e ele parece não se importar que você arraste o coração dele por aí como um cachorrinho maltratado na coleira!”

Caroline ficou enfurecida. “Você deve ser a Kelly”, ela supôs em voz alta. “Diria que foi um prazer conhecê-la, mas por razões óbvias eu estaria

mentindo.”

Caroline começou a andar em direção a casa e Kelly saiu do carro. “Por que você voltou para cá?” ela perguntou. “Eu e o Jack estávamos finalmente bem até que você apareceu!”

“Bem não é a palavra que eu usaria”, Caroline argumentou. “Mas se a faz se sentir melhor, eu e o Jack não estamos juntos – não estivemos há dez anos e não vejo isso mudando. O que quer que esteja acontecendo entre vocês dois não tem nada a ver comigo.”

“Tem tudo a ver com você! Esperei pacientemente por dez anos! Dez anos enquanto ele se definhava por você!”

De repente, Caroline sentiu um ataque de piedade pela outra mulher. Mas não confiava nela. A última coisa que precisava neste momento era entrar em uma briga violenta com uma oficial de polícia – de folga ou não. Ela conseguia imaginar as manchetes agora. Ela fez o caminho até a casa, escapando. “Se você esteve com ele por tanto tempo, não é problema meu – é seu por se prender a um homem que obviamente não a ama. E, francamente”, ela acrescentou, apressando-se nos degraus, “se ele estava dormindo com você tão logo após nosso término, ele também não me amava!”

Chega de declarações de amor!

Felizmente, Kelly não a seguiu e Augusta abriu a porta abruptamente, vindo resgatar Caroline. “Que diabos está acontecendo aqui?”

“Nada”, Caroline disse, esperando que Kelly fosse embora.

Uma olhadela para trás a assegurou de que a convidada inoportuna estava partindo. “Vadia!” Kelly exclamou ao abrir a porta e entrar no jipe.

Augusta foi saindo da porta, mas Caroline a empurrou de volta. “Que diabos é isso tudo?” sua irmã exigiu.

“Nada! Tudo!” Caroline disse e correu escada acima, os olhos pinicando com lágrimas não derramadas. Ela havia segurado por tempo demais e levou cada parte de fortaleza que ela tinha para chegar ao quarto – o quarto da mãe dela.

Ela não era nada mais que uma impostora.

Lá fora, ouviu o som do jipe se afastando e se jogou na cama, encarando o teto enquanto as lágrimas caíam silenciosamente pelas bochechas – cada uma que ela havia negado desde o momento em que recebera a notícia da morte da mãe.

Ela chorou por cada segundo que havia perdido com a mãe. Chorou pelas palavras duras e oportunidades perdidas de resolver as coisas. Chorou pelas

memórias que já haviam sumido e aquelas que estavam desaparecendo – sorrisos que sua mãe uma vez havia lhes concedido e risadas que não haviam preenchido a casa por tempo demais. Chorou pelos anos que ela e as irmãs gastaram fugindo da dor e da tristeza – por todos os anos gastos fugindo uma da outra, porque encarar a outra era apenas um lembrete das coisas que nunca seriam. E, principalmente, chorou porque sabia que não importava quantas vezes se assegurasse de que odiava a mãe – e o Jack – o oposto era verdade.

A linha entre o amor e o ódio era muito, muito fina.

Por cerca de dez minutos, Caroline chorou com emoção desenfreada até que o Tango pulou na cama. Choraminguando com simpatia, ele a espiou, jogando o tênis da mãe no rosto dela. Caroline deu risada.

E, então, chorou um pouco mais.

Houve a tentativa de uma batida na porta e Augusta espiou quando Caroline não respondeu. “Você quer me contar o que aconteceu?”

Caroline se sentou, esfregando os olhos. Passou a manga da roupa no nariz escorrendo. Tango choramingou e lambeu os cílios dela e ela o afastou. “Na verdade, não, mas vou lhe dar uma versão curta.”

Augusta entrou e se sentou na cama, esticando o braço para puxar Tango do rosto de Caroline. “Eu aceito.”

Caroline suspirou. “Tem sido um dia de merda. Metade da cidade está irritada comigo. A outra metade está extremamente assustado – graças a mim. O Frank provavelmente vai pedir demissão. O Jack me odeia. E a horrível ex-namorada dele também!”

“Uau, e eu pensei que tinha sido duro para mim ficar com o inventário desse lugar idiota.”

Caroline teve um momento de confusão genuína. “Por que você está fazendo o inventário?”

Foi a vez de Augusta suspirar. “Porque se vamos restaurar essa casa estúpida, acho que devemos vigiar tudo.”

Caroline bufou. “Quer dizer, você quer dar ao ladrão gatuno, que você está pagando para destruir a casa, uma lista de afazeres, certo?”

Augusta deu risada. “Isso mesmo. Você me pegou.”

“Sim, bom, agora estou imaginando se o arrombamento não foi aquela psico lá fora procurando pelo Jack. Ele esteve aqui naquela noite, sabe, e ela perguntou sobre a janela hoje à noite. Soou um pouco como uma ameaça.”

“Ela ameaçou você?” Os olhos de Augusta se abriram com indignação. “Só eu posso fazer isso!”

Caroline caiu na gargalhada.

“Acho que devemos uma ligação à polícia”, Augusta disse. “Aquela vaca idiota teve muita coragem de vir aqui!”

Caroline deu de ombros. “Não, não quero fazer isso.”

“Mas você fará”, Augusta exigiu. “Ou eu farei. E eu vou fazer parecer muito pior do que foi, então se quiser que a justiça seja feita, você fará por si mesma.”

“Jesus”, Caroline disse, mas deu um sorriso. “Você se tornou um belo cão de guarda, Augusta!”

Pela primeira vez desde que havia voltado à casa, Augusta deu um sorriso genuíno. “Você é minha irmã”, ela disse com sinceridade e se esticou para afastar uma mecha de cabelo do rosto de Caroline.

Foi o primeiro momento delicado do qual Caroline conseguiu se lembrar entre elas desde a infância.

Ela queria abraçar Augusta, mas muitos anos de separação a impediram de estender a mão. Ainda assim, seu tom de voz era mais suave quando falou, “Tudo bem, vou ligar. Você vai mesmo restaurar essa monstruosidade?”

O sorriso de Augusta subiu em um canto e seus olhos brilharam com travessura. “A menos que eu encontre um jeito de queimar isso tudo e ainda sair com o dinheiro.”

Caroline deu risada. “Bem, leia as entrelinhas primeiro, ou vamos todas acabar com nada. Parece que a mãe planejou tudo, exceto a estupidez de suas filhas.”

Ela estava falando sobre si mesma, mas Augusta interpretou mal. “Não se preocupe, Caroline. Não vou fazer nada estúpido. Posso alimentar muitos haitianos com vinte e sete milhões de dólares.”

Caroline levantou a sobancelha, tentando um sorriso. “Com o seu terço disso de qualquer forma.”

Augusta deu um sorriso forçado. “O quê... você não quer doar sua parte da heranças para vítimas de terremotos?”

Caroline suspirou, agarrando o tênis de debaixo do queixo de Tango e jogando-o no chão. Não que ela se importasse mais que estivesse perpetuamente em sua cama. Ela já tinha aceitado que era o jeito do cão de lidar com a ausência da mãe, mas a conversa delas estava desviando para território incerto. “Temos desastres naturais aqui também, sabe?”

“Eu sei”, Augusta respondeu e esmoreceu em um momento de silêncio.

Sua irmã parecia tão distante ultimamente, tão pronta para desaparecer

em algum lugar longe, bem longe. Caroline imaginou como alcançá-la.

Augusta mudou de assunto abruptamente. “Que cê acha de a gente levar aquele vira-lata maluco para uma caminhada?”

“Nah... não tô com ânimo.” Caroline se deitou na cama.

Augusta ficou de pé. “Mas eu estou”, ela reagiu. “E você não vai deixar sua irmãzinha sair perambulando pela floresta onde há um assassino à solta.”

As sobrancelhas de Caroline colidiram. “Deus! Você também, não!”

O sorriso de Augusta voltou. “Vai, uma caminhada fará bem a nós duas. Olhe aquele pobre cãozinho”, ela sugeriu. “Se isso não é uma pista, não sei o que é.”

Tango ficou de pé na frente delas, o tênis de corrida suspenso pelos cadarços na boca. Ele choramingou lamentavelmente e Caroline se forçou para levantar. “Tudo bem, tudo bem”, ela demonstrou piedade.

Cento e oitenta metros antes de alcançar as ruínas da casa antiga, a estrada de cascalho de ostra fazia uma bifurcação em uma travessa estreita que levava à casa da Sadie. Como a estrada para a casa principal, nunca havia sido pavimentada e provavelmente nunca seria. De acordo com o testamento, tudo do desvio até o riacho Secessionville agora pertencia à Sadie, e tecnicamente as ruínas ficavam nas árvores e nos grossos arbustos do lado da estrada que era da Sadie.

Quando Caroline tinha dez anos, sua mãe considerou doar parte da propriedade à Cidade de Charleston, inclusive a casa do capataz – onde Sadie morava – junto com as dos escravos e uma boa porção dos pantanais ao redor. Hoje, nada havia sobrado das moradias dos escravos. As fileiras de casas de madeira haviam sido completamente demolidas, muito para o desânimo da Sociedade Histórica. Flo fez uma demonstração pública do legado deles, chamando-o de um “gesto de boa vontade contínua”. Mas Caroline pensou que talvez ela tivesse feito isso em parte para agradar Augusta, que havia começado a mostrar uma paixão pelas causas de direitos civis. Agora tudo o que restava das estruturas originais era a casa do capataz e os destroços queimados da casa original.

O sol estava se pondo e as sombras crescendo, como espectros se espremendo de cada fenda e fresta. O vento sussurrava segredos há tempos esquecidos e o cheiro do pântano estava forte no ar.

Caroline tinha certeza de que só estava assustada devido às recentes notícias, mas não conseguia evitar concluir que a inocência era uma casualidade óbvia de conhecimento. Quanto mais se afundava em manchetes,

menos conseguia enxergar bondade autêntica no mundo. Talvez essa fosse outra razão pela qual Flo havia se isolado das filhas? Para protegê-las?

Ao passarem pela estrada de cascalhos, Augusta a examinou, estremecendo. “Não sei como ela ainda vive lá.”

Caroline olhou para o fim da estrada, onde a varanda azul de Sadie mal estava visível.

Augusta contorceu o rosto em um disfarce de confusão. “Não parece incomodá-la que sua cama esteja bem no mesmo quarto onde uma vez dormiu um homem que batia nos escravos.”

Caroline não podia mudar o passado, então não se importava em cultivá-lo. Tudo o que podia fazer era garantir fazer parte da mudança para melhor.

Tango fungou o chão com interesse.

Augusta se virou para andar de costas, encarando os massivos carvalhos guarnecidos com barba-de-velho. “Quero dizer, a mãe viu nossas raízes aqui, nossa história – eu vejo *Raízes* – a minissérie!”

Sabendo que não valia a pena se juntar à Augusta, Caroline concordou com a cabeça para mudar de assunto. Ela realmente achava que Augusta passava tempo demais ressentindo o passado e fugindo dele.

Como isso era diferente de Caroline passando anos se ressentindo de Flo – e Jack – pelos erros do passado?

Se pudesse ser completamente honesta consigo mesma, ela havia usado a leviandade do Jack como uma razão para cair fora porque temia acabar como os pais dela – solitários e amargos – e completamente sozinha no final. As palavras de Jack machucaram principalmente porque elas eram na maior parte verdade.

Tango parou abruptamente, latindo na direção da floresta.

Augusta se virou e parou.

Elas viram o homem escondido no arbusto ao mesmo tempo.

Instintivamente, Augusta se moveu como proteção até Caroline e Caroline puxou um pouco a coleira de Tango. O pelo nas costas dele ficou de pé e um arrepio desceu pela espinha de Caroline.

“Noite”, o homem disse.

Provavelmente na casa dos trinta e cinco, ele era facilmente um dos homens mais atraentes que Caroline já havia visto. Seu cabelo loiro ia até o ombro e parecia um pouco com fio de ouro sob o brilho do sol decrescente. Ele tinha uma barba rala de uma semana que em qualquer outra pessoa poderia parecer desleixado. Nele, com aqueles olhos azuis angelicais e um

sorriso que parecia genuíno e fácil, fazia com que ele parecesse Jesus.

Por um momento, ela pensou que ele pudesse estar embalando uma bola de futebol na mão, mas ela conseguia ver agora que era um tênis.

Tango continuou latindo.

“Noite agradável”, o homem disse quando nem Caroline ou Augusta responderam.

Ele ficou de pé cerca de quinze metros de distância e não fez tentativa alguma de se aproximar, mas o pelo na nuca de Caroline pinicou vagamente – assim como o de Tango.

Augusta olhou para ela, confusão em seus fundos olhos azuis.

Turistas às vezes chegavam por acaso na propriedade delas, atraídos pelos marcos históricos e os túmulos dos Confederados próximo dali. Quando crianças, havia sido uma ocorrência comum trombar com estranhos, mas neste momento, tudo parecia mais sinistro. Simplesmente saber que havia um assassino lá fora, em algum lugar, mudava tudo, e embora Jack pudesse culpá-la pela mudança no humor da vizinhança, a verdade era que esconder a verdade não mudava os fatos: alguém havia matado uma garota a uma distância curta da casa delas e Amanda Hutto ainda estava desaparecida.

Caroline se curvou para acalmar Tango, afagando seu quadril. “Você não percebeu que isso é uma propriedade privada?”

O estranho jogou o tênis de um lado para o outro entre as mãos. “Sim”, ele disse, parecendo um pouco envergonhado. Ele sacodiu os ombros. “Desculpe por isso... eu estava checando as ruínas lá atrás.”

Augusta se inclinou para sussurrar. “Jesus Cristo, ele é muito lindo!”

Caroline a ignorou. Não se importava com quão bonito o cara fosse. Essa não era a hora de confiar cegamente em estranhos. “Tudo bem”, ela disse. “Não foi nada, mas se você não se importa...”

“As ruínas são propriedade privada também?” Ele levou o tênis para a altura do quadril e o segurou ali enquanto esperava pela resposta dela.

O vento se deslocou entre as árvores e outro arrepio correu pela espinha de Caroline. “Sim.”

“Interessante”, ele disse e apontou na direção da estrada Fort Lamar. “Estou alugando uma casa lá no final da estrada, avistei as ruínas enquanto estava correndo.” Ele deu de ombros e levantou o tênis, como se para destacar a coincidência. “De qualquer forma, aqui está.” Ele se inclinou para trás e sem aviso jogou o tênis na direção delas.

Augusta levantou as mãos para segurá-lo, mas Caroline nunca tirou os

olhos do estranho. O tênis silvou passando por sua cabeça e ela estava vagamente ciente de que Augusta o havia pego.

Tango se virou e choramingou, cheirando o tênis, então se virou de novo para latir para o intruso. Esse era todo o incentivo de que Caroline precisava para ficar bem longe dele.

“Imaginei que pudesse pertencer a uma de vocês”, o cara ofereceu. “Tênis caro... e quase novo. Alguém deve ter perdido por aqui.”

“Obrigada!” Augusta disse com um aceno amigável. Caroline olhou rapidamente para o tênis e outro arrepio percorreu sua espinha. Era o outro pé do tênis que Tango estava carregando na boca a semanas.

Tango de repente disparou na direção do estranho, impiedoso nas latidas, e Caroline o puxou de volta pela coleira, o coração dela tropeçando.

Quantas mulheres inocentes morreram porque não confiaram em sua intuição?

Neste momento, a dela estava gritando.

Caroline olhou diretamente nos olhos dele e ele pareceu ler os pensamentos dela. Ele sabia que ela havia reconhecido o tênis. Ela podia ver o reconhecimento nos olhos dele.

“Bom, acho que já vou indo. Vocês duas tenham uma boa noite”, ele disse e sorriu com simpatia antes de se virar e passear na direção das ruínas sem olhar para trás.

Caroline o observou partir, relutando a lhe dar as costas. “Augie... você está com o seu celular?”

Tango parou de latir quando o cara desapareceu na floresta, mas o pelo em seu dorso ainda estava desordenado, assim como os nervos de Caroline.

Augusta pareceu genuinamente confusa e alheia à importância do que havia acabado de acontecer. “Sim, sempre o tenho à mão, por quê?”

“Porque é o tênis da mãe”, Caroline lhe disse.

A confusão de sua irmã foi levada ao tom de voz. “Este tênis?” Ela virou o tênis, inspecionando-o, checando a sola. Exatamente como o cara havia dito, era quase novo, e a não ser por um pouco de lama na sola, não parecia ter estado na floresta por muito tempo. Augusta olhou do tênis para Caroline, dando de ombros. “E?”

“É o outro pé do tênis com o qual Tango tem corrido por aí.”

Augusta contorceu o rosto. “Você está exagerando, Caroline! Está se assustando com sua própria imprensa. Chame de pressentimento, mas aquele cara não é um assassino! E, adivinhe só, ele se foi agora – sem nem mesmo

me dar seu telefone!” Augusta riu, mas Caroline não compartilhou do divertimento dela.

Não havia sinal do estranho, mas as sombras estavam se afundando mais a cada segundo e já era o suficiente de caminhada para Caroline. “Sim, bom, como você perde um tênis de corrida na floresta?”

Augusta lhe deu um sorriso travesso e levantou as sobrancelhas. “Para começo... talvez a mãe não estivesse correndo?” Ela fez um gesto em direção ao estranho que havia desaparecido. “Sem dúvida, se aquele cara estivesse na minha frente, eu perderia felizmente mais do que meus tênis!”

“Alguém tentou invadir o escritório da mãe”, Caroline a recordou.

“Mas não o fizeram! Pense com clareza, Caroline. Mesmo se há um assassino à solta, por que diabos ele iria arrombar nossa casa, roubar um tênis estúpido e então nos encontrar na floresta para devolvê-lo?”

Colocado dessa forma, soava absolutamente ridículo, mas Caroline não conseguia afastar o desconforto. “Para nos alertar, talvez?”

Augusta deu risada. “Sim... isso é muito engraçado. Desde quando assassinos alertam suas vítimas? Vai... vamos passar sua teoria para o nosso futuro prefeito. Josh deve estar em casa a essa hora e a Sadie ficou cozinhando o dia todo.”

O ARTIGO de Caroline rendeu a Jack uma enorme advertência.

O Comandante Condon bateu a porta em sua teoria, alertando-o para fazer seu trabalho sem perpetuar rumores de um possível assassino em série – isso incluía dentro do departamento. Ninguém duvidava de que o caso Jones era um homicídio premeditado, mas haviam dito a Jack para trabalhar com o que ele tinha: Um corpo. Uma morte. Um assassino.

A essa altura, eles estavam acertando zero em evidência forense, mas ele ainda estava esperando os testes do laboratório. Se Jones tivesse sido violentada sexualmente, pelo menos teriam DNA no qual trabalhar.

Afogar alguém sugeria crime de paixão – o ato de segurar a vítima debaixo d’água, a luta. Era uma forma íntima de matar alguém. Normalmente, uma razão para o sufocamento era a fúria e sua vítima não era uma estranha. Ainda assim, o osso hióide no pescoço de Jones ainda estava intacto, o que significava que nenhuma mão ou amarras haviam apertado a garganta da vítima com raiva. Era tudo muito frio e calculado.

Durante a autópsia, encontraram evidência de cianose e hemorragia

petequial nos olhos, e manchas de sangue ao redor da boca e do nariz – todos sinais de asfixia. Também encontraram água nos pulmões, o que sugeriu que Amy Jones provavelmente morreu após entrar na água.

Enquanto ele esperava pelos relatórios do laboratório, checkou a base de dados do Programa de Apreensão de Criminosos Violentos (ViCAP), cruzou referência com asfixia, estrangulamento, manual, não-manual, corante azul, nudez – nada. Embora nem todas as agências de oficiais da lei contribuíssem com o banco de dados de crimes violentos do FBI, a maioria o fazia, e parecia que, apesar da sensação crescente e corrosiva na intuição de Jack, não havia sinal do assassino no radar de ninguém. Ainda assim, o crime parecia metódico demais para ser um incidente isolado. Se houvesse uma pista aqui em algum lugar, Jack era obrigado a encontrá-la.

CAROLINE HAVIA ESQUECIDO que o Josh estava vindo para o jantar.

Nas poucas semanas desde que as garotas haviam retornado à casa, já haviam mais ou menos caído em uma rotina. Quartas eram o “dia de visita à cozinha” da Sadie. Ela havia decidido que devia pelo menos um dia por semana se familiarizar de novo com os bebês aços inoxidáveis, algo como crianças perdidas em uma batalha de custódia. Com o dinheiro que Sadie havia herdado, Caroline tinha certeza absoluta de que ela poderia bancar uma melhoria na própria cozinha, mas percebeu que era a forma de Sadie tentar mantê-las todas juntas – pelo menos uma noite por semana.

Hoje à noite, ela havia feito feijões vermelhos e quiabo, um prato Gullah distinto que saudava as raízes de Sadie – junto com a Centáurea Azul que sentava do lado de fora da casa dela e sua varanda azul, que ela alegava manter os espíritos ruins fora da casa dela. Caroline pensou que talvez devesse ter pintado o rosto de azul, porque Josh estava lhe dando um olhar diabólico. Ela supôs que talvez ele ainda estivesse preocupado que seria acusado como sua fonte.

Caroline se recusou a reagir. Empurrando o arroz vermelho pelo prato, pensou sobre o tênis da mãe, imaginando como ele havia parado na floresta perto da casa da Sadie.

Claro, Augusta estava certa; era ridículo supor que alguém iria invadir para roubar um tênis estúpido e então ficar de emboscada só para devolvê-lo... mas Caroline não conseguia afastar a sensação de que havia mais ao tênis. Infelizmente, essa não era a única coisa difícil que ela tinha de mastigar

hoje à noite. Havia Kelly... e Jack... e Frank... e, ah, ela não podia se esquecer da Pam. Caroline havia arrastado a pobre garota longe demais. Realmente, a essa altura, era mais fácil listar as pessoas que não estavam irritadas com ela.

Todo mundo riu com algo que Josh disse, mas Caroline não ouviu, embora eles estivessem todos repentinamente encarando-a. Seu garfo congelou na frente da boca. “Hã?”

Com um sorriso, Savannah explicou, “Josh jura que a mãe deve ter jogado aquele tênis na Sadie.”

Embora ela estivesse sorrindo também, Sadie balançou a cabeça e afastou a ideia. “Sua mãe não iria jogar um maldito tênis em mim, hein!”

“Nem mesmo para enxotá-la de um certo alguém nas manhãs de sábado enquanto eles estavam tentando trabalhar?” Josh imediatamente se afastou da mãe, antecipando o tapa brincalhão que ela lançou em sua direção.

“Isso não é nem engraçado!” Sadie afirmou.

“Nós sabemos que você gosta dele, Mama”, Josh persistiu. “Não adianta negar.”

Sadie se levantou da cadeira na ponta da mesa, empurrando a cadeira de volta com irritação aparente. Lançou um olhar penetrante ao Josh. “Quem eu gosto ou não gosto não é do interesse de nenhum de vocês, viu?” Pegou o prato e espanou o prato de Josh da frente dele também. “Vocês são todos um bando de vagabundos mal-agra-decidos!” declarou, balançando a mão pela mesa inteira. “Não sei por que suporto vocês.”

Augusta deu um sorriso forçado e entregou o prato. “Porque você nos ama.”

Savannah entregou o prato também, seu sorriso tão aberto quanto os de Josh e Augusta.

Caroline se levantou para ajudar.

“Covardia”, Josh disse sob a respiração enquanto Caroline se apressava atrás da Sadie. Foi a primeira coisa que ele lhe disse a noite toda, e embora o tenha feito como brincadeira, ela sabia que havia uma rispidez para sua provocação.

Sadie lhe deu um tapinha em cima da cabeça ao passar por ele. “Ela está fazendo o melhor que pode. Você faça o seu trabalho e a deixe em paz!”

Josh recuou. “Sim, senhora”, respondeu, mas assim que Sadie e Caroline chegaram à cozinha, a sala de jantar explodiu em risada.

Na pia, Sadie agarrou o prato das mãos de Caroline. “Garotinha, não deixe ninguém lhe dizer como fazer seu trabalho, viu?” ela aconselhou. “Sua

mama a deixou encarregada daquele jornal por uma razão.”

Sadie não tinha como entender a bagunça que ela havia feito de tudo, mas até aquele instante, ela não havia percebido quanto precisava ouvir aquelas palavras. Pela segunda vez hoje, as lágrimas ameaçaram.

Sadie esticou o braço, segurando Caroline pela mão. “Ouça, criança. Sua mãe amava você! Talvez não soubesse demonstrar isso enquanto estava viva e respirando, mas é assim que ela está mostrando agora.”

Os grandes olhos pretos de Sadie estavam cheios de amor e seu sorriso era o mesmo que ela havia lhes dado quando criança sempre que levavam um tombo nos cascalhos, arranhando os joelhos.

As palavras ficaram presas na garganta de Caroline. “Mas o Josh...”

“Não se preocupe um minuto com meu filho! Neste momento, ele não está preocupado com nada além de si mesmo e não foi assim que o criei! A verdade é que ele provavelmente já superou isso, mas não vai lhe ajudar a sair dessa situação tão facilmente, viu?”

Caroline exibiu um sorriso, percebendo que a Sadie provavelmente estava certa. Josh gostava de ver as pessoas se contorcerem.

Sadie lhe deu um tapinha na mão. “Ouça, não posso fingir saber por que você fez o que fez, Caroline, mas tenho certeza de que teve seus motivos, e eu sei em meu coração que você sempre fará o que é certo. Está no seu sangue!”

Caroline concordou com a cabeça, engasgando na emoção.

Sadie soltou a mão dela e lhe deu um abraço bem necessitado.

Caroline secou as lágrimas no ombro dela ao abraçar Sadie de volta, e lá no fundo sentiu uma pontada de culpa por estar aliviada que era sua mãe que estava descansando eternamente no Cemitério Magnolia e não a Sadie.

Sadie se separou do abraço abruptamente e foi até a geladeira, rindo de forma suave para si mesma ao puxar uma torta de limão, revelando-a para Caroline. “Vamos ver por quanto tempo aquele garoto vai manter a boca fechada quando tiver que pedir um pedaço disso para você!” Ela entregou a torta para Caroline e pegou uma faca de servir da bancada, piscando de forma conspiratória.

Caroline riu. “Você é tão má!”

Sadie pegou uma pilha de pratos de sobremesa. “Criança, como diabos você acha que eu sobrevivi nessa casa por tanto tempo?”

Ela e Caroline compartilharam um sorriso torto e então voltaram à sala de jantar juntas, onde Josh resistiu aproximadamente trinta segundos antes de ser

só sorrisos e bajulações com Caroline para que ela lhe desse o primeiro pedaço gordo de torta de limão.

Sadie deu um sorriso para Caroline que dizia simplesmente eu-lhe-disse.

Caroline entrou no escritório na manhã seguinte para encontrar duas coisas em sua mesa: uma cópia da edição da manhã do *Post* e a carta de resignação de Frank.

A manchete de hoje na primeira página do *Post* trazia:

ASSASSINO DO RIACHO DE SECESSIONVILLE: EX-PADRE INTERROGADO.

Caroline olhou bem a foto do homem que a polícia havia levado para interrogar e seu coração deu cambalhotas até a garganta.

Ela leu a manchete uma segunda vez com uma sensação crescente de terror. E, então, agarrou a bolsa, puxou a carta de Frank e o jornal e saiu correndo do escritório, parando na recepção tempo suficiente para dar instruções à Pam: ligue para a colega de quarto da Amy Jones, ligue para a polícia de Charleston, verifique os fatos do *Post* – embora ela soubesse que a reportagem do *Post* seria sólida.

Ela havia estado tão preocupada com sua própria agenda, em contar uma história em particular, que havia perdido completamente as notícias reais. O *Post* havia feito um furo de reportagem, mas isso não era o pior. Ela havia estado tão preocupada com sofrimento e repartir uma torta de limão que colocara em risco as pessoas que mais amava.

Obviamente, Frank já havia saído e ela iria lidar com ele mais tarde, mas neste momento, tinha de falar com o Jack, porque o ex-padre – aquele que eles estavam segurando para interrogatório – era o mesmo homem que havia jogado o tênis da mãe delas para Augusta na noite passada.

Por que ele teria o tênis da mãe dela, ela não sabia. Os pormenores não

estavam exatamente funcionando em sua cabeça, e nada disso fazia o menor sentido, mas ela deveria ter chamado a polícia. A salvação é que eles o tinham sob custódia – não graças a ela ou o *Tribune*! Mas ela sabia que o Jack iria compreender. Ele era bom em seu trabalho. Diferentemente dela, pelo que parecia.

No caminho até a garagem, Caroline ligou para o Jack primeiro, mas ele não estava disponível, então ligou para Augusta e leu o jornal em voz alta para a irmã de dentro do carro.

“Jesus, eu estava de saída para o almoço!” ela disse, a cabeça ainda vacilando após ler pela segunda vez. “Diz que a vítima ligou para a colega de quarto do celular do Patterson! Como pude perder essa? Tudo o que eu precisava era fazer as perguntas corretas. Por que não o fiz, Augie?”

“Não seja tão dura consigo mesma”, Augusta reagiu. “Não acredito que aquele homem bonito seja um assassino!”

“Lúcifer era o mais bonito das criações de Deus! Foco aqui comigo, Augie – estou tendo um momento sério de auto piedade! Eu perdi tudo – meu Deus, o assassino daquela garota estava bem na minha frente, nem quinze metros de distância de nós ontem à noite!”

“Suposto assassino”, Augusta corrigiu. “Use seu lado de repórter investigativa, Caroline. Ele não é culpado até que provem em um tribunal de justiça.”

“Meu Deus – e se eu não tiver um lado repórter? E se eu for uma fraude?”

“Caroline”, Augusta reprovou, “você está sendo ridícula. Você tem uma educação mais sólida do que a mãe já teve e você vem de um jornal de família que data de gerações. Você está ouvindo com o coração, não com a cabeça.”

Augusta tinha razão.

Sua mãe havia sido uma especialista em se separar das emoções. Chame de transtorno dissociativo de personalidade de alto nível funcional se quiserem, mas ela havia conseguido sair da depressão paralisante e analisar fatos duros e frios – pelo menos pelo bem do trabalho. Ela tinha, na realidade, conseguido olhar além de suas próprias perdas traumáticas para ficar a serviço da comunidade. Caroline não conseguia nem olhar além da tragédia de Karen Hutto!

Ela estava deixando suas emoções colorirem todas as decisões que fazia, e não estava enxergando o geral. “E se eu não conseguir pensar com a cabeça?”

“Quando você parou?” Augusta reagiu, como se fosse um pensamento perfeitamente ridículo.

Caroline pensou nisso por um tempo e encontrou uma nova dor de cabeça se instalando. No canto da garagem, atrás de uma coluna, ela percebeu movimento, e olhou mais de perto.

Tinha alguém ali?

Era só sua imaginação.

Patterson estava na cadeia, ela se recordou.

Trancou a porta mesmo assim e encostou na janela, colocando a mão na testa, encarando o jornal tão de perto que sua visão míope se estabilizou em duas palavras: EX-PADRE INTERROGADO. “Aquele homem não parecia um padre para mim”, Caroline disse queixosamente.

“Ele não parecia um assassino também”, Augie disse com convicção.

“Bom, tenho que ir”, Caroline disse. “Daqui a pouco ligo de novo. Tranque as portas!” ela acrescentou calorosamente.

“Pare de se preocupar”, Augusta reagiu. “As portas já estão trancadas, Caroline.”

“E, por favor, garanta que a Savannah esteja em casa!”

“Sério? Devemos colocar nossas vidas em espera e nos trancar porque há um louco lá fora?”

Mesmo aqui no estacionamento escuro, pessoas estavam indo e vindo, completamente distraídas de qualquer perigo.

“Tome um calmante, Caroline. Somos grandinhas. Ficaremos bem.”

“Você está certa”, Caroline cedeu e desligou, com a intenção de dirigir direto ao departamento de polícia. Em vez disso, ela se viu fazendo um retorno e indo ao único lugar que pensou que nunca iria retornar.

ENFIADO PERTO dos bancos do rio Cooper, o Cemitério Magnolia era tudo menos esquecido entre os carvalhos antigos e inclinados. Os vazios pedaços de terra restantes pertenciam àquelas famílias que podiam traçar sua linhagem até quando notícias da Marcha ao Mar enviou mulheres à cama com os vapores. O cemitério agora continha trinta e cinco mil corpos, incluindo dois mil soldados Confederados, cinco governadores e quadro senadores americanos – um sendo o Senador Robert Samuel Aldridge II.

O pai de Caroline.

Reunidos em morte, seus pais descansavam lado a lado sob a sombra de

um antigo carvalho... pacífico... como se nunca tivessem existido.

A árvore, que certamente havia vivido dias melhores, estava corcunda agora, com membros cansados que afundavam no chão como se ansiando descansar ao lado dos habitantes da Magnolia. No lado sul, seus galhos eram um pouco mais esparsos. Sem dúvida antes de haver leis para proteger esses gigantes decíduos, uma parte da vasta rede de raízes havia sido mutilada durante a cavação de túmulos ao redor. Agora, como cicatrizes que se recusaram a cicatrizar, haviam crostas lenhosas onde imensos membros haviam vivido, atrofiado e morrido. No lado norte, barba-de-velho se unia ao aglomerado mais grosso de galhos como cortinas grisalhas, fazendo a árvore pesar para baixo bem parecido com uma velha arqueada se esforçando sob o peso de seus jovens. Era nesse lado que sua mãe havia sido colocada para descansar.

O olhar de Caroline caiu para o túmulo do outro lado do terreno da mãe... um pedaço de terra vazio reservado para o irmãozinho delas.

Nunca seria preenchido.

Mesmo após as autoridades terem parado de procurar por Sammy... muito depois que houve a remota chance de que ele pudesse ser encontrado vivo... sua mãe havia pago para ter o contorno da praia cavado por quilômetros.

Seu corpo nunca foi encontrado.

Caroline percebeu que haviam flores em seu túmulo – gipsófilas e rosas na cor pêssego curtidas de sol – recente o suficiente que ela ainda conseguia dizer que cor as pétalas tinham tido em vida. Flo nunca havia mencionado suas visitas ao Magnolia. Aparentemente, ela havia se afligido aqui sozinha até seu último dia, compartilhando segredos com ninguém. Saber aquilo não fazia Caroline se sentir nem um pouco melhor.

O sol claro da manhã penetrou a massa grossa de ramificações acima, derramando luz manchada por sobre os túmulos aos seus pés.

O solo sobre o terreno de sua mãe já estava começando a se assentar, a cor rica de lama recém transformada dando espaço para a terra. Ela olhou ao redor, inspecionando a fileira de túmulos. Os de sua mãe e irmão eram os únicos à vista que tinham flores frescas. Outras urnas seguravam rosas de plástico desbotadas, mas a maioria não tinha nada. Mesmo o próximo parentesco daqueles enterrados aqui estavam provavelmente mortos, enterrados e esquecidos. E assim que as flores na urna da mãe dela tivessem morrido, reduzidas a pó... junto com aquelas no túmulo do Sammy, elas iriam descansar tão vazias e esquecidas como o pedaço de terra do pai.

Ela e as irmãs não eram do tipo que passeavam por cemitérios.

Caroline não acreditava em marcar um horário para visitar pesar e desespero. Acreditava em seguir em frente, produzindo um amanhã melhor... mas aqui estava ela.

Por quê?

Ela pensou que de alguma forma pudesse criar uma conexão com a mãe morta simplesmente por ficar de pé em seu túmulo? Encontrar respostas que a escaparam ao encarar um pedaço de terra? Por que diabos esperava por isso quando ela e Flo nunca haviam tido a menor das conexões enquanto Flo ainda estava viva?

E, mesmo assim, ela admitiu, que nunca havia precisado da mãe mais do que neste momento... quando parecia que estava mais perdida para ela.

Inspirando de forma profunda e estremeando, Caroline se virou para andar de volta ao carro, sentindo-se um pouco tola e muito negligente. Ela havia vindo aqui sem mais nem menos, e embora Patterson estivesse preso e sendo questionado pelo assassinato de Amy Jones, Augusta estava certa, até que o julgassem culpado sem sombra de dúvida, um cemitério isolado onde poucas pessoas se aventuravam não era lugar para se ficar sozinha.

Ela entrou no carro, enfiou a chave na ignição e dirigiu, dessa vez indo direto à delegacia de polícia para reportar a visita da noite anterior de um certo ex-padre. Em algum momento, pretendia contar ao Jack sobre a visita de sua ex-namorada também, mas neste instante, havia sido completamente ofuscada por Patterson.

Ela fez o caminho saindo do cemitério, olhando uma última vez pelo retrovisor... mas nunca viu a figura olhando para ela por trás de uma cripta próxima.

Ian Patterson não se comportava como um homem que estivesse preocupado com uma acusação de homicídio. Ele estava sentado em silêncio na sala de interrogatório, respondendo perguntas sem se esforçar. Nem perdeu a calma mesmo com as perguntas principais. Na realidade, ele parecia, até onde Jack podia ver, um homem que estava genuinamente querendo cooperar. Seu rosto praticamente ficou verde quando Jack revelou as fotos detalhadas de Amy Jones, a lividez da autópsia transformando sua pele leitosa em manchas roxas azuladas e avermelhadas onde a gravidade juntou o sangue nas regiões mais baixas. A menos que ele fosse um ator bom pra caramba, não era o cara deles.

Por outro lado, não parecia um padre puritano também. Alto e magro, com cabelo sujo, um cavanhaque à la Van Dyke, óculos de sol escuros da marca Lennon e uma argola pequena na orelha, ele fazia Jack se lembrar mais de um baterista que cheirava maconha – o queridinho em uma banda famosa.

Sem piscar, ele concordou em passar pelo polígrafo, e, no final, não conseguiram segurá-lo, eles nem tinham causa provável para fazer uma busca legal em sua casa uma vez que ele tinha um álibi durante o tempo da morte de Jones. Aparentemente, ele estava no show da banda de uma namorada em Windjammer.

Eles tinham registros telefônicos para ligá-lo à vítima, testemunhas que o colocaram em um posto de gasolina próximo com a vítima por volta das oito da noite – duas horas e meia antes do assassinato real – e impressões digitais na traseira do carro dela – perto de seu tanque de gasolina, tudo consistente com a história dele. A evidência era puramente circunstancial e o cara tinha

zero motivos até onde Jack podia ver – se eles estavam lidando com um único homicídio.

Patterson alegou que Jones havia ficado sem gasolina. Aparentemente, ele morava na área e estava de saída pela noite e a encontrou andando pela estrada Fort Lamar no escuro, então, deu uma carona para ela até o posto, comprou uma lata de gasolina e a levou de volta ao carro dela para esvaziar o conteúdo em seu tanque – bem direto. A história de bom samaritano do cara checava em cem por cento. Ele até tinha recibos e registros do cartão de crédito para fechar uma linda evidência escrita.

Nada disso acrescentou.

Após o liberarem, Jack colocou alguém para segui-lo e retornou à cena do crime para fazer outro acompanhamento. O time da cena do crime já havia estado no cais e na área ao redor com um pente-fino, mas ele conseguia pensar com mais clareza sem um exército de pessoas sob os pés.

Sua intuição lhe dizia que ninguém que estava prestes a cortar a língua de uma garota e estrangular a vida dela iria lhe emprestar o celular – não uma, mas duas vezes – com uma ligação repetida para a colega de quarto da garota, dando seu verdadeiro nome às duas. Na realidade, foi a colega de quarto que havia lhes dado o número de telefone do Patterson para começar. Só um idiota arrogante iria tentar aquele tipo de sorte e, por fim, arrogância era estupidez. Patterson não pareceu estúpido ou arrogante ao Jack.

Nenhuma ligação foi feita do celular da vítima após às 19h05, o que deu credibilidade ao fato de que seu telefone estava sem bateria. Eles o encontraram no chão do banco do passageiro no carro abandonado dela.

Às 21h17, a colega de quarto de Amy ligou para ela, perdida e procurando o endereço que ela havia lhe dado, então de novo às 21h19, 22h24 e de novo às 22h27. Todas as quatro ligações não foram atendidas. Irritada, a colega de quarto voltou ao posto de gasolina para esperar, torcendo para que Jones retornasse a ligação. Por cerca de trinta minutos, ela disse que ficou sentada no posto, em seu carro, ao telefone, discutindo com o namorado, até que a conversa acabou aproximadamente às 23h03 – tudo verificado por registros telefônicos – depois disso a colega de quarto fez mais uma tentativa de encontrar a casa. Dessa vez, achou o carro de Amy em uma entrada para carros e, perto das 23h30, ela se aventurou ao redor, mas não viu Amy, então retornou ao carro dela e chamou a polícia.

O primeiro oficial a responder apareceu à meia-noite e meia – uma hora inteira após a colega de quarto ter ligado por ajuda – não era surpresa

considerando algumas das políticas acontecendo em James Island. O corpo de Amy foi encontrado à meia-noite e quarenta e três. A hora da morte colocada aproximadamente às dez e quarenta da noite – muito provavelmente enquanto a colega de quarto havia ficado ocupada discutindo com o namorado no posto, o que significava que perdera o assassino por pouco.

Deitada na água amena e rasa, o corpo dela ainda estava quente quando Jack chegou à cena cerca de uma e meia da madrugada. Rigidez cadavérica havia apenas começado.

Agora ele estava de pé no deck, estudando a cena de forma crítica, encarando a brilhante fita amarela da polícia que ainda estava intacta, exceto por um pequeno pedaço que oscilou na brisa perto do ponto de entrada estabelecido.

Ele olhou para baixo, para a área ao lado do cais.

Quando o corpo da Amy foi encontrado, estava deitado perto do cais, metade escondido pelo capim-da-praia e enrolado em um poste do cais. Com o carro dela estacionado em frente, era certeza de que ela não havia flutuado até a costa, mas não encontraram fluidos do corpo no cais nem sinais de uma briga por ali, o que significava que qualquer luta teria acontecido no riacho.

Ele fez uma nota mental para checar as tabelas da maré e se ajoelhou para olhar debaixo do cais, apenas para ter certeza de que não estavam esquecendo nada – sem pedaços de roupa ou nós do cabelo na madeira despedaçada.

Ele olhou para a água e a lama fedorenta.

O odor, ele sabia, era um fermento maduro – resultado de estados de água quente, bactéria, e matéria orgânica em decomposição no clima úmido e quente, mas apesar da vida que proliferava dentro do solo escuro, úmido e macio, ele fedia como morte e decadência. Não importa que o time da cena do crime tivesse tomado cuidado para não atrapalhar nada, a sujeira cinza nunca secava entre as mudanças de maré, e traços da forma da garota já haviam se desgastado. Tudo o que havia sobrado a essa altura era a leve depressão onde pequeninos camarões valsavam. As únicas pegadas remanescentes perto do corpo eram as dele. Havia sido impossível tirar o corpo sem criar algumas marcas, mas a água estava funda o suficiente que o constante movimento já havia levado as marcas também. Um pouco mais fundo, a terra era tão molhada e pantanosa que era conhecida por puxar as botas dos pés das pessoas. Andar nela não era fácil e requeria roupas especiais ou botas bem apertadas. Era um pouco como areia movediça... se você afundar até os tornozelos e lutar, pode acabar afundando até os joelhos...

Parecia que o assassino a havia simplesmente deitado de modo gentil... sem muita luta... provavelmente com a ajuda de um clorofórmio que eles encontraram no sistema dela. Ele a havia despido, amarrado seus pés e mãos e a posicionado precisamente para um show macabro, e graças às técnicas promovidas nas séries de crime no horário nobre, ele sabia o suficiente para minimizar a probabilidade de evidência.

Haviam traços de sangue no corpo dela e nos cabelos, um pouco no leito do riacho e no estômago dela. Mas não parecia perto do suficiente. A língua estava cheia de vasos sanguíneos, então ela teria sangrado abundantemente – se cortada enquanto ainda estava viva. Talvez não tanto se ele tivesse cortado a língua dela após a morte. Mas a fita sobre a boca não parecia algo que ele faria após a morte, e Jack não conseguia vê-lo removendo a fita e colocando-a novamente. As roupas dela podem ter absorvido um pouco do sangue, mas como estavam sumidas, era impossível avaliar quanto exatamente. Qualquer coisa que não tivesse acabado nas roupas poderia ter acabado no riacho, levado pela maré.

Será que o assassino cortou a língua fora antes ou depois que ela estava drogada? Antes ou depois que ele a havia matado? Por que cortá-la? Por que a tinta?

O cara precisava vê-la morrer, Jack percebeu – cada etapa do processo, do instante em que ela começou a perceber que não conseguia respirar ao pânico e dor que ela deve ter sentido – ele precisava sentir tudo... até o instante em que os vasos sanguíneos explodissem nos olhos dela.

Ele esperou os olhos dela estarem se agitando abertos antes de empurrá-la para a água rasa?

Por alguma razão, o ato o recordava de um tipo de batismo.

Debaixo d'água, o assassino não conseguiria vê-la tão claramente – principalmente à noite. Mesmo com a lua cheia, ele teria precisado estar perto para ver... talvez estivesse montado nela... pairando a um sopro de distância para poder sentir o batimento cardíaco dela parar?

Ele esfregou os olhos. Algum dia, ele precisava dormir.

Levantou-se, afastando-se, precisando de um cigarro – isso era algum milagre? Ele não estava mais tentando parar pela Caroline, disse a si mesmo ao alcançar o bolso, puxando seu último filete de chiclete. Estava fazendo isso por si mesmo, porque detestava o hábito. Ele desembulhou o filete e o colocou na boca, mastigando de maneira ponderada.

À distância, o farol da Morris Island estava abandonado... um sentinela

solitário, guardando o canal... como um soldado desarmado. Há muito tempo retirado de serviço, foi vagarosamente sendo devorado pelo Atlântico.

O canal poderia ser perigoso. Os pequenos recessos nos riachos eram como veias parecidas com teias de aranha, ambos puxando a vida dos pântanos e lavando-as de volta. Mesmo com a maré baixa, o meio do riacho era fundo o suficiente para acomodar um barco de bom tamanho... um que pudesse facilmente lidar com caixas acústicas tocando muito alto ou os rios e estuários espiralados ao redor da Morris Island. Mas você não precisaria de um barco grande para manobrar pelo pântano salgado... se soubesse aonde ir.

Supostamente, a vítima estava aqui tirando fotos, mas nenhuma câmera havia sido encontrada. A única indicação de que ela havia, na realidade, tirado fotos era a bolsa da câmera no banco de trás do carro, cheia de lentes e filme. Ele nem havia percebido que as pessoas ainda usavam aquelas coisas na era digital, mas aparentemente, ela era uma estudante talentosa de filme e fotografia com trabalhos expostos em algum lugar no centro da cidade. Eles procuraram por toda a área, esperando encontrar a câmera, mas ela havia sumido.

Jack estudou a paisagem.

As casas ao redor eram cercadas por florestas – propriedades caríssimas – não muito próximas das outras. A estrada Backcreek, apropriadamente nomeada, era cercada pela água com uma única entrada pela estrada Fort Lamar. Atrás da estrada Backcreek, ficava o Fort Lamar – três acres de terrenos isolados que pertenciam à cidade e incluíam fortificações que datavam de 1862... muitos lugares para se esconder. E as ruas... alinhadas com árvores enormes e enroladas ficavam pretas como carvão ao escurecer, abafando a luz da visão.

A colega de quarto não se lembrava de ver nenhum barco ancorado atrás da casa naquela noite... nenhum carro veio pela estrada isolada.

A casa em si havia sido examinada, embora não houvesse sinal de entrada forçada e nada lá dentro indicasse a violência que havia acontecido lá fora.

Será que o assassino de Amy Jones não havia querido deixar o corpo como havia feito, bem possivelmente interrompido por uma estudante de vinte anos procurando por sua colega de quarto ausente? Se fosse o caso, como e onde ele havia pretendido levar o corpo?

Eles enviaram helicópteros para fazerem um aéreo do pântano salgado... mas a paisagem ao redor era inalterada. Por enquanto, o pântano salgado estava mantendo seus segredos.

Ele encarou o ancoradouro à distância com seu telhado de lata parecido com uma torre. A luz forte do sol cintilava na superfície.

O cais das Aldridge era de longe um dos mais longos na área. Ele serpenteava por quatrocentos e cinquenta metros do pântano salgado. Ele poderia jogar uma pedra na direção da casa da Caroline e acertar. Sua proximidade à cena do crime fez seu estômago se revirar.

A tentativa de arrombamento na Oyster Point havia ocorrido na noite seguinte – não havia muita chance de o assassino ainda estar na área, mas deixava Jack um pouco desesperado por respostas...

Para os outros, essa não era uma corrida contra o tempo. Jack não concordava. Ele sentia isso no âmago.

A atenção ao detalhe – a total falta de evidência – dizia a Jack que essa não era a primeira matança do cara, e o fato de que não haviam outros corpos era meramente um testemunho ao fato que o assassino sabia o que estava fazendo.

Mas ele estava sozinho nessa. Nem mesmo Garrison, seu parceiro, estava perseguindo as mesmas pistas.

O mais próximo que ele havia chegado de um caso como esse havia sido uma matança de bebedeira alguns anos atrás – nada como o assassinato de Amy Jones. Um verdadeiro assassino em série não atacava simplesmente três postos de gasolina diferentes e atirava nos atendentes, ele precisava de tempo ocioso... tempo para planejar... tempo para garantir que cada movimento fosse orquestrado à perfeição... assim não poderia ser pego. Mas talvez, após um tempo, alguns deles pensassem que não poderiam ser pegos... talvez se esse cara estivesse fazendo isso a um tempo, estivesse ficando arrogante. Pessoas arrogantes tomam atalhos, e pessoas que tomam atalhos cometem erros.

Quem mais iria morrer antes que seus erros o revelassem?

Caroline estava certa sobre uma coisa: obedecer às regras do jogo era um luxo que você não tinha quando vidas estavam em risco.

Duas poderiam estar naquele jogo...

“ESTOU surpresa que você ainda esteja aqui”, Caroline brincou, embora no minuto em que saiu de sua boca, percebeu quão estúpida a observação era. Frank Bonneau era o tipo de homem que fazia tudo de acordo com as regras. Se ele dava um aviso de duas semanas, cumpria seu tempo, mesmo se tivesse

que engolir antiácidos a cada hora para fazê-lo.

Ele olhou para ela pelos bifocais que haviam sido colocados e removidos tantas vezes que estavam tortos além de reparo. Claramente infeliz com a tentativa estranha dela de conversar, ele voltou a examinar o espelho de composição, tentando determinar onde colocar histórias, ignorando-a.

Caroline havia tido um dia cheio – nenhuma parte gasta no escritório. Ela só poderia ter feito isso com alguém como o Frank no lugar – alguém que sabia o que estava fazendo – alguém que ela confiava. “Podemos conversar?”

“Fico feliz em ouvir”, ele disse. “Acho que já disse mais do que o suficiente a essa altura.”

Claramente, ele não estava feliz com seu ataque ontem, embora tivesse sido justificado. Enquanto Caroline ainda acreditava que havia agido de boa-fé, tinha de admitir que havia se comportado mais como a filha da chefe do que a chefe. “Você conversou com o Daniel?”

“Não”, ele disse, soando confuso. “Por que o faria?”

Que ele não havia corrido para reclamar para o advogado delas a surpreendeu e impressionou. Deu-lhe ainda mais determinação para mantê-lo a bordo. “Bom, porque eu não quero que você se demita.”

“Deveria ter pensado nisso antes de ter me questionado.”

“Sinto muito, Frank.”

“Deveria sentir.”

Ele não ia ter nenhuma piedade, Caroline percebeu, mas ela estava pronta para se prostrar aos pés dele, e falava sério. “Aprendi uma lição valiosa e espero que possamos consertar isso, porque percebi hoje quanto preciso de você. Não estou pronta para administrar esse jornal sozinha.”

A atenção dele foi recobrada e ele abaixou a caneta, olhando para ela, ouvindo agora.

“Percebo como minha mãe conseguia ser o rosto e a voz do *Tribune*... é porque ela tinha você, Frank.”

“Ela não exatamente perdia tempo com trabalhos secundários”, ele protestou, claramente desconfortável com o elogio. “Sua mãe estava envolvida com cada aspecto”, ele lhe disse. “Ela só não administrava meticulosamente suas pessoas – principalmente não eu – e não tentava fazer tudo sozinha. Você não pode ser a editora, escritora, vendedora, contato da mídia e empregada da comunidade, Caroline. Você contrata pessoas boas e confia nelas para fazerem o trabalho assim você pode focar o seu.”

Quanto às repreensões, era bem básico, mas Caroline criou coragem por

ele estar falando com ela no geral – e era claro que ela precisava dos lembretes. Todas essas coisas ela sabia, mas de alguma forma quando chegava a hora de fazê-las, havia esquecido rapidamente cada uma. Encorajada, ela se aventurou a entrar no escritório dele e se sentou na cadeira de frente à mesa. “Quero que você me ensine a ser tão boa jornalista como minha mãe era.”

“Sua mãe não era boa, ela era ótima!” Ele levantou a caneta e a bateu de leve na mesa, parecendo considerar o apelo dela. “Você sabe que mesmo quando estávamos lutando nossa batalha de pior circulação, e foi sugerido que devíamos ir atrás do *Post*, sua mãe se recusou a se engajar com imprensa marrom? Ela aprendeu as lições dos erros de homens como Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst. Sua mãe conhecia esse negócio de todas as formas possíveis. Se quer ser parecida com ela, vai precisar de séria dedicação”, ele disse, “sem nenhum ego. Você consegue isso?”

Caroline piscou. Na verdade, achava que estava muito insegura de si mesma, mas diria qualquer coisa para fazê-lo ficar a essa altura.

“Preciso que você confie no que sabe”, ele continuou, “e confie em eu saber quando me intrometer e ajudar”.

“Soa fácil o suficiente.”

Ele levantou uma sobrancelha branca desordenada como se não acreditasse muito nela. “E eu preciso que você confie que estou aqui pelo bem do jornal, e se eu levantar a voz, você irá ouvir – não necessariamente fazer o que digo”, ele esclareceu, “apenas ouvir. Isso era tudo o que sua mãe havia prometido”.

“Se eu concordar... você fica?”

Ele grunhiu. “Eu devia pedir um aumento.”

“Frank, eu não sabia como chegar aqui e entrar no lugar da minha mãe”, Caroline confessou. “Pensei que eu precisava comandar respeito, mas entendo agora que você já estava pronto para dar – que eu tornei isso algo sobre nós, quando deveria ter sido sobre o jornal. Sinto muito por isso. Por favor, fique?”

Ele abriu um sorriso torto. “Espero que você *nunca* escreva outra história durante meu exercício neste jornal. Não me importo com quanto talento tenha como jornalista. Você não pode enxergar o geral se está afundada até os joelhos no fosso!”

“Ok, então diga-me... qual é a primeira coisa que você acha que eu preciso mudar em meu papel como editora?”

Ele balançou a caneta para ela. “Simples. Entendo que você queira levar esse jornal em uma direção completamente nova, mas antes de ir a toda velocidade por aquele portão, aprenda como fazer tudo isso à moda antiga.” Ele a estudou por um momento. “Você entende o que faz a maior parte das notícias atuais nada mais do que jornalismo taquigráfico?”

Caroline queria revirar os olhos, mas lidar com uma pequena tormenta e a lição ocasional sobre jornalismo básico era um preço baixo a pagar para mantê-lo feliz, ela decidiu. “Os repórteres estão simplesmente fazendo anotações?”

“Isso mesmo!” ele rugiu. “Esse é o problema com o jornalismo de rua.”

Uma pequena parte dela realmente se sentiu aliviada por ter acertado a resposta. Por mais básicas que as lições do Frank parecessem, não iria machucá-la exercitá-las em seu cérebro. Como Jack já havia apontado, isso não era um teste. Não havia ensaios.

“É tudo um bando de merda de ‘ele disse, ela disse’ piegas!” ele ralhrou. “Um idiota escreve uma coisa no Twitter e outro idiota repete isso no *HuffPo*. Quando sua mãe e eu chegamos a esse negócio, você tinha de levantar as mangas e ir atrás da sua história. Por isso, eles chamavam de jornalismo investigativo.”

Caroline tentou abafar o sorrisinho surgindo no canto da boca. “Então, você vai ficar?”

Ele olhou para ela de forma especulativa. “Você vai me deixar cuidar de preencher meus próprios espaços de notícias?”

Caroline não queria perder controle total. “Eu tenho alguma influência?”

“Você confia em mim?”

Caroline piscou.

Lá estava a palavra de novo. Confiança. Não era algo que ela tinha em abundância. Ela estava acostumada a cuidar de si mesma, e nunca havia permitido mesmo o menor fragmento de sua vida sair do controle. “Sim”, ela disse, e falou sério. Mas ia levar uma séria conversa diária com o espelho.

“Tudo bem”, ele cedeu, “mas chega de fontes anônimas a menos que seja o único modo que elas possam contribuir – e só se nós dois concordarmos. Tudo o que temos é respeito e temos de preservá-lo a todo custo.”

“Negócio fechado. Ensine-me como ir atrás de uma história à moda antiga – e à Pam. Ela quer aprender.”

“Ela não é tão ruim”, ele admitiu. “Li os textos dela.” Ele inclinou a cabeça um pouco enquanto considerava o pedido. “Não é mau mesmo – só

teve uma merda de professora.” Ele sorriu de repente, seu rosto se dividindo de orelha a orelha.

Ele a estava provocando, ela percebeu. Ela sorriu de volta.

“Tudo bem, então deixe-me lhe dizer como começamos.” Ele se levantou repentinamente e saiu do escritório. Alguns minutos depois, voltou com a Pam e o Brad em seus calcanhares.

Caroline se levantou, oferecendo a cadeira à Pam, deixando Frank ficar no centro do palco.

Frank ficou de pé atrás da mesa. “A primeira coisa que fazemos”, ele disse para todos presentes, “é descobrir um pouco mais sobre esse tal de Patterson. Ele é um ex-padre”, falou, apontando para o Brad. “Descubra onde e por que ele é um ex. Quero saber se ele é local – se não, quero saber de onde é. Quero saber o que ele faz para se sustentar agora e quero saber que cor era a merda dele da última vez que cagou.”

Pam deu um risinho e o olhar dele a pegou. “Você acha que estou sendo engraçado?”

Assustada, Pam balançou a cabeça.

“Bom”, ele continuou, apontando para Pam. “Você tem uma fonte na polícia, então siga esse caminho, descubra por que eles soltaram o Patterson. Também fale com a colega de quarto novamente – descubra cada mínimo detalhe que ela sabe – veja se há algo que o *Post* pode ter perdido!”

Caroline tinha de admitir, havia um ar de empolgação simplesmente em ouvir à urgência na voz dele. “E depois o quê?”

Ele bateu na mesa com o dedo indicador. “Então, todos nós nos encontramos bem aqui e discutimos o ângulo que vamos tomar. *Juntos.*”

“Tudo bem”, Caroline disse.

Ele bateu as mãos juntas. “Vamos!”

Ambos Brad e Pam se apressaram a sair do escritório dele de uma vez – como baratas se dispersando ao pisar de um pé – mas Caroline hesitou.

“Você também!” ele disse com falsa censura.

“Obrigada”, ela falou e se virou para sair, mas não antes de identificar o brilho revelador de umidade nos olhos dele. Ela não se atreveu a virar de novo, de alguma forma sabendo que ele não ia querer que ela o fizesse.

“Que tal uma trégua?”

Após uma semana sem notícias do Jack – mesmo após ela ter preenchido o relatório sobre Patterson – Caroline tinha que admitir que era um alívio ouvir o tom de sabichão da voz dele do outro lado da linha. Mas ela tinha muito orgulho para simplesmente parar de lutar. “Você não me vê balançando nenhuma bandeira branca!”

“Não”, Jack reagiu, “eu que estou”.

Caroline ficou silenciosa do outro lado da linha. Ela tinha ficado olhando os relatórios financeiros que Daniel havia lhe trazido para revisar, mas seus olhos estavam vidrados e agora que Jack havia ligado, seu cérebro havia oficialmente jogado a toalha e desistido pelo dia.

“Mas eu já esgotei de cartões gratuitos Saia da Cadeia depois disso.”

Ela sabia que o tom dela soava irado, mas não conseguia evitar. “Você esgotou?”

“Não acabamos de concordar em uma trégua?”

Caroline revirou os olhos. “Não acho que chegamos tão longe.”

“Claro que chegamos”, ele a assegurou. “Sinto o cheiro de banquete conciliatório e você deve estar com fome – são seis e meia.”

Eles iam mesmo fazer isso depois de quase dez anos?

Havia muito que Caroline queria – precisava – conversar com ele, mas não estava prestes a sentar aqui e tentar se convencer que seu interesse em vê-lo era puramente profissional. Não era. Ela queria vê-lo. A semana que passou havia sido horrível, pensando que ele nunca iria perdoá-la. “Um pouco”, Caroline admitiu, colocando os relatórios na mesa e empurrando-os

de lado.

“Bom”, ele disse, “porque você está mesmo magra demais”.

“Qual é o problema com o meu peso? Estou começando a achar que você, Sadie e Rose Simmons todos se juntaram para conspirar sobre como me engordar assim ninguém vai olhar para mim de novo. Essa é a sua ideia de vingança?”

“Confie em mim”, Jack disse. “As pessoas estão olhando.”

Um sorriso cansado se curvou nos lábios de Caroline. “Pessoas?”

“Bom, só sei de uma pessoas.”

Ele estava flertando com ela... e era uma sensação boa.

“Pessoa”, ela corrigiu, mordendo a isca, embora soubesse que ele estava incitando o escritor interior. “Pessoas é plural.”

O tom de voz dele pegou um timbre contido, como um advogado na sala de audiência. “Eu cordialmente discordo, Srta. Aldridge. Pessoas pode ser singular também. E quando eles dizem, ‘ei, ela é boas pessoa.’”

Caroline levantou a sobrancelha. “Quem são eles?”

“Eu disse eles? Quis dizer eu.”

Caroline riu. Deus, ela sentia falta do gracejo fácil dele. Ela sentia falta dele – ainda mais do que ousava admitir. “Nunca ouvi você falar isso antes!”

“Claro que eu digo – digo o tempo todo”, ele a assegurou. “Venha jantar comigo hoje à noite e eu vou provar. Vamos discutir sobre a nova editora do *Tribune* e eu, com certeza, irei lhe dizer como ela é boas pessoa.”

Não importa quão confusa Caroline podia estar mais de noventa por cento da vida, não havia incerteza sobre essa conexão que ela e Jack compartilhavam. Apesar da tensão entre eles, era tão forte agora como havia sido antes – menos o problema da confiança. Será que eles sobreviveriam sem confiança? “Você ainda acha?”

“Sei que é.”

“E a Kelly?”

“O que tem ela?”

“Bem... eu queria lhe contar isso, ela passou lá em casa.”

Ele a respondeu com silêncio. Quando falou novamente, ela podia dizer pelo tom de sua voz que ela o havia desorientado.

“Sério.”

Não era uma pergunta. Claramente, ele não havia sabido, mas também não estava completamente surpreso, ou estava tentando evitar que sua irritação arruinasse o leve gracejo atípico entre eles – ou ambos. “Por sua

conta hoje à noite?”

“Não sei... depende se você vai considerar isso negócios ou prazer?”

Caroline sorriu. “Jack, você não pode chamar uma garota para sair e então pedir que ela gaste dinheiro.”

“Ah”, ele disse, “então acho que vou pagar”.

“Então, sim ao jantar, e eu lhe conto tudo sobre a visita da Kelly”, ela prometeu. “Eu ia preencher um relatório, mas queria falar com você antes disso, e parece que você tem me evitado.”

“Não evitado exatamente.”

Caroline misturou os papéis em sua frente, empurrando-os para outro lugar na mesa. “Que nome daria para quando estou ligando para você há dias e falando com o correio de voz sem resposta?”

“Isso depende se você realmente esperava uma resposta da máquina.”

“Você sabe o que quero dizer, Jack.”

“Tive um pequeno desenvolvimento no caso... irei lhe contar sobre isso no jantar também... após você me contar sobre a visita psico da Kelly.”

“Combinado”, Caroline disse. “Quão rápido você chega aqui?”

“Cinco segundos. Estou estacionado do lado de fora.”

Caroline bufou. “Alguém estava muito seguro de si!”

“Não”, ele reagiu. “Só não conheço uma Aldridge que consiga resistir a um pedaço que merece ser publicado. Se eu não conseguisse recorrer ao seu estômago ou coração, eu sabia que tinha um ás no bolso.”

Caroline ignorou a leve sacudida de alegria que sentiu pelo interesse dele no coração dela – e a empolgação sobre seu incentivo atraente. “Você é incorrigível!”

“Desça”, ele direcionou, ignorando a acusação. “Eu vou dirigir.”

HAVIAM CIGARRAS E CIGARRAS.

A variedade comum de corpo esverdeado, que emergia nos cães durante os dias de verão, geralmente passava despercebida. Mas havia outro gênero – a cigarra sazonal. Emergindo do chão em números bíblicos a cada treze anos, elas formavam uma nuvem preta barulhenta que devorava todo o verde no caminho, deixando a paisagem arruinada e os mais frágeis dos jovens inertes em seu despertar.

Elas subiam e se prendiam aos galhos próximos, dançando para sair de seus exoesqueletos com peles novas e frescas e olhos vermelhos salientes,

antes de se lançarem no ar para cantar às suas parceiras.

O zunido era enlouquecedor.

Uma vez fertilizada, a fêmea retornava às árvores para botar os ovos, e a mais nova geração de cigarras se enterrava bem fundo no chão onde permaneciam outros treze anos, alimentando-se de uma rede de raízes enroladas... enquanto esperavam pelo ciclo se repetir.

No acordar delas, você encontrava carcaças frágeis presas às árvores, inexplicavelmente prendendo-se à vida na morte, as asas como fios de teia de aranha parecendo janelas de vitrais, mas com o vidro despedaçado e arrancado – o templo de seus corpos abandonados.

Isso era igual.

O corpo dele era um templo abandonado; todos os sentimentos da humanidade haviam escapado por uma fenda em sua forma física. Somente a sede de sangue permanecia nos confins mais profundos de sua alma, como mil sussurros escuros abafados por camadas de pele. E, às vezes, como uma praga de gafanhotos, o zunir infinito ressurgia, inegável e psicótico em sua influência.

Aquelas eram as vezes que ele mais temia a fome, quando as vozes chegavam a tal urro ensurdecedor que toda a razão era confundida pelo som.

Estava crescendo agora.

Ele tinha que abrir o crânio e liberar um maluquinho – o suficiente para funcionar sem suspeita. Ele não sabia o que iria acontecer se não o fizesse.

Nunca havia deixado isso ir tão longe.

Jack levou Caroline a um pequeno café mediterrâneo na rua South Market. Mesas de ferro ornamental com mosaicos singulares espalhadas na calçada e uma leve música de fundo acompanhavam um prato para dois da comida mediterrânea. Eles se sentaram em um canto cercados por pequenas palmeiras em vasos – aconchegante e silencioso. Mas o aconchego tinha vida curta. Qualquer afeto que Caroline estivesse sentindo por Jack não sobreviveu ao jantar.

Ela lhe contou sobre a Kelly e ele ouviu em silêncio, garantindo-lhe que ela não teria de lidar com a Kelly novamente. Jack tinha certeza que, apesar de estar temporariamente irritada sobre toda a situação, ela era uma pessoa boa e não iria machucar uma mosca. Caroline não tinha tanta certeza sobre isso. Na realidade, ela tinha certeza absoluta que se Kelly estivesse segurando uma rede para pegar moscas e Caroline fosse uma mosca na frente dela, ela estaria tão achatada quanto o pão sírio na mesa deles. Ainda assim, ele disse que iria investigar e isso a contentou.

Kelly não foi o que a levou a uma crise nervosa.

Jack queria que ela revogasse sua história. Ele queria que ela publicasse a “história oficial da polícia”. “Só diga que você cometeu um erro.”

“Deixe-me ver se entendi bem. Você ainda não acredita que isso seja um homicídio isolado, mas mesmo assim quer que eu informe que é?”

Ele se endireitou, inclinando-se sobre a mesa, inclinando-se no cume. “Só estou lhe pedindo que reporte a história oficial, Caroline. Se você ligar para o Oficial de Informações Públicas, isso é exatamente o que ele vai lhe dizer. Não importa quem este cara seja – ele provavelmente está seguindo a história

no jornal. Se isso não for um caso isolado, talvez o cara já tenha gostado da atenção da mídia...”

A atmosfera no jornal estava começando a se normalizar, e Caroline estava relutante em comprometer seu relacionamento com o Frank ainda mais. “Podemos citar você falando que acredita que isso seja um caso isolado?”

“Não.”

“Porque você não acredita?”

“Caroline, você me deve...”

Caroline olhou para ele naquele instante – realmente olhou para ele. Seus olhos estavam fundos e vermelhos, provavelmente devido à falta de sono. E enquanto suas roupas estavam impecáveis, ele obviamente não havia se barbeado há dias. Ele correu a mão pelo cabelo, parecendo esgotado, mas era persistente.

“Olhe, estou torcendo para que se você negar a existência dele, esse cara vai dar o próximo passo para mostrar a todos que ainda está lá fora.”

“Não, Jack! Não vou brincar com a verdade desse jeito!”

Ele se sentou de volta na cadeira, os olhos azuis escurecendo enquanto a estudava. “Parece que você está bem exigente sobre seus princípios”, ele disse após um instante.

Caroline jogou o pedaço de pão sírio que havia estado mastigando, seu apetite sumindo. “Isso não é nem justo de se sugerir! Publiquei a história inicial porque acreditava estar fazendo a coisa certa. Se você está aqui me dizendo que não acredita que isso acabou, e ainda assim quer que eu diga que acabou – não me importa o que o Oficial de Informações Públicas tem a dizer ou qual a história oficial é – você está me pedindo para enganar o público e eu não o farei!”

Eles eram como óleo e água, Caroline decidiu naquele momento. Os sentimentos que tinha por ele eram inegáveis, mas não gostava dele tanto assim neste instante.

Felizmente, ele não pediu de novo, mas o resto da noite passou em um borrão de mordidas rápidas e irritadas e olhares acusatórios. Era tudo o que Caroline podia fazer para empurrar a comida abaixo sem jogar nele. Ela não tinha certeza do que a atormentava mais – que ele estava lhe pedindo para fazer isso ou que ele estava lhe pedindo isso sob o pretexto de um encontro idiota.

Ela havia colocado na cabeça tolamente que ele estava tentando

compensá-la pelo passado e que ele realmente *queria* a companhia dela – que talvez ainda quisesse ver se havia restado algo entre eles.

Ela tentou dizer a si mesma que, em essência, ele havia feito com ela não mais do que ela havia feito com ele – mas algo havia mudado para ela – talvez porque se arrependesse completamente de tê-lo usado e ela percebeu que ainda tinha sentimentos fortes por ele. Talvez ela tivesse esperado que ele percebesse o mesmo.

Mas isso não era nada mais do que olho por olho.

Quando eles voltaram ao carro dela, Caroline havia se entregue a um estado de fúria que só foi exacerbado pelo que encontrou ao retornar à garagem. Alguém havia escrito a palavra “VADIA” em letras maiúsculas pelo pólen amarelo grosso cobrindo a porta do motorista.

A cabine de saída estava sem funcionário, as luzes apagadas, e a garagem praticamente vazia.

Jack saiu, olhou ao redor, então pegou as chaves da mão dela e abriu a porta para checar dentro do carro. Quando teve certeza de que era seguro, ele ligou o motor. “Acho que é hora de visitar o lava-rápido”, ele disse, mas sua tentativa de humor caiu em ouvidos surdos. Caroline não achou a menor graça. Ela não havia pedido para ser empurrada no meio da desordem.

Embora lá no fundo soubesse que o pensamento era ridículo, no momento a vida dela parecia uma piada cruel – o modo da mãe dela de dizer com o último suspiro, “E você pensou que era boa o suficiente. Veja, eu lhe disse – você nunca vai estar à altura!”

Lágrimas picaram no fundo das pálpebras. Ela engoliu fundo.

Agora mesmo, sentia muita falta da vida em Dallas – livre de assassinos em série e namoradas ciumentas – livre da responsabilidade esmagadora, decisões e expectativas – e principalmente, livre do Jack!

Ele saiu do carro dela e ela entrou sem dizer uma palavra. A última coisa que ela o ouviu dizer antes de bater a porta do carro e dirigir foi, “Eu vou falar com ela, Caroline”.

Ela saiu do estacionamento fazendo barulho.

JACK TEVE de se segurar para não arrancar na estrada atrás dela. Ela não iria receber bem a atenção dele agora, mas ele não estava confortável em apenas deixá-la ir sem alguma garantia de que alguém estaria lá para vê-la segura dentro de casa – o que era ridículo. Ele não poderia estar lá para protegê-la a

cada segundo do dia. Ainda assim, não poderia deixá-la partir desse jeito após encontrar algo como aquilo no carro.

Talvez eles devessem ter informado sobre o grafite apenas para ter no registro – embora não houvesse nenhum dano na propriedade, e se cada pessoa que recebesse um recado desagradável no carro reportasse como um crime, não haveria força de trabalho suficiente na cidade para anotar todas as reclamações.

A verdade era que se Caroline não fosse filha de Florence Aldridge, se eles não estivessem no meio de procurar um assassino, se ela não fosse a mulher que ele ainda amava, ele não estaria pensando duas vezes agora mesmo.

Ele simplesmente a deixaria ir.

Caroline estava tão irritada que nem esfregou a sujeira da porta do carro.

Será que foi a Kelly?

Ele certamente pretendia descobrir.

Ligou para o Josh primeiro para ver onde ele estava, para ver se ele estava indo para a propriedade Aldridge hoje à noite. Ficou aliviado em saber que ele estava na mãe, ao final da estrada, e ele prometeu ir esperar a Caroline chegar. Jack explicou o que havia acontecido e o agradeceu, então desligou e ligou para Kelly.

Ela atendeu ao primeiro toque, como se tivesse esperando uma ligação dele, então ele perguntou direto.

“Eu não fiz isso”, ela respondeu.

Jack não conseguia imaginar quem mais teria feito, principalmente à luz de sua recente visita à Caroline. Ela estava se sentindo necessitada e infeliz e talvez um pouco irritada com ele por gastar o tempo dela. Ele não poderia culpá-la.

“Eu disse que não fiz!” ela ofereceu uma segunda vez, e seu tom de voz ficou mais furioso.

Jack estava tão perturbado que não conseguia acreditar na palavra dela – não hoje à noite. Ele queria que ela entendesse sem nenhuma sombra de dúvida que ele havia terminado. Não havia nada entre eles. Finito.

Não que ele tivesse a mínima chance com Caroline a essa altura, porque ele havia conseguido ferrar aquilo também, mas ele sentiu pela primeira vez em anos que estava fazendo a coisa certa no que dizia a sua vida pessoal.

Direto ao ponto, ele estava sentindo.

Deus e como estava sentindo.

Como uma merda total e completa.

Ele havia ido junto com a maré por tempo demais agora, apenas fazendo seu trabalho – o que quer que aquilo significasse. Até foder havia se transformado em uma tarefa perfunctória, e ele odiava admitir que Kelly era apenas um instrumento – não que ele não tivesse tentado ter sucesso com isso. Ele havia querido desesperadamente amá-la. Da mesma forma como havia querido desesperadamente não amar Caroline.

As pessoas não conseguiam evitar o jeito como se sentiam.

Mas podiam muito bem controlar como se comportavam. Kelly tinha todo o direito de estar irritada com ele. Ela não tinha o direito de manchar o carro de Caroline. Ele lhe disse isso.

“Pela última vez”, Kelly gritou, “eu não fiz isso!”

Ela desligou na cara dele.

Um para raios de raiva subiu pela espinha de Jack e ele quase arremessou o celular pela janela. Jogou-o no banco do passageiro, encarando furiosamente a estrada à frente.

A lua era nova e a noite escura. Cruzando o rio Ashley, ele deixou o brilho da cidade para trás e dirigiu à escuridão.

Ele estava irritado.

Raiva obscurecia seu julgamento.

Ele não estava pensando direito e precisava começar.

Agora mesmo.

Quem quer que tivesse escrito aquela mensagem no carro de Caroline estava irritado também, ou não teria ido a uma garagem pública deixar uma mensagem como essa para uma figura pública.

Não foi uma jogada inteligente.

Retirando o nevoeiro da mente, ele se permitiu perguntar, “Se não Kelly, quem mais iria deixar uma mensagem dessa?”

Poderia estar conectada à tentativa de arrombamento na casa dela?

Se este fosse o caso, seria pessoal. O assassinato de Amy Jones, ao contrário, *não* era um ato de raiva. Eram duas coisas distintas, ele se assegurou. Completamente sem conexões. Mas quem diabos estaria irritado com ela?

Basicamente todo mundo, ele percebeu.

Imediatamente após aquele pensamento veio a percepção de que ele não tinha nem tido sagacidade o suficiente para checar e ver se haviam câmeras de vigilância instaladas na garagem.

Ele deu a volta com o carro. Se tivessem sorte, o momento de estupidez do artista seria pego na fita.

ASSIM QUE CAROLINE entrou no estacionamento, ela saiu do carro e esfregou a mão por sobre cada centímetro da porta do motorista, apagando as letras ofensivas.

Ela sentiu como se estivesse próxima a um ponto de ruptura; algo tinha de mudar – rápido.

E se fosse verdade que ela não poderia estar à altura? Não importa quanto Frank trabalhasse com ela, o lugar em que ela tinha de se colocar era enorme. E se ela nunca conseguisse ser a queridinha da comunidade que sua mãe havia sido?

Certamente não havia começado bem, provocando raiva e desprezo nas pessoas que ela estava tentando proteger.

Eles estavam dedicando um jardim para a mãe dela. Qual seria seu legado? Um enorme prédio vazio na rua Meeting para o qual as pessoas iriam apontar e dizer, “Costumava ser o oitavo jornal mais antigo no país, mas alguma merda causou a falência dele”.

Ela tirou o pólen das mãos na saia e ficou lá, encarando o carro, e pela segunda vez em dois dias começou a chorar. As lágrimas estavam se tornando uma ocorrência diária para a garota que não sabia como chorar!

Um movimento chamou sua atenção na varanda e as lágrimas pararam abruptamente.

Das janelas, um brilho leve emanava. Não o suficiente para elucidar a figura de pé nas sombras, observando...

Caroline se enrijeceu, e pelinhos na nuca formigaram. “Quem está aí?”

Josh saiu das sombras, até o degrau mais alto, e começou a descer a escada na direção dela. “Dia ruim?”

Caroline soltou um suspiro de alívio. “Você me assustou agora!” Ela esfregou os olhos. “Você não sabe da metade.”

“Na verdade, sei sim. O Jack ligou.”

Caroline olhou furiosa para ele, sem querer.

“Ele só queria ter certeza que você ia chegar bem em casa, mas me contou o que aconteceu.”

O olhar dela apertou. “Toda a história?”

“Não, só sobre o carro. Imagino que vocês dois tenham discutido?”

Caroline não queria admitir ao Josh o que Jack havia lhe pedido para fazer – as coisas que ele havia lhe dito. Só de pensar nisso já era suficiente para trazer outra onda de lágrimas aos olhos.

Josh estendeu os braços e ela foi direto para eles. Ele lhe deu tapinhas gentis nas costas. “Não pareço conseguir fazer nada certo”, ela disse queixosamente.

Josh a apertou. “Você está fazendo o melhor que pode, certo?”

Caroline concordou, esfregando as lágrimas das bochechas com o ombro.

Ele a afastou e olhou para o seu rosto, a pele escura dele ainda mais escura sob o luar. “Isso é tudo o que você pode fazer, Caroline. Venha cá.” Ele a levou pela mão, arrastando-a para os degraus. “Sente-se”, ele ordenou.

Caroline fez como ele pediu, sentindo-se tão infeliz quanto uma garotinha cujos sentimentos haviam sido feridos pelo garoto mau da escola. Exceto que Jack havia sido sempre seu protetor – não o atormentador.

Ela se sentou perto do Josh e ele apertou a mão dela, mas não a soltou. “Nós seguimos um longo caminho”, ele lhe disse. “Quem teria imaginado que você estaria administrando o *Tribune* completamente sozinha... e olhe para mim. Eu vou concorrer a prefeito se a James Island conseguir botar tudo em ordem. Juntos, vamos ser donos dessa cidade, Caroline. Eles não sabem quão sortudos são de nos terem... mas saberão.”

Caroline apreciou o discurso de estímulo. Por isso que família era tão importante, ela se recordou. A família dela era sua âncora. Sem eles – sem Josh neste momento – ela estaria deitada em uma pilha tremendo na entrada de carros.

Ela apertou a mão de Josh. “Imagino se a mãe tinha todo esse problema no começo. Queria agora poder perguntar a ela mais sobre seus primeiros dias. Meu avô morreu jovem e ela herdou o trabalho não muito mais velha do que sou agora.”

Ele soltou a mão dela e deslizou o braço ao redor de seu ombro, puxando-a para perto. “Tenho certeza que a Flo teve seus problemas, mas vocês senhoras Aldridge vêm de uma longa linhagem de fêmeas fortes e solitárias.”

Ele poderia também ter dito “sozinhas”, porque parecia que era para lá que ela ia se encaminhar. Caroline olhou para ele. “Você acha que a mãe chegou a namorar?”

“Ah, com certeza!” ele exclamou, e olhou para ela, seus dentes brancos perfeitos brilhando um sorriso que ela sabia que deixava a maioria das garotas fracas.

Caroline riu e o empurrou um pouco. “O que você sabe?”

“Garota!” ele disse, “Sua mãe era uma MILF se eu já vi alguma! Confie em mim, ela não estava nem perto de estar pronta para o túmulo.”

Caroline esfregou os olhos novamente e eles ficaram sentados lá na varanda, quietos por um tempo. Ela olhou para as estrelas. “Ouço cigarras lá fora. Elas estão começando a emergir.”

Josh estremeceu. “Bastardos ridículos! Às vezes consigo mesmo ouvi-las rachando ao sair de suas peles.” Ele estremeceu de novo, um gesto exagerado.

Caroline fez careta, mas deu risada.

“Vai ficar tudo bem”, ele disse, mudando de assunto. “Prometo. Você vai colocar tudo em ordem, Caroline.”

Caroline olhou para ele. “Isso significa que você não está mais bravo comigo?”

Ele tirou o braço do ombro dela e juntou as mãos em frente aos joelhos. “Por enquanto... mas vou ser um infeliz puto da vida se eu perder minha chance na mesa do prefeito por sua causa.”

Caroline franziu o cenho, mas disse, “Olhe pelo lado bom...”

Ele olhou para ela incerto. “Sim, e qual é?”

“A James Island pode nunca ter outro prefeito.”

Ele levantou a sobrancelha. “Isso não é o lado bom, Caroline.”

“Bom, pelo menos então você não teria de se preocupar sobre as coisas estarem bagunçadas.”

“É aí que você entendeu tudo errado, garota. Prefiro chegar lá e foder com tudo do que nunca ter a chance.” Ele se levantou, afastando-se. “Você deveria entrar. Quero ver a Mama antes de ir pra casa.”

Caroline se levantou também, desejando que fosse mais como ele. Nada parecia incomodá-lo por muito tempo. “Tudo bem. Obrigada por vir me ver. Diga à Sadie que eu a amo e a verei logo.”

Ele piscou para ela. “Noite, Cici.”

O coração de Caroline pulou com o carinho inesperado. “Noite, Josh.”

“Vai logo lá pra dentro e tranque a porta”, ele ordenou.

Sem outra palavra, Caroline sorriu, foi buscar as bolsas que havia abandonado ao lado do carro e se apressou para dentro.

Não havia câmeras de segurança na garagem.

Jack também procurou por testemunhas, mas ninguém havia visto nada. Ele não estava surpreso. Provavelmente teria levado não menos que três segundos para escrever uma palavra de cinco letras no pólen de um carro sujo. Convencendo-se de que Caroline havia simplesmente irritado algum leitor do *Tribune*, ele ajustou o foco de sua energia.

No momento, ele tinha negócios mais urgentes para lidar. Ele sentou no escritório, encarando a tela do computador com um cigarro não aceso suspenso na boca, matutando sobre o que sabia até então – que era extremamente pouco.

Estava silêncio.

Silêncio demais.

Como os momentos durante um furacão, quando o olho passava, e parecia que o pior já havia acontecido, mas você sabia lá no fundo da alma que apesar do silêncio assustador, o pior ainda estava por vir.

Ele tinha uma dor de cabeça maçante – provavelmente falta de sono – e ele ansiava por um cigarro.

Agora mesmo, poderia usar os recursos que o FBI tinha à disposição deles – recursos aos quais a polícia não teria acesso. Mas a essa altura, não podia nem pedir ajuda ao FBI porque o caso não tinha os critérios necessários, e localmente, os superiores não queriam chamar isso de homicídio – apesar das implicações – e apesar do artigo sugestivo de Caroline. No momento, estavam muito mais preocupados com controle de danos do que com criar perfil de um assassino – principalmente porque só

havia um corpo.

Ele devia aos superiores isso: homicídios em série eram raros, somando menos do que um por cento de todos os assassinatos cometidos durante qualquer ano. As chances eram poucas disso ser o trabalho de um assassino em série... e ainda de alguma forma ele sabia que era. Mesmo assim, não precisava de um monte de gente com frases pretensiosas dizendo-lhe o que procurar em um suspeito – metade daquela merda era um bando de mitologia da TV de qualquer forma. Ele esfregou os olhos.

Foco, Jack.

Então, isso era o que ele tinha: uma mão cheia de fatos que poderiam, ou não, ser relevantes para um perfil sólido. Mas A) a investigação era dele até que eles a retirassem ou o demitissem – o que estava se tornando uma possibilidade distinta. E B) até que alguém lhe desse uma razão para pensar de outra forma, ele ia ouvir sua intuição.

Os dados indicavam que a maioria dos assassinos em série eram homens brancos entre vinte e cinco e trinta e cinco anos, e como a vítima era caucasiana, o assassino muito provavelmente era caucasiano também. Além disso, supondo que o assassino deles fosse homem, homens assassinos em série tinham um padrão consistente de matar estranhos, então provavelmente também não conhecia sua vítima. Se houvesse a suposição de que ele havia matado antes, seria lógico que ele também era um assassino extremamente organizado já que não havia corpos a serem encontrados.

De acordo com a tipologia de Holmes, eles estavam lidando provavelmente com um criminoso organizado e não sociável – alguém que tinha um QI acima da média, graduado talvez. Ele era alguém que provavelmente atacava usando sedução com moderação – possivelmente uma figura paterna – alguém em quem as pessoas confiavam... alguém em quem as pessoas *queriam* confiar. Às vezes, assassinos em série até tinham empregos que os colocavam próximos à ação, assim poderiam vigiar a investigação e ficar à frente do jogo. Ele poderia ser socialmente funcional – talvez até dirigisse um carro chamativo e usasse sapatos italianos, e não precisasse trabalhar à noite, porque ele não estava se escondendo... ele deixou a cena do crime impecavelmente limpa, matando em um lugar, jogando o corpo no outro... exceto que dessa vez o cara deles havia sido interrompido.

A tipologia para homens assassinos também os dividia em quatro grupos: visionários, missionários, hedonistas e os que buscam poder. Visionários respondiam a vozes que lhe mandavam matar. Missionários sentiam que

tinham o dever de limpar os detritos da sociedade. Hedonistas eram subdivididos em três grupos – cobiça, emoção e lucro. Os assassinos da cobiça tinham prazer nisso, os da emoção simplesmente gostavam do jogo, e os do lucro acreditavam que iriam se beneficiar. Então, havia os que buscavam o poder, que estavam ocupados brincando de Deus. Mas esse era o problema que ele tinha com os especialistas do FBI em Quantico: todos aqueles atributos combinados poderia ser o perfil do assassino deles.

Estudando a tela, Jack arrancou o cigarro repulsivo dos lábios e o jogou na mesa. Então, apenas como um extra, ele o pegou de novo e rasgou ao meio, jogando-o ao chão, completamente irritado com sua própria ambivalência.

Os resultados da maioria dos testes já haviam retornado. Aparentemente, a língua da vítima foi cortada enquanto ela ainda estava viva. Sêmen não foi detectado no ou dentro do corpo dela, nem havia qualquer outra evidência sexual relevante. Ainda assim, não poderiam rejeitar cobiça como uma motivação. Era muito possível que como o cara foi interrompido, ele simplesmente não teve tempo de violá-la. Além do que, nem todos os estupradores penetravam suas vítimas enquanto ainda vivas. Por outro lado, só porque ele não gozou dentro dela, não significava que não o havia feito.

Na planilha, ele havia escrito: busca poder: certo; busca emoção: ponto de interrogação; missionário: ponto de interrogação; visionário: ponto de interrogação; estupro: não evidente; lembranças e troféus: ponto de interrogação. Debaixo de cada um desses ele havia escrito a evidência disponível que colocava o assassino em cada uma das categorias.

Um cursor ficou piscando na última categoria. Se tivesse sido escrito em um quadro negro, o espaço embaixo teria ficado leitoso por ser apagado múltiplas vezes, mas o cursor ficou lá piscando insistentemente, chamando-o para encontrar as respostas. Sua intuição lhe dizia que a língua era provavelmente um troféu, mas não podia ter certeza – de novo, apenas um corpo.

Aqueles que buscam emoção amam enviar mensagens e querem que o mundo saiba que as autoridades foram idiotas demais para pegá-los. Jack tinha um pressentimento de que esse não era o cara deles. Ele rabiscou um lembrete em seu bloco de notas para checar o banco de dados nacional de pessoas desaparecidas, embora não tivesse uma pista de por onde começar. No que se referia aos tipos, era tudo hipótese até essa altura. Infelizmente, até que outro corpo aparecesse – algo que ele estava tentando prevenir – eles não

poderiam começar a tirar conclusões.

Quanto à tinta azul... aparentemente, era só um corante de comida comum do estilo de mercearias, uma compra que não era fácil de assinalar.

Ele rabiscou outras anotações no bloco de notas. Algumas coisas ele ainda tinha que fazer à moda antiga – mas ele sabia que muitas pessoas usavam seus smartphones para tudo agora. Infelizmente, o telefone da vítima estava sem bateria e não havia produzido nenhuma história útil. O de Patterson não havia rendido mais do que eles já sabiam.

Eles examinaram os interesses românticos de Jones – pelo menos dois caras estavam falando com ela, embora de acordo com a colega de quarto ela não estivesse dormindo com nenhum deles. Havia uma mão cheia de amigos com quem ela falava diariamente – inclusive o corretor de imóveis que havia listado a casa na estrada Backcreek. Jack o encontrou na casa dele e fez um exame superficial, assistindo ao comportamento do cara. Ele pareceu apropriadamente incomodado e completamente curioso demais sobre os detalhes.

Jogando o bloco de notas na mesa, ele considerou Patterson.

Por que o cara iria aparecer na propriedade das Aldridge? E por que diabos teria o tênis de Florence Aldridge? Ele sentia que o cara era inocente... mas o que ele não estava vendo?

Alguma coisa.

A porta dele se abriu e a cabeça da Kelly surgiu. “Ei”, ela falou um pouco docilmente. “Você está me evitando?”

Jack se levantou, agarrando a jaqueta das costas da cadeira.

“De saída?”

“Sim.”

Ela entrou mesmo assim, fechando a porta, e Jack se encolheu, certo de que nada de bom sairia de outra discussão sobre o relacionamento fracassado deles.

“Eu só queria me desculpar.”

“Você já fez isso”, ele disse. “Vamos esquecer isso.”

“Considere esquecido.” A expressão dela parecia tão miserável quanto a de um cãozinho triste. “Sinto muito, Jack. Não sei o que deu em mim. Eu só estava tão irritada.”

Ele desligou o computador. “Entendo por que fez aquilo, Kelly.” Ele se virou para olhar para ela. “Não estou chateado. Apenas não faça de novo.”

Ambos tinham de manter certo decoro para o trabalho, e ele tinha certeza

que a Kelly precisava de toda a ajuda que pudesse obter. Assegurando-a de que ele não estava irritado, que só estava ocupado e não achava que fosse uma boa ideia para eles manter o foco no passado, ele saiu.

KELLY FICOU LÁ por um instante após ele sair. O olhar dela caiu na tela em descanso do computador. Ela não ousou tocar, mas o caderno dele estava bem ali na mesa à vista. No meio da página, ela avistou uma anotação com a caligrafia dele que lhe chamou a atenção: Checar o banco de dados nacional de pessoas desaparecidas. Começar no sul. Mulheres brancas.

Kelly tocou o caderno, esfregando o dedo sobre a caligrafia familiar de Jack. Não era dentro do escopo do trabalho dela, mas se ela conseguisse encontrar uma forma de ajudá-lo a fazer seu trabalho e ficar sob o radar, talvez ele suavizasse um pouco quanto a ela.

Ela pegou a caneta dele e virou uma página no caderno, rabiscando as anotações dele palavra por palavra, depois rasgou a página e saiu.

ENQUANTO BONNEAU LIDERAVA o bando no centro de comando, Caroline ficou sentada e ouviu.

Ele a recordava um pouco de um capitão Confederado baixo, robusto e bebedor de uísque, traçando estratégias para a batalha – não que ele agisse como um bêbado de forma alguma, mas ele estava definitivamente muito empolgado, e ele tinha um rosto ruborizado e um nariz raiado que Caroline associou com os velhos bebedores de bar. Tudo o que estava faltando era um uniforme. Ela sorriu intimamente às imagens que invocava em sua mente e o observou trabalhar, apontando de forma entusiasmada ao seu quadro branco.

Desde a conversa deles há uma semana, ela havia notado uma mudança monumental na atmosfera do jornal. Havia uma calma subjacente à operação inteira que não era arruinada de forma alguma por uma falta de empolgação. Era assim que ela idealizava ser quando era uma garotinha imaginando sua mãe no trabalho.

Havia algo muito empolgante acontecendo aqui, neste jornal último-daninhado – algo que ela nunca havia experimentado como escritora de jornais diários maiores.

“Então, ele saiu por conta própria”, Brad disse, falando do Patterson.

“Embora pareça que ele basicamente teve que fazê-lo. O clima não era exatamente amigável após a acusação.”

Caroline abaixou a caneta na mesa de conferência. “Mas é estranho... normalmente se ouve que eles transferiram velhos padres sórdidos para alguma outra paróquia após uma acusação como essa. Quase não se ouve falar de eles largando a igreja.”

Brad deu de ombros, o brilho em seus olhos quase febril. Como Bonneau, ele vivia para isso. “Julgando pela aparência – cabelo longo, brinco – não acho que ele tenha sido um padre como manda o figurino. Meu palpite é que ele não teve anos suficientes na igreja para ganhar muito amor lá de cima. Provavelmente perdeu qualquer lealdade que teve da paróquia após as acusações.”

“Mas ele foi inocentado”, Caroline reiterou.

“De uma acusação de pedofilia”, Brad disse. “Qualquer dúvida sobre a inocência dele certamente faria seu grupo de fieis pensar duas vezes antes de mandar seus bebês para o catecismo. Eu não confiaria minha filha com ele.”

“Mas a garota tinha dezesseis anos”, Caroline argumentou. “Já havia passado da puberdade, então não era exatamente pedofilia.”

A sala inteira se virou para olhar para ela.

Caroline só percebeu como aquilo devia ter soado após ter dito. “Não estou dizendo que isso torna o caso ok. O que estou dizendo é que ele foi inocentado de molestar uma garota de dezesseis anos – quase uma adulta – e a garota admitiu ter mentido.”

Brad deu de ombros. “Risco do ofício, eu acho.”

Caroline estava começando a perceber um lado de Brad que não batia bem com o dela. Talvez fosse aquele brilho competitivo em seus olhos que a incomodava pelo amor de Pam.

“Não parece justo”, Pam se intrometeu, e voltou a mastigar a borracha no lápis.

Bonneau deu tapinhas nos ombros de Brad. “Você falou com os pais da garota?”

“Sim. A mãe. O pai da garota morreu alguns anos atrás de câncer no pâncreas. A mãe se culpa por não ter prestado mais atenção à filha. Acho que ela percebeu que a filha estava procurando por uma figura masculina forte em sua vida. Ela aparentemente escolheu o Patterson.”

“Pobre rapaz”, Pam interrompeu.

Bonneau olhou para a Pam. “Você já se decidiu sobre este caso, Pam?”

Os olhos de Pam se arregalaram. “Ah, não – senhor!”

“Bom, e quando o fizer, não quero ver sua opinião escorrendo pelas palavras.”

Pam se afundou na cadeira. “Sim, senhor!”

“Então, prontos para o argumento conclusivo?” Brad perguntou, sorrindo levemente. Ele deu ao momento uma pausa pesada, claramente adorando a antecipação. “A garota que acusou o Patterson de molestá-la está desaparecida também.”

A atenção de Bonneau foi despertada agora.

Caroline se sentou mais ereta e fez sinal com a cabeça para ele continuar.

“Isso é tudo o que eu tenho”, ele disse. “Não há muito mais. Ela fugiu faz um ano, a mãe foi ao Patterson lhe pedir ajudar para encontrar a filha e trazê-la para casa. Aparentemente, ela havia deixado um ‘adeus de desculpas’ para o Patterson.”

Caroline quase conseguia ver uma progressão de pensamentos ticando atrás dos olhos de Bonneau. “De onde ela é mesmo?”

“Murrells Inlet, norte de Charleston.”

“Sei onde fica Murrells Inlet!” Bonneau exclamou, seu rosto ficando ainda mais vermelho. Caroline tinha certeza de que não era raiva. Seus olhos estavam animados.

Ela começou a ler suas anotações em voz alta. “Então, temos um cara que foi preso por suspeita de homicídio, mas solto. Esse mesmo cara também foi julgado e inocentado por abuso sexual.”

“Mas nunca chegou a julgamento”, Brad corrigiu. “A garota confessou, contou à mãe e todas as acusações foram retiradas.”

“Uau. Ok, então sem julgamento, mas ele foi acusado de abuso sexual, e a garota que o acusou de molestá-la agora está desaparecida, certo?”

“Certo.”

“Então, temos três garotas, duas desaparecidas –”

“Uma”, Frank corrigiu.

“Não, duas. Eles ainda não encontraram Amanda Hutto”, Caroline o recordou. “E, francamente, isso começa a fazer sentido quando você acrescenta Amanda à equação.”

As sobrancelhas espessas de Frank se juntaram. “Por quê?”

“Porque ela é uma criança e Amy Jones mal era uma adulta. Jennifer Williams tem dezesseis. Isso as liga um pouco mais... não acha?” Depois de dizer isso, percebeu que talvez estivesse mudando de posição. Ela queria

tanto obter respostas sobre Amanda Hutto.

Frank pareceu considerar o ângulo, e enquanto continuava triturando a opção, ele se virou para a Pam. “E você? O que descobriu?”

Pam pareceu aturdida imediatamente. Ela revirava o caderno nervosa. Quando chegou à página que estava procurando, ela a endireitou com a palma da mão, olhando rapidamente para Caroline em busca de apoio e disse de forma suave, “Patterson tem um álibi para a hora do assassinato. Supostamente, ele estava sentado no Windjammer assistindo à namorada em uma festa para o lançamento de um CD”.

Bonneau olhou para ela com severidade. “Uma namorada?”

Pam respirou fundo e disse com pressa, “Talvez. Eu acho”.

Ele levantou a sobrancelha.

“Eu vou perguntar!” ela disse rapidamente.

“Que mais?”

“Acho que é isso. Sua defesa inteira é baseada no fato que ele tem testemunhas colocando-o em outro lugar – do outro lado da cidade – na hora do assassinato da Jones.”

“Testemunhas?”

“Desculpe, uma”, Pam emendou.

“Um ‘s’ pode fazer toda a diferença no mundo”, Bonneau lhe disse. “Seja específica.”

“Sim, mas vamos encarar isso, Isle of Palms não é exatamente Timbuktu”, Brad apontou. “Quero dizer, quanto tempo levaria para chegar lá da James Island – principalmente agora que temos a via expressa?”

Todo mundo se virou para olhar para a Pam. Ela deu de ombros. “Talvez trinta minutos?” ela disse incerta.

“Com o trânsito ruim”, Brad zombou.

“Bom, se ela é uma namorada, poderia estar mentindo por ele”, Bonneau sugeriu. “Encontre-a e fale com ela, Pam.”

“A testemunha?”

“Sim.”

“Ok.”

Caroline colocou o caderno na mesa e a caneta em cima. “Então, aonde vamos daqui?”

Frank considerou a pergunta por um longo momento, então disse, “Vamos focar nossa história no Patterson e na nova garota desaparecida – qual o nome dela?”

Brad se intrometeu de uma vez, “Jennifer Williams”.

“Quero saber tudo sobre essa garota Williams – quando ela sumiu? Alguém ouviu falar dela? O Patterson a perseguiu de Murrells Inlet até aqui?”

Ele a matou?

A pergunta ficou no ar, embora ninguém tenha perguntado.

“Apenas os fatos”, Bonneau enfatizou. “Sem enfeites, sem melodrama. Quero saber cada detalhe sobre a relação dele com aquela garota e os detalhes envolvendo sua saída da igreja. Desenterrem tudo. Se for sujo, ótimo. Se o absolver, ótimo. Queremos apenas a verdade.”

“Quem vai escrever a história?” Brad perguntou. Caroline quase conseguia sentir a exultação de sua antecipação.

Frank olhou para Caroline e ela lhe deu um aceno, esperando que ele estivesse perguntando o que ela achava que estava.

Ele acenou de volta. “Pam”, ele disse definitivamente. “Mas preciso que você a ajude.”

Brad soou surpreso, e talvez um pouco zangado. “Meu nome vai aparecer?”

“Falaremos sobre isso”, Bonneau disse, mas não prometeu, Caroline registrou. “Vamos fazer isso”, ele direcionou e bateu palmas em um gesto crescente com o qual Caroline estava se familiarizando.

O homem com certeza amava seu trabalho e, apesar da natureza da história deles, ela tinha de admitir, sentada lá, ouvindo ao Frank e cercada pela comoção de construir não apenas uma história, mas um jornal diário, ela nunca havia se sentido mais próxima da mãe. Pelo menos agora ela compreendia Flo de uma forma que nunca havia feito antes.

A distância, um pequeno barco guiado por uma mancha preta se movendo contra um céu ainda mais preto. As ondas em seu rastro varriam até o banco, criando uma linha reta ao se mover até a costa. Elas morreram com delicadeza no interior da casca de um barco desintegrando ali perto.

Por um instante, ele ficou de pé encarando o ponto de referência apodrecido, imaginando quanto tempo permaneceria ali antes que a cidade decidisse removê-lo.

Talvez para sempre.

Ainda assim... o pensamento de alguém cavando-o... achando por acaso seu cemitério sagrado... fez seu coração bater um pouco mais forte. Ele nunca havia se preocupado se alguém soubesse... então, de novo... ele nunca havia experimentado tamanha emoção como o fez ao saber que as pessoas o temiam.

Ele era o bicho-papão. O chupa-cabra. Michael Myers.

Uma lenda.

Mas extremamente real.

Ninguém poderia pará-lo.

Ainda não o tinham feito.

Nem mesmo haviam sabido.

Ele deu um peteleco na ponta afiada da faca debaixo das unhas e sorriu ao pensar no que estava deitado sob a terra... onde ninguém iria pensar em olhar... tão fundo na lama que nem mesmo os cavalos de corrida de pista enlameada, que arrancavam as preciosas ostras de Lowcountry dos prolíficos leitos, ousavam passar lá.

Solo especial para pessoas especiais.

Solo sagrado.

Ele quase podia sentir a energia que elas canalizavam.

O sabor recordado, a sensação de poder, empolgaram-no e ele inconscientemente pressionou a lâmina na pele macia debaixo da unha.

Piscando, olhou para a faca na mão, automaticamente trazendo a ponta do dedo aos lábios, chupando o sabor metálico de seu próprio sangue, e sentindo a agitação imediata em sua virilha.

A lâmina tinha vinte centímetros de aço Solingen forjado, polido até que brilhasse. Algumas pessoas chamavam de palito de dente de Arkansas... ele achava que o nome era depreciativo. Era uma ferramenta sagrada que, até então, havia apenas sido empregada para cortar o músculo delicado de dentro da boca delas... mas na noite anterior... em seus sonhos, ele viu a garota Hutto subir do pântano e vomitar bile preta pútrida. Por isso, ele havia vindo aqui para garantir que elas estavam intactas.

Menos que uma brisa movimentava o ar noturno pegajoso... e agora que o barco havia passado, a água era uma lâmina de vidro ébano.

Talvez os demônios ainda estivessem dentro delas?

Talvez, se ele deslizesse a faca dentro delas e as cortasse em dois, ajudando-as a se descamar e descartar suas carcaças como cigarras sujas, ele poderia deixá-las com a garantia de paz.

Mas ele não poderia ter certeza.

Ainda estava aprendendo.

Ainda procurando a busca da paz... uma tranquilidade que o iludia exceto naqueles momentos de comunhão. Somente agora as vozes o deixavam em paz... nos segundos decrescentes da hora das bruxas.

Algumas pessoas clamavam que o véu entre o mundo espiritual e físico era mais fino entre as horas das três e quatro da madrugada... por isso era quando ele as enterrava.

E, às vezes, quando ficava aqui depois, cercado por um manto de névoa, assistindo à lama arada se moldar em torno de sua oferenda, como a boca de uma cobra envolvendo um rato, ele conseguia sentir uma conexão com cada uma delas.

E ele era Deus.

O RELÓGIO no criado-mudo mostrava três horas e sete.

Caroline acordou ao som da voz de Savannah enquanto ela se engatinhava na cama perto dela. “Está tudo bem”, Savannah sussurrou ao deslizar debaixo das cobertas. “Só um pesadelo.” Puxando as cobertas para cima, ela se aconchegou mais perto.

Caroline estava exausta demais para lhe responder com algo mais do que um cansado ronco. Ela não tinha nem fechado os olhos até quase uma hora porque havia ficado matutando sobre as finanças no notebook até que não conseguisse mais manter os olhos abertos.

Tremendo, Savannah correu mais para perto, enterrando a cabeça no cabelo de Caroline... exatamente como costumava fazer quando era uma garotinha.

“Você está bem?” Caroline perguntou sonolenta.

“Só um pesadelo”, Savannah repetiu, tremendo de novo.

As cortinas estavam abaixadas três-quartos e o luar deslizava por baixo delas, espalhando-se pelo assoalho de madeira nodoso. Tango estava deitado olhando para a cama, seu focinho apoiado por ambos os tênis da mãe.

Como Caroline não permitia os tênis na cama, ele havia ido dormir no chão ao lado deles, mas ela conseguia ver pelo luar que ele não estava dormindo agora. Savannah o havia acordado. Mas ele permaneceu quieto e praticamente imóvel, seu rabo farfalhando suavemente quando Caroline encontrou o olhar dele.

Caroline quase havia se esquecido que sua irmã tinha terrores noturnos.

Quando crianças, ela os tinha quase todas as noites, sonhos tão reais que ela havia ficado inconsolável às vezes. Ela tinha passado muitas noites tremendo na cama de Caroline, estrangulando a respiração de Caroline com um apertão nas costelas que não deveria ter sido possível vindo de braços de tamanha garotinha magra.

“Eles ainda são os mesmos? Os sonhos?”

“Não são mais tão ruins”, Savannah sussurrou, mas tremeu de novo.

“Quer me contar?”

“Não muito.”

“Foi assustador?”

“Sim.”

“Não iria ajudar?”

“Não”, ela implorou. “Só quero dormir.”

Caroline virou de barriga para cima para encarar o teto apagado, de repente acordada e com uma sensação que não tinha tanta certeza de como

interpretar.

Por um lado, estava feliz que Savannah havia vindo a ela instintivamente. Era familiar, isso a fazia se sentir ligada à irmã de uma forma que ela não havia sentido a muito, muito tempo. Mas o silêncio de Savannah só ressaltava o fato que a proximidade delas era uma ilusão.

Muitos anos estavam apertados entre elas.

Aos cinco anos, Savannah iria falar desconexamente sobre seus sonhos, revivendo cada segundo apavorante pelos detalhes coloridos, arrastando Caroline para suas histórias como se ela tivesse estado lá para testemunhar tudo. Juntas, haviam aprendido a mudar os sonhos dela enquanto estivesse acordada, assim ela poderia voltar a dormir com um final feliz.

Como Caroline, Savannah sempre teve habilidade com as palavras e não foi surpresa para ninguém ela ter se tornado uma escritora – trocando contos da vida real pelo mundo mais seguro da ficção. Caroline imaginou se havia sido o jeito de Savannah tentar controlar seu mundo. De uma forma, elas eram iguais – ambas fechando as janelas e portas para o mundo exterior. Exceto que Caroline o fez excluindo as pessoas e Savannah conseguiu o mesmo ao criar a fantasia.

Que bagunça elas eram – todas elas!

Como se sentisse os pensamentos perturbados de Caroline, Savannah deslizou um braço ao redor dela, abraçando-a. “Boa noite”, ela sussurrou, e Caroline pensou ter sentido umidade dos cílios de Savannah em seu ombro nu, mas não conseguiu encontrar a voz para perguntar.

Ela não se moveu.

E apesar do fato que ela nunca havia conseguido dormir com facilidade deitada de barriga para cima, ela também não se virou. Não por um bom tempo, e então ela se virou para encarar a irmã, jogando seu braço de forma protetora sobre os ombros dela.

Elas adormeceram aconchegadas como se estivessem contando segredos debaixo das cobertas... assim como o faziam quando Savannah tinha cinco e Caroline, oito anos.

“**E**stou tão entediada!” Augusta anunciou no café da manhã.

Exceto pelas quartas-feiras, Sadie tinha de alguma forma conseguido se manter fora da cozinha das Aldridge pela maior parte do primeiro mês do retorno delas à casa, mas gradualmente, começou a aparecer mais e mais, e agora parecia que estava virando torrada francesa ou ovos em mais manhãs.

Caroline parou de fazer qualquer pretensão em reclamar. Ela na verdade gostava disso, e se Sadie não estava querendo parar, então Caroline decidiu que talvez gostasse disso demais para forçá-la.

Nessa manhã, Sadie trouxe mais de uma dúzia de ovos de galinha caipira para realçar a diferença no gosto com base na variedade da mercearia e produziu cuidadosamente pratos para degustação que incluíam um de cada tipo – sem revelar qual era qual.

Todas as três se sentaram na ilha da cozinha, com o Tango ao pé delas, e uma por uma, Sadie empurrou pratos de excelência sulista na frente delas – grãos de aveia, bacon e ovos, estrelados, com fatias gordas de torrada de fermento cobertas de molho de maçã.

“Entediada e engordando”, Augusta adicionou, quando Sadie produziu o prato dela.

Caroline riu da expressão de olhos arregalados da irmã. “Você poderia simplesmente não comer”, Caroline sugeriu.

“Tá brincando? E rejeitar isso? Eu não tenho a menor força de vontade!” ela exclamou ao puxar um pedaço do bacon.

Pareceu à Caroline que Augusta havia nascido com força de vontade mais

do que suficiente pelas três, mas ela não o disse. “Como vai o inventário?”

“Bem, mas E.N.T.E.D.I.A.N.T.E. – entediante!”

Savannah continuou comendo, sem se dirigir à reclamação de Augusta, fazendo uma produção quieta de mergulhar suas fatias grossas de torrada na gema do ovo.

Como ela havia comido o café da manhã sozinha todos os dias de sua vida pelos últimos dez anos? Isso que era entediante, Caroline decidiu.

Augusta e Savannah estavam ambas trabalhando de casa. Caroline imaginou se havia tensão entre elas. Ela sentia um pouco disso, mas se estavam brigando, nenhuma compartilhou aquela informação com ela.

“Você está entediada porque está enfocando as *coisas* em vez das *ações*, viu?” Sadie interrompeu, agarrando seu próprio prato e o trazendo para se juntar a elas na ilha da cozinha.

Caroline olhou o prato de Sadie, notando que ela tinha dois ovos amarelos muito brilhantes posicionados belamente nele.

“Esses parecem os peitos da Caroline”, Augusta disse secamente.

Caroline enrugou o cenho, incerta se aquilo era um cumprimento ou um insulto. “Você pegou dois da caipira em vez de um?” ela perguntou à Sadie.

“Claro!” Sadie disse, com um sorriso pequeno. “Eu não preciso ser convencida!”

Caroline riu. “Honestamente, se você nos trouxesse um prato com o cocô do Tango e dissesse que era bom, provavelmente iríamos comer, Sadie. Isso é o quanto confiamos em você.”

Sadie levantou a sobrancelha. “Sério?” ela perguntou, então cuidou da tarefa de empilhar sua refeição inteira na torrada.

“Sim, definitivamente verdade”, Savannah acrescentou.

“Então, esperem um minuto”, Augusta se intrometeu. “Acho que a Sadie está armando alguma e vocês estão mudando o assunto.” Ela balançou o garfo no ar. “Quero falar mais sobre mim!”

Até Savannah riu disso.

“Ok, então, você está entediada”, Caroline falou. “O que podemos fazer para ajudar Augusta Marie Aldridge a não ficar mais entediada?”

“Deem à garota uma maldita causa”, Sadie sugeriu. “Algo de estímulo público para que ela possa apaziguar sua consciência social.”

Caroline arrastou um bocado de comida para dentro da boca. “Bem pensado. Augie ainda não sangrou o suficiente desde que chegou aqui.”

E sangrar era o que Augie fazia de melhor. Se precisasse de sacrifício,

Augie topava; se houvesse um terremoto, uma enchente ou um furacão, ela estava lá para trabalhar intensamente e ajudar – ela iria, na verdade, a qualquer lugar e faria qualquer coisa que a fizesse se sentir uma “pessoa melhor”. Caroline entendia isso sobre sua irmã melhor do que Augie parecia perceber por si mesma.

“Eu não preciso sangrar”, Augusta reagiu, negando a acusação, “mas Sadie tem razão. Não posso ficar aqui sentada o dia todo contando os ovos em minha cesta sem me sentir insignificante sobre as pessoas que nem mesmo têm cestas para colocarem seus ovos. Você percebe que a mãe provavelmente tem um milhão de dólares em mobília só no depósito? Antiguidades originais e quadros ridiculamente caros.”

“Você se sentiria melhor se simplesmente doasse tudo?”

A cozinha caiu no silêncio.

Caroline estava sendo petulante, mas ela percebeu quase ao falar isso que Augusta estava considerando a questão seriamente.

“Bem... não teríamos que doar tudo, mas como vocês se sentiriam em vender um pouco e talvez começar uma fundação em homenagem ao Sammy?”

A atenção de Sadie foi fisgada com aquilo. “Ah! Eu gosto da ideia, e acho que a mama de vocês gostaria também, Augusta!”

Augie se virou para contemplar Sadie, surpresa pela demonstração de apoio de partes inesperadas. Ela e Sadie tinham uma longa história de rixa – a maior parte culpa da Augusta. Como Josh, Augusta sentia que, no presente momento, a permanência da Sadie no emprego na Oyster Point perpetuava ou de alguma forma fechava os olhos para as injustiças do passado, mas Sadie havia insistido que ninguém poderia entender a ligação delas além dela e da Flo. No que dizia respeito a Caroline, era a decisão da Sadie, assim como era a decisão dela de continuar cuidando delas apesar do fato de que a Flo não estava mais por lá. O que era bom também, porque seu molho de maçã era de matar.

“Caroline?”

Ela percebeu todo mundo encarando-a, esperando por uma resposta, e ela percebeu que havia se desligado.

“O que você acha?” Augie insistiu.

“Eu não estou presa a nada aqui. Nem ao menos havia visto a maioria dessas coisas por quase uma década, então por mim tudo bem vender as coisas se vocês concordam. Mas deveríamos garantir que não estamos

violando o testamento de alguma forma.”

“Eu vou falar com o Daniel!” Sadie disse empolgada e rebolou um pouco em sua cadeira.

Caroline sorriu para si mesma, percebendo que a Sadie provavelmente iria amar qualquer desculpa para ver o Daniel, principalmente desde que as visitas dele à casa aos sábados haviam sido interrompidas após a morte de Flo. Talvez, pelo bem da Sadie, ela iria retomá-las. Além disso, não iria fazer mal manter contato semanalmente. Ela tinha tanto a aprender.

“Há coisas das quais eu gostaria de me livrar no escritório também”, Caroline admitiu. “Podemos combinar de tomar decisões juntas?”

“Com certeza!” Augie concordou. Ela deu uma cotovelada na Savannah, que ainda estava comendo, e Savannah derrubou o bacon no chão.

Caroline havia esquecido que Tango ainda estava lá. Ele saltou tão rápido para morder o bacon que empurrou o banco de Savannah de debaixo dela com seu enorme traseiro. Ela foi voando de costas, aterrissando com uma pancada, tentando interromper a queda com o braço esquerdo. Elas ouviram o estalo do osso ao se entortar debaixo dela.

“JESUS! SINTO MUITO”, Augusta disse ainda mais uma vez.

Augusta, Savannah, Caroline e Sadie estavam todas sentadas pacientemente na sala de emergência, esperando o médico chamar Savannah de novo. Se a mãe delas estivesse viva, de forma nenhuma elas teriam sofrido essa espera enorme. Flo teria movido céus e terras e conseguido tratamento imediato, mas hoje, acompanhadas de Sadie, elas experimentaram um pouco o que era ser apenas outra paciente em um hospital movimentado.

Pela décima vez, Savannah as acalmou. “Não se preocupem. Não é como se vocês tivessem planejado isso ou algo do tipo.”

Augusta não estava satisfeita. Mesmo após Savannah ter sido chamada de volta para os raios-X, ela continuou a se espancar de culpa até a cabeça.

“Ela vai ficar bem”, Sadie assegurou, dando tapinhas na perna de Augusta. “Tá me ouvindo?”

Caroline tinha de admitir que, pela primeira vez em tanto tempo, apesar do pulso cheio de hematomas de Savannah, elas todas pareciam tão saudáveis como nunca antes – abertas e complacentes. Barreiras estavam abaixadas, e ela esperava que elas permanecessem daquele jeito – na verdade, faria de tudo em seu alcance para baixá-las ainda mais. Era ótimo estar reconectada.

Finalmente, após cerca de duas horas, Savannah foi chamada de novo e enquanto elas a esperavam retornar, fizeram uma revisão do evento que Augusta iria administrar – um leilão, talvez.

Sadie ainda era a testamenteira e, enquanto as estipulações finais deveriam ser feitas, ela iria, por fim, ficar encarregada de quaisquer decisões finais – embora ela as assegurasse calorosamente que enquanto estivessem “amando umas às outras”, ela não dava a mínima para o que faziam com suas posses materiais.

Então, Augusta planejou continuar seu inventário, mas com a intenção de reservar qualquer coisa que ela avaliasse ser “descartável”. Depois, as quatro, juntas, iriam decidir o que da lista original dela iriam vender.

Augusta concordou, sem incentivo, não colocar itens de valor sentimental óbvio na coluna para vender. E, assim, o humor de Augusta melhorou, embora ainda levado pela culpa sobre o pulso quebrado de Savannah.

Quando houve uma trégua na conversa, Caroline lhes contou sobre sua visita ao cemitério... sobre as rosas no túmulo do Sam.

Sadie permaneceu calada, ouvindo.

“Uau”, Augusta disse. “Não me lembro da mãe ter me levado lá uma vez depois que o pai morreu.”

“Nem eu”, Caroline disse.

Saddie balançou a cabeça com bom senso. “A mãe de vocês não era do tipo que falava sobre coisas que faziam o coração dela doer, mas ela sentia saudades do Sammy desesperadamente.”

Ambas Augusta e Caroline compartilharam um olhar e provavelmente o mesmo pensamento, mas nenhuma delas o vociferou. Flo havia estado tão ocupada sentindo falta do filho que nunca percebeu quanto suas filhas estavam sentindo falta dela também. Mas isso eram águas passadas.

Savannah surgiu outras duas horas mais tarde com um pequeno gesso no braço esquerdo. A fratura intra-articular era menor o suficiente que eles conseguiram tratá-la sem precisar repor, mas ela ficaria usando sua mais nova joia de pulso por cerca de seis a oito semanas.

Elas juntaram seus pertences, e não foi até que elas entraram no carro que Savannah admitiu, “Graças a Deus eu não tenho que tentar escrever por um tempo!”

O clássico Town Car amarelo-limão foi a primeira coisa que elas todas concordaram que deveria ir. Em condição imaculada, o carro da edição de 1978 que a mãe delas havia estimado já havia chamado a atenção de quase todos os colecionadores de automóveis na cidade, mas por mais bonito que a condição do carro pudesse ser, nenhuma das irmãs conseguia se imaginar atrás do volante. Melhor deixar alguém que possa realmente apreciá-lo tê-lo.

Organizar o leilão juntas estava se tornando primariamente um esforço para Augusta e Savannah, porque Caroline tinha as mãos cheias com o jornal.

Eles publicaram a primeira história sobre o Patterson alguns dias após ele ser solto, e continuaram com atualizações periódicas assim que novos materiais apareciam. Agora mesmo, com o intenso holofote na vida dele, Caroline odiaria estar em seu lugar. Ela quase sentia pena dele – quase, mas não completamente. Era difícil encontrar qualquer compaixão por um homem cercado por tamanha suspeita, e ela acreditava piamente que “onde há fumaça, há fogo”.

Sentada à mesa, ela pegou a edição da manhã para ler a obra de Pam. Com o Brad como tutor, e Frank inspecionando ambos, Pam estava aprendendo rapidamente para ser uma repórter especialista.

O artigo desta manhã era completamente imparcial – embora Caroline percebera que Frank havia lhe permitido inserir de forma disfarçada um elogio para o *Tribune*.

O artigo dizia:

Ian Patterson, o padre expulso da Igreja, identificado como uma pessoa de interesse na morte da estudante da faculdade de Charleston, Amy Jones,

vinte e dois anos, está agora diante de possíveis novas acusações à luz de recentes informações levadas à atenção do Departamento de Polícia de Charleston pela investigação em andamento do Tribune.

Patterson, que foi originalmente acusado no dia 5 de abril de 2011, com três alegações de abuso sexual cometido com uma menor, foi forçada a sair da Paróquia St. Luke em novembro de 2011 apesar de todas as acusações contra ele serem retiradas, ou encarar excomunhão.

Pelo menos um processo civil de abuso sexual com criança também foi registrado contra a diocese Murrells Inlet, onde Patterson dava aulas de educação religiosa, mas foi mais tarde retirado após a suposta vítima se apresentar e negar as acusações. Patterson, um nativo de Charleston, nega qualquer comportamento inapropriado com a suposta vítima.

A vítima, Jennifer Williams, não pôde ser encontrada para interrogatório e presume-se que esteja desaparecida.

A Arquidiocese pretende resistir e continuar com os procedimentos de excomunhão para Patterson. “Depois do assassinato”, disse o arcebispo James McMillain da diocese Murrells Inlet, “esse é o crime mais atroz que um ser humano pode cometer”.

O desaparecimento de Jennifer Williams agora foi supostamente ligado ao ex-padre. O chefe da polícia junto com o escritório do procurador da região está trabalhando em conjunto com a polícia de Murrells Inlet para prosseguir com novas acusações.

“Se for descoberto que ele é responsável pelo desaparecimento de Williams”, disse o advogado assistente Joshua Childres, “vamos atrás dele. É simples assim”.

Até o momento da impressão, não foi possível contato com a mãe de Williams para questionar sobre a excomunhão de Patterson.

Autoridades ainda estão procurando Amanda Hutto, de seis anos. Até a data, os dois desaparecimentos não foram conectados.

O artigo não dizia que as duas pessoas desaparecidas estavam conectadas. Na realidade, Pam ressaltou que elas não estavam... ainda assim, deixou na dúvida. Ela estava indo bem, Caroline pensou.

Bonneau também conversou com Caroline sobre mudar novamente a hora de dormir do jornal para meia-noite, apesar do custo extra em horas de trabalho. Ele insistia que era a única forma de permanecer relevante, e ter seus editores escapando de escovar os dentes para publicar no Twitter declarações curtas não ia lhes trazer uma distribuição maior da qual eles

precisavam para ficar sem dívidas. O *Tribune* precisava ter e publicar as notícias primeiro. Caroline percebia aquilo agora mais do que nunca.

Embora a competição madura com o *Post* continuasse, vencer assumia um novo significado. Vencer era apenas sobre perseverar. E, embora Caroline ainda quisesse levar o *Tribune* ao novo milênio, não pretendia fazê-lo sacrificando a confiança. Havia algo muito nobre sobre reportar as notícias à moda antiga.

Era quatro e quinze. Ela tinha quase uma hora e meia antes que o Mercado da Cidade fechasse.

Descansando a cópia do jornal do dia na mesa, ela guardou o notebook e juntou alguns documentos. Ela havia começado a trabalhar em casa durante as noites, onde Bonneau poderia achá-la se necessário. Hoje, ela estava mais do que cansada após passar metade do dia no hospital com Savannah e queria passar no mercado para ver se conseguia arranjar um presente para a Sadie – como agradecimento pelo constante cuidado que ela fornecia. Ela parou na mesa do Frank para lhe dizer que estava de saída, e então foi em direção à porta, deixando sua pasta no carro na garagem. O mercado ficava a algumas quadras, e estava bonito demais para não andar. Além disso, as ruas estavam sempre cheias de turistas a essa época do ano.

O Mercado da Cidade de Charleston ficava em uma faixa de terra entre as ruas Meeting e East Bay. Ela começou a fazer compras ao final da rua Meeting, passando pela entrada de arquitetura neogrega do mercado que abrigava o museu das Filhas dos Confederados, pulando o mercado interno. Ela fez o caminho pelas cabanas dos vendedores, onde descendentes de escravos da África Ocidental se juntavam com seus cestos caros de fibra vegetal ao lado de vendedores de camisetas e fotógrafos de Lowcountry. Charles Pinckney havia cedido sua terra para o banco da cidade de Charleston nos anos 1700 com a condição que o mercado público fosse construído no lugar. Naqueles dias, vendedores vendiam carne, legumes e peixe, junto com outras mercadorias sulistas mais lucrativas – escravos. Nos dias de hoje, ninguém gostava de pensar nele com relação ao nome original, mas o povo local às vezes ainda se referia a ele como o mercado de escravos.

Nas ruas paralelas ao mercado, carruagens puxadas por cavalos trotavam. Turistas tiravam fotos de filhas e mães e esposas pelos caminhos de tijolos arqueados e os tecelões ficavam balançando seus cestos ao final de cada calçada enquanto os turistas observavam. Caroline entrava e saía das cabanas dos vendedores, procurando por algo que Sadie fosse gostar. Ela não fazia

ideia do que comprar, mas não havia outro lugar na cidade para encontrar presentes mais criativos, todos feitos com amor por artesãos locais.

Ela parou em uma mesa com fôrmas de torta. Bem ao lado das fôrmas estavam lindos pedestais de bolo feitos de porcelana e pintados à mão, e Caroline manuseou um com flores de glicéria, admirando a obra de arte. Ela não quis bisbilhotar, mas acabou pegando fragmentos da conversa entre as duas mulheres ao seu lado.

“É ele. Acho que ele está olhando para nós!”

“Aquele homem é belo!”

Belo não era uma descrição atribuída a muitos homens e Caroline se recordou da declaração calorosa de Augusta sobre Patterson.

“Você acha que ele é culpado?”

A atenção de Caroline foi fisgada. Olhando para cima, xeretou ao redor para ver sobre quem elas estavam falando.

“Você não acha que se tivessem alguma prova contra ele, eles já o teriam prendido?” outra mulher perguntou.

“Bom, ele é culpado se você acredita no *Tribune*!”

Caroline perdeu a respiração quando avistou a figura de pé do outro lado da rua South Market, olhando pelos arcos largos de tijolos. Seu coração saltou. Ela se afastou da mesa, automaticamente entrando na multidão. Ela fez o caminho rapidamente saindo do pavilhão, observando pelos transeuntes para ver se ele a estava seguindo. Ele estava. Ele manteve o ritmo com ela, andando pela rua, observando-a. Caroline andou mais rápido, sua pele formigando de medo.

Ele não pode machucá-la aqui, Caroline.

Há pessoas demais.

Aquelas garantias não impediram seu coração de bater freneticamente.

De repente percebendo que estava indo pelo caminho errado, - longe da rua Meeting e longe de seu carro – ela voltou, mergulhando na massa de compradores, olhando por cima dos ombros das pessoas que passava.

Ele não estava lá. Ela não o viu mais. Agora era a hora de correr. Ela tirou os saltos, colocando cada um em uma mão. Ela correu até a rua Meeting.

Quase lá. Quase lá.

O som de conversa à toa era um urro em seus ouvidos e o eco de mil passos era ampliado no pavilhão. Justo antes de alcançar a última seção, o mercado interno, ela saiu na rua North Market, gritando ao trombar direto com Patterson.

“Srta. Aldridge”, ele disse em um cumprimento.

Caroline engoliu convulsivamente. Eles estavam cercados por pessoas, ela se recordou. Ele não ousaria machucá-la aqui. Ainda assim, ela recuou, mantendo uma distância segura. “Por que você está me seguindo?”

As sobrelhas dele se juntaram como se estivesse genuinamente confuso, mas ele estava zombando dela, ela percebeu pelo brilho em seus olhos. “Ah, sinto muito, você não gosta de ser escolhida e incomodada?” ele perguntou facilmente. Ele colocou as mãos nos bolsos e se inclinou para trás em uma postura não confrontadora, mas Caroline sentiu tudo menos confiança.

A proximidade deles a tantas pessoas lhe deu mais ousadia do que ela sentia. “Se você não tem nada a esconder, não tem nada com que se preocupar.”

“Você está dificultando muito o meu trabalho”, ele reclamou.

“E o que exatamente é o seu trabalho, Sr. Patterson?”

Ele olhou para ela astutamente, olhos azuis perfurantes. “Você não tem ideia no que está se metendo, *Srta. Aldridge*.”

Caroline endireitou as costas, automaticamente virando o sapato na mão direita para que pudesse usar o salto como uma arma se chegasse a isso. “Isso é uma ameaça?”

Ele balançou a cabeça. “Não, senhora. Você não tem nada a temer de mim, mas eu diria que é um alerta. Há uma diferença, sabe?”

“Não preciso de uma lição no significado de palavras, Sr. Patterson! Embora, aparentemente, você precise. Isso é assédio!”

“Não, senhora. Isso é uma simples conversa”, ele argumentou. “*Uma conversa*. Mas posso entender como você pode ter problema com o conceito de uma. Contudo, se acha que isso é assédio, acho que estamos quites porque eu diria que o seu jornal está me assediando.” Ele sorriu com clareza. “Só estou aqui lhe pedindo gentilmente para parar.”

“Isso é tudo o que tem a dizer?”

Ele concordou com a cabeça. “Basicamente.”

“Então, acho que já terminamos”, Caroline disse e se afastou.

Ele não se moveu para seguir e Caroline se apressou até a esquina da rua Meeting, onde se virou de novo para ver que ele ainda estava lá onde ela o havia deixado. Ela caçou o celular na bolsa, mas até quando atravessou a rua ele não fez menção de seguir, apenas observá-la ir. Caroline resistiu ao desejo de discar o número de Jack, lembrando-se da conversa das mulheres no

mercado. De qualquer forma, Jack não havia ligado para ela. O que ela ia fazer? Ir correndo para ele toda vez que tivesse um problema? Ele não era seu marido, ou namorado, e neste momento, ela imaginava se ele era pelo menos amigo. O problema era que ela não conseguia afastar o desejo – ou a necessidade – de ouvir a voz dele. Até mais do que as irmãs, era ele quem ela buscava instintivamente.

Ainda assim, tudo o que Patterson havia feito foi apavorá-la. Ele não estava mais seguindo-a; ele havia simplesmente aproveitado a proximidade deles. Em seu lugar, Caroline poderia ter feito o mesmo. Na realidade, ele estava muito menos irritado sobre a provação como um todo do que Caroline poderia ter ficado no lugar dele. Ela devolveu o celular à bolsa e decidiu – o quê? Ficar longe de todos que ela havia conseguido irritar?

Faz parte do ramo, Caroline. Supere.

Ou, melhor ainda, pare de irritar as pessoas.

Quaisquer que fossem os sentimentos pessoais de Caroline por Patterson, a conversa entre as duas mulheres no mercado pareceu familiar. Ela insistiu que Frank recuasse nas histórias – ou pelo menos dar uma pausa no tópico Patterson. Havia medo mais do que o suficiente permeando a cidade já. Dava para sentir no ar – uma respiração quente e úmida de preencher os pulmões com suor desagradável e umidade.

Era essa a coisa sobre assassinos em série e estupradores: todo mundo se tornava uma vítima. Enquanto as vítimas físicas eram sem dúvida aquelas a sofrerem o pior, os efeitos psicológicos do crime se perpetuavam por milhares. Cada beco mantinha sombras ameaçadoras e cada canto escuro escondia possibilidades pavorosas. Caroline duvidava que havia uma mulher na cidade neste momento que não estivesse olhando por sobre o ombro – se houvesse, ela era estúpida.

Por outro lado, através do leilão da Augusta, Caroline também testemunhou alguns dos melhores esforços da cidade a trabalho. Muitas das caridades locais já haviam oferecido auxílio e o Aquário iria doar suas instalações para o evento em si. Em algum momento nesta semana, sua irmã planejou vir ao escritório para começar um inventário lá também; Caroline nunca a havia visto com tamanha animação.

Caroline intencionalmente não pretendia trazer o assunto de seu encontro com Patterson para Augusta, porque ela sentia que Augusta iria apenas defendê-lo.

Ela saiu do trabalho um pouco mais tarde do que de costume porque ontem havia passado a manhã inteira no hospital e depois saiu cedo para ir ao

mercado – onde ela nem mesmo cumpriu sua tarefa. Tentando pensar em outro lugar onde pudesse encontrar algo adequado para a Sadie, ela percebeu que as lâmpadas elétricas das luzes no alto da garagem estavam mais brilhantes do que o normal – isso era bom. Ainda assim, ela se sentiu compelida a segurar as chaves na mão da forma como Jack a havia ensinado a segurá-las a muito tempo – com a ponta afiada da chave empurrada entre os dedos enquanto ela cerrava o punho – uma arma improvável para ser usada no improvável evento de ela ser atacada. A ideia de carregar um bastão ou spray de pimenta nunca havia lhe agradado, mas agora ela desejava ter um dos dois.

A maioria dos carros já haviam sido removidos. Ela havia estacionado dentro da visão da cabina do atendente, que estava agora sendo mantida em funcionamento durante a noite desde a experiência dela com obscenidade na porta do carro. Ela percebeu, contudo, que a garota que recebia as fichas não estava na cabina. A luz estava acesa, mas a cabina parecia vazia.

Caroline acelerou o passo, tomando ciência de seu arredor, cada chiado da edificação da garagem, cada zunido de carros passando na rua. Uma das luzes de halogênio piscou, e ela segurou a respiração, pressionando repetidas vezes o botão para destravar a porta do carro. Ultimamente, havia começado a prender, e ela precisava consertar aquilo.

Ela pensou ter ouvido passos, e agarrou a maçaneta da porta do carro, levantando-a rapidamente e sacudindo a porta aberta. Seu coração batia enlouquecido ao deslizar no banco do motorista, batendo a porta e acertando o botão de travamento imediatamente. Ela mal podia esperar para sair daqui e chegar à estrada para casa.

Colocando o carro em marcha ré, ela começou a recuar, então percebeu a tira de papel dobrada debaixo do limpador e parou abruptamente.

Uma multa na garagem?

Ela certamente não ia sair para apanhá-lo da janela. Neste momento, só queria ir para casa. Ela dirigiu até a cabina e uma cabeça surgiu de debaixo, assustando-a. Ela abaixou o vidro.

A garota sorriu com vergonha. “Desculpa por isso! Eu estava falando com o meu namorado – não queria que ninguém me visse ao telefone.”

Pelo menos ela era honesta, mesmo que estúpida – de diversas formas. Caroline supôs que a garota não se importasse muito com o trabalho ou sua vida. “Você precisa prestar atenção”, Caroline a alertou, e de repente se sentiu culpada por insistir que a cabina estivesse aberta a essa hora da noite.

A garota era só uma criança. Caroline ia ter que falar com os administradores do edifício de novo e desenvolver uma solução melhor. Parecia que você não podia tomar uma simples decisão sem considerar todas as consequências. Não é de se estranhar que sua mãe havia se fechado emocionalmente.

“Ah, olhe!” a garota exclamou, ignorando completamente a repreensão de Caroline. “Você tem um bilhete romântico no seu limpador!”

Caroline suspirou. Ah ser jovem e apaixonada, ela pensou, e deu à garota um sorriso torto. “Eu ia pegar quando chegasse em casa.”

“Ah, não!” a garota exclamou. “Você vai perdê-lo quando chegar na estrada. Deixe-me pegá-lo para você!” Ela se esticou pela janela da cabina e o puxou de debaixo do limpador de para-brisa, lendo primeiro – um pouco rude, Caroline pensou – antes de entregá-lo à Caroline com o cenho franzido. “É só do pessoal da igreja”, ela disse, soando completamente decepcionada.

Caroline pegou o pedaço de papel dela, alisou-o e entortou os olhos para ler a fonte criada em computador no interior escuro do carro.

A morte e vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto. Provérbios 18:21.

Caroline automaticamente olhou ao redor da garagem, seu olhar derrapando em um canto sombrio, onde Brad Bessett estava fumando um cigarro à luz baixa. O olhar que ele lhe lançou – um meio sorriso afetado – enviou um arrepio pela espinha, mas então... ela estava começando a ver tudo como nefário. Ele arrastou o queixo para ela, reconhecendo-a e então jogou o cigarro, esfregou no chão, e entrou no pequeno Honda S2000 prata escuro que estava estacionado no canto onde ele estava.

O CELULAR de Jack tocou enquanto ele estava arrancando a camiseta. Ele se esforçou para sair dela, olhando para o relógio. Eram nove e meia. Quem diabos estaria ligando a essa hora?

Ele torceu muito para que não fosse a Kelly, e, no momento, ele estava em cima do muro sobre Caroline. Cada vez que se falavam, parecia que havia outra batalha.

Talvez aquilo não fosse mudar nunca, e a ideia o apavorou. Se ele fosse um homem que rezava, teria previsto que todas suas orações seriam atendidas com o retorno dela à Charleston. Mas não era assim que havia acontecido; ele estava à beira de desejar que ela simplesmente voltasse à Dallas.

Seu humor piorou com os pensamentos. Ele levou um minuto para reunir

forças e ir atrás do telefone, mas parou de tocar então ele sentou na cama, tentando descobrir de onde o toque abafado tinha vindo. Mais especificamente, havia alguém com quem ele queria conversar o suficiente para gastar o esforço de encontrá-lo?

A resposta era não.

Mas ele estava no meio de uma investigação que não estava exatamente lucrando resultados então ele supôs ser obrigado.

Tocou de novo.

A persistência era uma virtude?

Ele não conseguia se lembrar.

Levantou-se, encarando a pilha de roupa suja perto da cama, resoluto em achar o celular. Ele se ajoelhou, espalhando o equivalente a uma semana de roupas sujas, mas parou de tocar pela segunda vez.

Agora ele estava irritado. Mais consigo mesmo. Mas ele estava determinado a encontrar o maldito telefone, mesmo se dissesse a si mesmo que não dava a mínima para quem estava ligando. Era uma questão de princípio agora. A casa dele era um *pit stop*. A louça fedia. Suas roupas não estavam lavadas. Seu rosto não era barbeado. Sua vida estava em ruínas. E ele realmente precisava encontrar um assassino antes que mais alguém se machucasse. A coisa era... tão determinada quanto Caroline parecia estar em fixar o assassinato de Amy Jones no Patterson, Jack estava igualmente certo de que o cara era inocente.

Mas estava começando a se perguntar sobre a conexão com o desaparecimento de Amanda Hutto. Após semanas de busca pela garotinha sem quaisquer pistas, ela foi dada como morta, mesmo se não fosse a história oficial. Nenhum corpo havia sido recuperado. E esse era o ponto...

Quando o telefone tocou pela terceira vez, ele mergulhou na pilha de roupas, localizando o celular no bolso de um par de calças jeans que ele não se lembrava de ter usado. Ele o desenterrou, usando palavras que teriam deixado sua mãe orgulhosa, e finalmente atendeu.

“Mau humor?”

Era a Caroline.

“Levemente.”

“Desculpa incomodá-lo a essa hora... você está vestido?”

Jack abriu um sorriso torto, seu humor beirando a impulsividade. “Ou você está caçando por telessexo ou está a caminho. Vou chutar que está a caminho.”

“Tenho algo para lhe mostrar”, ela disse. “Provavelmente não é nada, embora eu tenha ligado para o Josh porque achei estranho... ele achou que eu deveria lhe mostrar.”

“Tudo bem.” Jack ignorou a dancinha da vitória que seu coração fez entre as costelas. Foi interrompida imediatamente por sua preocupação. “Venha por seu próprio risco”, ele preveniu.

“Engraçado.”

Ele não estava nem de longe brincando. “Você sabe chegar aqui?”

“East Ashley, certo?”

“Passa o Washout. Procure pelo quintal descoberto com o caiaque novo pendurado nos arbustos e uma moto meio montada na garagem.”

Ela riu. “Estarei aí em um segundo. Estou quase na esquina.”

“Até.”

Jack desligou e, apesar do alerta que havia emitido, ele se apressou para se endireitar, enfiando a roupa suja no armário e jogando fora embalagens de barrinha de proteína.

CAROLINE ENCONTROU a casa fácil o suficiente, mas como sempre, pensou que o Jack era duro demais consigo mesmo. Muitas das casas nessa rua eram alugueis de verão. Mosqueadas com moita de praia, não era como se qualquer uma delas fosse candidata para o Quintal do Mês. Os moradores aqui eram na maioria comedidos, preferindo pés descalços a sapatos de estilistas – exceto na intensidade do verão, quando a areia era tão cruelmente quente que mesmo os maçaricos-das-rochas saltavam nervosamente pela areia incandescente.

As luzes estavam acesas dentro da casa, mas as cortinas abaixadas, oferecendo apenas o brilho mais fraco. Junto com a frente da praia, luzes queimavam atrás de cortinas pesadas de uma longa fileira de casas – como um trem de luminárias.

Caroline imaginou qual casa era de Karen Hutto, e sentiu uma dor aguda de culpa por não ligar para checar a mulher. Quanto mais sua filha permanecia desaparecida, pior era o desespero no qual estava obrigada, e Caroline mal conseguia aguentar a ideia de olhar nos olhos dela. Era como assistir à sua mãe tudo de novo – seu fogo interno queimando cada dia menos, até que finalmente cessou.

Ela estacionou o carro ao lado do arbusto germinando caiaque de Jack e fez o caminho subindo as escadas até a entrada. Ele abriu a porta antes que

ela tivesse a chance de bater e ficou ali, sua silhueta marcada pela suave luz âmbar de dentro, sua camisa abotoada aleatoriamente e um lado enfiado dentro do jeans.

Um arrepio se arrastou por ela.

Ela disse a si mesma que era o úmido ar noturno, mas estava quente demais para arrepios.

“Entre.”

Ela não estava pronta para as memórias que a tomaram ao ver Jack meio vestido. Ele não tinha mais o corpo magricela de sua juventude. Seus braços eram bem definidos e seu peito esculpido – não como os musculosos que ela via normalmente nas academias em Dallas, apenas bem definido, como um cara que não tinha medo de trabalhar ou da luz do sol.

Caroline entrou contornando-o, tomando cuidado para não tocá-lo, e olhou ao redor da humilde casa, sua atenção sendo tomada por itens familiares – o macio sofá de couro na cor de corça que ele havia comprado para o primeiro apartamento dele – o primeiro apartamento deles – uma luminária vermelha de tecido dos anos sessenta que ele havia furtado da casa da mãe antes de ela ter sido presa e o aluguel ter ficado sem pagar tempo suficiente para o proprietário colocar um cadeado na casa e pegar seus pertences. Jack havia percebido que era inevitável. Ele a havia afiançado vezes demais, então os deixou empacotar suas fotos de bebê e leiloar as coisas de valor antes de jogar fora o lixo – as memórias de sua vida. Mais tarde, após sua mãe ser solta, o corpo dela foi encontrado em um beco no centro da cidade, em uma condição que nenhum filho deveria testemunhar – mesmo se ele fosse seu único parentesco próximo. Ele havia recusado qualquer ajuda de Caroline e nunca havia realmente falado muito sobre isso depois.

Caroline sentiu uma pontada de arrependimento pelo jeito que o havia tratado quando voltou para casa. Insultar a mãe dele era um golpe baixo, e ela só o havia feito porque estava ferida. Ela percebeu isso agora.

Jack estava certo. Ela ainda estava irritada com ele por acordar na cama de outra mulher treze dias antes do casamento deles – embora ele tenha jurado que não tinha feito sexo com ela. Não havia importado. Ela tinha estado furiosa com a mãe por mandá-lo para casa com Claire – irritada com o Jack por levá-la em primeiro lugar – e ainda mais irritada com ele por não ligar para lhe contar que sua melhor amiga havia praticamente tido uma overdose com as pílulas da mãe dela. Para piorar as coisas, uma parte de

Caroline suspeitava que a mãe havia arranjado a coisa toda para impedir Caroline de se casar com Jack.

Bem, funcionou.

Ela sufocou uma sensação de indignação sobre a memória.

Ele a estava encarando, olhos brilhando levemente, estudando a reação dela a sua casa. “Quer beber alguma coisa?”

Caroline levantou as sobrelanceiras, captando os copos espalhados – todos eram canecas de bar. “Há algum copo limpo sobrando?”

Ele deu de ombros.

Caroline sorriu com cansaço. “Na verdade, só vim lhe mostrar isso.” Ela abriu a bolsa e caçou o bilhete. “A princípio, pensei que fosse uma multa...” Ela entregou o pedaço de papel a ele.

Jack o pegou e levou mais perto da luz, desdobrando-o.

Seus olhos se abriram, e ela viu algo registrar lá – por apenas um instante; então, ele afastou o olhar, e olhou para cima com um sorriso apertado. “Onde você pegou isso?”

Ele estava escondendo algo.

“No meu carro. Debaixo do limpador.”

Mesmo a única palavra soava tensa. “Quando?”

“Hoje à noite. Quando estava saindo do trabalho.”

“Na garagem?”

“Sim.”

Ele concordou com a cabeça, seus olhos indo e vindo entre Caroline e o pedaço de papel, e ele de repente pareceu nervoso de uma forma que não havia estado antes. Caroline sabia instintivamente que o que quer que ele estivesse escondendo dela era algo importante, mas ela também percebeu que ele não ia lhe contar nada depois que ela havia anunciado sua última descoberta para a cidade inteira.

Você realmente o culpa?

“Estava lá durante o almoço?”

Caroline deu de ombros. “Não sei.”

Ela conseguia ver as rodinhas girando atrás dos olhos de cor azul-oceano. “Você se importa se eu ficar com ele?”

Ela encontrou seus olhos, sem piscar, tentando lê-lo. “Você acha que significa alguma coisa?”

Ele deu de ombros, colocando a proclamação religiosa na mesinha de centro.

Ela percebeu que ele não poderia descartá-la rápido o suficiente, mas ele escolheu um lugar na mesa que para qualquer outra pessoa poderia parecer sem intenção – fora do alcance de espíritos potenciais e longe de todos os outros artigos. Ele até moveu um copo do caminho que não tinha mais do que uma golada restante nele.

“Sei lá”, ele disse. “Talvez. Poderia ser apenas um fanático cristão deixando seu cartão de visita. Havia um bilhete parecido no carro de mais alguém?”

“Haviam poucos carros na garagem, mas eu não o vi até já estar dentro do carro e eu não ia sair para checar.” Ela imaginou se deveria lhe contar sobre o Brad, mas decidiu não. Brad tinha que ter saído depois dela, porque ela o havia espiado conversando com o Frank momentos antes de ela sair do escritório. O bilhete já estava no carro dela.

Ele encarou o bilhete na mesa.

“Boa garota”, ele disse, e finalmente focou seu olhar azul completamente nela. A tensão de seu corpo permeou a sala.

Caroline se sentiu nervosa meramente por estar ao lado dele.

“Há algo mais...”

Ele ficou tenso, os músculos em seu bíceps se flexionando.

“Eu esbarrei no Patterson no mercado ontem.”

A sobrelha dele se apertou. “Você falou com ele?”

“Brevemente. Ele me pediu, nas palavras dele, ‘de forma amigável’ para parar de assediá-lo.”

“Ele a ameaçou?”

“Não de verdade.”

Ele se moveu para perto dela, o olhar angustiado.

Caroline engoliu a respiração, assustada com o avanço.

“Caroline, prometa-me que de agora em diante você irá para casa quando o resto do mundo for para casa... você não precisa provar nada para a sua mãe.” Ele estendeu a mão para tocar o rosto dela. “Prometa-me”, ele implorou.

A mão dela se moveu automaticamente à dele, com a intenção de afastá-la. “Jack...”

“Eu alertei você para vir aqui por seu próprio risco”, ele a recordou, seus olhos girando com emoção.

Caroline não a afastou.

Ela não queria.

Ela segurou a respiração enquanto ele tomava o queixo dela e se inclinava para a carícia.

Foi tudo o que precisou.

Dez anos de desejo bocejante e insatisfeito foi desatado com um simples toque. Jack a tomou em seus braços, as mãos dele envolvendo o corpo dela, sua boca abaixando-se à dela. Ele a beijou, e Caroline derrubou a bolsa no chão e jogou os braços ao redor dele, seu corpo respondendo de uma forma que não havia respondido a ninguém antes. Ela gemeu, beijando-o de volta, pressionando os contornos firmes do corpo dele, desejando a quentura de sua pele contra a pele exposta dela.

Depois disso, ela só foi perceber as mãos dele levantando a saia dela e ela autorizou. Ele alcançou entre as pernas dela, debaixo da calcinha, encontrando-a molhada e rugiu no fundo da garganta.

Pequenos espasmos de orgasmo se moviam pelo corpo de Caroline com aquele simples toque, e a próxima coisa que ela percebeu foi suas roupas no chão... assim como ela e o Jack.

Jack não tinha certeza do que o havia tomado – algo primitivo e possessivo.

Eles foderam uma vez no carpete da sala de estar, como animais. Vê-la pelada era um pouco como tirar um homem faminto do deserto, costelas afundadas com fome, e colocá-lo perante a uma mesa transbordando com todos os alimentos que ele poderia querer.

Na sequência, ele a trouxe para o quarto para amá-la com seu coração, fazendo amor com cada centímetro de seu corpo do jeito que ele havia imaginado fazer há longos dez anos.

Ele abriu as pernas dela, encontrou o precioso botão que ele amava e fez um banquete no rico néctar do corpo dela, bebendo quando ela gozava na língua dele. Ele traçou os contornos dos seios dela, lembrando-se deles com os lábios, o vale no caminho e os mamilos atrevidos que se pavimentavam contra a quentura da língua dele.

Cada vez que ele havia ficado com a Kelly – ou qualquer pessoa por sinal – ele havia pensado na Caroline. Cada vez que satisfazia seu corpo, ele desejava que a comunhão fosse com a Caroline. Ele não queria fazer amor com mais ninguém – de jeito algum.

Só a Caroline.

Jack gozou três vezes durante a noite, mas ele tinha certeza que Caroline o havia feito pelo menos duas vezes mais. Como fogos de artifício na virada do ano, cada culminação do desejo dela vinha em rápida sucessão, uma atrás da outra, fazendo seus dedos do pé se contorcer e encher o coração dele de quentura.

Eles fizeram amor, gentilmente, uma última vez e quando eles haviam acabado, ela ronronou feliz e ele rolou para o lado dela, jogando as mãos em seu cabelo, acariciando a bochecha dela com o polegar. “Eu amo você”, ele sussurrou. “Eu sempre amei você.”

Ela permaneceu em silêncio. Mas tudo bem para ele. Ele a deixaria ir devagar, sabendo que ela precisava fazer isso em seus próprios termos. Se ele a pressionasse, ela iria se fechar e ele não queria dar mais nenhum passo atrás. Tão Neanderthal como isso possa soar, ela era dele, sempre seria – prova disso estava no modo como ela havia respondido a ele – mas ele conseguiria esperar até que ela percebesse tudo por conta própria. Eles já haviam esperado dez anos.

Ela olhou para o relógio e o braço de Jack deslizou ao redor da cintura dela, lendo a mente dela, prendendo-a no abraço.

Eram duas e vinte e dois da madrugada.

“Eu deveria ir para casa”, ela disse, sorrindo.

“Mas você vai ficar bem onde está”, ele lhe disse com certeza. “A menos que eu esteja indo com você, você não vai sair da minha casa a essa hora da noite – mesmo que eu tenha de amarrar sua bunda à minha cama.”

Ela deu risada, e lhe lançou um olhar ardente que aqueceu o sangue dele tudo de novo. Ele não achava que ainda tinha algo sobrando dentro de si. “É? E o que você fará comigo depois?”

Jack se enrijeceu completamente com a pergunta e se reposicionou de joelhos, levantando uma sobancelha ao olhar para ela sugestivamente.

Havia uma camisinha restando na gaveta.

A expressão dela de olhos abertos quando percebeu quão completamente ela o afetava trouxe um sorriso travesso aos lábios dele. “Vamos descobrir”, ele sugeriu com um gracejo malicioso.

Como um convite, ela jogou as cobertas, gloriosamente nua, oferecendo-lhe os pulsos para serem amarrados.

Ele não precisava de mais encorajamento.

FAÇA uma curva à esquerda em vez de à direita... e mais tarde você escuta que perdeu uma colisão de três carros. Mas você ouviu... e está à salvo em casa, enchendo uma taça de vinho e mudando de canais... sentindo-se superior porque... *você sabia*.

Intuição.

Todos têm isso. A maioria das pessoas ignora. Mesmo na absoluta inocência, uma criança sabe quando ficar cautelosa – elas sentem isso lá no pequeno âmagos se revirando – uma sensação de “uh oh” que manda as crianças choramingando para a saia da mamãe.

A garota Hutto sabia das coisas.

Ela o seguiu mesmo assim, querendo ver o ninho de tartaruga que ele prometeu lhe mostrar.

Em algum momento, a maioria das pessoas paravam de ouvir aquela voz interior.

Então, um dia, você tem trinta e cinco anos, com crianças em casa e cabelo grisalho surgindo pela tintura, e está sozinha em um estacionamento quando um cara se aproxima pedindo direções.

Talvez você pense que ele é fofo, apesar da barba bagunçada e de três dias e a mão enfiada no agasalho... ou talvez a cor da pele dele a faça se sentir culpada porque seu primeiro instinto – seu instinto mais primitivo – é subir a janela e dirigir se afastando.

Ou talvez você seja apenas estúpida.

Era com isso que predadores como Donald Pee Wee Gaskins contavam: pessoas estúpidas. Gaskins ficou tão destemido que até comprou um antigo carro funerário, dizendo ao pessoal em um bar local que ele precisava dele para rebocar as vítimas ao seu cemitério particular.

Ninguém acreditou nele.

Eles pensavam que o homem baixinho com a perna coxa era perfeitamente inofensivo.

Se eles não conseguiram encontrar um idiota como o Gaskins até que ele fracassou e tentou apagar um homem por mil e quinhentos dólares, eles nunca iriam pegá-lo.

Você é esperto demais.

Prove.

NO TOTAL, Caroline talvez tenha tido três horas de sono.

Se ela parasse para pensar sobre o que havia feito, poderia ficar envergonhada, mas ela havia jurado não pensar nesta manhã como uma questão de autopreservação.

Assim que o sol deslizou debaixo das venezianas da janela, ela se levantou e se apressou para se vestir, juntando suas coisas. Ela checkou o

celular. Dezesseis ligações perdidas e cinco mensagens – tudo de Savannah e Augusta. Ela se sentiu pesados instantaneamente por não deixá-las saber onde estava. Se uma das irmãs tivesse feito a mesma coisa com ela, ela iria matá-la. Mas fazia muito tempo desde que se sentira na obrigação de verificar alguém – ou, por falar nisso, desde que ela havia saído com um cara – então ela simplesmente não pensou – mas deveria tê-lo feito, considerando o clima de medo em Charleston.

Então, de novo, esse não era qualquer cara e, lá no fundo, ela sabia que não era só uma noite. Aquilo a atemorizava e excitava ao mesmo tempo.

Ela acordou Jack para dar tchau.

“É sábado”, ele reclamou meio grogue, segurando-a pela mão e puxando-a para baixo para poder beijá-la. Uma mão agarrou o traseiro dela, puxando-a mais para perto.

“Eu tenho que ir”, Caroline protestou com um sorriso. “Augie e Sav estão provavelmente irritadas comigo de qualquer forma por não ligar.”

“Assim como deveriam estar”, ele ofereceu, mas a soltou. Ele deitou lá completamente nu, parecendo impenitente e muito sarado.

“Então nós...” Ela gesticulou entre eles de forma estranha. “Eu devo... ligar... talvez mais tarde?”

Parecia que quase nada poderia arruinar o bom humor dele, Caroline decidiu quando o sorriso dele se alargou. “Mais tarde. Cinco minutos de agora. Qualquer hora serve para mim”, ele a assegurou, colocando a mão sobre o músculo peitoral esquerdo bem definido e esfregando o peito distraidamente. Aquela mão – aqueles dedos – haviam estado em lugares que ela nunca havia imaginado.

As sobrancelhas de Caroline se juntaram. Ela não ficava confortável com expectativas, mas a resposta indiferente de alguma forma a desagradou. “Certo. Ok, ligo mais tarde.”

“Tome cuidado”, ele ordenou. “Use o cinto de segurança e tenha certeza de olhar para os dois lados antes de atravessar a rua.”

Caroline riu, apesar do desconforto. “Você ainda é um imbecil”, ela declarou.

“E você ainda é bonita pra caralho de manhã!” ele disse enfaticamente.

O rosto de Caroline se dividiu em um sorriso com a bajulação dele. “Tchau”, ela disse, e ao se virar para sair, ela percebeu seu próprio sorriso alargado.

No instante em que Caroline saiu pela porta, Jack se levantou e se apressou até a cozinha. Ele agarrou uma sacola plástica e um pegador de espaguete – o único utensílio limpo que conseguiu encontrar – e andou de bunda de fora até a sala de estar, cuidadosamente levantando o bilhete da mesa de centro com o pegador e colocando-o dentro da sacola, fechando-a bem apertado.

Em sua intuição, ele sentia que era uma mensagem.

Então, o cara deles era um pouco do tipo que busca emoção, afinal de contas. Isso era tanto bom quanto ruim, porque enquanto ele estava se comunicando, Jack percebeu que ele também estava se preparando para outro show medonho.

A essa altura, ele não poderia fazer uma maldita coisa sobre as digitais de Caroline ou dele no papel, mas não queria se arriscar com o primeiro possível pedaço de evidência no caso – embora até agora o cara deles tenha deixado zero evidência e Jack tinha certeza que ele não enviaria uma mensagem como essa sem tomar precauções similares. Mais tarde, ele enviaria para o laboratório examinar – mas primeiro, ele planejou fazer algumas investigações.

O ASHLEY ERA um rio de água negra de cinquenta quilômetros alimentado pelos pântanos Wassamassaw e Great Cypress. Irmão do Cooper, o canal era tão inconstante quanto as ondas que o governavam. Como gêmeos mocassins pretos, as profundidades dos rios escuros deslizavam até o mar, jogando os

destroços do naufrágio diário no porto de Charleston, onde as ondas flutuavam como remanso dentro de uma xícara.

Do outro lado de Folly, o rio Stono cortava o caminho por mais terreno pantanoso – terra que era enganosamente bonita e incorrupta mesmo após séculos – exceto por algumas crostas sobre a terra pela humanidade fugindo – as ruínas, terraplanagens e baluartes.

Você poderia literalmente jogar uma pedra em uma das crostas direto do parque Brittlebank, um pequeno campo verde público e silencioso aninhado no rio Ashley. Do outro lado da rua ficava a delegacia de polícia, tornando o lugar ótimo para uma excursão familiar, completo com um playground e cais para os barcos que chegavam.

Certamente, ninguém trabalhando dentro do prédio de dois andares teria quaisquer preocupações sobre trabalhar em um sábado. Lá dentro, Kelly Banks estava sentada olhando atentamente a tela do computador.

Ela havia começado o exercício de pessoas desaparecidas como uma forma de ganhar o perdão de Jack, mas achou fascinante. Primeiro, falou com John Sever, o detetive encarregado da Unidade de Pessoas Desaparecidas, para obter uma compreensão melhor. Felizmente, ela o encontrou trabalhando em alguns relatórios abandonados. A qualquer hora, parecia haver uma pilha na mesa dele – crescendo mais do que diminuindo – e em vez de jogar bola com o filho em casa, ele sentava no escritório identificando e preenchendo os desaparecidos e os mortos.

Os arquivos de pessoas desaparecidas eram retidos indefinidamente, até que o indivíduo fosse localizado ou o registro cancelado. O número era sempre alto, Sever lhe contou – seis vezes maior desde os anos oitenta – o número maior era primeiramente devido ao simples fato de que os oficiais da lei levavam os relatórios mais a sério. Mas enquanto o número de desaparecidos reportados nacionalmente em qualquer ano poderia alcançar setecentos mil e mais, o relatório ativo de pessoas desaparecidas era uma fração daquilo. No final de 2010, por exemplo, o relatório ativo do Centro Nacional de Informações sobre Crimes dos Estados Unidos (NCIC) continha aproximadamente oitenta e cinco mil, e somente uma fração daqueles eram relacionados a raptos ou sequestros.

Assim que Kelly se sentiu pronta, ela pegou emprestada uma mesa vazia na unidade de identificação criminal. Havia vários bancos de dados disponíveis, inclusive NCIC e o Sistema Nacional de Pessoas Desaparecidas e Não-Identificadas dos EUA (NamUs), um depósito público relativamente

novo para pessoas desaparecidas às vezes utilizado por escritórios de patologistas e médicos-legistas. A última lista era pública, o que poderia lhe dar acesso aos casos que, por alguma razão, não haviam sido propriamente reportados. Ela começou com o NCIC, fez suas anotações, imprimiu cópias da lista e, então, foi para o banco de dados do NamUs, que revelou um total de duzentos e vinte e quatro casos para Carolina do Sul – cento e quarenta ainda abertos... datando de 1972.

Aquilo não fez a cabeça dela girar, mas também não lhe disse nada, então ela restringiu a busca apenas para adultos atualmente desaparecidos, o que reduziu os números para uma lista de uma página pronta para impressão, mas quando ela conseguiu um mapa, a concentração não revelou nada. As localizações virtuais eram todas sobre o estado. Clicar nos pontos revelava pessoas de todas as idades e tipos – uma mulher branca de vinte e sete anos de Gaston, uma mulher negra de cinquenta anos desaparecida de Greenville, um homem branco de oitenta e seis anos de Greer.

Ela salvou aquela pesquisa e tentou outra abordagem, removendo pessoas desaparecidas que eram mais velhas que sessenta e cinco anos e cruzou referências com a lista da NCIC de Despacho de Emergência Médica (EMDs) – pessoas de qualquer idade desaparecidas sob transtorno mental e senilidade. Ela as removeu de sua lista.

Se ela descobrisse qualquer coisa significativa, eles teriam de pegar alguém para fazer uma análise mais profissional. De forma nenhuma alguém iria aceitar a pesquisa dela como oficial, mas então de novo, ela só estava fazendo isso para ajudar o Jack.

A lista se restringia a talvez vinte para o estado inteiro – mas a concentração novamente não revelava nada. Então, ela correu o relatório não pela área em que residiam quando foram reportadas desaparecidas, mas a última localização conhecida quando estavam vivas.

Seu mapa se moveu levemente, mas não o suficiente para fazer qualquer correlação. Os números eram apenas baixos demais para revelar qualquer coisa. Ainda haviam vários pontos representacionais por todo o estado, mas um padrão parecia estar surgindo perto das áreas costeiras e, principalmente, em lugares conhecidos por altas taxas de afogamento.

Parecia louco, mas apesar das enormes placas colocadas em todos os lugares que tinham correntes perigosas, o número de afogamentos cada ano nunca baixava. Era quase como se fosse um desafio que algumas pessoas simplesmente não conseguiam rejeitar – normalmente caras do exército que

pensavam estar em forma física excepcional e que acreditavam de alguma forma que as leis da natureza não se aplicavam a eles. Durante os meses da primavera e do verão, não era incomum ouvir os helicópteros da Guarda Costeira circulando lá no alto.

Seguindo aquela lógica, ela filtrou homens entre a faixa etária dos dezesseis e trinta e cinco anos e cruzou referência com a lista da NCIC de EMVs – pessoas desaparecidas após uma catástrofe. Uma linha fina irregular de pontos virtuais olhou de volta para ela pela tela do computador.

Ela clicou pelos pontos cercando Charleston, revelando a maioria mulheres – garotas – entre dezesseis e trinta e sete anos. Uma delas por acaso era Jennifer Williams de Murrells Inlet. Havia outras jovens garotas – inclusive Amanda Hutto de seis anos – uma mão cheia de homens, e um garoto de quatro anos, desaparecido desde 1989... Robert Samuel Aldridge III. Ela conhecia o nome – quem não?

Encarando a última foto publicada da criança, ela tentou distinguir uma semelhança com Caroline. Ela mal conseguia ver. O garoto era jovem demais e a foto muito embaçada. Talvez ele parecesse mais com o pai? Ela imaginou o que deve ter sido para as Aldridges perderem uma criança tão jovem. Ela não sabia muito sobre as circunstâncias, exceto que o pai de Caroline havia brevemente feito os noticiários, acusando sua ex-esposa de drogadição e evitando toda a culpa pela morte por afogamento do filho. Kelly se lembrou de seus pais falando sobre isso. Mais tarde, sua mãe havia se recusado a deixá-la ir para a praia com a tia, citando a criança Aldridge desaparecida como seu conto preventivo favorito. Tornou-se uma lenda urbana, como Tubarão... ou a garotinha de quatro anos na Flórida que foi arrebatada por um crocodilo em seu quintal.

Ela ficou lá sentada, tentando encontrar empatia por Caroline e mesmo quando um pequeno núcleo de emoção surgiu, ela o obstruiu, dizendo a si mesma que não precisava sentir pena da garota que tinha tudo, inclusive Jack.

Enquanto estudava a massa de pontos na tela, ela tomou ciência de que, atrás dela, alguns dos homens na unidade estavam conversando com um recém-chegado. Distraída, ela se virou para ver quem havia chegado.

Josh Childres lhe lançou um sorriso quente, seus olhos extraordinariamente azuis brilharam ao vê-la. Eles haviam trabalhado juntos por um tempo antes de ele ir trabalhar para o escritório do procurador da região e se ela não estivesse tão louca pelo Jack, poderia ter realmente ido pelo Josh. Ele era uma ambiciosa estrela em ascensão, com uma

personalidade charmosa e lábia suave que de alguma forma conseguia ganhar você apesar do exagero de açúcar em suas palavras. Agora, parecia ridículo ter namorado dois homens que eram intrincadamente ligados à Caroline Aldridge. Então, isso estava arruinado para ela também.

“Oi, bonita”, Josh disse, piscando.

Kelly ficou ruborizada. “Oi.”

“O que você tá fazendo trancada aqui em uma manhã de sábado?”

O calor nas bochechas dela se intensificou, consciente de que a atenção na sala havia virado em sua direção. “Checando o banco de dados de pessoas desaparecidas.” Havia um ponto de interrogação nos olhos dele, e embora ela não quisesse que alguém soubesse o que estava fazendo, ela não conseguiu evitar responder. “Tentando ajudar o Jack.”

“Entendo”, ele disse. “Bem, o que quer que esteja fazendo por ele, não quero saber.” Ele se virou para sair. “Vá pegar um pouco de sol, raio de sol. Está um dia lindo!” Para os caras ele jogou um final, “Não trabalhem demais”.

“Ei, Josh.”

Ele se virou para encará-la. “Você tem um segundo?”

As sobrancelhas dele se agitaram. “Claro.”

Ela fez sinal para ele se aproximar, não querendo perguntar em voz alta. Embora ele não tivesse parentesco de sangue, era evidente que tinha sentimentos sobre o desaparecimento de Sam Aldridge e ela não queria uma audiência.

Ele se ajoelhou ao lado dela. “Que foi, docinho?”

Ela sussurrou. “Você é tão namorador! Eu só queria perguntar sobre o Sam Aldridge... ele ainda está no banco de dados.”

O sorriso brilhante sumiu do rosto dele e sua expressão ficou sóbria. Ele olhou para seus lustrosos sapatos Versace, inclinando-se na cadeira de repente para apoio. “Isso porque eles nunca encontraram o corpo dele.”

“Acho que fiquei surpresa por alguma razão. Todo mundo parecia ter tanta certeza que ele havia se afogado.”

Ele olhou para a tela do computador. “São esses os resultados?”

Kelly olhou para a tela também. “Sim, há apenas uma mão cheia de desaparecimentos inexplicáveis na área... até noventa e seis. Depois, temos mais. Eu estava pensando em remover tudo antes dessa data, mas queria ver o que você achava. Quero dizer, a última coisa da qual quero ser acusada é de deixar Sam Aldridge para trás porque ele é irmão da Caroline. Se é relevante,

vou deixar. Você pode me contar o que sabe sobre o desaparecimento dele?”

Josh correu a mão pela mandíbula. “Não sei. Eu era muito novo. Ele desapareceu em oitenta e oito, então eu tinha – o quê – sete? Foi uma merda bem difícil”, ele admitiu.

“Bom... o que você acha?”

“Acho que você está em segurança ao removê-lo se quiser. Elas tinham bastante certeza de que o Sammy se afogou. Ele subiu em uma pequena balsa inflável e essa foi a última vez que alguém o viu.”

“Ok, bom, obrigada mesmo assim.”

Ele deu de ombros. “Meu conselho a você: deixe o Jack se preocupar com isso. Isso é trabalho dele. E é melhor eu ir pra unidade de evidências e fazer o meu ou não vou ter um quando voltar.” Ele se levantou e deu um tapinha no ombro de Kelly. “Boa sorte com aquela lista.”

“Sim, obrigada.”

“Pego vocês todos mais tarde”, ele disse aos caras.

Eles responderam em uníssono, enxotando-o.

“Você tá trabalhando em uma lista de pessoas desaparecidas para o Jack?” um dos detetives perguntou.

Kelly recuou. “Sim.” A qualquer custo, ela queria evitar uma conversa sobre isso, então não se virou para falar com ele. Ela sabia que a última coisa que o Jack iria querer era que o departamento inteiro soubesse que ela estava tentando ajudá-lo, principalmente depois de o Condon tê-lo alertado para enfocar na única vítima e solucionar o crime sem atemorizar as pessoas.

“Encontrou algo interessante?”

“Não muito.”

Kelly cuidadosamente o ignorou, encarando o mapa por mais um instante, e então ela apertou o botão de impressão, concluindo que, a essa altura, poderia tudo ser relevante. Ela queria sair desse escritório e se afastar dos olhares predadores e abelhudos rudes. Como Josh sugeriu, ela deixaria Jack decidir. Juntando todos os seus documentos, ela encontrou um envelope amarelo e escreveu o nome do Jack atrás, depois o selou e levou consigo.

Augusta havia esperado até o sábado para ir aos escritórios do *Tribune*. Quanto menos pessoas presentes, melhor. Ela não queria dar explicações e a última coisa que queria fazer era assustar o pessoal em se preocupar com seus empregos. O plano era entrar, dar uma olhada ao redor e então entrar em contato com Caroline mais tarde para ver o que ela achava que poderia ser vendido versus o que ela queria guardar.

Caroline já havia lhe alertado sobre o que esperar quando entrasse nos escritórios. Ela dirigiu o Town Car até a cidade, bem menos ofendida por ele agora que sabia que seria logo vendido para a caridade. Mas ela não podia dizer o mesmo sobre os escritórios do *Tribune*. A área da recepção inteira agora parecia um gigante sorvete, completo com carpete na cor frutas silvestres e paredes de pêssago. As cores por si só faziam-na querer colocar uma concha de sorvete pela garganta e vomitar.

Seu queixo caiu quando viu o candelabro, e ela teria ficado lá boquiaberta, exceto que ela tinha medo que o instrumento de dez toneladas pudesse cair do teto e esmagá-la. Jesus, se o fantasma da mãe dela ainda estivesse passeando em algum lugar, ela poderia realmente achar uma forma de quebrar as correntes de aço pelas quais estava pendurado – principalmente se ficasse sabendo do fato que as filhas iriam destruir o lugar e vender todas suas baboseiras caríssimas. Irritava-a o fato que Flo provavelmente havia gasto mais naquele ornamento de iluminação do que havia feito por todos os aniversários combinados delas com o passar dos anos.

Não era fácil para Augusta pensar na mãe com simpatia. Ela nunca diria em voz alta para o bem da Sav e Caroline, mas o mundo era melhor sem

Florence W. Aldridge.

Caçando uma lata de balas Altoids na bolsa – seu único vício restante – ela abriu a caixinha e jogou uma na boca. Ela havia trocado o vício por ambos seus hábitos de fumar e beber há cinco anos, após perceber que estava se tornando a própria mãe – correndo em círculos permanentemente anestesiada e sugando cigarros como se tivesse um desejo de morte.

Ficando reservada, Augusta perambulou pelo labirinto de cubículos, evitando contato visual com os ocupantes. Se ela fingisse não vê-los, talvez eles a deixassem em paz – ou melhor ainda, fossem embora.

Ela encontrou o escritório da Caroline fácil o suficiente – principalmente porque era o mesmo lugar onde havia sido o escritório da mãe dela.

Jogando a lata de Altoids de volta à bolsa, ela entrou e xeretou o escritório, abrindo gavetas e arquivos. Diferente da sala de espera irritável dos Confederados que se duplicava como corredor, o escritório de Caroline era rígido em comparação – nada nas paredes, exceto por uma fina linha de sujeira onde os antigos quadros deviam ficar pendurados. Mais evidência de um quadro da série de museu: um buraco gordo e grande na parede que provavelmente costumava acomodar um prego do tamanho de um tronco de pau-brasil – perfeito para pendurar quadros massivos, gritantes e com molduras de ouro do tipo que a mãe delas teria exposto. Augusta não havia estado nos escritórios tempo demais para dizer o que havia estado pendurado lá, mas não ficaria surpresa em saber que era um retrato da própria amável e perfeita Florence W. Aldridge, filha íntegra da arruinada Confederação não-consigo-esquecer-o-passado e ícone para a liga feminina da América.

Ela estava contente que a mãe havia dado a responsabilidade do jornal para Caroline. Augusta não queria uma maldita coisa a ver com ele.

Então, de novo, ela não queria nada a ver com a casa também, mas aqui estava ela enterrada em listas de itens que incluíam antigos aquecedores de cama, urinóis e colchas feitas à mão que foram provavelmente cosidas à mão de forma amável pela própria Betsy Ross.

Pelo menos a maior parte do inventário faria alguém com um furo no bolso muito, muito feliz. Livrar-se disso deixava Augusta empolgada.

Ela se sentou à mesa de Caroline, observando os funcionários do jornal correndo de um lado a outro debaixo das luzes intensas do departamento editorial – o que também significava que eles provavelmente a estavam observando. Daqui ela poderia espiar todo mundo, exceto o velho miserável que estava administrando a mesa editorial desde que os dinossauros

perambulavam o planeta. Ela pensou que o escritório dele era ao lado e ele provavelmente estava com a orelha na porta, garantindo que Augusta não ultrapassasse seus limites. Velho rabugento extravagante.

Colocando a bolsa na mesa, junto com o caderno, ela se sentou na cadeira de Caroline, remexendo os papeis na mesa de Caroline – edições passadas – história de capa sobre aquele cara Patterson, que havia lhe lançado como um jogador de beisebol o tênis da mãe. Pobre belo bode expiatório. Por alguma razão, ela simplesmente não conseguia imaginá-lo como culpado. Ele tinha o rosto de um anjo. E o corpo de um deus grego.

Ela se sentou ali, tentando imaginá-lo estrangulando a garota Jones, mas simplesmente não se materializava em sua mente.

No que dizia respeito à Augusta, um homem era inocente até que provassem o contrário, e possuir um estúpido tênis e algumas digitais no carro da vítima não eram provas suficientes. Supostamente, ele estava pegando gasolina para ela, correto? Claro que suas digitais estariam no carro dela.

Mas o que ele estava fazendo passeando pela Oyster Point? Aquilo deixou Augusta curiosa, mas a diferença entre ela e Caroline era que ela não tinha medo de sair e lhe perguntar em vez de publicar sua vida inteira.

Ela encarou a foto dele no jornal – aquele rosto pecaminosamente lindo – e colocou o jornal de lado, xeretando um pouco mais. Ela encontrou anotações de um encontro – muitas referências de Patterson taquigrafadas – todas perguntas que, para Augusta, supunham que ele era culpado.

Por que Caroline estava tão determinada em ter o cara preso e condenado?

Augusta examinou os papeis que havia segurado na mão. Pelo menos três deles ostentavam histórias de capa sobre Patterson. Assédio. Era isso o que parecia, e a provação dele lhe pareceu familiar bem no fundo da alma. Autenticamente, ela tinha uma coisa por perdedores... no que lhe dizia respeito, ele era tão perdedor agora quanto qualquer um já teria sido.

Havia uma única pessoa lá fora perguntando se este homem era inocente? Alguém? Em algum lugar?

Ela olhou o caderno. Ela tinha um item escrito – o candelabro no saguão – mas de repente não tinha ímpeto de vasculhar o resto do escritório – pelo menos não hoje. Ela sempre poderia voltar mais tarde.

Ian Patterson poderia não ter o mais tarde.

Em uma missão agora, ela olhou atentamente todas as anotações de

Caroline até que encontrou o que estava procurando – números de telefone, endereços – qualquer coisa que lhe ajudasse a desentocar Patterson. Então, ela se levantou, enfiou o caderno e a caneta na bolsa e saiu.

QUEM MATOU AMY JONES?

Depois de mais de seis semanas, a polícia não estava nem perto de respostas.

A atenção inicial da mídia havia mantido a investigação em andamento sob foco afiado, mas agora estava se desviando da primeira página. A chance de Pam de fazer seu nome estava se esvaindo.

Ela se sentiu estranha por violar uma cena do crime – mesmo após todo esse tempo e apesar do fato de que a fita amarela já havia sido removida – mas Caroline havia lhe defendido e ela não queria desapontá-la. Ela tinha de encontrar algo – qualquer coisa – para reviver a história sem assediar Patterson.

Mesmo Frank havia começado a ouvi-la, dando-lhe acenos compreensivos e incluindo-a nas reuniões de planejamento matinais. Era isso o que ela havia esperado a carreira inteira. Essa era a razão pela qual havia passado dois anos em uma posição administrativa de merda, apesar do currículo bem aceito. E agora, em vez de invejar o resto dos repórteres, eles a estavam invejando, porque ela estava trabalhando na maior história potencial do ano – talvez da década.

Mas ela tinha de cavar. Ela não ia ficar esperando o boato terminar em sua linha do Twitter às duas da manhã. Ela queria ser aquela revelando fatos na história. Ela realmente queria que o velhote Frank se orgulhasse dela. E talvez havia um pouquinho de eu-lhe-disse embrulhado lá, porque Frank não havia acreditado nela para começar. Ainda assim, ela estava genuinamente orgulhosa que ele achasse seu trabalho bom o suficiente para imprimir na primeira página. Frank lhe recordava muito de seu avô e a fazia querer corresponder às expectativas que ele determinava e mantinha para si mesmo. Uma das coisas que Frank continuava enfiando na cabeça de todos eles era que se você queria uma história – uma história real – você tinha que sair e encontrá-la.

Então, era isso o que estava fazendo.

Ela sabia que o Patterson morava ali perto, mas ela estava tentando descobrir exatamente o que ele estava fazendo perto da propriedade Aldridge.

Caroline havia lhe contado sobre o tênis e ela tinha lido bastante. Haviam estudos sugerindo que a base domiciliar de um assassino em série poderia ser calculada usando as localizações de descarte dos corpos. Neste caso, só havia um, mas o estudo indicava que eles não iam muito longe de uma base domiciliar para cometer seus crimes – algo ao qual eles se referiam como um declínio da distância. Na realidade, a maioria começava suas carreiras homicidas em suas próprias vizinhanças – um fato que lhe dava arrepios.

E se ela descobrisse pistas que levassem os investigadores a cavarem um cemitério nojento para competir com o cemitério particular de Pee Wee Gaskins?

Se ela encontrasse algo assim, ela poderia estourar essa investigação transformando-a em um relatório investigativo durão que certamente colocaria seu nome no mesmo suporte tão sólido quanto repórteres do *New York Times*. Imagine onde ela poderia ir dali: poderia impor suas próprias condições talvez – mudar-se para New York, adquirir um renome.

Percebendo que ninguém ia se importar se ela estacionasse na entrada de carros de uma casa vazia, ela saiu do carro e andou até os fundos, examinando a propriedade ao redor. Mesmo durante o dia, a casa era protegida de olhos curiosos, cercada por carvalhos americanos retorcidos enfeitada com linda barba-de-velho como cortina e arbustos de azaleias florescidas. O cheiro de magnólias florescendo lhe recordou o perfume de sua avó. A verdade era que se você já não soubesse o que havia acontecido aqui, iria parecer um Jardim do Éden: sereno e amável.

Era engraçado quão ludibriante a beleza poderia ser...

Caroline entrou pela porta da Oyster Point um pouco depois das dez da manhã. O cheiro do café da manhã de Sadie pairava no ar, mas Sadie já havia ido embora. Sua cozinha cintilava em sua ausência.

Ela fez o caminho por quase todos os aposentos no andar de baixo, mas Tango era o único sinal de vida. A casa era grande demais, ela pensou, imaginando como a mãe poderia ter administrado tudo sozinha por tanto tempo. Isso lhe dava um chique – principalmente desde a morte da garota Jones, e a invasão depois, ligadas ou não, não ajudava muito. Na verdade, a única razão pela qual a casa parecia um lar era a presença da família – suas irmãs e a Sadie. Quando elas saíam, era um museu frio e a única coisa que a impedia de se sentir completamente desanimada no momento era o simples fato de que o Tango havia estado deitado com a barriga para cima, dormindo pacificamente até que Caroline passou pela porta. Agora ele a estava seguindo pelos calcanhares, o rabo abanando feliz.

Com o Tango como sua sombra, ela subiu os degraus e encontrou a escada do sótão puxada e a luz acesa lá dentro. Ela gritou os nomes de Savannah e Augusta.

“Ela acabou de sair!” Savannah gritou de volta.

Caroline soltou o ar que não havia percebido estivera segurando e começou a subir a escada. Ela encontrou Savannah no sótão suspensa em meia dúzia de caixas abertas. “Que diabos você está fazendo aqui em cima?”

Savannah sorriu ao vê-la, olhos brilhando de forma travessa. “Ajudando a Augie.”

Caroline teve a sensação imediata de que o bom humor da irmã não tinha

nada a ver com o inventário de Augusta. “Desculpa, por não ligar”, ela ofereceu um pouco tímida, antes que Savannah tivesse a chance de dizer qualquer coisa.

O sorriso de Savannah permaneceu, mas ela continuou inspecionando a caixa que tinha em sua frente. “Sem problemas. Eu não estava preocupada.”

As sobrancelhas de Caroline se juntaram. “Sério? Porque eu teria ficado bem irritada – e assustada – se você tivesse feito o mesmo comigo.”

O pequeno sorriso de Savannah subiu no canto direito da boca. “Eu sei.”

Mas ela continuou inspecionando a caixa, parecendo tão despreocupada quanto dizia estar e Caroline admitiu, “Não consigo entender você, Sav. Você engatinha em minha cama, apavorada com um pesadelo, mas não se preocupa nem um pouquinho quando não tem notícias da sua irmã pela noite toda?”

Savannah olhou para cima de novo com um sorriso paciente. “Eu não estava preocupada porque mandei uma mensagem para o Jack ontem à noite perguntando se ele sabia onde você estava.”

“E?”

Ela deu um sorriso malicioso. “Ele disse sim, claro.”

As bochechas de Caroline esquentaram. Quando diabos o Jack havia tido tempo para parar e enviar uma mensagem para quem quer que seja? “Isso é tudo? O que mais ele disse?”

O sorriso de Savannah perseverou, mas ela ficou em silêncio, vasculhando a caixa com um sorriso astucioso que fez o rosto de Caroline queimar ainda mais.

“Bom! Você vai simplesmente sentar aí toda presunçosa ou vai me dizer o que ele disse?”

“Depende.”

“Do quê?”

O rosto de Savannah se abriu em um sorriso largo. “Se você planeja descer aqui e me ajudar por toda essa merda antiga ou se vai continuar aí de pé e me deixar sufocar na poeira sozinha.”

Caroline piscou. “Ah... bem... ok”, ela disse, e se abaixou ficando de joelhos.

Savannah lhe inclinou um olhar sem o menor julgamento. “Ele disse que você estava na cama dele.”

Caroline grunhiu. “Jesus! Ele lhe disse isso?”

“Sim. Eu só perguntei se ele sabia onde você estava, e ele respondeu com três palavras: ‘Na minha cama’. Quer ver a mensagem?”

“Não! Aquele cabeça de bagre!” Caroline disse, mas sem qualquer raiva real.

Por alguma razão, estava tudo bem em Savannah saber, e a verdade seja dita, aquilo a aliviou um pouco. Augie era outra história. “O resto do universo sabe que eu passei a noite com ele?”

“Não. Eu só disse para a Augie que havia conseguido falar com você e ela foi pra cama satisfeita com essa resposta.”

“E a Sadie? Ela deve ter imaginado onde eu estava essa manhã?”

Savannah balançou a cabeça. “Não.”

Caroline imaginou o que aquilo deveria significar. O Jack havia enviado uma mensagem para todo mundo ontem à noite? “Você quer dizer que ela não imaginou ou não perguntou?”

Savannah olhou para ela com uma faísca de diversão. “Ela não perguntou.”

“É só que eu acho difícil acreditar que a Augie não teve uma coisa incrível para dizer quando eu não apareci para o café hoje de manhã!”

Savannah a estudou por um minuto. “Ela provavelmente pensou que você ainda estava dormindo. Está tendo arrependimentos?”

A noite passada havia sido... maravilhosa... cada momento surpreendente, mas Caroline não sabia como registrar nada daquilo ainda. “Não exatamente arrependimento.”

“Você só não está pronta para todo mundo saber?”

Caroline balançou a cabeça. “Principalmente não a Augie. Você acha que é errado?”

Savannah deu de ombros. “Todo mundo tem sua própria vida para viver, Caroline, então não. Você tem que fazer o que acha correto – o que quer que seja.”

Ela voltou à tarefa e Caroline assistiu à irmã trabalhando – seu rosto tão parecido com o da mãe delas, suas mãos firmes e certas enquanto trabalhava metodicamente na caixa – e ela se sentiu um pouco desatrelada. Era como se tudo o que pensava saber – seu papel na vida, principalmente em relação às irmãs – não era mesmo o que havia pensado. Certamente ela era a mais velha, mas neste momento, não se sentia a mais madura.

Savannah era uma alma velha, Caroline percebeu. Mas o fato de que ela só estava descobrindo isso agora a fez se sentir egocêntrica e superficial.

Do instante em que retornou à Charleston, seus pensamentos haviam enfocado como isso tudo havia lhe afetado. Augusta não deixava muito

espaço para alguém imaginar como ela se sentia, mas Caroline não havia considerado como poderia estar afetando Savannah. Ela percebeu que não queria apenas conhecer sua irmãzinha melhor. Ela *precisava* fazê-lo.

“Então, isso tudo é para o leilão?”

Savannah parou e olhou para cima – o rosto da mãe dela, com uma diferença maior. Nenhuma das linhas profundas estavam presentes – nem aquele olhar vazio estava visível por trás dos olhos cinzas. Os olhos de Savannah eram bondosos e gentis. “Um pouco. Não tudo”, ela admitiu. “Encontrei algumas coisas que eu não havia percebido que estavam aqui.” Ela se esticou para alcançar outra caixa e puxou um ursinho rosa sujo. “Como isso.”

Por um instante, Caroline se esqueceu sobre o Jack, o jornal, seus arrependimentos. Em um flash, o urso serviu uma memória fresca de um passado distante. “Merda!” ela exclamou. “Eu me lembro deles! Estão todos aí?”

Savannah concordou com a cabeça, então revirou os olhos, como se não estivesse acreditando em si mesma.

Haviam cinco juntos – presentes de Páscoa, um para cada uma delas no ano em que Sam morreu. Caroline se lembrou porque depois que Sam desapareceu, Caroline havia colocado seu urso de lado com o dele, no alto do armário, declarando que estava crescida demais para ursinhos.

Sentindo o interesse de Caroline na caixa, Savannah a empurrou para ela e a deixou olhar lá dentro.

Lá estavam eles – todos juntos no fundo da caixa, como órfãos sujos assustados. Caroline simplesmente os encarou, estudando a posição deles no fundo da caixa, todos colocados juntos lado a lado, amavelmente posicionados. Enquanto olhava para eles, tudo o que conseguia pensar era que aqueles cinco ursinhos eram as últimas coisas que ela teria algum dia suspeitado que a mãe iria guardar, e sentiu um puxão no coração que ameaçou lhe trazer às lágrimas. Ela engoliu o nó que crescia em sua garganta.

“Acho que a mãe era muito mais sentimental do que qualquer uma de nós percebeu”, Savannah disse, afastando a caixa, salvando Caroline de outra explosão emocional.

“Sim”, Caroline concordou, ficando ao lado de Savannah no chão do sótão.

Juntas, ela e a irmã revistaram caixa por caixa enquanto a luz filtrada pelas pequeninas janelas do sótão diminuía.

Algumas das caixas continham itens que Caroline tinha certeza que ela teria medo de tocar se ao menos soubesse o valor deles – luminárias autênticas da Tiffany e prata fina. Porcelana pintada à mão. Um violino antigo feito à mão que parecia ter duzentos anos. Três mosquetes da época da Guerra Civil e um chapéu de soldado da União. Nem ela nem Savannah tinham qualquer explicação para aquilo e, para falar a verdade, Caroline não queria saber a história por trás deles. Elas compartilharam um olhar intrigado e Savannah jogou o artefato na caixa do dono.

Caixa após caixa de tesouros antigos em meio a cômodas velhas empoeiradas e pias de porcelana. Mas nenhum dos itens recebeu tratamento especial maior do que as caixas contendo aquelas coisas que Caroline nunca teria percebido estarem sob o radar da mãe dela – seu conjunto antigo de espirógrafo. Um Traço Mágico arruinado, com a tela magnética preta devido ao calor do sótão. Uma caixa cheia com os seus textos do primário. Seus uniformes escolares. E o flautim de Augusta.

Caroline tentou tocar uma melodia, mas mal conseguia se lembrar onde colocava os dedos.

Savannah olhou para ela e disse, “Por favor, pare”.

Caroline deu risada.

Elas vasculharam itens por horas, movendo caixas e explorando dentro delas. Então, Caroline avistou uma clássica máquina de escrever Hammond de 1915 e seu coração deu uma cambalhota. Ela encarou com desejo, admirando as antigas teclas de ouro e a base de madeira empoeirada, mas ilesa. Ela testou o carro da máquina e ele se moveu livremente, como se tivesse recebido óleo ontem. Parecia que precisava de uma boa limpeza, mas além disso estava em condição imaculada.

Não haviam muitas coisas materiais que ela estimava, mas essa sem dúvida estaria no topo de sua lista. Na realidade, se tivesse sabido que estava aqui em cima, colecionando poeira, teria sido levada para baixo há muito tempo e estaria ocupando um lugar de honra.

Ela percebeu que Savannah também estava encarando a máquina de escrever, como uma criança estupefata na manhã de Natal.

Fazia tanto tempo desde a última vez que Caroline viu aquele olhar no rosto da irmã. Pura alegria, sem a menor pontada de inveja, e ela sabia que se quisesse ficar com a máquina, Savannah deixaria sem reclamar.

De tantas formas, Savannah era a criança desprezada. Caroline havia sido a prodígio, percebera só agora. Augusta, a criança rebelde do meio. Depois

que o Sammy veio, ele era o bebê. E Savannah... bem, ela era basicamente negligenciada. Não haviam roupas de segunda mão na casa das Aldridge, mas se fosse verdade que quem não chora não mama, Savannah nunca conseguiu uma gota.

Caroline empurrou a máquina de escrever para Savannah. “Precisa de muito trabalho”, ela disse. “Toda sua.”

Savannah piscou, olhando para ela. “Sério?”

“Sim”, Caroline falou. “Talvez você vá se ocupar escrevendo um livro de muito sucesso e parar de mandar mensagens sobre minha vida amorosa.”

“Sério?”

Caroline acenou com a cabeça.

Savannah gritou. “Ah meu Deus! Isso é incrível!”

Caroline riu, e aquele pequeno espaço em sua alma que anteriormente havia se sentido como um buraco escancarado e entediante de alguma forma parecia um pouco menos vazio.

Caroline e Savannah passaram o dia inteiro vasculhando caixas, até a última luz lá fora se esvaír e o único bulbo acima da cabeça não ser suficiente para manter as sombras acuadas.

Savannah coçou o braço acima do gesso. “Está ficando assustador aqui.”

“Sim, vamos terminar e descer antes que a Augie volte para casa. Estou considerando colocar todos os cinco ursos na cama dela hoje à noite.”

Savannah relinchou.

Caroline imaginou se Jack havia ligado. Ela se sentiu um pouco culpada por ignorar o trabalho e o celular, mas já fazia muito tempo desde que passara um tempo de qualidade com a irmã. Ela só queria que a Augusta estivesse por lá. Elas sentiram falta do senso de humor cáustico dela, e Caroline tinha certeza que ela teria encontrado muito a dizer sobre a caixa de terninhos de ombros largos dos anos oitenta que haviam pertencido à mãe delas. Ela e Savannah riram bastante sobre isso por conta própria, principalmente quando Sav decidiu servir de modelo para as jaquetas amarrotadas e empoeiradas. Ela parecia uma Lady Gaga dos negócios, principalmente após agarrar um abajur dourado e colocá-lo na cabeça.

A coisa mais surpreendente que descobriram depois de todas as caixas abertas foi que os terninhos eram os únicos itens pessoais que a Flo havia guardado.

Pela atual perspectiva da Caroline, era fácil ver o que sua mãe valorizava. Tudo o mais no sótão era uma antiguidade valorosa ou algo que pertencera a uma das crianças. No que dizia respeito aos itens pessoais, ela estava muito mais apta a jogar fora algo do qual havia se cansado do que guardá-lo. Não

surpreendentemente, havia uma seção inteira devotada ao Sammy. Cada último item de seu quarto havia sido carregado aqui para cima e carinhosamente armazenado.

Elas fecharam e empilharam as caixas, arrumando-as para que facilmente pudessem puxá-las mais tarde. Agora, Caroline não estava com ânimo para descê-las sozinha, e de jeito nenhum Savannah iria ajudá-la com o braço quebrado.

Na hora do jantar, quando Augusta não apareceu, elas começaram a ficar preocupadas. Caroline tentou o celular dela em vão. Savannah tentou também, caso ela pudesse estar brava com a Caroline por alguma razão – porque nunca se sabe com a Augusta. Uma hora mais tarde, elas tentaram a Sadie e o Josh. Caroline também tentou o Frank no escritório.

Ninguém sabia onde Augusta estava.

O PAPEL de Caroline parecia fazer parte de um pedido de compra.

Se havia um endereço escrito no topo esquerdo no canto, havia sido recortado, deixando a porção da contabilidade, junto com o número da caixa postal no canto direito no topo. Jack não acreditava que fosse um acidente que o número havia sido deixado no papel. Alguém queria que ele encontrasse o bloco de onde havia sido rasgado.

Um desafio talvez?

Por precaução, ele passou o papel na estação para colocá-lo sob uma fonte de luz forense. Relutante em se desfazer dele neste momento, ele mesmo o examinou em vez de dar entrada na unidade de evidências. Luzes alternadas poderiam revelar algumas digitais. Funcionava muito como luz fluorescente azul esverdeado de uma fonte laser ou incandescente utilizada sobre uma coberta para revelar evidência de sêmen nas fibras. Se houvessem materiais orgânicos no papel, iria apresentar fluorescência amarela sem a adição de pós ou tintas. Mas o tipo de tirar impressões digitais realmente necessário para expor evidência oculta – digitais que estavam invisíveis a olhos nus – era um pouco mais complexo e necessitava o envolvimento da unidade forense. Mas aqueles tipos de digitais poderiam durar até quarenta anos, então dava para esperar outras vinte e quatro horas enquanto ele fazia algumas inspeções. Além disso, ninguém poderia olhar até segunda-feira – principalmente desde que o sentimento geral era de que eles tinham todo o tempo do mundo. Sem qualquer corpo, a atitude prevalecente era de que esse

era um homicídio isolado. E de jeito nenhum Jack poderia obter o vá-adiante para trazer pessoas em um sábado quando a quantidade média de casos de um policial já estava inchada e dias de folga eram um prêmio.

Ele já estava terminando com uma rápida análise quando Josh Childres surgiu saracoteando. “Falando no diabo”, ele disse.

“Ah se não é o cara!” Jack provocou. “Trabalhar para o escritório da procuradoria local deve ser bom para você. Certamente fez maravilhas com o seu guarda-roupa.”

Josh deu meia-volta em zombaria. “Gostou? Armani – tenho que estar bem vestido, sabe? Esses dias, a Casa Branca não parece tanto um tiro no escuro.”

Jack tinha de admitir, Josh parecia um político real em seu terno cinza e sapatos pretos lustrosos. Ele lhe deu um meio sorriso. “Acho que você está ocupado colocando aquela herança em bom uso.”

“Ah, pode apostar!”

“Você estará mais do que pronto se James Island conseguir uma saída da cidade.”

“Com certeza.” Josh piscou. “Enquanto isso, estou aqui para fazer meu trabalho como lacaio do procurador e trazer evidência apanhada durante um assalto no escritório do Greene.”

“Eles finalmente conseguiram identificar alguém?”

“Talvez. Conseguiram as digitais de uma criança segurando um morcego que foi encontrado em uma lixeira não longe do escritório do Daniel. Eu queria ver se bate com o pedaço que conseguimos de evidência. O que você está fazendo? Sei que você de alguma forma persuadiu a Kelly para desistir da manhã de sábado e checar o entediante banco de dados de pessoas desaparecidas para você.”

Jack piscou, surpreso. “Não.” Ele balançou a cabeça. “Eu não fiz isso. Não faço ideia de por que ela estaria fazendo isso. Eu não lhe pedi.”

“Tanto faz”, Josh disse. “Então, o que o traz ao escritório hoje? Pensei que você poderia estar muito ocupado tentando dobrar a perna da Caroline.”

Jack se inclinou na cadeira, cruzando os braços. “Sabe o pedaço de papel que ela ligou para lhe contar? Aquele que você lhe disse para trazer para mim?”

Josh cruzou os braços, apoiando-se no batente da porta. “Cara, eu só lhe disse isso porque pensei que poderia dar a vocês dois uma razão para deixar as armas de lado e se ocuparem. Você acha que pertence ao assassino?”

“Não faço ideia”, Jack admitiu. “Mas há um detalhe que não tornamos público que iria explicar a mensagem.”

“Sério?”

“Sim. Embora poderia facilmente não ser nada. Estou checando o papel em busca de digitais agora.”

Josh balançou a cabeça. “Por que você está fazendo isso? É para isso que temos uma unidade forense, Jack.”

“Porque irei levar comigo para bater em algumas portas.”

Josh ficou de pé, jogando as mãos para o alto, indicando que ele deveria parar. “Ok, já ouvi o suficiente. Não vá fazer meu trabalho mais difícil para mim, cara. Se você acha que é relevante e não está dando entrada como evidência, só garanta que não vai deixar longe de vista!”

Jack lhe deu um sorriso largo. Tarde demais, ele pensou. Ele havia deixado longe de vista por cerca de sete horas, enquanto ele e Caroline haviam se tornado intimamente refamiliarizados, mas ele não estava prestes a admitir aquilo para o Josh. Nem aquilo era relevante. Não era como se ele pudesse ter carregado o papel até a estação àquela hora da noite, e ninguém o havia tocado.

“Não me diga mais nada”, Josh exigiu, virando-se para sair. “Preciso que esses ouvidos permaneçam imaculados!”

“Claro. Não pode arriscar sua reputação”, ele brincou. “De que outra forma você conquistaria a Augie?”

Josh deu risada. “Desisti daquela merda a muito tempo atrás! Mas se você não quiser a Kelly, eu tenho uma queda por loiras”, ele revelou, “principalmente uma gostosa que irá desistir de um sábado para agradar seu homem”.

Jack sinceramente rejeitou a ideia de uma conexão íntima com qualquer pessoa além de Caroline – como um corpo rejeitava órgãos estranhos de diferentes tipos sanguíneos – mas ele não se incomodou em corrigi-lo. De qualquer forma, contar ao Josh e ao resto da família dela era privilégio da Caroline – se de fato ela tinha a menor intenção de lhes contar.

“Ok, bom, vejo você por aí”, Josh disse, e andou até o corredor, seus sapatos pretos brilhando como espelhos de uma só direção.

“Não vai deixar esses sapatos pomposos sujos!”

A risada de Josh deixou um rastro, ecoando pelo corredor. “Não se preocupe com eles, detetive”, ele gritou do corredor. “Conheço um maldito garoto bom em lustrar sapato!”

Balançando a cabeça, Jack se virou e terminou de examinar o documento sob as luzes. Legalmente, ele não tinha de dar entrada na evidência ainda. Como bagagem de aeroporto, contanto que nunca saísse de seu controle, eles não iriam ter problemas com o escritório da procuradoria. Tudo o que eles queriam era garantir que permanecesse não-contaminado – pelo menos de uma perspectiva legal. Não queriam nada ficando no caminho de uma condenação.

Depois que terminou, ele literalmente entrou em cada lojinha de família dentro de oito quilômetros do endereço de Patterson.

De acordo com os dados, assassinos em série moravam e trabalhavam nas áreas que estavam caçando – eles tinham empregos como professores de escola ou padres – posições que as pessoas confiavam – posições às quais pessoas vulneráveis se dirigiam. Eles também frequentemente deixavam um rastro de má conduta sexual, seja suspeita ou acusações reais. Patterson não estava trabalhando agora, mas ele tinha dois ataques contra ele: ele era um padre, e ele morava na área.

Ao fim da tarde, Jack não havia encontrado o bloco de onde o papel havia sido arrancado, mas não havia esperado encontrar tão poucas pessoas que ainda usavam tais blocos. A tecnologia facilitava para as pessoas usarem recibos gerados pelo computador. Pelo que ele sabia, esse cara poderia ter comprado um bloco novinho em uma loja de materiais de escritório, mas ele não achava isso. O número de compra era significativo. Você não simplesmente rasgava um canto de um pedaço de papel...

Ele sentou no carro, encarando o saco selado.

Jesus, talvez *fosse* apenas uma nota aleatória.

Talvez ele estivesse perseguindo sombras.

E talvez fosse como ele havia dito à Caroline... apenas um cristão adorador da Bíblia deixando seu cartão. Talvez... mas aquela sensação em seu âmago dizia que não, e havia lhe servido sem hesitação por catorze anos de trabalho policial. Ainda a essa altura, ele não tinha absolutamente nada para seguir exceto por um pressentimento.

Seu celular vibrou na mão e ele deu um pulo. Era Caroline.

Ele forçou um sorriso antes de responder, esperando que o sorriso, junto com o simples prazer de ouvir a voz dela, filtrasse a irritabilidade de seu tom de voz.

“VOCÊ VAI FICAR CANSADO de ouvir minha voz.”

“Nunca. O que foi, Caroline?”

Caroline sentou no primeiro degrau da varanda, pressionando o telefone à orelha, sendo confortada pelo som familiar da voz de Jack. “Provavelmente nada...”

“Mas?”

“É a Augusta... ela ficou fora o dia todo. Ninguém teve notícias dela.”

“Nem o Josh?”

Caroline chutou os restos de conchas de ostras. “Não. O Josh está bem aqui.”

“Na casa?”

“Sim – Jesus, ela me deixa puta! Ela disse que estava indo ao escritório fazer o inventário. O Frank confirmou que ela esteve lá perto das onze, mas ela saiu quase depois de chegar lá e ninguém a viu desde então. *Ninguém.*”

Jack permaneceu em silêncio, e o coração de Caroline diminuiu a batida quando tirou conclusões precipitadas. Diferente da dormência que sentiu com a morte da mãe, a simples ideia de qualquer coisa acontecendo com uma das irmãs a fez gritar por dentro. Elas eram tudo o que ela tinha agora.

“Eu provavelmente não ficaria preocupada exceto—”

Um par de faróis dianteiros brilhou à vista na entrada de carros, interrompendo-a, e Caroline ficou lá, apavorada que pudesse ser um carro de polícia encostando com más notícias.

“Caroline?”

Quando o carro se aproximou, ela viu que era o Town Car da mãe delas, com Augusta no volante. Completamente alheia ao fato que havia deixado todos eles preocupados com ela, sua irmã acenou, sorrindo abertamente ao estacionar o carro.

“Caroline?”

“Desculpa, Jack. Alarme falso”, ela falou. “Ela está de volta, embora você possa querer pedir ajuda porque vou matá-la em dois minutos!”

Ela sentiu o sorriso de Jack mesmo através do telefone. “Vai com calma com ela, Caroline. Lembra, você fez a mesma coisa na noite passada. Ela está de volta intacta, isso que importa. Certo?”

“Certo”, Caroline disse, não realmente ouvindo. “Depois eu ligo para você”, ela prometeu e desligou quando Augusta saiu do carro. Suas mãos foram para os quadris. “Onde diabos você esteve?”

Augusta saracoteou, toda sorrisos, e respondeu com travessura, “Não é da

sua conta, irmãzinha querida!”

Caroline pensou que talvez ela tivesse bebendo.

Ambos Savannah e Josh saíram pela porta da frente e atrás deles Sadie saltou também.

Augusta parou no meio do caminho, encarando a varanda. “Sério?” ela perguntou, irada. “Vocês acharam necessário fazer uma convenção enquanto estive fora?”

“Estávamos preocupados”, Caroline justificou.

“Você poderia ter ligado”, Josh repreendeu, apoiando Caroline.

As mãos de Augusta foram aos quadris em defensiva. “Jesus Cristo! Eu saí de uma máquina do tempo? Desde quando preciso passar informações para qualquer um de vocês?” Ela apontou um olhar acusatório para a direção do Josh. “Principalmente você!”

“Desde quando há um assassino lá fora”, Caroline argumentou.

O tom de voz dela foi subindo. “Sério, Caroline? E onde diabos você esteve na noite passada?”

O rosto de Caroline esquentou, mas ela não estava prestes a deixar Augusta vencer aquela rodada. Um erro não absolveria outro. “Não é da sua conta!”

“Bem, *meu* itinerário não é da *sua* conta!” ela reagiu. “E eu *sei* onde você esteve, mas pelo menos tenho o bom gosto de não interrogar você sobre isso. Você pode ser a Aldridge mais velha agora, mas *não* é a minha mãe! Na realidade, eu nunca tive uma mãe que desse a mínima sobre onde eu estava, então certamente não vou começar a dar satisfações agora!”

“Sério, Augusta? Por que tão na defensiva?”

O olhar de Augusta era brilhante e irritado. “Porque você é ofensiva!” ela falou, empurrando o ar ao passar por Caroline. Ela parou momentaneamente. “Você está tão ocupada lá fora incriminando pessoas que nem mesmo sabe quando pressionar o botão parar!”

Ela passou por Caroline, deixando-a confusa no encalço de sua acusação.

Caroline não fazia ideia de onde aquilo estava vindo ou por que Augusta iria criticá-la. Ela seguiu a irmã até os degraus da varanda e todo mundo saiu do caminho, separando-se como o Mar Vermelho.

“Caso você tenha se esquecido, você é a única que queria fazer essa arrecadação de fundos, Augie! Savannah e eu ficamos trabalhando duro revirando caixas o dia todo, esperando você voltar para casa. Não estávamos chateadas que você não estava aqui para dar o mínimo de ajuda, só estávamos

preocupadas, pelo amor de Deus!”

Augusta marchou para dentro da casa, soltando a porta de vidro sem olhar para trás, quase acertando Caroline no rosto.

Caroline jogou as mãos para parar a porta e a seguiu para dentro. “Pare de fugir!”

Augusta se virou para encará-la como um tornado humano, guinchando com indignação. “Você está brincando, certo?!”

Até o Tango, que estava dormindo perto da porta da frente, choramingou e se apressou a correr, rabo entre as pernas.

“Não, droga! Estávamos preocupadas!”

“Você é tão hipócrita, Caroline! Por anos, você tem fugido de tudo! Você deixou esse pedaço de merda abandonado há dez anos sem nem olhar para trás. Você raramente me ligava – e eu tenho certeza que fazia o mesmo com Savannah, mas ela é mártir demais para reclamar! Você meteu o nariz em tudo naquele jornal estúpido e em tudo que a mãe representava e então você volta aqui e age como se ela fosse sua heroína ou algo do tipo! Você pisa nas sapatilhas vermelho rubi dela, bate os calcanhares três vezes e de repente é a bruxa boa! Pelo menos estou mantendo o que sempre disse!”

Caroline deu um passo para trás com a veemência do discurso dela. “Sério? Tudo isso porque eu estava preocupada com você?”

Os olhos de Augusta lançaram adagas em sua direção. “Não! Tudo isso porque as coisas não mudam simplesmente quando você de repente quer que elas mudem”, falou, e com aquilo, ela se virou e se lançou escada acima.

Enquanto o Tango se esticava pacificamente ao lado dela na cama, Caroline rodava e virava, lembrando do olhar no rosto de Augusta. Nem mesmo a memória do amor de Jack poderia acalmar a úlcera que a declamação da Augusta havia deixado na alma dela.

Caroline sempre havia se sentido mais próxima de Augusta. Apenas onze meses de diferença, as duas sempre haviam tido tanto em comum, inclusive o descontentamento poderoso com a mãe delas. O de Augie estava simplesmente mais perto da superfície, enquanto Caroline trabalhava duro para enterrá-lo debaixo de uma montanha de apatia.

Quando ela e Augusta haviam se livrado das bonecas, Savannah ainda estava planejando chazinhos, convidando a mãe delas que comparecia representada por outra pessoa – ocupada demais mesmo em uma manhã de sábado para se prolongar nas panquecas da Sadie. Caroline e Augusta haviam aceitado, sentindo pena de Savannah que, com seu otimismo perpétuo, mantinha um lugar eternamente vazio.

Ao crescerem, o abismo entre elas foi ficando mais fundo, até quando o otimismo de Savannah havia se tornado uma fonte de irritação – não apenas porque Caroline não conseguia aguentar ver a irmãzinha decepcionada uma vez atrás da outra, mas porque a fonte de esperança e boa vontade da irmã só realçava duramente seus próprios sentimentos enterrados.

Quando Caroline ouviu pela primeira vez a canção “Cat’s in the Cradle” ela havia facilmente colocado Flo no papel do “Pai”. Ela não sabia quem o Little Boy Blue era, ou o Man on the Moon, mas sabia intrinsecamente como eles se sentiam. O que a canção não dizia poderia ser lido nas entrelinhas... a

decepção tornou-se raiva – a atitude “toma-essa-como-você-se-sente-mãe?” que Augusta exibia em vez de uma Dolce & Gabbana.

Ela tentou ver as coisas pela perspectiva da irmã, mas não parecia conseguir ir além da mágoa infligida pela sua raiva e condenação.

Caroline achava que havia um acúmulo vulcânico de emoções fervilhando logo abaixo da superfície da pele de Augusta, provavelmente sendo construído desde que eram crianças. Caroline apenas nunca havia percebido que aquela parte era dirigida a ela.

Dê uma olhada longa e fria no espelho.

Augusta estava certa. Caroline havia se afastado e nunca olhado para trás – até que a morte da mãe delas a havia jogado em casa como um elástico que havia sido esticado demais. E, então, seus pensamentos haviam sido completamente egocêntricos.

Ela era tão parecida com a mãe?

Ela havia decepcionado ambas as irmãs. Junto com o olhar de surpresa no rosto de Savannah quando ela havia cedido a máquina de escrever, a acusação que Augusta fez de seu caráter a deixou se sentindo tão fria e egoísta como alguém poderia se sentir.

Sua mãe pelo menos tinha como defesa a doença mental. Flo havia estado clinicamente depressiva desde o desaparecimento de Sammy.

Ouvindo a respiração tranquila de Tango, Caroline desejou ser um cachorro. Só um cachorro poderia dormir tão pacificamente, mesmo perante à perda.

Ele havia enfiado o tênis na cama de novo, ela percebeu, mas não teve coragem de tirá-lo, embora vê-lo a aterrorizasse. Ela esperava, pelo menos, que fosse o tênis esquerdo, não o direito. Algo sobre isso lhe dava um desconforto – mesmo se Patterson tivesse de fato conseguido o tênis tão inocentemente quanto dizia.

Augusta certamente parecia disposta o suficiente a acreditar nele, mas Caroline não conseguia imaginar sua mãe simplesmente perdendo um tênis lá fora na floresta... nem ela deixaria o Tango fugir com ele.

Caroline só estava feliz que Augusta estivesse distraída com a arrecadação de fundos. A última coisa que elas precisavam era algo mais para discutir sobre... ou outra causa para a Augie defender.

A CASA de Karen Hutto ficava bem no final da avenida East Ashley em uma

das últimas casas restantes antes da rua levar à estação abandonada da Guarda Costeira. Durante o pico do verão, pessoas costumavam usar o acesso à praia, mas fora de temporada, o local poderia parecer um pouco desolado, cercado por casas mais antigas e acres de arbusto de praia. O chalé amarelo branqueado de sol, construído em estacas desgastadas, com seu telhado cinza desbotado e tinta de decoração soltando, recordava Augusta da mulher que abriu a porta.

Pequenina, com cabelo castanho, levemente grisalho e naturalmente ondulado, e luzes loiras que não haviam sido retocadas há meses, Karen Hutto parecia uma criança de um pôster para desesperança. Círculos escuros ao redor dos olhos assombrados, e ela vestia uma longa camiseta que aparentemente havia sobrevivido a sua parte de preocupação nervosa. O canto esquerdo estava amarrotado e torcido, como se ela estivesse sentada por horas, diligentemente fazendo dobras no material. A questão em seus olhos era principalmente inconsciente.

“Sra. Hutto... Eu sou Augusta Aldridge.”

Os olhos de Karen Hutto brilharam levemente e ela deu um pequeno aceno de reconhecimento. “Irmã da Caroline?”

Augusta concordou com a cabeça.

Ela abriu a porta ainda mais. “Por favor, entre”, ela disse. “Eu estava...” Ela deu de ombros. “Bem, lendo.”

Incerta se essa era a coisa certa a fazer, Augusta hesitou à porta, mas aqui estava ela, então poderia simplesmente continuar.

“Em que posso lhe ajudar?” Karen Hutto perguntou.

Augusta entrou na casa. “Eu só queria conversar com você”, ela disse, hesitando um pouco. “Pensei que talvez... eu pudesse... ajudar... de alguma forma.” Mas a palavra “ajuda” de repente parecia completamente insincera. Ela havia vindo porque Caroline acreditava que o desaparecimento de Amanda Hutto estava conectado a Ian Patterson, e ela esperava alcançar a verdade, assim, se não houvesse uma conexão, Caroline talvez não se sentisse tão impulsiva em ter um homem inocente processado. Contudo, de frente com o sofrimento e a dor de Karen Hutto, ela queria pedir desculpas, dar meia-volta e sair.

Mas, no final das contas, Augusta precisava perseguir a verdade. O único problema era... como chegar a ela sem magoar a mulher frágil de pé a sua frente.

“Acho que sei como você deve se sentir”, ela começou e, pela primeira

vez, a condolência esfarrapada pelo menos tinha um suporte. “Não exatamente... mas não tenho certeza se Caroline lhe contou... nosso irmãozinho desapareceu do mesmo modo que sua filha. Ele tinha quatro anos.”

Os olhos de Karen Hutto cresceram ficando redondos e vidrados. “Ah não! Ela não me contou!”

“Tudo bem... foi há muito tempo”, Augusta disse, e Karen a levou à sala de estar, onde ela contou sua história e os segredos.



“VOCÊ NUNCA VAI SE APOSENTAR, NÉ?” Caroline perguntou à Sadie.

Sadie ficou lá no fogão, cantarolando “In the Sweet By and By” enquanto amavelmente retirava manchas do aço inoxidável. “Dia!” ela declarou, respondendo à pergunta de Caroline com uma repreensão indireta. “Essa não é uma cozinha que deveria ser negligenciada e eu não prevejo você ou suas irmãs dando a importância que ela merece. De qualquer forma, fui ao mercado dos fazendeiros ontem, peguei umas frutas frescas. Cortei algumas laranjas e peras e joguei algumas amoras para você.” Ela gesticulou para a ilha.

Depois de outra noite sem descanso, Caroline não conseguia compartilhar muito bem da felicidade matinal da Sadie, mas estava grata pela companhia e o café da manhã. Se ela se sentisse vazia por dentro, pelo menos seu estômago estaria cheio.

Aventurando-se na cozinha, ela sentou à ilha. “Então, acho que você acrescentou os domingos à sua lista de dias para doar à causa Aldridge?”

A resposta de Sadie foi cheia de irritação. “Criança, quantas vezes eu lhe disse que estou aqui porque quero estar – talvez um dia desses você vá acreditar em mim!”

Caroline entendia o conceito de se preocupar com as pessoas. O que ela não entendia era por que Sadie continuaria a fazer deveres, pelos quais havia sido paga para fazer sua vida inteira, quando ela não precisava mais. “Você pelo menos comeu?”

Sadie sorriu. “Muito antes de você sequer pensar em limpar o sono daqueles cílios quilométricos. Sabia que as pessoas estão tatuando as pálpebras agora? Consegue imaginar ter agulhas tão perto dos seus olhos?”

Ela estava mudando de assunto, claro, mas fez Caroline sorrir. “Você sempre parece saber exatamente o que dizer para me fazer sentir melhor.”

Sadie andou até a ilha para continuar a limpeza lá. “Eu ajudei a criar essa sua bundinha ossuda, viu? Então, sei o que está lhe incomodando antes mesmo de você perceber que algo está lhe incomodando.” Ela entortou um dedo para ela. “Só se lembre disso.”

Caroline estudou o rosto de Sadie. O tempo não parecia tê-la envelhecido mesmo, apesar do sangue e suor que ela colocou na casa delas. Na realidade, ela parecia resistir, mesmo quando ninguém mais o fazia. Era dela a mão afetuosa que persistentemente cosia e recosia as linhas desgastadas da tapeçaria da família delas.

“Amo você, Sadie.”

As palavras saíram antes de ela mesma perceber que as estava pensando. Mas foi a primeira vez na memória de Caroline que ela disse aquelas três palavras para Sadie e os olhos de Sadie ficaram suspeitosamente úmidos. “Eu sei, criança.”

Caroline puxou a tigela de fruta para perto e encarou a mistura de laranjas, verdes e roxos escuros. Por um momento, ela não conseguia falar, sabendo que Sadie a estava observando perto demais. Um bloco do tamanho de uma laranja entalou em sua garganta. As lágrimas vieram antes que pudesse impedir. Ela as afastou. “Não pareço conseguir encontrar meu caminho, Sadie”, ela disse, sua voz prendendo em um soluço.

“Mas você vai.” Os olhos pretos de Sadie brilharam. “Você tem o espírito obstinado da sua mãe.”

Mais lágrimas vieram.

Sadie abaixou a esponja, mas não correu para o lado de Caroline, sabendo que o instinto de Caroline seria afastá-la. “Você não precisa ouvir a sua irmã, viu? Augusta está lutando com os próprios demônios – como todos nós fazemos. Ela está fazendo o melhor que pode. Assim como você está fazendo o melhor que pode. Às vezes compreendemos isso e outras, não, mas somos todos apenas humanos, garotinha. Estamos todos apenas dando um passo na frente do outro, hein?”

Caroline secou os olhos. “Sinto como se ela odiasse tudo sobre mim!”

Sadie balançou a cabeça. “Não, senhora, ela não odeia. Ela ama você – assim como em algum lugar lá no fundo ela ama sua mãe também. Augusta é só uma garotinha assustada. Ela mostra o medo dela – e o amor – através da raiva. Sei que é por isso que ela fica irritada comigo também!” Ela virou um

dedo para Caroline, como se quisesse dizer algo mais e então balançou a cabeça. “Olhe, não se preocupe com a Augusta, viu?... ela vai entender tudo... assim como você.”

Caroline concordou. “Acho que é por isso que você veio hoje de manhã?”

Sadie puxou o queixo, as mãos indo aos quadris em um gesto de desafio. “Por quê?”

Caroline levantou o garfo e golpeou um pedaço de fruta. “Para me fazer sentir melhor depois da noite passada?”

Sadie suspirou. “Eu vim aqui porque você não poderia ser mais minha filha se eles a tivessem arrastado aos chutes e gritos de mim, hein? Sim, eu sabia que você estaria chateada.”

Caroline abriu a boca para responder, mas Sadie ainda não havia terminado.

“E estou aqui pela mesma maldita razão que minha bisavó não correu gritando desse lugar quando eles lhe deram liberdade – e a mesma maldita razão pela qual a filha dela e minha mãe não encontraram outro emprego quando tinham todo o direito de fazer. Por mais de cento e oitenta malditos anos nós Childreses e Aldridges estivemos mais grudados do que carrapatos, e só porque a cor da minha pele não é a mesma que a sua não me torna menos sua parente, Caroline.”

Caroline abriu a boca para falar de novo, mas Sadie levantou o dedo, calando-a.

“Além disso, eu amava aquela teimosa e tola da mãe de vocês! Ela era minha amiga, não apenas minha chefe – embora eu lhe garanta que tivemos nossos anos de rixa.”

“Você e a mama?” Caroline nunca teria adivinhado isso. Flo nunca havia dito uma palavra torta para ou sobre Sadie.

“Sim, eu e sua mama! Como eu disse, somos todos apenas humanos, hein – todos nós temos nossas falhas. Alguns de nós as mantêm mais perto da superfície e alguns as enterram lá no fundo.”

Caroline mastigou aquela informação, junto com a fruta. Curiosidade venceu. “Sobre o que você e a mama teriam para brigar? Nós?”

“Agora isso não é da sua conta!” Sadie declarou. “E, enquanto estamos nisso, você também pode saber que sua mama tentou me dar metade dessa propriedade a dez anos atrás, junto com uma ação do *Tribune*, mas eu disse a ela que não.”

Caroline deu de ombros. “Por que repelir? Ela acabou lhe dando isso de

qualquer jeito depois que morreu, certo? Você poderia ter aproveitado dez anos mais cedo.”

“Porque eu queria que ela pensasse muito sobre dar um pedaço da terra para a cidade como tínhamos conversado. Minha vida não vai mudar muito de qualquer forma – o que uma mulher velha como eu vai fazer com um monte de tijolos queimados e terras demais de lama fedorenta?”

“**E**ntão, você está aqui porque *não* acredita que o Patterson esteja conectado ao desaparecimento da Amanda?” Havia um doloroso misto de medo e esperança nos olhos de Karen Hutto.

Augusta foi respondendo com cuidado, lembrando-se de que estava atrás da verdade. Ela não estava aqui para provar que o Patterson era inocente – a menos que, claro, ele fosse. “Não. Não é isso. Mas tenho medo que minha irmã esteja tão obcecada em encontrar respostas que talvez esteja disposta demais a parar de fazer as perguntas corretas. Minha irmã se preocupa demais, Sra. Hutto, mas acredito que ela esteja perto demais disso. É completamente possível que o Patterson seja inocente e se formos rápido demais alfinetá-lo, podemos perder... a verdade.”

Os olhos de Karen Hutto brilharam com raiva repentina. “O que a faz pensar que aquele homem seja inocente?”

Se defender o Patterson era a impressão que ela estava passando, então não era melhor que Caroline, ela percebeu. “Não estou dizendo isso também. É só que a vida inteira de um homem tem o futuro incerto – se ele for inocente...”

Augusta deixou aquela possibilidade no ar entre elas, esperando que Karen Hutto visse a injustiça.

“Mas ele não é inocente! É preciso um monstro para molestar uma criança e aquele homem já teve acusações arquivadas contra ele por isso. Não consigo aguentar o mero pensamento dele tocando...” Ela sufocou de repente.

Augusta respirou fundo. “Mas esse é o meu ponto, Sra. Hutto. Aquelas acusações foram retiradas quase dois anos atrás. A garota em Murrells Inlet

admitiu ter mentido. Mas isso não parece importar para ninguém. Não importa o que ele faça agora, ele é culpado. Sua filha poderia ainda estar lá fora... em algum lugar... tudo o que estou dizendo é que quero lhe ajudar a encontrá-la. Acho que se conseguirmos descobrir o que aconteceu com ela, minha irmã vai começar a ver a realidade maior com mais clareza.”

Karen Hutto balançou a cabeça. “Já se passaram quase três meses. Colocamos cartazes. A polícia procurou em todos os lugares. Eles até fizeram uma varredura no rio. Procuramos e procuramos e procuramos!” Ela começou a chorar, enterrando o rosto nas mãos. “Não sei mais o que fazer!”

Augusta sentiu lágrimas brotarem nos olhos. Comovida pela profundidade da aflição da mulher, ela encontrou sua própria dor, há muito esquecida, surgindo. “Sra. Hutto... quero colocar um pouco dos meus próprios recursos pessoais nisso”, Augusta disse. “Quero oferecer dez mil dólares para qualquer pessoa que possa nos levar à Amanda... ou a prisão da pessoa responsável pelo seu desaparecimento.”

Se alguém fosse responsável.

Sempre havia a chance de Amanda ter vagueado perto da água, mas Augusta não lembrou a mãe dela disso. A mulher provavelmente sofria com uma montanha de culpa.

A cabeça de Karen Hutto se levantou em surpresa. Ela piscou, apertando as lágrimas dos olhos. Elas desceram pelas bochechas. “Você faria isso?”

Augusta cutucou nervosamente a unha do polegar com o dedo indicador. “Quero lhe ajudar a encontrá-la”, ela disse.

A mão da Sra. Hutto foi à boca. Suas lágrimas vieram livremente agora. Augusta a deixou chorar sem interrompê-la. Era claro que ela já havia passado por coisa demais.

Ela não se lembrava da mãe perdendo o controle assim, mas não conseguia evitar imaginar se Flo havia chorado dessa forma quando não havia ninguém por perto... em seu quarto... no travesseiro.

“E o pai da Amanda?” ela perguntou assim que os soluços da mulher haviam acalmado. “Precisamos da permissão dele?”

Karen Hutto balançou a cabeça, seus olhos escurecendo consideravelmente. “Ele não faz mais parte.”

“O que você quer dizer?”

“Eu e ele estávamos no meio de uma batalha de custódia quando Amanda desapareceu.”

Augusta concordou com a cabeça, surpresa.

Os olhos da Sra. Hutto cintilaram com hostilidade. “Ano passado, prestei queixas por perigo porque ele adormeceu bêbado com um cigarro aceso na boca enquanto Amanda estava dormindo na casa dele. Agora isso – ele deveria ter ido buscá-la na escola naquele dia... eu fui para o trabalho – mas eu tive que ir!”

Ela começou a chorar de novo e Augusta fez careta.

Mas enquanto ficou sentada lá ouvindo Karen Hutto colocar todo o veneno para fora sobre o marido, ela sabia com certeza que essa era a coisa certa a fazer. Nunca havia sido mencionado um ai da briga de custódia em nenhum dos jornais – nem mesmo o *Post*, e ela fez questão de ler tudo que conseguiu obter antes de se aproximar do Patterson. Se todos aqueles eventos poderiam ser explicados separadamente, o caso contra Ian poderia ser nada mais do que uma pilha de evidências circunstanciais se amontoando.

ÀS SEIS HORAS, o calor de julho no hemisfério norte coagulou no ar.

Era difícil acreditar que o dia quatro iria marcar dois meses desde a morte da mãe delas.

O brilho fino de suor na nuca de Caroline umedeceu seu cabelo, então ela puxou as longas mechas castanhas em um rabo de cavalo, enrolou distraidamente, e se abanou duas vezes antes de soltá-lo – um velho hábito.

Ela havia esquecido quão úmidos e quentes os verões poderiam ser em Charleston, mas esse era de alguma forma pior, porque enquanto o mercúrio estava subindo, a umidade também estava. Havia uma frente passando pela Corrente do Golfo, trazendo ar chuvoso do oceano para o interior, junto com a tempestade de verão que previa alagamentos. No momento, contudo, o capim-da-praia estava sereno no pântano salgado. O cheiro de água salobra permeava a brisa estagnada e, na total quietude da tarde, era difícil acreditar que alguém estava lá fora machucando pessoas.

Talvez o Jack estivesse errado?

Talvez a morte de Amy Jones fosse um incidente isolado?

Seis semanas haviam se passado desde que o corpo dela foi descoberto... e tudo estava quieto. Se Ian Patterson fosse culpado, talvez mantê-lo sob um holofote havia lhe mantido em seu melhor comportamento? Ou talvez o assassino tivesse fugido?

De qualquer forma, a sensação horripilante de temor que havia permeado a cidade após a morte de Amy Jones estava agora desaparecendo e era difícil

ver a feiura em um mundo cercado por beleza.

De onde ela estava sentada, o pântano salgado parecia se estender por quilômetros. Sentada no píer, com as costas para a casa, ela conseguia facilmente se imaginar em outro tempo e lugar.

Um pelicano marrom pousou no final do cais a alguns metros de distância. Ela o observou vasculhando, procurando por comida, mas o cais delas não via peixe estripado a tempo demais para ser de qualquer interesse e o pássaro voou novamente, procurando por recompensas mais ricas.

Até onde os olhos alcançavam, nos pantanais ao redor haviam sido uma vez plantados campos de algodão e arroz, administrados pelas mãos de escravos, mas essas terras nunca haviam realmente pertencido a ninguém, Caroline refletiu. Sua família poderia ter documentos lhes dando o direito de construir aqui, mas se a terra e o mar não fossem obedientes, mesmo os tijolos mais vigorosos iriam desmoronar.

As ruínas na propriedade eram um exemplo perfeito. No instante em que as chamas haviam esfriado, a terra começou a engolir os restos, envolvendo a estrutura tijolo por tijolo, retornando à terra de onde fora construída. Agora, tudo o que havia sobrado da velha casa Georgiana era uma pilha de tijolos queimados abraçados por vinhas e pintados com musgo.

Não importa o que os homens construíssem aqui, eventualmente, tudo retornava à floresta. O melhor que você poderia esperar era uma aliança temporária. Mas mesmo aquilo era tentativa.

Bem onde ela estava sentada alguns clamavam que uma das batalhas mais importantes da Carolina do Sul havia acontecido. Cobertos pelo crepúsculo, três mil e quinhentos soldados da União haviam descido na Fort Lamar, pisando pelos pântanos que os sugava até as coxas. Se aquela batalha tivesse sido perdida, a União poderia ter forçado os Confederados a saírem de Charleston dois anos mais cedo, mas uma vitória deu a Charleston mais dois anos de trabalho humano livre. Depois da guerra, a lama havia ficado macia demais para aguentar o maquinário, e as indústrias de arroz e algodão encerraram as atividades – todas exceto aquelas cujos escravos permaneceram apesar da liberdade recém-conquistada. Caroline odiava admitir que a família dela era uma daquelas, então fingia que a disfunção delas não tinha raízes tão fundas quanto as da árvore Angel Oak. Como Augusta, ela não sabia como Sadie conseguia olhar aqueles pântanos e não sentir a devastadora necessidade de ir para algum lugar onde não houvesse nenhuma memória do passado e o cheiro de magnólias não se prolongasse

como perfume de senhora.

Só Deus sabia, ela havia se sentido daquela forma pela maior parte da vida.

Ironicamente, estava encontrando a paz com isso agora somente após a mulher que havia lhe trazido a esse mundo não estar mais nele.

A triste verdade era... a única chance real de conhecer sua mãe agora era literalmente através dessa casa... e seu papel no jornal. Tarde demais ela percebeu que a mãe havia sido apenas um ser humano fazendo o melhor que podia em qualquer dia.

Embora a avó de Caroline tivesse vivido mais que o avô, ela havia morrido logo depois que Caroline nascera, então essencialmente Flo havia vencido cada tempestade da vida sozinha – a perda do filho, seu marido, a separação das filhas – exceto pela leal Sadie, que permaneceu firme ao seu lado através de tudo isso. Aquelas duas haviam tido uma profundidade de amizade que Caroline só agora estava começando a entender. Mas ninguém havia entregue um guia para Florence Willodean Aldridge. Ela havia aprendido a ser mãe, herdeira e jornalista tudo por conta própria. Aquele conhecimento encheu Caroline com uma sensação intensa de pesar e arrependimento.

O sol estava se pondo, pintando o pântano com um rubor quente que dava pelo menos a impressão de serenidade, mas Caroline não sentia nada disso em sua alma.

Ela havia feito uma bagunça completa com tudo.

Principalmente com as irmãs.

Felizmente, seus olhos foram abertos a tempo que talvez ela pudesse reparar a relação delas. Aquele foi o único presente verdadeiro que a mãe havia lhe dado, ela percebeu – a certeza absoluta de que nunca queria sentir tanto remorso de novo.

Uma por uma, ela pretendia consertar as coisas – com Augusta, Jack, Frank, Savannah – cada vida que ela havia tido a chance de tocar.

E aqueles que ela não poderia ajudar – como as Karen Huttos do mundo – ela teria de encontrar uma maneira de ficar bem com isso. Ou ficaria maluca. Ninguém poderia carregar tamanho encargo e não perder algo de si mesma. Em retrospecto, era fácil ver por que sua mãe havia desistido de lidar com suas perdas.

O que Caroline iria perder?

“O que diabos você está fazendo aqui?”

Caroline deu um sobressalto com a interrupção inesperada, mas reconhecendo a voz como a do Jack, não se importou em se levantar. Ela olhou para trás para encontrá-lo andando decididamente até o cais ao lado dela, tão lindo como sempre, mesmo quando estava despenteado. O homem realmente precisava de um toque de mulher para não parecer que havia rastejado de uma cesta de lavanderia.

“Tentando não ficar atrás das Joneses?”

Caroline pegou a referência e tremeu, apesar do calor. “Onde você pegou esse senso de humor mórbido, Sr. Shaw?”

Ele piscou para ela, mas não respondeu.

Aparentemente, aquele era o preço a pagar de Jack – a perda de sua inocência – o pouco que havia agarrado após a morte da mãe. “A pergunta real é... o que você está fazendo aqui?”

“Aparentemente, eu não conseguia ficar esperando como um bom garotinho até você me ligar.” Ele se ajoelhou atrás dela, mordendo-a de brincadeira no ombro.

Caroline tremeu de novo, puxando os joelhos para cima, abraçando-os em defensiva – uma última defesa contra a emboscada que ele travara no corpo e coração dela.

Ele se sentou ao lado dela. “Sério, esse não é o lugar para uma mulher bonita ficar sozinha.”

Caroline riu. “Bonita?”

“Quase!”

Mesmo através da piada, ela pegou o tom de preocupação em sua voz. “Estou dentro da visão da casa”, ela justificou.

“Assim como a falecida Sra. Jones.”

Exceto que *aquela* casa estava vazia, sem olhos protetores espiando de dentro; ainda assim, Caroline não se importou em apontar o fato. Ela não queria falar sobre Amy Jones agora mesmo, e conhecia o Jack melhor que isso para acreditar que ele não conseguia esperar uma ligação dela. Ele era o homem mais teimoso que ela havia conhecido e ele havia passado inteiros dez anos sem ligar para ela uma vez, apesar do fato de ele ter dito que a amava. A paciência dele nem sempre era uma virtude. Mas ele estava genuinamente preocupado, ela percebeu. “Ainda está claro. Eu teria voltado para dentro”, ela o assegurou. “Em algum momento.”

“Em algum momento você poderia ser morta”, ele insistiu.

“Jack... não tem havido mais nenhum assassinato.”

Ele levantou um joelho e juntou as mãos na frente, olhando para baixo no cais. “Eu sei.”

“Jesus! Não soe decepcionado!”

“Não é isso, Caroline. Eu sei o que sei. Não acabou.”

Caroline mordeu a parte de dentro do lábio. “E se você estiver errado, Jack?”

Ele piscou contra o sol se pondo. “Espero estar.”

“Mas você não acredita que está?”

Ele balançou a cabeça.

“Só estou jogando isso no ar... e não é uma acusação pessoal, porque sou tão culpada quanto...”

Ele jogou a mão para interrompê-la. “Sei o que você vai dizer mesmo antes de fazê-lo.”

“Ouça, Jack... publiquei aquela história porque acreditei em sua intuição, mas em algum momento, temos de ceder que talvez a intuição infalível de Jack Shaw não seja realmente tão infalível.”

Ele permaneceu em silêncio, ouvindo.

“Só estou pensando em voz alta aqui, mas até agora, não temos nada além de evidência circunstancial – nem uma coisinha...”

Ele ainda estava ouvindo, então ela continuou falando.

“Você não consegue nem que a polícia reconheça publicamente a possibilidade de um homicídio em série, porque não importa como olhe para isso, *ainda* só há um corpo. E tudo que nós dois fizemos desde a descoberta daquele corpo dependeu de uma coisa: o fato que você acreditava que havia um assassino lá fora.”

Ele inclinou um olhar questionador para ela. “Olhe, tudo o que estou dizendo é que talvez estejamos errados, Jack... talvez devêssemos começar a pensar nisso.”

“Não posso”, ele disse misteriosamente.

“Não pode ou não vai?”

Ele sorriu de repente, de forma inesperada. “Não posso – porque meu fraco cérebro masculino foi sequestrado.” Ele piscou para ela quando ela lançou um olhar questionador em sua direção.

Ele estava encarando-a, Caroline percebeu, especificamente a boca dela, e perceber que ela ainda tinha aquele tipo de poder sobre ele lhe deu uma sensação inebriante. A voz dela suavizou e ela sorriu. “Então, o que você está realmente fazendo aqui?”

Ele lhe deu um sorriso torto. “Você acha que eu menti sobre não conseguir esperar a sua ligação? Aparentemente, sou tão disciplinado quanto um drogado em um laboratório de metanfetamina no que se trata de você.”

Caroline riu. “Agora você está me comprando a metanfetamina?”

Ele estendeu a mão, agarrando o queixo dela. “De forma alguma... você tem algo *muito* mais viciante!”

O sorriso de Caroline de repente se tornou travesso. “Sim, o quê?”

A respiração dela se prendeu quando ele avançou e tocou de leve o V entre as coxas dela, esfregando levemente, provocando-a. “Isso”, ele sussurrou.

“Jack”, ela protestou, mesmo quando o deixou arrastá-la até o cais e levantou os quadris nas mãos dele. “Ainda está claro.”

“Não por muito tempo”, ele sussurrou.

A chuva começou na tarde de segunda-feira, varrida pelas nuvens cinzas inchadas que exauriram a cor da paisagem.

De uma forma, parecia que a tempestade acontecia dentro também. Caroline desejou fazer uma barricada na porta de seu escritório contra o dilúvio – do qual nem a menor parte incluía o anúncio de Augusta: sua irmã queria oferecer uma recompensa por informações que levassem ao retorno seguro de Amanda Hutto.

Ela sentou na cadeira a sua frente, o queixo levantado em desafio.

“Isso não é uma boa ideia, Augusta!”

Augusta se endireitou na cadeira. “Por que não? Você acha que tem algum direito exclusivo de ir atrás da verdade?”

Caroline não sabia o que dizer.

“A mãe pode ter colocado você encarregada do *Tribune*”, Augusta insistiu, “mas tecnicamente, todas nós temos ações – tanto faz, se você não for a primeira a contar a história, só terá de publicá-la em segunda – ou terceira ou quarta mão! Porque, goste ou não, eu levarei ao *Post* e a cada canal dessa cidade!”

Caroline só estava começando a entender que cada decisão que fazia em relação ao desaparecimento de Amanda teria um impacto em como os Huttos lidavam enfim com o luto. Depois de tanto tempo sem uma palavra, talvez fosse melhor que Karen Hutto começasse a aceitar o fato que a filha dela poderia não voltar para casa. “Você está lhe dando falsas esperanças.”

“E isso é de alguma forma pior do que implicar que a filha dela foi estrangulada e assassinada por algum ex-padre?”

“Nós nunca publicamos essas palavras!”

“Não, mas você sugeriu isso pelo menos uma dúzia de vezes em doze artigos diferentes, Caroline. A cidade inteira – inclusive Karen Hutto – acredita que o Patterson seja culpado de matar a filha dela. Você está arruinando a vida inteira do homem!”

“Estamos tentando chegar à verdade!” Caroline argumentou, jogando as próprias palavras de Augusta de volta a ela. “Não fabricamos as acusações que ele tem registradas.”

Augusta olhou para ela. “Bom, vou fazer isso quer você goste ou não. Você não vai me convencer do contrário. Vim a você primeiro para você poder pulcar primeiro. Você pode fazer isso ou ser a última a noticiar – é simples assim. Na realidade,” ela acrescentou, “se for esperta, irá usar como uma oportunidade de serviço público e doar o dinheiro em nome do jornal. Pelo menos, então, mostra que você está tentando ser objetiva e que não simplesmente decidiu o destino de Amanda e a culpa do Patterson.”

O que quer que ela fosse dizer para reagir à declaração de Augusta, aquela simples verdade a impediu. Caroline tinha de admitir que Augusta tinha razão. Ela tinha, na verdade, começado com uma programação, e oferecer uma recompensa iria pelo menos inserir alguma medida de objetividade e fazer um controle de danos.

Augusta sentiu que ela estava cedendo, porque rapidamente acrescentou, “Não importa o dinheiro – eu estou oferecendo a recompensa – não preciso de créditos.”

Ela tinha aquele olhar determinado que Caroline conhecia bem demais. “Você vai pelo menos adiar tempo suficiente para me deixar verificar com o Daniel e garantir que não há implicações legais?”

Augusta encostou na cadeira, considerando por um momento antes de concordar. “Justo.”

Sentindo um pouco como se houvesse negociado um cessar-fogo com uma nação hostil, Caroline disse, “Jesus, Augie! Quando acabamos em lados opostos?”

Augusta se levantou, seus olhos brilhando ferozmente. “Claramente, você não me conhece muito bem, irmã querida, porque eu sempre só estive de um lado”, ela falou. “Do lado certo!” E, com isso, fez sua saída.

Caroline a observou sair, pensando que a linha entre o certo e o errado nunca havia parecido tão fina.

A CELEBRAÇÃO elaborada do quatro de julho planejada no parque Brittlebank foi cancelada. A não ser que conseguissem encontrar terreno alto o suficiente para o palco dos fogos de artifício, uma exibição menor dos fogos ainda iria acontecer assim as pessoas poderiam comemorar da segurança da casa delas. Mas a cidade estava inundada. Marés produzindo alagamentos haviam sido previstas, mas dois dias de tempestade de verão colocaram metade das ruas do centro debaixo d'água.

Na terça de manhã, a área do Mercado da Cidade estava alagada, junto com a rua Calhoun, avenidas Ashley e Lockwood. As manchetes mudaram para tópicos de uma natureza mais aquática. A edição matinal do *Tribune* dizia: CHUVA E MARÉ ALAGAM A CIDADE acompanhado de uma foto de cidadãos astuciosos navegando pelas águas da enchente em seus caiaques. Uma mulher foi vista procurando seu cachorro, que havia perdido o caminho para casa, mas havia se refugiado em uma das varandas históricas debaixo de um assoalho que tremia. Uma foto a retratava segurando o pequeno schnauzer em seu peito. Ainda outro artigo mostrava pessoas em botas altas e impermeáveis – uma segurando uma cópia do *Tribune* – não que alguém estivesse saindo atrás de jornais. Contudo, nem mesmo a Mãe Natureza poderia parar a imprensa.

Uma equipe reduzida preenchia o escritório do *Tribune*, enquanto a maioria dos repórteres trabalhavam de casa. Caroline sequestrou o escritório de casa da mãe, mas nem Savannah ou Augusta reclamaram. Savannah, que ainda não conseguia fazer mais do que bicar com a mão direita, abraçava qualquer desculpa para não trabalhar, mesmo com a máquina de escrever antiga. Augusta levou o notebook para a cozinha onde poderia facilmente persuadir a Sadie a lhe dar provas das gostosuras que ela estava ocupada cozinhando.

Durante a infância delas, dias chuvosos na casa das Aldridge eram tipicamente recheados com cheiros incríveis – tudo desde bolo de frutas a brownies e bolo do avesso de abacaxi. O melhor sobre a Sadie era que ela tinha uma filosofia que demais não era nunca suficiente e Caroline percebeu que ninguém estava mais tão focado no peso dela.

Ela e Augusta forjaram uma trégua temporária – completamente necessária quando três mulheres adultas estavam presas por qualquer duração de tempo sob o mesmo teto. Pela maior parte, elas se mantiveram fora do caminho da outra, mas Augusta colocou a cabeça no escritório no final da tarde. “Como está indo?”

Caroline olhou por sobre o notebook. “Ok... mas esse é o tipo de dia que eu gostaria que tivéssemos uma conexão melhor de internet. Seria ótimo conseguir dar às pessoas melhores atualizações – ruas abertas e fechadas – esse tipo de coisa. Além do que, tenho certeza que vão cancelar os fogos na cidade inteira.”

“Na hora certa”, Augusta disse, aventurando-se pelo escritório. “Não tenho dúvida de que você vai administrar tudo fenomenalmente – por isso a mãe deixou você responsável, sabe?”

Caroline piscou com o cumprimento inesperado.

“Desculpa por tudo”, Augusta disse. “Acho que só estou um pouco aborrecida por estar aqui, e provavelmente descontei uma parte da frustração em você.”

Caroline deu de ombros. “Na verdade, você me fez pensar muito sobre as coisas que disse. Você estava certa.”

Augusta veio e se sentou em uma das poltronas acolchoadas de tecido de lã escocês na cor marrom de frente para a mesa de Caroline. Apoiando-se na madeira de mogno polida, ela testou a superfície procurando por pó. Não havia. Por um momento, as duas ficaram em silêncio.

Lá fora, a chuva continuava a cair nos vidros chumbados das janelas. Mais do que vinte centímetros haviam caído durante as últimas vinte horas, e eles estavam se aproximando do recorde mais alto desde 1988.

“E se eu falhar em minha tarefa, Caroline... e se eu não consertar essa casa... ou mesmo ficar debaixo desse teto? Em dias como esse, sinto como se fosse sair do meu crânio!” Augusta confessou.

Caroline empurrou o notebook e olhou sobriamente para a irmã. “Há muito em risco aqui, Augusta. Mas você só pode fazer o que consegue fazer. Se não consegue ficar... ninguém vai obrigá-la. Não vamos morrer de fome e não vamos odiá-la. Alguma caridade só vai ganhar uma quantia absurda de dinheiro.”

Naquele momento, o rosto de Augusta perdeu todas as expressões duras, suavizando para o olhar gentil e misericordioso que ela tinha quando criança – a garotinha que havia começado um hospital de grilos para todos os insetos de “uma só perna”. Quem ficou com o coração partido quando Josh os levou para usar como isca para pescar. Ela não o perdoou por semanas.

“A mãe não está por perto para obrigá-la a fazer nada, Augie. O que quer que você decida fazer, fará por conta própria.”

Ela piscou e Caroline espiou o brilho caluniador de lágrimas não

derramadas. “Mas nem sei por que ou como começar!”

Caroline balançou a cabeça. “Claro que sabe! Você já o fez. Aquele leilão é o primeiro passo, Augie. Você está fazendo uma coisa ótima aqui. Está organizando a casa antes de mergulhar no trabalho de verdade e está se livrando de coisas que nenhuma de nós irá colocar debaixo das asas. A mãe se foi, e nenhuma de nós está presa a nada nessa casa.”

Augusta baixou a cabeça. “Algumas de nós gostaria de ver tudo isso queimando”, ela disse sem qualquer paixão real.

Caroline não conseguiu evitar dar risada, apesar da ameaça barata. Ela sabia que Augusta não estava falando sério. “Eles já fizeram isso uma vez, certo? Não funcionou. Eles reconstruíram a casa e compraram mais merda. Além disso, enquanto essa droga faria uma fogueira maravilhosa, está quente demais lá fora para queimar qualquer coisa – e as cinzas não vão colocar comida na barriga de uma criança desabrigada.”

Elas ficaram sentadas olhando uma para a outra, e Caroline se sentiu de repente forçada a trazer o assunto Ian Patterson. Algo sobre Augie defendê-lo lhe deu uma sensação estranha... como se talvez o interesse dela estivesse pairando em advocacia. A última coisa que Augusta precisava fazer era se envolver com um suspeito. Talvez ele não fosse um assassino, mas certamente não era “seguro”. Mas Caroline conhecia a irmã bem o suficiente para perceber que trazer o assunto à tona iria apenas empurrá-la na direção que ela tinha medo que a outra fosse.

“Bom argumento”, Augusta disse e se levantou. “Obrigada por me tirar de cima do muro... por enquanto.” Ela começou a andar. “Mais especificamente, obrigada por não me empurrar dele.”

Os lábios de Caroline se curvaram em um meio sorriso. “Obrigada por não me provocar a fazê-lo”, ela reagiu. Augie riu e saiu, deixando Caroline rangendo os dentes sobre finanças mortais. Elas não eram divertidas, e ela não havia percebido como eram integral para seu trabalho. Ela não era mais uma jornalista, era uma maldita estrategista.

A garota não era seu tipo.

Sorte dela, ela havia estado no lugar certo, na hora certa, para ajudá-lo a provar uma coisa. Isso é o que ele tinha de se recordar, porque com a celebração iminente, parecia mais como se ele estivesse acompanhando o par errado para o baile.

A única satisfação que ele iria colher dessa era a simples alegria de observá-los se revirando para encontrar pistas, vendo-os bater suas cabecinhas contra as paredes enquanto tentavam compreender como algo assim poderia acontecer bem debaixo de seus narizes. Mas esse era um triunfo oco.

O jogo não estava causando satisfação.

Nada sobre a garota o excitava.

Ele a posicionou com tanto amor quanto podia ser exibido para o par errado do baile, garantindo que ela estivesse pronta para mostrar as tetas ao mundo.

Ele começou a sair, mas algo o chamou de volta... aquela sensação pinicando de intuição que sempre parecia levá-lo às pessoas especiais.

Ali mesmo, quando ele menos esperava, ele sentiu os indícios... aquela pulsação quente por suas veias e a aceleração na batida do coração.

O garoto era perfeito.

Da água, ele observou o homem no palco continuar o trabalho na apresentação dos fogos de artifício, distraído do mundo fora do perímetro de seus refletores. Seu filho de quatro ou cinco anos estava sentado a uma curta distância, olhando saudosamente sobre o ombro para o pai, que, durante o

curto tempo que esteve observando, já tinha gritado duas vezes para a criança ficar parada.

Sentado além do brilho dos refletores nas sombras da noite, o garoto estava assustado. Dava para ler claramente no rosto dele. Ele observou a criança, desejo se espalhando em sua virilha.

Ou talvez fosse apenas mijo em sua roupa de mergulho.

A criança se virou, e seu coração deu cambalhotas. Os olhos do garoto se inclinaram enquanto ele dava uma olhadela, espiando a noite, colocando a mãozinha na testa para proteger o rosto das luzes manufaturadas.

Garoto corajoso.

Encarando seus demônios.

Ainda havia inocência naquele rosto, mas o ressentimento estava crescendo como um câncer, borbulhando das entranhas de sua alma como um caldeirão de negrume pútrido. Não havia nada tão potencialmente perigoso quanto uma criança não amada.

O garoto estava sentado em um banco olhando a água, seus lábios contorcidos em um giro ambivalente. Apesar da noite quente, ele cruzou os pequeninos braços no peito, uma tentativa de se fortificar.

Seu pai permaneceu comprometido com o trabalho, nem uma vez olhando para trás.

Ele estava ao alcance de suas mãos. Como um crocodilo com sua presa, ele poderia agarrar a criança antes que o pai percebesse que havia perigo...

Gentil e silenciosamente, ele se moveu com cautela pela água, sentindo-se poderoso, primitivo, invulnerável, eterno.

Ele reconheceu o instante em que os olhos do garoto focaram o ponto na água onde ele esperava silenciosamente. Suas pequeninas sobrancelhas se colidiram, embora ele tenha levado outro instante para sentir a ameaça da escuridão. Assim que o fez, ele saltou do banco e correu gritando para o pai, que estava teimosamente comprometido com o palco dos fogos de artifício.

“Papai!” a criança gritou. “Eu vejo um homem-rã!”

“Tommy! Sente-se, maldito! Você vai eletrocutar nós dois!” Ele levantou a criança, carregando-a sem cerimônia de volta ao banco e o sentou com tanta força que as ripas de madeira ecoaram na estrutura de aço.

O pai se afastou e a criança pulou para segui-lo. “Não, papai! Eu vejo um homem-rã com olhos amarelos gigantes!”

O pai deu meia-volta, agarrando a criança e batendo com as costas da mão na coxa exposta, não uma, mas três vezes, o estalo de sua mão soando

um pouco como bombinhas quando seus dedos batiam contra a pele.

“Papai!” o garoto gritava. “Por favor, papai! Por favor, não!”

Somente após ter espancado a criança pela terceira vez ele finalmente se virou para olhar o rio escuro, apertando os olhos para ver o que havia assustado seu filho.

Ele se acalmou, exceto pelo tique em sua têmpora que ele não conseguia controlar.

A visão do pai estava comprometida, tendo olhado tempo demais para as luzes brilhantes do trabalho. Satisfeito por estar do lado certo, e seu filho do errado, ele se virou e balançou o dedo para o garoto assustado. “Fique bem aqui! Não me faça mandar de novo! Você vai matar nós dois!”

Não, só um deles.

Ele queria o garoto.

Desesperadamente.

Ele quase conseguia sentir a pureza dele.

Ele se arrastou mais para perto quando o pai voltou para o palco sem olhar para trás. O garotinho olhou para o rio, seu rosto congelado em um choro que queria desesperadamente escapar.

“Papai”, ele choramingou.

“Não, Tommy!” o pai disse firmemente sem olhar para trás. E, então, sentindo-se culpado talvez, acrescentou, “Eu só preciso terminar isso aqui, daí levo você para tomar um sorvete, ok?”

A criança estava congelada, aqueles grandes olhos redondos olhando diretamente para os dele... o pequeno peito soluçando com emoção e, naquele instante, ele sentiu um parentesco.

Eles eram o mesmo.

Foi ali que ele havia começado... olhando direto nos olhos da besta.

“Pa-p-a-i”, o garoto se lamuriou – baixinho demais para ser ouvido, mas o pai olhou assim que o primeiro dos rojões explodiu no úmido céu noturno.

O som da subida do rojão o congelou na água e ele patinhou para trás, mais para trás para assistir de uma distância segura enquanto o rojão explodia em mil pontinhos brilhantes de luz, iluminando um parque que estava meio submerso.

Ele foi para longe o suficiente que não dava mais para ouvir as fungadas da criança, e observou a cena se desenrolar debaixo de uma explosão brilhante de cor. Um por um, os foguetes foram lançados depois do primeiro, e o céu brilhou indo do claro ao escuro e de novo.

No palco, o pai se virou e congelou ao olhar a obra da noite. Ele vagorosamente virou o refletor.

O corpo da garota não estava nem a cinquenta metros do palco, em um deslize de terreno mais alto onde a água havia começado a retroceder. Ela estava com as mãos juntas como em uma prece... bem parecido com o jeito como havia morrido... implorando pela vida através dos olhos salientes, cheios de terror porque a boca não poderia mais fazê-lo.

Além do palco, além do parque, a delegacia de polícia se iluminou do outro lado da rua.

O homem-rã sorriu, inspirou o ar aquoso e mergulhou sem fazer som na água preta.

CAROLINE OLHOU pela janela do quarto, assistindo aos pingos de chuva descerem pela vidraça lá fora. A propriedade estava enlameada, fora isso ilesa, e ela imaginou como a casa da Sadie havia passado com a água vinte centímetros acima do nível de alagamento.

Finalmente, a chuva estava diminuindo e ela ficou feliz, porque Augusta – desordeira teimosa que era – estava lá fora... em algum lugar.

Tango observou enquanto ela se afastou da janela, o rabo balançando desanimadamente quando ela fez contato visual com ele. Caroline pegou o celular da penteadeira e discou o número do Frank, torcendo para ter alguma informação antes que Augusta retornasse à casa. Ela já tinha tentado ligar para a Pam sem sucesso.

Conhecendo a irmã, ela iria segurar apenas até sua impaciência colocá-la em uma trajetória adiante, e então iria se tornar uma força irresistível. Era melhor para todos não ficar parado esperando, torcendo para que ela simplesmente fosse embora. Isso não ia acontecer.

Caroline e Bonneau já haviam concordado que se Daniel lhes desse o sinal para ir adiante, Pam deveria atualizar a história da recompensa. Porque ela havia escrito a maioria dos artigos sobre Patterson, Frank pensou que a reportagem sendo dela poderia usar um pouco mais de equilíbrio.

Apesar das ruas alagadas, Frank ainda estava no escritório e Caroline estava começando a se perguntar se o homem tinha qualquer vida fora do *Tribune*. “Alguma novidade?”

“Não”, ele disse. “Daniel não parece estar retornando as ligações. Quanto a isso, nem a Pam.”

“Eu estava esperando conseguir dar o sinal de positivo para a Augusta hoje.”

“Não tive notícias da Pam o dia todo – nem ontem nem hoje. Em toda essa confusão, imaginei que você havia lhe dito para não vir. Ela não tem me dado notícias.”

“Não. Não fiz isso”, Caroline lhe assegurou. “Quando foi a última vez que você falou com ela?”

“Sexta-feira.”

“Droga”, Caroline disse, e ela teve uma repentina sensação congelante no buraco do estômago. “Você tem o número dela?”

“No meu escritório, mas se você esperar, pego para você.”

“Obrigada, Frank. Primeira coisa amanhã de manhã, vou falar com ela – com todo mundo para falar a verdade. Vou deixar claro que se eles não vão aparecer por qualquer razão, têm que discutir isso com você. Você é o chefe deles.”

Houve um silêncio do outro lado da linha, e então ele disse, “Agradeço por isso”.

Mas Caroline pensou ter sentido um sorriso.

“Sem problemas.”

“Ok, pronta?”

“Pode falar...”

Caroline pegou uma caneta de dentro da gaveta do criado-mudo da mãe e ele vociferou o número da Pam. “Obrigada, Frank”, ela disse e desligou, percebendo somente ao discar o número e ele começar a chamar que ela já tinha o número da Pam em seus contatos.

A chamada foi direto para o correio de voz.

Jack esperou para sair da delegacia, caso houvessem pessoas sendo corajosas o suficiente para retirar água da enchente e vir ver os fogos de artifício. Felizmente, as pessoas usaram o cérebro e ficaram em casa.

Pela primeira vez em muito tempo, ele estava se sentindo alegre.

Talvez fosse por causa do ar levemente mais frio, ou talvez fosse o fato de que, depois de todo esse tempo, a sensação esmagadora de temor que ele estivera sentindo estivesse começando a amenizar.

Ou talvez fosse o simples fato de que ele tivesse aproveitado pelo menos uma dúzia de ereções durante o dia, apenas pensando na bunda de Caroline em suas mãos.

O que quer que fosse responsável por seu humor, ele não lutou contra isso.

Quando seu telefone tocou, ele torceu para ser Caroline, assim poderia se fazer de difícil por dois segundos completos antes de mudar a direção do carro e ir para a propriedade das Aldridge. Se nada mais, ele poderia convencê-la a dar uns amassos na varanda como faziam quando eram adolescentes. A voz de seu parceiro do outro lado da linha teve o efeito de uma topada no pinto. “Ei, Jack.”

“Que foi, Don?”

Garrison pareceu tropeçar nas palavras, incerto de como dizer o que quer que estivesse tentando soltar da boca. Finalmente, falou, “Jack, ouça... sei que você acabou de sair, cara... mas você precisa voltar... agora”.

Uma sensação ruim se acomodou no âmago de Jack com o som gélido de sua voz. “O que foi, Don?”

“Há... outro corpo”, ele disse, mas havia algo mais sobre o modo como ele havia separado as palavras que fez o estômago de Jack puxar com mais força.

Ele deu a volta com o carro imediatamente.

ELA SE SENTIU como uma criminosa, escondendo-se e checando por sobre o ombro repetidas vezes para ver se alguém a estava seguindo. Aquilo irritava Augusta, porque ela não sentia que estava fazendo algo errado.

Ela só tinha essa sensação sobre o Patterson.

Contudo, não era estúpida o suficiente para encontrá-lo na casa dele. Ela escolheu um lugar público, o único lugar onde ela realmente se sentia em casa aqui – o Windjammer em Isle of Palms. Embora a nova construção não parecesse nada com a casa de um andar que havia estado lá originalmente, com as redes de vôlei enroladas nos fundos, ainda era o único lugar onde ela poderia escapar do cheiro de uniformes dos Confederados permeados de bolas de naftalina e a colisão transpirando de turistas, mesmo se a única coisa que o ‘Jammer via em abundância durante o verão fossem pessoas.

Estacionar era ridículo, principalmente o barco de um carro que era o da mãe dela, mas assim que entrou, foi direto para o bar, agarrou uma cerveja, e saiu para assistir aos jogadores de vôlei e esperar.

ASSIM QUE VOLTOU PARA A DELEGACIA, ninguém parecia ter vontade de lhe contar nada.

Aparentemente, eles já haviam chamado a SLED – Divisão para Imposição da Lei da Carolina do Sul – junto com o escritório do xerife, e agora estavam esperando o chefe retornar da rua, onde parecia que ele estava sequestrando a investigação do Jack. A essa altura, tudo o que Jack sabia era que se tratava de uma mulher que eles haviam descoberto e ele sabia que o *Modus Operandi* era similar ao do caso Jones, mas isso era tudo o que pareciam querer lhe revelar.

Finalmente, cansado de pigarrear, ele agarrou Garrison e o puxou da porta, apressando-o para a rua, na direção do parque. “Quem a encontrou?” Jack ordenou.

Garrison não ia olhar para ele. “Alguma criança com o pai.”

“Onde eles estão agora?”

“Lá dentro. Esperando para serem entrevistados.” E, então, ele acrescentou, “Sinto muito mesmo, Jack”.

O nó no estômago de Jack cresceu.

Caroline foi a primeira pessoa que lhe veio à mente. Ele não havia conversado com ela o dia todo e seu estômago ameaçava esvaziar o conteúdo bem ali na rua. Eles atravessaram o parque, onde uniformes já estavam fazendo a busca no perímetro.

O palco dos fogos de artifício ficava em um terreno mais alto e os refletores ainda estavam ligados, mas não mais mirados ao equipamento em si. Luz pungente espalhada pelo parque meio alagado, na direção de uma forma torcida perto da beira d’água.

Quando Jack se aproximou, ele pôde começar a identificá-la, e o buraco em seu estômago se revirou violentamente.

As longas mechas loiras da garota molhadas e grudadas no chão ao redor do rosto. Seu corpo estava completamente exposto, seus seios nus apontados para o céu, pés e mãos amarrados. Seu corpo estava decorado, como um sacrifício sobre uma rocha. Ele reconheceu as bolsas em suas mãos encharcadas como as próprias. Elas estavam posicionadas no peito em uma postura de oração... como Amy Jones.

Não era Caroline.

Ele sentiu o vômito subindo à garganta.

Ele se forçou para não afastar o olhar, para ir direto ao corpo e olhar no rosto que ele havia olhado centenas de vezes antes. Só que agora a pele dela estaria fria ao toque. Ela estava pálida e encharcada e, se ele a virasse, lividez post-mortem teria começado a manchar sua perfeita pele branca. Sua boca estava coberta com fita, mas era, sem sombra de dúvida, Kelly Banks.

Seus olhos azuis encarando-o, vagos. O branco dos olhos manchado com vasos quebrados dilatando teias riscadas em suas órbitas.

Ele a encarou por um longo instante e, então, afastou-se e fez algo que não havia feito desde os primeiros dias de sua carreira. Ele vomitou nos arbustos.

Sabendo que o Sr. Gormley estava esperando na sala de interrogatório com o filho, Jack retornou à delegacia e levou um instante para colocar a cabeça no lugar.

Ele havia visto muitos cadáveres durante seus anos como policial – embora alguns deles não pudessem qualificar pelo termo porque estavam em tal estado – mas essa era a primeira vez desde a morte da mãe que ele havia olhado um rosto que ele queria desesperadamente amar e encontrou nada além de espaço vazio encarando de volta.

Como diabos alguém entrevista uma criança de quatro anos que pode possivelmente ser a única vítima de um caso inteiro?

Ele pensou na mãe da Kelly e urrou, enterrando o rosto nas mãos. De todas as pessoas que ele conhecia, Kelly havia tido a relação mais amorosa e saudável com os pais. Jack teria de ser a pessoa a lhes contar, mas o que diria? Como você contava a uma mãe que ainda trazia lanches empacotados para a filha no trabalho que sua garotinha estava morta?

Assassinada.

Torturada.

A última vez que ele havia conversado com ela, ele tinha sido frio e distante. Ele estava tentando ser gentil ao arrancar o Band-Aid, mas agora aquele olhar deprimido nos olhos dela iriam assombrá-lo para sempre.

Josh havia dito que ela estava trabalhando em algo para ele. Ela estava morta por causa disso? Ou foi infeliz o suficiente de estar no lugar errado na hora errada? Isso poderia ser intencionado ao Jack... como o investigador encarregado? A polícia em geral? Ou o Jack era apenas o sortudo de jogar o

jogo?

Agora Kelly estava morta.

Era uma coincidência que ela era conectada ao Jack? Um aviso? Um desafio? Quantas mais mulheres inocentes iriam morrer? Quantas pessoas desaparecidas já eram entalhes no cinto do assassino? Será que a Kelly havia descoberto?

O Comandante Condon veio enquanto Jack estava se preparando mentalmente para a entrevista. Deixando a unidade do crime terminar a investigação da cena e esperar pelo SLED, ele se sentou no banco de frente para Jack, sua expressão contida. “Jack”, ele começou.

Jack sabia onde ele ia chegar antes de ele dizer outra palavra.

“Não posso deixar este caso com você”, ele disse.

“Eu consigo lidar!”

Condon balançou a cabeça. “Desviei o olhar com a merda toda do vazamento para a mídia porque confio em você para fazer o que precisa e terminar o trabalho, mas isso é diferente. Não posso deixar você trabalhar neste caso que Kelly está envolvida. Não podemos arriscar, Jack.”

O queixo de Jack agiu. Ele encarou o chão, seus olhos queimando.

“Aparentemente, recebi notícias da procuradoria de que você pode ter evidência comprometida –”

O olhar de Jack subiu, fúria surgindo por suas veias. “Childres lhe disse isso?”

Condon balançou a cabeça. “Não importa quem me disse o quê. Defendi suas ações e os lembrei que enquanto você tivesse a evidência à vista a toda hora antes de entregá-la, estava tudo bem. Você é um policial bom o suficiente para saber quando não violar as regras.”

“Mas?”

“Essa é a Kelly, cara.”

“Eu sei quem diabos está lá fora!” Jack o assegurou. “Por favor, Bill, pelo menos me deixe fazer a entrevista com a criança.”

Condon balançou a cabeça, sua decisão já estava tomada.

“Mas ele é nossa *única* testemunha!”

“Ouça, Jack. Qualquer coisa que você faça a essa altura no caso poderia estragar o caso da procuradoria local. Não posso arriscar.”

Jack queria um cigarro. Ele queria se levantar e agarrar a cadeira e quebrar o aposento todo em pedacinhos. Ele queria pegar o filho da puta e estrangulá-lo com as próprias mãos. Isso seria justiça, certo?

“Você pode assistir”, Condon concedeu.

Em algum lugar na parte racional do cérebro do Jack, ele entendeu que Condon estava fazendo a única coisa que poderia fazer, mas a ideia de perder controle sobre o caso o tornou potencialmente violento.

Além disso, agora que ele estava retirando Jack do caso, ele estava dando o avanço para dar continuidade como um homicídio em série. Com dois corpos que poderiam ou não estar conectados, eles ainda não poderiam classificar tecnicamente como um assassinato em série, mas Condon estava disposto a confiar na intuição de Jack, se não em seu trabalho policial – mesmo que isso significasse tomar uma posição publicamente. Kelly era um deles e seu assassinato era claramente uma luva jogada.

“Eu só devo ficar de lado e deixar outra pessoa trabalhar com isso?”

“Eu vou deixar o Garrison no comando.”

“Ele não tem experiência!”

“Ouça, Jack. Não importa. Não posso deixar você no caso. Eles vão dizer que fiz isso por amizade e nenhum de nós pode arcar com isso. Você pode consultar contanto que fique fora de vista.”

Jack balançou a cabeça, relutante em aceitar que esperavam que ele se afastasse agora – principalmente com tanto de sua vida em risco. Ele tinha a sensação horrível de que eles tinham uma janela estreita para apanhar o cara.

Jack era o melhor detetive de polícia na força – sem arrogância – o relatório dele falava por si só – principalmente desde que as prisões dele nunca acabaram sendo liberadas por mera técnica. Isso era o que mais lhe irritava sobre a acusação de Childres.

Ele sabia que havia sido o Childres quem havia lhe traído. Quem aquele imbecil não jogaria debaixo de um ônibus por vantagem política?

Ele tentou ver pela perspectiva do Childres – ele sabia que o cara queria chegar à mesa do prefeito, e Jack entendia que qualquer coisa que ameaçasse sua reputação ou qualquer caso no qual ele estivesse trabalhando enfraquecia suas ambições políticas. Ele entendia tudo aquilo, mas lhe enfurecia que Josh fosse levar reclamações sem fundamento para o Condon.

Ele se sentiu tão contorcido quanto um relógio suíço dado muita corda. E se eles perdessem alguma coisa?

Condon pressentiu seus pensamentos. “Nossa unidade de cena do crime é tão boa quanto pode ser, Jack. Eles vão olhar cada centímetro do parque sob uma lupa e cada dobra no corpo de Kelly. Se houver um pelo público nela que não lhe pertença, saberemos.”

Jack foi forçado a ceder.

Depois que o Condon saiu, ele não ligou para Caroline de propósito, incerto sobre como lhe dar a notícia e temendo a distância evidente que ficaria entre eles.

A qualquer custo, eles tinham que encontrar esse cara – para o bem de Caroline e de todo o mundo – mas ela não ia lidar bem com o fato de que preferia ter as bolas em um quebra-nozes do que comprometer ainda mais a investigação. Confiar nela havia provavelmente lhe custado o caso. De agora em diante, ele não poderia tratá-la diferente de como trataria alguém do *Post*. Ela descobriria rápido o suficiente.

APÓS TRINTA MINUTOS DE ENTREVISTA, a criança Gormley parou de progredir. Ele estava cansado e queria ir para casa e respondia cada pergunta colocada com um balanço firme de cabeça.

O pai ficou agitado. “Eu já dei um testemunho mais cedo. Podemos, por favor, voltar amanhã?”

Jack segurou a respiração.

Garrison validou o pedido, mas não lhe deu uma resposta verbal. Ele fez à criança ainda outra pergunta que o garoto se negou a responder.

O pai estava a dois minutos de levar o filho para casa e se recusar a cooperar, mas se ele fosse para casa agora, uma noite de pesadelos poderia limpar todos e quaisquer detalhes importantes de sua memória.

Jack marchou pela sala de observação, observando Garrison perder sua única testemunha até que ele tentou uma abordagem diferente. “Cara... ouvi dizer que você viu um homem-rã hoje à noite?”

Assistindo pelo vidro, Jack segurou a respiração enquanto a criança pensava sobre isso. Ele não negou, mas também não respondeu, exceto por chutar irritadamente o ar debaixo da mesa.

Progresso... talvez.

“Eu vi o Homem Aranha uma vez, mas ninguém acreditou em mim.”

Tommy olhou para o Garrison, provavelmente imaginando se ele estava falando a verdade.

“O seu homem-rã estava usando uma fantasia de super-herói, Tommy?”

Tommy lhe deu um olhar de cara feia, mas balançou a cabeça devagar.

“Ele estava usando uma máscara?”

A criança olhou para as pernas, puxando a perna da calça, e deu de

ombros.

“Você sabe que tipo de máscara estou falando?” Garrison insistiu.

Tommy não olhou para cima, mas balançou a cabeça.

“Estou falando do tipo que as pessoas usam quando vão nadar. Você costuma nadar, Tommy?”

O garoto olhou para cima, balançando a cabeça de novo em um movimento lento exagerado.

“Por que não?”

Ele olhou para o pai com pesar, revirando os olhos, e disse queixosamente, “Por causa que... não posso entrar na piscina da vovó porque ela provelmente faz xixi lá.”

Qualquer outro dia, Jack poderia ter ficado entretido.

Não hoje.

“É mesmo?”

O garotinho concordou tranquilo e seu pai ficou ruborizado. “A mãe da ex... e eu”, ele disse a fim de se explicar, “não nos damos bem”.

Garrison se virou para o Tommy. “Você tem certeza de que era um homem-rã, Tommy?”

Tommy concordou um pouco mais entusiasmado.

“Ele era verde?”

Ele fez uma cara assustada. “Não! Ele era preto com olhos amarelos!”

Jack imaginou se o cara estava usando roupa de mergulho e máscara. Isso explicaria a falta de fibras nos corpos.

“Acha que vai ter pesadelos hoje à noite?”

Jack tinha de admitir que a paciência de Garrison era bem mais evidente que a de Jack no momento. O garoto hesitou, pensando sobre a pergunta, então respondeu, “Não, porque já sou grande”.

“Quantos anos você tem, Tommy?”

Ele levantou três dedos e um polegar curvo e disse, “Quatro”. Ele olhou para o pai, buscando confirmação.

“Quando vai fazer cinco?”

“No meu aniversário.”

Garrison olhou para o pai.

“Setembro.”

“Então, Tommy, você quer brincar de detetive hoje à noite... e me dizer o que aconteceu?”

“O que é tetivo?”

“É quando você ajuda a pegar os caras maus e prendê-los, assim eles não machucam mais ninguém.”

Tommy concordou, até deu uma pista de sorriso antes de continuar com uma conta tão detalhada quanto uma criança cansada de quatro anos poderia mostrar.

“O homem-rã olhou direto para você?”

Tommy esfregou os olhos e concordou de novo.

“Ele estava perto o suficiente para você conseguir ver se os olhos dele estavam vendo você também?”

Tommy concordou. “Por um bom tempo”, ele disse com tristeza. “Eu fiquei com medo.”

“Mas ele não machucou você e foi embora, certo?”

Ele juntou as mãos e gesticulou como se fosse mergulhar. “Para baixo e então ele fugiu nadando!” Ele chutou o pezinho freneticamente como se estivesse nadando.

“Isso é ótimo. Obrigado, Tommy. Você é um bom detetive”, Garrison disse. “Da próxima vez que vir algo assim, promete contar ao seu pai na mesma hora?”

Tommy olhou para o pai, suas pequenas sobrelhas colidindo de modo feroz, e tão rapidamente seu temperamento voltou. “Quero ir para casa!” ele gritou.

Jack percebeu que o pai não conseguia olhar nos olhos de Garrison depois de tudo, e ele esperava que o cara percebesse quão perto ele havia estado de perder o filho hoje à noite.

Jack olhou para o garotinho exausto com a capa verde à prova de chuva e galochas amarelas e pensou em Amanda Hutto.

O número de desaparecidos e mortos estava aumentando. Mas nenhum deles tinha algo em comum além do fato de serem todas mulheres. Uma garota de seis anos. Uma fugitiva de dezessete. Uma universitária de vinte e dois e uma despachante da polícia de trinta anos.

A coisa toda parecia deslocada para Jack de alguma forma.

Assim que a entrevista acabou, ele voltou para a rua, esperando que a paciência de Garrison se estendesse aos colegas de trabalho porque Jack pretendia garantir que eles não perdessem nada.

O corpo ainda não havia sido movido enquanto um time de examinadores médicos terminava o exame inicial. Jack olhou para o rosto de Kelly, sabendo que ela era a única que realmente sabia com o que eles estavam lidando. A

melhor chance que tinham de pegar o cara era descobrir onde ele ia atacar em seguida.

“Quem fez isso com você, Kelly?”

A boca dela ainda permanecia atrás de pedaços de fita. Eles ainda tinham que remover isso e não o fariam até que ela estivesse no laboratório.

A boca dela e as mãos haviam sido deixadas exatamente como as de Amy Jones, mas algo parecia diferente, e ele não conseguia superar a ideia de que essa parecia pessoal.

Seu telefone tocou, e ele se afastou da cena do crime, alcançando o bolso e caçando o celular sem olhar o identificador de chamadas.

A voz de Caroline tinha aquela ponta afiada que costumava lhe fazer mergulhar à procura de abrigo. “Você havia planejado me contar?”

De onde ele estava, o rosto de Kelly momentaneamente se transformou no de Caroline, e ele não conseguiu encontrar a voz para falar. Sua resposta saiu soando mais como um grunhido incompreensível.

Qualquer raiva que Caroline poderia ter sentido pareceu amenizar quando ela percebeu a agonia dele. “Ouvi que surgiu outro corpo.”

Ele engoliu. “Sim.”

“Eles ainda não revelaram quem é. Você pode dizer?”

Ele considerou suas próximas palavras cuidadosamente. “Você está perguntando porque dá a mínima sobre quem achamos deitada gelada em uma pedra... ou está perguntando como a filha de Florence Aldridge?”

Silêncio sepulcral foi a resposta que ele obteve, e Jack permaneceu quieto, esperando.

“Não posso acreditar que você me perguntaria isso”, ela disse finalmente, soando derrotada, e talvez um pouco defensiva e magoada.

A imagem da mãe da Kelly cruzou o cérebro de Jack.

Apesar do circo de jornalistas já se juntando fora da delegacia, ninguém havia revelado o nome da falecida – e não o fariam – não antes de conseguirem notificar o parente mais próximo. Ele respirou fundo e lhe deu a frase padrão, “A identidade da vítima não está sendo liberada ainda por pendência de notificação do parente mais próximo”.

“Ok”, ela disse. “Vou deixar você voltar ao trabalho.”

“Tchau, Caroline”, ele disse e terminou a ligação.

Caroline marchou ao esconderijo, esperando as irmãs para assistirem ao plantão jornalístico. A TV estava no canal onze, e ambas Augusta e Savannah estavam abraçando os joelhos no sofá.

Os olhos de Savannah estavam grudados na tela. “Pergunto-me quem tenha sido.”

Caroline também. Mas ela estava agradecida de as duas irmãs estarem presentes e terem prestado contas. Ela se abraçou, os nós no estômago se apertando com cada segundo que passava.

Ela imaginou quem Frank havia enviado para cobrir a coletiva de imprensa, mas confiar nos outros para fazer o trabalho vinha com o ofício, ela estava aprendendo. Frank havia lidado com esse tipo de situação pelo mesmo tempo que ela havia estado na Terra. Neste exato momento, ela pertencia às irmãs.

Augusta suspendeu o pescoço para trás, olhando para Caroline. “Não posso acreditar que o Jack não iria lhe contar.”

Caroline franziu o cenho. Ela não queria falar sobre o Jack. Na verdade, nem queria pensar nele!

Após múltiplas provocações pelo time âncora, elas estavam esperando o Comandante Condon aparecer em frente ao edifício Lockwood. A âncora cortou para reportar Sandra Rivers no local fora da delegacia. O terno vermelho brilhante da repórter provavelmente havia sido uma má escolha devido às circunstâncias, mas pelo menos ela parecia apropriadamente sóbria. Finalmente, Billy Condon, um homem robusto em seus cinquenta anos, com uma cabeça raspada e uma verruga acima do olho esquerdo, emergiu do

edifício e um aglomerado inteiro de repórteres o interpelaram de uma vez. Caroline avistou Brad à distância, pronto e ansioso para escrever às pressas qualquer coisa que saísse da boca do comandante. Pam estava conspicuamente ausente da multidão.

O olhar de Condon era claramente emocional. “No início desta noite”, ele começou, “aproximadamente às dez e meia... o corpo da Oficial Kelly Banks foi encontrado no parque Brittlebank”.

Caroline sentiu como se uma bola de boliche tivesse caído dentro da barriga. A respiração lhe abandonou de uma só vez.

Savannah arfou em voz alta. “Jesus!”

“Ela não é –” O que quer que Augusta fosse perguntar congelou em seus lábios quando ela se virou e viu o rosto pálido de Caroline.

Na tela, flashes de câmeras disparavam um show miniatura de luzes.

Parecendo contido atrás do microfone, Condon continuou. “A Oficial Banks era um bem valioso de nossa força... oferecemos nossas mais profundas condolências para a família dela e honramos seus serviços para a cidade de Charleston. Sinto muito, isso é tudo. Estamos todos um pouco chocados, mas gostaríamos de responder às suas perguntas se possível.”

“Comandante Condon”, alguém gritou. “É oficial? Temos um assassino em série?”

O queixo de Condon funcionou. “Neste momento, não estamos usando o termo em conexão com as mortes da Sra. Banks e Jones.”

“No momento?” Sandra Rivers perguntou, pegando a distinção imediatamente e indo atrás dela com toda a sutileza de um puma. “Isso significa que vocês acreditam que o estado irá mudar?”

Condon evitou a câmera diretamente. “A essa altura, houve dois homicídios similares, que sugere apenas que as pessoas deveriam tomar certas precauções em suas vidas diárias, mas até agora, não foi estabelecido que ambos foram cometidos pela mesma pessoa.”

“Vocês irão chamar o FBI?” Brad gritou pela multidão.

Caroline mordeu a cutícula.

“Não”, Condon disse sem hesitar. “Temos toda a fé em nossas forças locais para solucionarem esses assassinatos. Contudo, formamos uma força tarefa e iremos agora trabalhar juntos com o SLED e o escritório do xerife.”

“A Oficial Banks também foi estrangulada?”

“Asfixiada”, ele corrigiu.

“Comandante Condon! Ouvimos que houve uma testemunha hoje à noite!

Você pode elaborar?”

“Sinto muito, isso é tudo o que temos no momento. Quando mais notícias se tornarem disponíveis, o Oficial de Informações Públicas irá lhes manter informados. Obrigado!” Ele começou a se afastar.

“Comandante Condon – espere! É sabido se o assassino está mirando as vítimas ou vocês acreditam que as mulheres foram escolhidas ao acaso?”

Condon parou e se virou para responder à pergunta. “Tudo o que sabemos é que ambas as vítimas estavam na rua sozinhas. De novo, por favor, tomem as precauções necessárias.”

Brad avançou lentamente. “Comandante Condon”, ele gritou. “Estrangulamento não sugere que seja um crime pessoal? Não indicaria que as vítimas conheciam seus agressores?”

“A Oficial Banks morreu de asfixia associada a afogamento”, Condon esclareceu novamente. “Acreditamos que seria um erro assumir que as vítimas conheciam o assassino.”

Brad seguiu a pergunta com outra. “Houve luta? Você pode esclarecer, por favor?”

Condon levantou a mão. “Sinto muito. Isso é tudo – não tenho plena liberdade para discutir os detalhes do caso. A investigação em andamento será agora liderada pelo Detetive Donald Garrison.”

“O Detetive Garrison estará disponível para comentários?”

“Negativo.”

“E o Detetive Shaw?”

Ele balançou a cabeça. “O Detetive Shaw está neste momento com a família Banks.”

Sandra Rivers avançou lentamente, estendendo o microfone, e disse em um praticado sotaque velho de Charleston, “Comandante Condon, você pode nos dizer se o Detetive Shaw foi removido do caso devido ao seu –”

Condon a interrompeu. “Shaw é um profissional dedicado. Sua vida pessoal não está em debate aqui. Essa coletiva de imprensa está encerrada, Sra. Rivers”, ele disse e começou a andar até o edifício.

A multidão o seguiu. “Comandante Condon! Comandante Condon! Comandante Condon! Vocês acreditam que haverá um terceiro assassinato?”

“Esperamos que não”, ele respondeu sem se virar, e com aquelas palavras finais, mergulhou na segurança do prédio, barricado por seus homens.

Augusta tirou o som da televisão, e dava para ter cortado o silêncio na sala com uma faca. “Putá merda”, ela exclamou.

CAROLINE ACORDOU PERTO das três e quinze, os numerais no relógio de sua mãe brilhando em vermelho, manchando o quarto com a cor do sangue. Ela ficou se revirando na cama o resto da noite. Perto das seis, desistiu de tentar dormir, levantou-se e foi direto para a cozinha, esperando encontrar a Sadie. Ela queria juntar todo mundo debaixo de um mesmo teto, trancar as portas e não deixar ninguém sair de novo – o que era completamente ridículo, ela percebeu. Ainda assim, ela se sentiria melhor se estivessem todas juntas. Em Savannah ela confiava para fazer a coisa certa, e ela pretendia tomar toda precaução por si mesma, mas não tinha tanta certeza sobre Sadie ou Augusta. A Augusta era completamente impulsiva demais e Sadie estava acostumada demais a ficar sozinha. Ela pensou que talvez conseguisse convencer Sadie a ficar com elas por um tempo, mas a veemência com a qual a governanta respondeu a pegou de surpresa por completo.

“Não! Não vou fazer as malas e me mudar para essa maldita casa, ouviu? – nem mesmo temporariamente!”

Caroline provavelmente sentiria o mesmo sobre abandonar sua privacidade, mas lhe parecia um preço pequeno a pagar para garantir que todas estivessem seguras. “Você mal sai da cozinha de qualquer forma, Sadie! Pode também arrastar uma cama e dormir aqui, pelo amor de Deus. Vai! Aposto que o Josh iria apoiar isso. Há mais do que espaço suficiente!”

Sadie lhe deu um olhar oprimido, como só a Sadie conseguia, e alertou, “Não ouse falar com o meu filho sobre nada disso, hein? Não vou fazer e isso é tudo o que há! Já vivi minha vida inteira naquela casa e não vou abandoná-la agora!”

“Jesus Cristo!” Caroline disse. “Você é como aquelas pessoas teimosas que se afogaram em suas casas durante furacões porque se recusaram a evacuar!”

Claramente chateada agora, de uma forma que Caroline nunca havia testemunhado, Sadie começou a jogar panelas na pia. “Agora você me escute bem, mocinha! Josh me comprou um novo sistema de alarme ano passado. Ficarei bem em minha própria casa! Vocês três estão mais do que aptas a se queimarem vivas neste museu do que eu de acabar como algum desvio comportamental sexual de um homem branco pervertido!”

“Essas coisas não são sempre sobre sexo”, Caroline apontou. “Não fazia ideia que essa casa lhe ofendia tanto.”

Sadie jogou mais panelas na pia, fazendo um barulho enorme. Caroline imaginou se era para efeito. “Essa casa não me ofende! Cuidei dela por mais tempo que vocês todas têm estado vivas, mas essa não é a minha casa! E eu não vou ficar nela não importa o que diga! Você se preocupe consigo mesma!” ela disse e saiu da cozinha, conversa terminada.

Savannah apareceu na entrada da cozinha, parecendo completamente desorientada. “Como diabos você conseguiu irritá-la?”

“Parece que ultimamente eu poderia começar um argumento em uma casa vazia.”

Sua irmã mais nova entrou na cozinha e ficou de pé do outro lado da ilha onde Caroline havia se refugiado. “Não tem sido fácil para nenhuma de nós”, ela disse. “Não posso fingir saber como deve ser ter a responsabilidade de uma mãe por três mulheres adultas que não são seus parentes, mas imagino que a Sadie se sinta culpada o suficiente pelo ressentimento que deve sentir ao ficar com tamanho fardo, sem acrescentar uma sensação de gratidão forçada também.”

Caroline torceu o rosto. “Meu bom Senhor! Ela é nossa família! Por que em nome de Deus ela não se sentiria da família?”

“Ela é, mas pense nisso por um minuto. Não importa como a gente se sinta sobre ela, a Sadie ganhou a vida cuidando de nós. A mãe *pagava* para ela fazer as coisas que não podia – ou não iria – fazer.”

“Não mais! E eu pareço me lembrar bem de lhe dizer para não fazê-lo! Ela não está sendo paga para cuidar de nós! Ela está fazendo o que faz porque nos escolhe!”

“É mesmo?”

“Sim! Ela nunca tem de trabalhar outro dia na vida dela se não quiser.”

Savannah levantou as sobrancelhas de forma contenciosa. “Pense nisso pela perspectiva da Sadie. A mãe não lhe deu uma grande quantia de dinheiro para que ela pudesse se aposentar em alguma ilha tropical e beber Mai Tais o resto da vida. Ela ainda está ganhando exatamente o que ganhava antes de a mãe morrer... exceto que agora ela é completamente dona da casa e não tem de deixar recados para dias de folga.”

Caroline pensou nisso.

Savannah continuou. “Não tenho dúvida de que a Sadie nos ama e que quer nos ajudar, mas há ainda uma linha tênue que deve ser dolorosamente visível da perspectiva dela. Basicamente, ela ainda está recebendo para cuidar de nós – negócios como sempre. Ela não sabe como lidar com você mudando

as regras a essa altura do jogo.”

Augusta havia dito algo similar e aquela lição de sabedoria a fez se lembrar de algo. “Mas ela e a mãe devem ter sido amigas.”

Savannah deu de ombros. “Acho que eram. Mas o que isso tem a ver com a gente?”

“Você acha que o Josh se sente da mesma forma?”

Savannah balançou a cabeça, então seguiu com um dar de ombros. “Gerações diferentes. Provavelmente não foi a mesma coisa para elas como é para nós e o Josh.”

Caroline considerou sua irmã mais nova e a sabedoria que parecia sair da boca dela tão facilmente como ligar uma torneira. Mesmo a ajuda dela e de Augusta por anos não parecia compensar pelo senso inato de intuição da Savannah. “Por que parece que às vezes você sabe tudo e que só está esperando pacientemente para alguém mais perceber?”

Savannah deu risada. “Isso é tamanha mentira!” Então, ela se aquietou e apontou, “Se eu soubesse tudo, conseguiria levá-la direto ao monstro que está matando essas pobres garotas”.

“Sim, sobre isso... de alguma forma, sinto que tornei tudo pior.”

Savannah apertou os olhos, dando-lhe aquele olhar que sempre fazia Caroline se sentir um pouco assustada, e disse, “Cada ação tem uma consequência, Caroline... tudo o que você pode fazer é partir dos melhores motivos... então, venha o que vier”.

Caroline ainda estava ponderando aquele conselho quando Savannah se intrometeu, “Você vai descobrir”. E ela deixou Caroline sozinha na cozinha, imaginando o que poderia fazer para ajudar Sadie a se sentir mais parte da família delas.

Ela apreciava a ajuda de Sadie, mas realmente a amava – de alguma forma mais do que havia amado a própria mãe. Não importa quanto arrependimento pudesse sentir devido à relação disfuncional dela com a Flo, aquilo não mudava a verdade. Ela encarou a pilha de potes e panelas na pia e tentou se lembrar da última vez que qualquer uma delas havia pegado uma esponja enquanto viviam debaixo deste teto.

A resposta era nunca.

Andando até a pia, Caroline olhou a bagunça lá dentro e ligou a torneira, pegando uma esponja. O escritório poderia esperar mais dez minutos. Nada iria desmoronar antes que ela chegasse lá – nada que já não estivesse desatando. Frank sabia o que fazer, e ela poderia usar um pouquinho de

espaço vazio na mente para considerar os próximos passos.

ENQUANTO JACK ESPERAVA por informações para filtrar, ele vasculhou os bens de Kelly para os pais dela. Ele não encontrou documentos com o nome dele. Nada. No que quer que estivesse trabalhando, ela havia levado consigo, talvez até o túmulo.

Ele colocou os pertences dela em uma caixa e transportou de volta ao escritório, esbarrando em Garrison no caminho. Felizmente, eles não estavam excluindo-o. Tecnicamente, Garrison ainda era seu parceiro. Ele ainda poderia obter informação; só não poderia lidar com as evidências, sentar no banco do passageiro com o revólver durante a investigação ou falar com alguém ligado ao caso.

“Recebemos a primeira notícia do laboratório”, Garrison disse. “Como a primeira vítima, a língua dela estava desaparecida e a boca pintada com a mesma tinta azul.”

Jack concordou com a cabeça, e não conseguiu evitar imaginar se ela estava viva durante o desmembramento. “Alguma notícia sobre o carro dela?”

Garrison balançou a cabeça. “Eles têm certeza de que ele deve tê-la arrastado do Ashley até o Brittlebank porque ela tinha água nos pulmões e o estômago consistente com submersão prolongada, então os helicópteros estão voando pela linha do rio.”

Jack segurou uma maré de emoções. “Já mandamos o time da cena do crime para a casa dela?”

“Feito”, Garrison disse.

Ele queria colocar alguém atrás de Caroline, mas sabia que iriam questionar seus motivos. Em vez disso, ele focou no único suspeito deles. “Podemos colocar alguém para seguir o Patterson de novo?”

“Já estamos nisso”, Garrison falou, e Jack ficou aliviado que todas as bases estavam sendo cobertas, embora o irritasse perder a investigação.

A caixa em suas mãos de repente pareceu segurar o peso do mundo. “Obrigado por me informar.”

Garrison acenou para ele, e sua natureza competitiva comum estava ausente. Ele estendeu a mão, dando um tapinha no ombro de Jack. “Não se preocupe, vamos pegar este cara, Jack.”

Jack concordou e se afastou, levando a caixa ao seu escritório,

conformando-se com o fato que a essa altura só havia realmente uma coisa que ele poderia fazer que não ia arriscar a investigação: ele tinha de descobrir o que Kelly havia descoberto.

Ele fez o login no computador para checar os bancos de dados do NCIC e NamUs, contemplando qual banco de dados Kelly havia usado e se ele poderia seguir o trabalho dela. Talvez ela tivesse salvo resultados de pesquisa que ele poderia acessar? Talvez ela tivesse descoberto algo que poderia ajudá-los a encontrar o assassino dela? Talvez o que quer que ela tivesse aprendido a tivesse enviado direto ao assassino?

Um dos despachantes colocou a cabeça na porta antes que ele pudesse começar. “O *Tribune* está na espera do telefone para você.”

“Diga à Sra. Aldridge que não estou disponível.”

“Uh, não é ela. É um Frank Bonneau, diz que você é o único com quem ele irá falar.”

CAROLINE MAL CONTEVE SUA HISTERIA.

O rosto que mostrava aos outros – ela esperava – era solene e contido – seu melhor rosto de pôquer. Por dentro, contudo, ela estava tremendo como uma criança amedrontada.

Quando Pam não retornou ao trabalho, não ligou, ou atendeu às ligações persistentes, Frank finalmente enviou alguém ao apartamento dela para checá-la. Ninguém atendeu à porta e o cara voltou para o trabalho e encontrou o carro dela na garagem. Foi então que chamaram a polícia.

Enfiado debaixo do limpador de para-brisa de Pam estava um pedaço de papel, exatamente no mesmo local que Caroline havia encontrado o dela, dobrado da mesma forma. Exceto que esse era rosa. Instintivamente, ela sabia que havia algo a mais sobre o seu papel do que Jack a havia levado a crer. Obviamente, ele não confiava nela.

Havia algo que poderia ser salvo entre eles?

Na janela do motorista, o número três estava escrito no mesmo lápis de cor branco que os lava-rápidos normalmente usavam para marcar os para-brisas para o atendente cuidando da linha de lavagem. Na realidade, o carro estava impecável, apesar da semana de chuva que eles tinham enfrentado. A enorme bolsa de Pam ainda estava sentada no banco do passageiro em cima do notebook que ela havia retirado do escritório, como se ela tivesse simplesmente saído do carro por um instante ou esquecido.

Ninguém tocou no bilhete na janela, mas Caroline já sabia o que dizia: *A morte e vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto. Provérbios 18:21.* As palavras estavam gravadas em seu cérebro.

Ela ouviu as sirenes gritando pela rua e soube que Frank havia finalmente conseguido falar com ele. Além de Jack não estar atendendo às suas ligações, ele obviamente não havia se importado em ouvir quaisquer de suas mensagens.

Ele a estava culpando?

Ela não entendia nada que estava acontecendo.

Agora mesmo a única coisa que realmente importava era a Pam.

Caroline a havia envolvido em coisas nas quais ela talvez não devesse ter se envolvido. E, por causa dela, Pam estava possivelmente – Deus, ela não podia pensar nisso!

A família de Pam morava em Athens, no estado da Geórgia. Quem iria fazer a ligação? A polícia? Ou esperavam Caroline, como sua empregadora, para carregar as más notícias?

Não pense assim.

Eles iriam encontrá-la.

Jack iria encontrá-la.

Como Amanda?

Ou da forma como encontrou Kelly e Amy?

Caroline estremeceu.

Pelo menos, três veículos policiais entraram guinchando na garagem, um deles era uma unidade de cena do crime. Outros dois carros vieram em silêncio, ambos não identificados – um deles era o do Jack. Ele lhe deu um simples aceno de cabeça quando saiu do carro, mas foi direto ao Frank, falando com ele enquanto outra pessoa – outro policial – gritava ordens aos homens.

Caroline ficou lá, abraçando-se, observando-os trabalhar, sentindo os quase vinte metros de distância entre ela e Jack de forma intensa. Eles poderiam também estar em cidades diferentes.

Os homens trabalharam rápido, mas não rápido o suficiente. Uma van de notícias locais estacionou na garagem, convenientemente bloqueando a saída com a pretensão de descarregar o veículo. O resto dos times de notícias locais certamente ia descer logo.

Caroline reconheceu Sandra Rivers, vestindo um terno vermelho similar ao que havia vestido na noite anterior. Claramente, seu radar estava em alta

recepção. Ela avistou o Jack e esfregou dobras inexistentes da saia, indo direto até ele, seu salto alto vermelho estalando bem alto na garagem quase vazia. Mesmo ao fazer o caminho até ele, outros dois canais de notícias convergiram em cena.

“Detetive Shaw!” Rivers gritou, apressando-se até ele.

Jack levantou a mão para pará-la. “Essa é uma cena do crime, Sra. Rivers! Afaste-se!”

Ela pareceu por um instante considerar empacar, mas as palavras de Jack tocaram como a voz de Deus em uma garagem. “Todo mundo para fora!” ele exigiu. “Retire a van!”

Franzindo belamente, Sandra Rivers acenou para os câmeras se afastarem – não que o gesto fosse necessário. Eles já haviam pulado de volta cinco casas meramente ao som da voz de Jack. Ele poderia não estar mais liderando a investigação, mas comandava respeito suficiente que eles não questionaram sua autoridade.

Rivers girou, seu radar parando em Caroline, e sua expressão se animou. Ela foi direto na direção de Caroline, andando com propósito renovado. “Sra. Aldridge! Entendo que a Sra. Baker está desaparecida desde segunda-feira, possivelmente há mais tempo?”

O estômago de Caroline afundou. Sua mãe não teria fugido dessa, disse a si mesma. Ela piscou para a câmera. “Sem comentários, Sra. Rivers. Espero que entenda.”

Sandra Rivers concordou, surpresa talvez. “Claro”, ela falou, com um sorriso forçado, mas insistiu com o microfone. “Em uma nota relacionada, você pode confirmar que o *Tribune* está oferecendo uma recompensa por qualquer informação levando ao paradeiro de Amanda Hutto?”

“Eu não diria que está relacionado de forma alguma”, Caroline reagiu. “Ninguém estabeleceu qualquer conexão entre esses casos, mas sim, o *Tribune* está oferecendo uma recompensa.”

Rivers sorriu de forma tênue, seus olhos brilhando. “Sua falecida mãe ficaria tão orgulhosa, que Deus a tenha”, ela disse, em sua fala sulista lenta e grossa. “Quanto às suas investigações, você está interferindo agora porque perdeu a fé em nossos rapazes de azul? E você vai continuar as histórias mais pesadas ou planeja abandoná-las agora que parece arriscado demais para os seus funcionários?” Ela empurrou o microfone na direção de Caroline.

Caroline piscou novamente, chocada pelo bocado de palavras que Rivers havia lhe atribuído. Não apenas ela estava implicando que o *Tribune* era

geralmente sem valor e não poderia lidar com as notícias em voga, mas a resposta a qualquer uma daquelas questões era potencialmente explosiva. Ela pesou suas palavras com cuidado. “Você usa o Twitter, Sra. Rivers?”

“Bom, sim! Quem não usa?” Rivers respondeu, mas pareceu repentinamente confusa. Ela se virou para sorrir nervosamente para a câmera e então voltou para Caroline.

Caroline sorriu com bondade. “Nós não”, ela disse. “E continuaremos a reportar as notícias à nossa comunidade de uma maneira que a cidade de Charleston aprendeu a confiar. Contudo, sentimos que é melhor, dada a natureza do que está em risco aqui, deixar as investigações criminais nas mãos competentes da delegacia de polícia.” Caroline forçou um sorriso gracioso.

“Bem, sim”, foi tudo o que Rivers disse. “Obrigada, Sra. Aldridge.” E ela sorriu brilhantemente, virando para a câmera e terminando. Só quando a câmera abaixou que seu sorriso desapareceu. Ela sussurrou algo baixo, retrucando aos seus homens para levarem tudo de volta para a van. Colegas do grupo de mídia ou não, Caroline teve certeza que não havia feito uma nova amiga hoje, e o olhar que Rivers lhe deu quando se afastou apenas validou a suspeita.

Deixando Jack sozinho, Frank deu no pé atrás dela, seus braços grossos cruzados. Ele a olhou com o mesmo peso de orgulho e censura.

“Quê?” Caroline perguntou, encarando com força as costas de Jack. Ele não tinha nem se importado de virar uma vez para olhar para ela.

Frank a repreendeu. “Qual o problema com você? Não sabe das coisas em vez de ir falar com a imprensa?”

As bochechas de Caroline se aqueceram. “Eu não ia fugir como um cãozinho assustado!” ela disse na defensiva.

Frank balançou a cabeça, mas sorriu. “Assim como a sua mama.”

“De qualquer forma”, Caroline advertiu. “O que aconteceu com a cortesia profissional?”

“Isso só se aplica se você não for uma vaca mesquinha”, Frank declarou de forma prática. “Sandra Rivers é uma vaca mesquinha. Não importa como você olha para isso, mesmo sem aqueles assassinatos, agora você é uma grande novidade também. Então, da próxima vez, fique com o ‘sem comentários’. Funciona mesmo.”

Caroline sabia que ele estava certo, claro, mas não estava com ânimo para ser punida. Ela ficou lá por um instante, observando Jack ir atrás de Rivers

novamente, ordenando que ela saísse das dependências. Ele olhou brevemente na direção dela. Ela não se importou em manter o olhar para ver se ela seria seu próximo alvo. Ela deixou Frank lidar com as perguntas e voltou ao escritório.

“**M**al posso esperar para ver o bronzeado de fazendeira que você vai pegar!” Augusta disse ao fazer o caminho descendo o longo cais.

Savannah parou no meio de tentar empurrar um dos barcos menores de volta ao ancoradouro. Vestindo uma camiseta regata branca para combinar com o gesso, ela já estava se queimando em áreas não cobertas pelo material. Ela estava suada, grudenta e seu braço coçava.

“O que você está fazendo aí?”

“Vasculhando o ancoradouro.”

“Óbvio.” Augusta apontou para o barco. “Se continuar, vai acabar com um gesso no outro braço. Por que não pediu ajuda?”

Savannah empurrou o barco mais uma vez, então puxou sem sucesso. Estava bom e preso. “Porque eu obviamente superestimeei minha coordenação e força.” Ela sorriu.

O menor dos barcos delas, um pequeno barco a remos, estava entalado na porta, preso em algo dentro do ancoradouro. Savannah não conseguia soltá-lo, porque não ficaria exatamente parado no cais. Ela não queria danificar a madeira.

“Aqui, deixe-me ajudá-la.” Augusta colocou a cabeça para dentro, chutou algo do caminho e, então, empurrou o barquinho para o cais. “Como diabos você tirou dos ganchos?”

Ambas olharam a pequena arte. Embora a mãe delas provavelmente nunca tivesse colocado o pé em um daqueles barcos depois da morte de Sammy, todos eles estavam em condição imaculada. “Aposto que ela tinha o Josh cuidando do ancoradouro”, Augusta refletiu em voz alta.

Savannah deu de ombros. “Provavelmente deveria ter vendidos todos eles a muito tempo atrás, mas bom para nós, porque é mais para o leilão. Na realidade, há um Chris-Craft de sete metros lá dentro que provavelmente vale pelo menos cem mil.”

Augusta olhou para dentro. “Acho que foi do vovô.”

“Sim, eu ia perguntar ao Josh sobre isso.”

“Talvez devêssemos apenas dá-los a ele?”

Savannah colocou a mão boa na cintura e secou a umidade, que formava gotas em sua sobrancelha, com o gesso. “Em vez de vendê-los?”

“Talvez”, Augusta empurrou a cabeça de volta ao ancoradouro. “Se ele colocou tanto trabalho nisso, eu diria que seus sentimentos seriam machucados se não perguntássemos pelo menos, mas torço para que ele simplesmente nos deixe vendê-los.”

“Sim, ok. Tudo bem.”

Augusta ficou lá, estudando-a, e Savannah sabia que ela estava prestes a ficar pessoal. Ela conseguia ver em sua expressão.

“Então, você tem trabalhado em tudo menos o livro desde que ganhou o gesso no braço, e se você consegue mover caixas e barcos, não pode me dizer que está prevenindo-a de escrever. O que está acontecendo com você?”

Savannah deu de ombros. “Bloqueio de escritor, eu acho.”

“Se eu tenho de lidar com essa merda, e tudo o que você tem que fazer é escrever um livro, melhor arranjar algo no papel, mesmo que seja uma completa bosta, Savannah... ou vamos acabar com nada depois que tudo isso tiver terminado.”

Savannah reconheceu a acusação no tom da irmã. Ela sabia exatamente o que Augusta estava pensando. Além do fato de que todo mundo parecia acreditar que era tão fácil escrever um livro. Augusta pensou que a mãe delas havia brincado de favoritas uma última vez, dando à Savannah a tarefa mais fácil das três. Ela suspirou. “Eu tentei usando a antiga máquina de escrever, mas não está ajudando.”

Augusta franziu para ela. “Esse tipo de coisa já havia acontecido antes? Você já escreveu um livro e publicou – por que não consegue escrever outro?”

“Bloqueio de escritor. Acontece o tempo todo”, Savannah admitiu, evitando o problema real, “mas nunca tão ruim assim”.

Ultimamente, ela estava tendo terrores noturnos de novo, e até tentou escrever alguns deles, mas sempre que tentava, seus dedos ficavam

paralisados no teclado.

Na realidade, ela não havia conseguido escrever muito de nada por quase um ano, e estava apavorada de tentar. Da última vez que havia jogado suas palavras no papel, pensando que não eram nada além de uma construção da própria imaginação, ela havia experimentado uma sensação macabra de déjà vu no dia seguinte a um dia fértil com o teclado. Sentada no sofá, assistindo às notícias, de repente detalhe por detalhe de sua história começou a se desenrolar na tela, narrado por uma âncora de seios grandes com lábios brilhantes na cor rosa. Isso apavorou Savannah.

“De qualquer forma”, Savannah disse, direcionando a conversa para longe de território desconfortável. “Eu só queria ver o que estava no ancoradouro; então, tive o desejo repentino de tirar o barquinho.”

“Para a água? Você não pode dirigir aquela coisa com uma mão, Savannah!”

Savannah levantou a sobrancelha e ofereceu um pequeno sorriso. “Aposto que consigo, mas eu cheguei aqui e então decidi que um passeio de barco sozinha no pântano, enquanto ótimo para minha meditação, poderia não ser tão ótimo para minha saúde geral.”

“Jesus... não brinca!”

Savannah coçou o braço acima do gesso. “Sim... eu estava colocando de volta quando você chegou.”

As duas olharam para o barco, deitado de cabeça para baixo no cais, com sua superfície de madeira recentemente polida debaixo do sol do meio-dia, e começaram a rir. Era a primeira vez da qual Savannah se recordava de rir com Augusta desde que eram crianças. Isso a fez se sentir bem.

Obviamente, Augusta se sentia da mesma forma. “Você ainda não estaria com ânimo para aquele passeio de barco?” ela perguntou.

Juntas, olharam ao redor para o cenário pacífico, o capim-da-praia se ondulando gentilmente na brisa. As chuvas haviam deixado os níveis da água alto. Mas com apenas a brisa mais leve e o sol espiando detrás das nuvens stratus finas como papel, era tão idílico como poderia ficar. Acrescente um barco com uma passageira mulher – ou duas – e talvez chapéus engraçados – e você tinha os requisitos para um quadro de Renoir. Mas não era o que você conseguia ver lá fora que deu uma sensação de ambivalência para Savannah. Ela balançou a cabeça, esmagando o nariz.

“Sim, nem eu”, Augusta admitiu.

Então, trabalharam juntas para colocar o barco de volta ao ancoradouro e

no galpão onde deveria ter permanecido.

“A Sadie voltou?” Savannah perguntou.

“Não. Eu ia ligar para ela, mas decidi lhe dar um pouco de espaço.”

“Sim, falei com ela hoje de manhã – andei até a casa dela. Ela diz que reconhece que devemos descobrir como nos arranjar sozinhas e que ela não está nos fazendo nenhum favor ficando ao redor.”

Augusta pareceu se ofender com a insinuação de Sadie. “Não posso falar por você ou Caroline, mas em casa, eu faço tudo sozinha, e o que não faço não se faz.”

“Sim, mas estamos em casa há apenas alguns meses e, de repente, estamos contando com ela para tudo. Acho que é fácil demais voltar aos antigos hábitos.”

“Verdade, mas a Sadie é uma facilitadora”, Augusta reagiu. “Quero dizer, por quantos anos ela fez tudo pela mãe – desde reabastecer seus medicamentos e estocar seu armário de bebidas, embora soubesse da fraqueza da mãe melhor do que ninguém?”

Savannah inclinou a cabeça. “O que você a teria feito fazer? Dizer aos empregados para jogarem fora?”

“Certo. Bom, acho que nada é tão preto no branco, não é?”

Elas caíram em silêncio ao estudarem atentamente o ancoradouro, procurando por coisas para jogar fora, coisas para vender. Tinha o cheiro e a aura de um lugar de trabalho bem-amado – não um esquecido armazém antigo, mofado e cheio de ferrugem. De certa forma, Savannah se sentia uma intrusa em sua própria casa. Sadie e Josh eram bem mais merecedores do lugar.

Savannah observou Augusta vasculhar parafernália de velejar, notando seu humor vacilante, e decidiu que era uma boa hora como qualquer outra para falar sobre os sonhos que estava tendo. Às vezes eles tinham uma ligação assustadora com a realidade, e Savannah tinha começado a perceber aqueles que não deveriam ser ignorados pelo nó de apreensão que deixavam no fundo do âmago.

“Então, você tem visto Ian Patterson às escondidas, não é?”

A expressão no rosto de Augusta era quase cômica. Seus olhos arregalados incrédulos, e ela pareceu momentaneamente censurada, antes de suas sobrancelhas se colidirem. “Como... você soube?”

Savannah não se sentiu confortável em explicar, nem mesmo para a irmã, então usou a mesma linha que sempre usava. Ela deu de ombros. “Só chutei.”

Na realidade, Augusta estava guardando seu segredo tão quieta quanto era humanamente possível. Ela não havia dito uma palavra sobre nada, mas Savannah *sabia*.

“Você vai contar para a Caroline?”

Savannah mordeu o interior do lábio. “Acho mesmo que você deveria.”

“Tá brincando? Ela vai perder a cabeça! Você viu como ela reagiu quando lhe disse que queria oferecer uma recompensa por Amanda Hutto!”

“Augusta, aquele homem é suspeito em dois homicídios.”

“Sim, bem, *eu* acredito que ele seja inocente!”

Savannah olhou de forma significativa para ela. “Você está disposta a arriscar sua vida por isso?” A pergunta não era para ser uma hipérbole. O risco era tão real quanto o suor gotejando entre os peitos de Savannah, descendo pelo braço e entrando no gesso.

Augusta lhe deu um olhar sitiado, cheio de confusão, e aquilo não ajudou muito para assegurar Savannah. “Só tenho esse pressentimento, Sav. Por favor, não diga à Caroline.”

“Não posso prometer e não é justo você esperar isso.”

Augusta franziu o cenho.

“Vai... o que você diria se a situação fosse contrária? Você me deixaria continuar com um cara que tem sido investigado por múltiplas acusações?”

Augusta não respondeu, porque ambas sabiam a resposta. Augusta não iria hesitar em contar à Caroline – ou, para ser sincera, ir direto ao centro de operações da polícia e exigir proteção policial, a Savannah querendo ou não.

“Ok, isso é importante, Augusta, então ouça o que estou prestes a dizer...”

Augusta olhou para ela. “Você está tendo aulas com a Caroline sobre como ser a Mamãe na ausência?”

Savannah não deixaria Augusta importuná-la. “Pode chegar um momento em que você irá se perguntar, ‘o que eu deveria fazer?’ Faça o que Augusta Aldridge nunca faria.”

Augusta fez careta. “Que diabos é isso? Uma exposição sobre a minha vida? Você acha que eu preciso pensar duas vezes as minhas ações porque elas não eram as que você e Caroline tomariam?” Ela jogou uma escova que havia pego. “Cara, sinto muito por ter saído para comungar com a minha irmãzinha!” Ela saiu andando do ancoradouro.

Savannah a seguiu, gritando atrás dela. “Não é uma exposição, Augusta! Você só é muito previsível!”

Augusta se virou, andando de costas, seu rosto uma máscara de

indignação. “Sim, bom, fazer a coisa certa é previsível, Savannah!”

“Esse é o meu ponto, exatamente!”

Augusta virou no calcanhar e Savannah a observou sair, sabendo que era hora de falar com Caroline. De jeito nenhum ela poderia guardar consigo o que sabia, principalmente agora que Augusta havia confirmado.

CAROLINE TERIA FECHADO o escritório cedo exceto que as notícias não paravam para ninguém. A vida continuava; assim como as manchetes.

Ela não conseguia imaginar como sua mãe havia vencido o desaparecimento do irmão delas, tomando decisões, sorrindo bravamente para as câmeras. Pela parte de Caroline, ela sentia como se sua vida estivesse se descolando e ela não conseguia se permitir focar dois minutos de seu próprio tempo para juntar os pedaços. Havia tantas outras coisas que tinham preferência.

Quando chegou em casa, encontrou Augusta sentada na varanda, tomando limonada, jeans enrolados pela metade até as panturrilhas e seu cabelo ruivo-amarelado enrolado por acaso na cabeça. Augie a olhou com olhos azuis indiferentes, observando seu caminhar desgastado até a entrada. “Dia longo?”

Caroline concordou, mas não conseguiu encontrar a energia para falar.

Ela ficou lá um instante, olhando para a irmã, e ponderou há quanto tempo elas haviam estado juntas debaixo do mesmo teto. Parecia uma eternidade, mas os dias estavam passando como um borrão e ela mal passava tempo com nenhuma das irmãs. Desse jeito, o ano iria acabar... e então o quê? Cada uma seguiria seu caminho? O pensamento deixou Caroline melancólica. Derrubando a pasta no último degrau, ela se sentou ao lado de Augusta no degrau da varanda. “E você?”

“Eu?”

“Sim, como você está aguentando?”

Augie suspirou. “Ok, acho.” Ela tomou outro gole da limonada e ofereceu o copo para Caroline.

Caroline tomou um gole experimental e quase vomitou pelo gosto inesperado de vodca.

Augusta deu risada. “Entrei no esconderijo da mãe.”

“Não é do seu feitio.”

Augusta apertou os olhos para Caroline e perguntou, “É? Como diabos você saberia?”

Mesmo no crepúsculo crescente, o ar era pesado e quente depois de chuvas pesadas. O sol havia açoitado cruelmente o dia todo, assando tudo o que tocava. Qualquer umidade que as chuvas haviam derramado na paisagem havia evaporado rapidamente. Caroline percebeu o fino brilho de suor nos braços de Augie e a leve queimadura de sol nos ombros, e quis perguntar se ela havia estado lá fora no sol, mas a farpa espetou. “Touché”, ela disse.

Então, elas ficaram sentadas lá, embaladas no silêncio que se seguiu.

“Onde está a Savannah?”

“Lá dentro.”

“Sadie?”

“Ainda brava.”

“Sem janta?”

Augusta se virou para olhar para ela, seus olhos brilhando. Caroline pensou que eles guardavam um rastro de desafio. “Sem.”

“Então, o que você está fazendo aqui fora?”

“Esperando o sol se por.”

“Por quê?”

“Não sei. Eu quis.”

Caroline queria lembrá-la de que havia um psico lá fora em algum lugar, mas algo sobre a expressão de Augusta a fez segurar a língua. Seus olhos azuis estavam um pouco vidrados, e ela parecia que tinha ficado chorando em alguma parte do dia.

Depois de um instante, Augusta continuou, “Sabe... li um artigo no *Tribune* que dizia que os pesquisadores estavam preocupados que os vagalumes estavam desaparecendo. Aparentemente, Clemson está fazendo um estudo, pedindo ao pessoal para sentar em seus quintais das oito às dez e contar vagalumes, então, entrar no site e gravar o número na página deles”.

Por mais que quisesse dizer que lia todos os artigos todos os dias, Caroline não poderia. “Você leu isso no *Tribune*?”

Augusta concordou e mexeu a bebida no copo. “Em algum lugar entre todas aquelas mortes... talvez página cinco. Eu tive que procurar bem para achar uma história que não me fizesse querer me enfiar em um saco de pedras e pular daquele cais ali.” Ela gesticulou na direção do ancoradouro.

Caroline pensou que talvez entendesse como Augie se sentia.

A vida aqui nunca havia parecido um conto de fadas, mas desde que voltaram para casa, tudo estava manchado em um tom pálido de morte.

“Há algo tão mágico sobre os vagalumes”, Augusta disse saudosamente,

olhando para Caroline com um olho fechado. “Lembra quando costumávamos pegá-los e colocá-los em potes e fingir que eram fadas?”

Caroline concordou e Augusta esvaziou a limonada e colocou o copo perto dela, do outro lado do degrau. “Seria triste se eles sumissem.”

“Sei o que quer dizer”, Caroline admitiu. “Sabe, estou começando a entender o que tem me mantido aqui durante esse tempo e não tem nada a ver com o dinheiro...”

Augusta levantou uma sobrancelha em desafio. “Mentirosa... tem algo a ver com o dinheiro.”

Caroline não conseguiu segurar uma risada com a expressão de olhos brilhantes de Augusta. “Ok, talvez um pouquinho, mas sério. Acho que a mágica de verdade que sentíamos naquela época não era o que pensávamos que estávamos colocando naqueles potes”, ela explicou. “Era o fato que estávamos tentando pegar todos aqueles insetos juntas.”

“Assim eles poderiam sobreviver suas existências miseráveis em nossos potes fedorentos de manteiga de amendoim em vez de aqui fora onde era o lugar deles”, Augusta acrescentou com falso espanto, balançando a mão para o enorme ar livre expansivo.

Caroline fez careta, mas deu risada.

“Jesus!” Augusta exclamou de repente. “Nós somos responsáveis por matar os vagalumes!”

Caroline riu de novo. “Bem... se somos, o mínimo que podemos fazer é sentar aqui fora e fazer uma contagem de sobreviventes juntas. Eu topo se você quiser companhia.”

Augusta deu um sorriso nostálgico e balançou a cabeça. Ela suspirou alto. “Tem que haver algo mais neste lugar além de merda e pessoas boas morrendo, certo? Eu ainda sinto um pouco de mágica lá fora... *em algum lugar.*”

“Eu também”, Caroline concordou e se inclinou inesperadamente para beijar a irmã na bochecha... e elas ficaram sentadas juntas, esperando o anoitecer... e a certeza restabelecida de um único vagalume.

JACK NÃO CONSEGUIA SUPORTAR a ideia de ir para casa.

Não conseguia tirar da cabeça a imagem dos olhos cegos de Kelly.

Ele parou no Dive Inn – ironicamente ainda evitando Kelly, embora agora ele estivesse evitando as emoções confusas que a morte dela havia lhe

deixado – particularmente a culpa agonizante. Ele sentou no bar e, felizmente, até o bartender o evitou, provavelmente respondendo ao olhar escuro no rosto de Jack. Sem uma palavra, ele serviu uma Guinness e deslizou pelo bar na direção dele junto com o controle remoto, olhando para a televisão.

Jack piscou para a tela, agarrando o controle e aumentando o volume para ouvir bem a tempo o último minuto do vídeo de Caroline com Sandra Rivers.

“Você está interferindo agora porque perdeu a fé em nossos rapazes de azul?” a vaca disse. “E você vai continuar as histórias mais pesadas ou planeja abandoná-las agora que parece arriscado demais para os seus funcionários?” Ela empurrou o microfone na direção de Caroline.

Embora ele soubesse que ela estava em agonia, a expressão de Caroline o lembrava da mãe dela – ela tinha a mesma graça sob o fogo – o mesmo olhar indiferente – mas se ele dissesse isso para Caroline, ela acharia que era um insulto. A verdade era que ele admirava o modo como a coluna dela se endireitava em frente ao desafio, o modo como seu queixo subia contra a adversidade.

“Senti muito ao saber”, o bartender ofereceu. “Ela era... er... uma garota doce.” Ele só conhecia Kelly porque ela havia perseguido Jack até o bar uma noite. Ele estivera irritado e a tratou com desprezo, ganhando perguntas do bartender mais tarde.

Jack concordou com a cabeça, olhando para o rosto de Caroline, precisando dela. Ele focou nos lábios dela, observando-os se mover e, mesmo em seu sofrimento, o corpo dele respondeu como sempre fazia.

Agora não era a hora para distrações.

Caroline inclinou um olhar dissimulado para Rivers. “Você usa o Twitter, Sra. Rivers?”

Os lábios dele se contorceram.

“Quem não usa?” a repórter loira respondeu, parecendo um pouco um rato encarando um gato.

Caroline sorriu confiante. “Nós não.”

Jack abriu um sorriso pela primeira vez no dia inteiro.

“Ela não parece muito com a mãe, mas com certeza atua como ela”, o bartender observou, agarrando um pano de prato e começando nas canecas ainda na pia. Ele acenou para um cliente saindo pela porta. Jack ouviu a porta se fechar, então o pequeno boteco ficou vazio.

“Se importa se eu desligar enquanto termino a cerveja?” Jack perguntou.

“Leve o tempo que precisar”, o cara disse, saindo de detrás do bar, indo até a porta trancá-la. Isso que Jack mais gostava nele. Ele não era um grande falador e não se importava com um pouquinho de silêncio.

Jack desligou a TV, banhando o boteco vagamente iluminado em silêncio fácil.

Ele queria ligar para Caroline, mas não sabia o que dizer. Ele encarou a tela vazia, repetindo os eventos dos últimos dois dias na cabeça.

O jogo parecia ter mudado. Mais uma vez, ele pensou que o assassinato de Kelly parecia pessoal. E o desaparecimento de Pam Baker estava perto demais para preocupá-lo. Contudo, sem um corpo, não havia homicídio. Ela era apenas outra pessoa desaparecida.

E se não fosse para eles encontrarem os corpos? E se o único propósito de plantar o de Kelly fosse para confirmar seus piores medos e tirar Jack do caso em uma só tacada?

Onde o cara deles estava guardando os corpos?

Eles tinham outro Dahmer nas mãos? Eles estavam enfiados no fundo do refrigerador de alguém? Ele estava enterrando-os em algum lugar? Onde?

Havia outra busca aérea planejada para a manhã.

Poucas vezes, quando um crocodilo pegava a presa – em sua maioria cães – eles encontravam algumas covas debaixo d’água para guardar a refeição até que a carne estivesse macia e amadurecida o suficiente para comer. Poderia ser isso o que o assassino estava fazendo? Enterrando-os em algum lugar no pântano onde a maré não pudesse carregá-los para a superfície? Se fosse o caso, o estado da Carolina do Sul tinha mais de quatro milhões de acres de pântanos, e mesmo se eles concentrassem uma busca na maior área de Charleston, era impossível esquadrihar cada centímetro daquela terra pantanosa. Pela maior parte daquele terreno molhado, mesmo cães não conseguiriam rastrear um cheiro.

Para completar, o bilhete de Caroline estava limpo – nem uma única digital a ser encontrada – mas isso não surpreendia Jack. Por que o papel deveria ser diferente do resto das evidências forenses? O cara era meticuloso. O que afirmava, contudo, era que não se tratava de um cartão de visitas de algum vendedor de igreja. De jeito nenhum o papel estaria tão limpo se tivesse sido tateado por algum pregador religioso.

Os caras no laboratório haviam feito uma conexão que Jack não havia feito – não até ter visto o papel rosa no carro de Pam. Eles eram cópias de carbono. Sem qualquer pedaço de papel carbono, uma única folha não

pareceria ou se comportaria de forma diferente de uma folha de papel comum, mas combinada com outro pedaço de papel carbono, elas faziam a cópia se tornar possível. Não que isso importasse – porque não haviam digitais – mas se eles tivessem utilizado técnicas de fumaça convencionais, teriam deixado o papel preto e quaisquer digitais recuperáveis teriam sido perdidas irrevogavelmente.

Mas diferente das cópias de carbono do passado, não haveria resíduo preto nas mãos de alguém usando-o, embora possa haver resíduo químico. Havia uma enorme quantidade de compostos químicos utilizados para fazer as folhas – o suficiente que a segurança deles no uso diário estava sendo questionada. Alguns dos compostos incluíam resinas de fenol-formaldeído, Bisfenol A, corantes azoicos entre outros. Por quanto tempo os traços desses componentes químicos permaneciam na pele?

Era um ponto crítico se ele não conseguisse encontrar causa provável para conectar Patterson ao papel.

Parecia impossível cometer dois crimes tão próximos juntos e não deixar pontas soltas... em algum lugar. Em algum momento, o cara deve ter cometido um erro e Jack ia encontrá-lo e revelá-lo.

Ele apertou os olhos fechados, juntando as partes. Hoje era quarta-feira. O corpo de Kelly havia sido descoberto na noite de terça. Considerando que o assassino tivesse, na realidade, sido quem apanhou Baker, quando ele a teria levado? Durante o final de semana ou em algum momento na segunda-feira... mas as ruas estavam praticamente alagadas na segunda e na terça. Se ele não a apanhasse direto do trabalho, teria tido problema em devolver o carro à garagem... o que significava que deve tê-la pego em algum momento antes de a chuva começar... com tempo suficiente para devolver o carro à garagem.

O notebook da Baker estava sendo inspecionado, junto com o Honda dela, mas o carro estava impecável – nem uma marca d'água nele, então provavelmente não havia sido dirigido durante a chuva e provavelmente não renderia nenhuma digital. Mas ele duvidava que o assassino deixaria um notebook se contivesse evidência... o que disse ao Jack que provavelmente não havia existido contato prévio entre eles. O celular de Baker estava desaparecido junto com seus pertences. Jack já havia contatado a operadora para pedir rastreamento de GPS. Ele também havia intimado os registros de ligações.

Quais eram as chances de ambas as garotas terem estado no lugar errado na hora errada? Mais importante, onde era o lugar errado?

Tudo havia acontecido tão rápido, eles nem haviam tido tempo de se perguntar sobre o Jipe da Kelly. Depois da descoberta do carro de Baker no estacionamento da rua Meeting, eles haviam enviado um carro patrulha e descoberto que o Jipe estava desaparecido da casa dela, então emitiram um boletim imediato. Se o Jipe dela fosse um modelo mais novo, poderiam ter tido o benefício de rastreamento por GPS, mas não deram essa sorte. Primeira coisa de manhã, com luz nova fresca, ele ia ver se o deixavam subir em um dos helicópteros.

A menos que...

Um pensamento lhe ocorreu e ele deu um salto. “Ei Kyle, você pode destrancar a porta, por favor?”

Quase como se tivesse esquecido a presença de Jack, o bartender parou no meio de limpar a caneca, piscando, mas vendo o olhar no rosto de Jack, ele não disse outra palavra. Ele se apressou detrás do bar para destrancar a porta. Jack bateu uma nota de vinte na mesa e pegou as chaves e o celular.

Nenhum policial queria assumir que algo tão ridículo pudesse acontecer em sua própria entrada – e como a criança havia testemunhado um nadador, todos suspeitaram que o corpo havia sido transportado e jogado no parque Brittlebank, mas e se Kelly tivesse sido levada direto do trabalho? Ninguém havia sequer considerado checar o estacionamento Lockwood em busca do carro da Kelly.

Tudo o que você pode fazer é partir dos melhores motivos...

Caroline passou a noite inteira ouvindo as palavras de Sadie saltando em sua cabeça. Ela se revirava, tentando entender o que poderia ter feito diferente.

Ela estava perdendo algo. Brad havia sido a pessoa a falar com a mãe de Jennifer Williams, mas e se Brad tivesse entregado o bastão à Pam, sabendo que ele não ia ser o centro das atenções pela história, e se Pam estivesse perseguindo alguma pista sobre a qual eles não sabiam?

Ela provavelmente poderia ter ligado, mas para não correr o risco de ser afastada, Caroline entrou no carro na manhã seguinte e em vez de dirigir para o escritório, fez uma viagem de uma hora e meia até Murrells Inlet para falar com a mãe de Jennifer Williams. Algumas entrevistas eram feitas melhor pessoalmente. Embora ela tivesse prometido ao Frank que não escreveria outra história, isso não era sobre ver seu nome na autoria, ou sobre precisar controlar o jornal, era sobre localizar uma jovem pela qual Caroline se sentia responsável.

Amanda Hutto nunca havia sido encontrada. Jennifer Williams ainda estava desaparecida. Será que Pam ainda estava viva?

Se havia algo – qualquer coisa – que a Sra. Williams pudesse lhe contar sobre o desaparecimento de sua filha ou sobre Ian Patterson, valia a pena a viagem. Ela ligou para o Frank para informá-lo onde estava indo. Ele a surpreendeu por não oferecer uma única objeção.

A viagem, contudo, não rendeu nada, exceto enfatizar a ambivalência da fé da mulher na inocência de Patterson. Parecia, para Caroline, que a culpa da

mulher sobre as acusações falsificadas estava impedindo a Sra. Williams de olhar as circunstâncias claramente.

Em seus quase cinquenta anos, a mulher morava sozinha em uma pequena casa na Creek Drive. Ela recepcionou Caroline calorosamente, fez chá para ela e trouxe sua foto mais recente de Jennifer. Ela imprimiu na impressora a cores e trouxe para Caroline, suas mãos tremendo um pouco.

Caroline olhou para a fotografia da adolescente com cabelo ruivo-amarelado. Ela parecia um pouco com Augusta, não apenas a coloração ou os traços, mas o olhar provocador.

A foto havia sido tirada nas ruínas, não havia dúvida.

Caroline sentiu uma leve pontada no peito quando reconheceu o lugar em que ela e as irmãs haviam brincando tanto quando crianças. A imagem estava desbotada, as cores se misturando, dificultando para distinguir os limites. Mas não importava a qualidade da foto, ela teria reconhecido o local independentemente. Atrás de Jennifer, uma das chaminés desmoronadas se elevava até as árvores, o topo coberto por extremidades que estavam pingando barba-de-velho.

Patterson estava lá cobrindo suas pegadas?

Caroline balançou a fotografia. “Você sabe quem tirou esta foto?”

A Sra. Williams balançou a cabeça, incerteza surgindo através dos olhos castanho-escuros.

Jennifer estava lá verificando as ruínas... ou havia algo mais sinistro em ação? Quem tirou a foto?

“Como você conseguiu esta foto?” Caroline perguntou.

“Ian Patterson me enviou por e-mail.”

Os pelinhos na nuca de Caroline subiram. Ela se levantou de uma vez. De repente, sentiu a necessidade de voltar para Charleston. Ela tinha de ligar para o Jack. Tinha de ligar para o Frank. Ian Patterson tinha perguntas a responder, mas Caroline percebeu que qualquer coisa que dissesse agora iria apenas afligir a Sra. Williams ainda mais. “Obrigada”, ela disse, ficando de pé. Ela balançou a fotografia novamente. “Posso ficar com ela?”

“Claro.”

Caroline disse adeus e saiu, dobrando e enfiando a foto dentro da bolsa. Assim que chegou ao carro, ela ligou para o Jack três vezes. Ele não atendeu. Então, ligou para o Frank e deixou uma mensagem, contando-lhe o que havia descoberto. Depois disso, ela tentou as duas irmãs. Nenhuma delas respondeu, então ela simplesmente dirigiu.

AUGUSTA SE ENCONTROU COM DANIEL. Ela havia falado com ele apenas brevemente para conseguir o OK para o dinheiro da recompensa e a nota sobre a recompensa deveria ter sido publicado na edição desta manhã. Mas ele havia sido difícil de achar ultimamente, então quando ele ofereceu para vê-la e ajudá-la a resolver os detalhes do leilão, ela aceitou no mesmo instante, literalmente correndo pela porta.

Ela estava feliz em ver que ele parecia completamente recuperado, contusões saradas, e tinha um salto em seu passo que ela atribuiu a algo além do trabalho, mas não se intrometeu. Ela realmente não queria saber – principalmente se a explicação incluísse a Sadie.

Quando terminaram a reunião, ele pediu desculpas por precisar trancar a porta e sair com pressa, mas ele não queria deixar o escritório aberto e tinha um processo judicial que havia chegado ao adiamento final e não poderia ser perdido. Conduzindo Augusta pela porta da frente, ele trancou e saiu pelos fundos do edifício, onde seu carro estava estacionado, deixando Augusta de pé na rua, irritada que ele não havia oferecido uma carona. Ela não tinha conseguido achar uma vaga em lugar algum perto do escritório dele, nem na rua King e agora tinha que andar por uma rua bem arriscada.

Desde quando você tem medo de andar em uma droga de rua?

Ela morava em New York, pelo amor de Deus. Ela havia andado milhões de ruas arriscadas.

A diferença era que, em uma cidade com mais de oito milhões de pessoas, era difícil encontrar uma rua sem ninguém.

Mas ainda estava claro, ela disse a si mesma, mesmo se a rua estivesse estranhamente vazia e as luzes apagadas apesar de um novo grupo de nuvens escuras se movimentarem lá em cima. Eles precisavam da chuva de verão para abrandar o calor, ela pensou, mas certamente seria uma droga ficar presa nela.

A luz ambiente estava sumindo, sombras caindo como uma cortina cinza sobre a cidade. No distrito histórico, havia sempre o brilho somado da iluminação a gás queimando durante o dia e a noite. Mas aqui, a cidade estava apenas começando a corrigir a falta de luzes e algumas estavam quebradas – não porque estavam sendo negligenciadas, mas provavelmente porque não haviam sido reportadas. Se você preferisse fazer negócios no escuro, por que iria querer iluminação?

Cerca de trinta passos na estrada, Augusta se arrependeu da decisão de estacionar tão longe e se arrependeu de usar saltos – mesmo os baixos.

Que horas eram? *Parecia* tarde.

O ar frio soprou e vapor subiu do asfalto. Ela passou por um buraco que havia sido preenchido recentemente e seu salto afundou no asfalto quente. De repente, ela mais sentiu do que ouviu uma presença atrás dela.

Os passos eram rápidos e ágeis, apressando-se até ela. A criança pegou sua bolsa antes que ela pudesse se virar para ver quem estava vindo. Ele não tinha mais do que doze anos, seus pés nos tênis grandes demais para o corpo magricelo. Ele fugiu com a única bolsa de grife que Augusta havia comprado na vida toda. Instintivamente, ela disparou atrás dele, irada.

Se ela o pegasse, ia deitá-lo sobre o joelho como um bebê e esbofetear a vida dele em frente de todos observando – se alguém estivesse observando – e, então, ela o faria andar até a casa dele e contar à mãe o que havia feito.

Mas ele era rápido demais e virou em uma viela antes que ela pudesse alcançá-lo. Quando Augusta chegou lá, estava sem fôlego, e ainda mais irritada, percebendo que ele tinha as chaves do carro dela.

A essa altura, ela não dava a mínima para a bolsa. Só queria as chaves. Na realidade, se ele simplesmente voltasse, ela doaria feliz o Town Car para ele pelo preço de uma carona até em casa. Ele provavelmente precisava mais do que ela de qualquer forma.

O céu estava escurecendo rápido. Sombras subiam pelos edifícios seguindo a rua estreita. Uma sacola do supermercado Piggly Wiggly se arrastou pela calçada de tijolo, o vento provocando-a com uma viagem prometida.

Ele era só uma criança.

Ela deveria entrar na viela atrás dele?

De repente, as palavras de Savannah ecoaram em sua mente.

Faça o que Augusta Aldridge nunca faria.

Augusta hesitou – algo que raramente fazia.

Ela ficou lá na entrada da passagem estreita considerando o que fazer enquanto o vento chutava folhas e lixo. A luz do dia estava sumindo rapidamente. Os olhos dela analisaram as janelas de dois andares. Algumas delas estavam fechadas com tábuas. Outras eram simplesmente buracos negros vazios em fachadas de madeira decrepitas. Dentro de uma delas, ela pensou ter visto um rosto olhando das sombras.

Às vezes, Savannah sabia das coisas.

Embora normalmente levasse mais do que uma viela escurecendo, algumas sombras e uma tarde com muito vento para assombrá-la, Augusta deu meia-volta e se apressou de volta para a rua King.

Que se dane! Ela poderia comprar uma bolsa nova, celular e trocar a fechadura. Quanto ao Town Car, se ainda estivesse lá de manhã, ela chamaria um instalador de trancas para vir e deixá-la entrar. Enquanto isso, ela não estava prestes a ficar por lá e esperar por um.

Apressando-se até a rua King, pensou se conseguia lembrar o número do celular de alguma das irmãs – algo que ela ia ter de consertar mais para frente.

ELES DESISTIRAM dos helicópteros no final da tarde.

O carro de Kelly não estava no estacionamento Lockwood, nem havia sinal algum dele abandonado pelo rio Ashley.

Enquanto esperava por notícias do Garrison, Jack estudou os conteúdos do notebook de Baker. Oficialmente, ela não era uma vítima de homicídio, então os casos não estavam conectados, o que só significava que, no momento, o notebook estava viajando abaixo do radar do escritório da procuradoria local. Os casos não tinham nada em comum – nem mesmo o bilhete, que havia sido encontrado no mesmo estacionamento onde o bilhete de Caroline havia surgido, e poderia ter sido colocado em seu para-brisa por qualquer um. Mas Caroline não era uma vítima, e até que o carro de Kelly fosse encontrado e eles soubessem com certeza se tinha um bilhete similar junto a ele, não havia como conectar os bilhetes de Caroline e Pam ao assassinato de Kelly. Era conjectura pura. Na realidade, se alguém fosse olhar esses casos de um nível alto, não havia nada que os ligasse, exceto a coincidência... ainda assim... Jack, de alguma forma, sabia que eles estavam conectados.

Ele tinha duas garotas mortas... outra desaparecida... qual era a ligação?

Ele tentou limpar a mente para pensar com clareza.

Uma das garotas desaparecidas tinha uma ligação direta com Caroline. A outra com o Jack. Sua intuição fazia Jack sentir que o jogo havia se tornado pessoal. Será que os bilhetes eram uma mensagem, não para a polícia, mas para Jack?

Ele pensou sobre a mensagem em si... *A morte e vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto.*

O que significava? As vítimas haviam sido escolhidas por causa de algo que haviam dito? Algo que foi dito sobre elas? Algo que não disseram? O psico estava comendo a língua delas porque acreditava que elas tinham algum tipo de poder?

Na mitologia grega, Tereu estuprou a irmã da esposa e cortou a língua dela para impedi-la de contar a alguém sobre o crime. Para Andrei Chikatilo, um assassino em série ucraniano, arrancar a língua era uma extensão de fazer amor. Nativos da parte extremo sul da Nova Guiné supostamente comiam as línguas de inimigos mortos para roubar a bravura deles. O assassino em série e canibal Joachim Kroll matou e comeu suas vítimas para economizar na conta das compras do mês. E Dennis Rader considerava suas vítimas projetos e gostava de matá-las como sacrifício de animais. Ele as estrangulava múltiplas vezes, ressuscitando-as, gozando com a luta delas, até que finalmente as matava e ejaculava em um de seus itens pessoais.

Perguntas corriam pela mente de Jack, mas nenhuma das respostas eram coesivas, nenhuma tomou forma, e ele ainda estava estudando o notebook quando Garrison entrou em seu escritório perto das 16h.

“Sabe aquele detetive que colocamos no Patterson... você nunca vai adivinhar onde ele foi hoje.”

Jack estava vasculhando os e-mails de Baker. “Onde?”

“Aparentemente, a namorada dele tem um emprego de meio-período no Wash ‘N’ Shine, um lava-rápido cujo dono é o irmão adotivo dela em Mt. Pleasant.”

“Namorada?”

“A garota que lhe deu o álibi.”

A cabeça de Jack se levantou. “Alguém já foi lá fazer perguntas e dar uma olhada nos recibos deles?”

Ele e Garrison cruzaram olhares. Ele sabia que Garrison já havia descartado as mensagens como evidência, ou pelo menos as colocado no final de sua lista de prioridade, e ele não estava convencido de que o desaparecimento de Pam estivesse conectado ao caso. Até onde todo mundo sabia, a referência à língua não passava de mera coincidência. A cópia branca, como a rosa, estava tinindo, mas ambas foram encontradas no mesmo estacionamento em carros pertencendo a funcionários do *Tribune*.

“Estou indo agora”, ele disse. “Só queria que você soubesse.”

Jack se levantou, pegando as chaves, pronto para sair com ele. Se Garrison não ia fazer as perguntas corretas, alguém tinha que fazer.

Garrison balançou a cabeça. “Desculpa. Não posso”, ele disse. “Condon quer que você espere até o final. Só queria que você soubesse”, ele disse novamente, soando apologético, talvez um pouco superior. Essa era a chance dele de brilhar mais que o Jack e se tornar o detetive estrela – bichinho de estimação do Condon. Pelo menos, era assim que Jack achava que Garrison entendia isso. Ele se sentou de volta, sentindo-se impotente e irritado.

“E o computador?” Garrison perguntou, provavelmente como consolo. “Já encontrou alguma coisa?”

“Nada.”

Caroline estava quase em casa quando seu celular tocou. Em poucos minutos, desde que havia virado na estrada Fort Lamar, o céu havia ficado preto. Ela atendeu sem verificar o número, esperando que fosse o Jack.

“Ligando... recompensa.”

Era uma voz masculina, embora mal um sussurro, e Caroline só conseguiu entender a única palavra: recompensa. Seu coração deu um pulo e ela abaixou o volume do rádio. “Você pode repetir, por favor?” ela pediu, “Minha bateria está acabando. Está cortando a ligação”.

“Ligando... reivindicar... a recompensa”, o homem sussurrou, tão baixo que ela quase não conseguiu ouvi-lo de novo. Caroline afastou o celular da orelha para checar o identificador de chamada e arfou ao ver o número de Pam. Seu pé bateu no freio reagindo, sacudindo o carro e quase jogando a traseira para fora da estrada. Ela levou o celular de volta à orelha, mas as palavras ficaram presas em sua garganta.

Pareceu um momento interminável antes de ele falar novamente. “Sei onde ela está”, a voz sussurrou.

Ele desligou de repente e Caroline puxou o carro para a lateral da estrada, enervada, suas mãos tremendo tanto para dirigir mesmo aqueles poucos quilômetros que faltavam para chegar em casa.

Ligue para o Jack.

Ela pegou o celular e começou a discar quando uma mensagem chegou.

Os pelos em sua nuca pinicaram.

A mensagem estava vindo do celular de Augusta. Caroline clicou nela e esperou, segurando a respiração, coração martelando contra as costelas, a

mensagem com imagem ser baixada. A bateria estava vermelha e piscando. A saliva secou em sua boca enquanto esperava a imagem se materializar completamente, medo apertando o coração. Ela piscou quando um close-up de tijolos carbonizados se cristalizou na foto e ela mal conseguiu enxergar as iniciais perto da mancha preta que parecia... sangue. Seu peito se comprimiu.

Sangue.

As iniciais eram dela e do Jack.

A mensagem com imagem havia vindo do número de Augusta.

Sei onde ela está.

A bateria finalmente acabou. Sua tela ficou preta.

Caroline não pensou, apenas reagiu. Virando o carro para sair da calçada, ela acelerou até o final da estrada, indo para as ruínas.

JACK ATINGIU MAIS becos sem saída.

Era possível que ele estava manufaturando uma conexão onde não havia nenhuma? Esses poderiam ser dois casos completamente separados, com simples coincidências parecendo conectá-los?

Ele raspou a mão no cabelo, frustrado. Os e-mails de Pam estavam limpos. Cada pasta em sua área de trabalho parecia relacionada ao trabalho. Não havia um único e-mail pessoal na lixeira. Ele checkou o histórico dela e, um por um, visitou os sites que ela havia navegado e marcado como favorito.

Havia alguns artigos de internet sobre Ian Patterson, alguns artigos do *Tribune*, um do *Post*. Ela também visitou alguns sites sobre patologia e teoria de assassinos em série – um que descrevia aplicativos de criminosos geográficos formando perfil de estupradores em particular. Atrás do perfil geográfico de estupradores, eles haviam aprendido que criminosos raramente cometiam crimes fora de um círculo que era determinável pelos dois ataques mais afastados. Ela estava pesquisando um artigo sobre o lugar do assassinato de Amy Jones? Poderia ser essa a ligação que ele estava perdendo?

Sem mais nem menos, ele abriu outro navegador. O padrão estava ligado à conta dela no Google e ela ainda estava logada. Sentindo-se esperançoso, ele clicou para abrir o e-mail dela. Evidentemente, ela não usava o serviço – nada ali além de spam. Cerrando os dentes, ele clicou no link que o levou às fotos dela, e os pelos em sua nuca se levantaram e pinicaram enquanto uma a uma as fotos de Pam Baker se materializavam.

Aparentemente, o smartphone dela colocou as fotos no site de forma

automática. A última atualização foi no sábado, primeiro de julho. Só de olhar, todas as fotos pareciam erros, mal tiradas, e então ele percebeu que eram close-ups e clicou nelas, uma a uma, engolindo em seco quando percebeu o que estava olhando. Uma sensação ruim se revirou em seu estômago enquanto continuou examinando as fotos. Mais de uma dúzia, todas tiradas de ângulos diferentes. Todas fotos de tijolos – e em especial uma mancha escura. Ele notou as iniciais entalhadas na pedra e aquela sensação de naufrágio no fundo do estômago se tornou um buraco negro.

Seu celular tocou.

“Bingo, Jack!” Garrison gritou do outro lado da linha. “Os recibos combinam com o bloco que usam no lava-rápido. O lápis na janela também. Vamos levar para o laboratório confirmar, mas tenho certeza que é o mesmo. Agora ouve essa... a maior notícia é que encontramos o Jipe da Kelly, esperando lá todo novo e lustrado em uma das vagas com um número enorme escrito na janela do motorista – e você nunca vai adivinhar...”

Mais arrepios voaram pela espinha de Jack. “Havia outro bilhete em seu para-brisa?”

“Bingo de novo! Você estava certo!” Garrison disse. “Amarelo – diz exatamente a mesma coisa que os outros dois.”

Jack nunca antes quis estar mais errado na vida. “Onde está Patterson?” ele perguntou, seu peito apertando a respiração dos pulmões.

Agora houve um silêncio absoluto.

“Mandamos os caras para casa às 16h”, Garrison disse, seu tom uma mistura de defesa própria e arrependimento. “Nada estava acontecendo, Jack. Aqueles caras estavam trabalhando sem intervalo. A esposa do Keith estava ameaçando se divorciar dele se ele não chegasse à casa a tempo de assistir ao jogo de bola do filho.”

Medo congelante desceu a espinha do Jack. “Onde o Patterson estava quando você o viu pela última vez?”

“Em casa, mas...”

Jack ficou tenso. “Garrison?”

“Bom, recebemos uma pista anônima de que ele está na estrada Fort Lamar, indo para a Oyster Point. Mas não se preocupe, Jack, já temos homens a caminho agora mesmo.”

Ele estava fazendo a contagem regressiva.

Jack piscou quando a compreensão chegou. A primeira cópia – a cópia branca – estava no para-brisa de Caroline.

Ele deve ter deixado a cabeça entre as coxas de Caroline porque ele via com pura clareza a única coisa que havia negado a si mesmo. O mistério na mensagem não era *por que* ou *o que* ele estava fazendo com as línguas. De forma direta, ele estava dizendo ao Jack quem seria sua terceira vítima.

Caroline.

Ele desligou e discou o número de Caroline. Foi direto para a caixa de voz. Ele apertou as chaves do carro.

CAROLINE AVANÇOU o carro com dificuldade pelo matagal e voou para fora do banco do motorista, deixando a porta aberta. O céu estava escurecendo ficando preto, mas os faróis do carro dela iluminavam o caminho enquanto ela corria até as ruínas, seu batimento cardíaco batendo nos ouvidos.

“Augie!” ela gritou. “Augie!”

Sufocada e confusa, ela chegou aos destroços da antiga casa georgiana, com suas paredes irregulares cobertas de videiras, mas não havia ninguém lá.

Ninguém... exceto... ela reconhecia aquele cheiro... não o odor pungente do pântano, mas fumaça... como gasolina.

Estava em todo o lugar ao seu redor. Ela estava de pé nisso. Instintivamente, olhou para os pés, procurando a mancha na foto. Lá estava, uma sombra preta se esparramando perto das iniciais que ela e Jack haviam entalhado nos tijolos no verão antes de ela ir embora para a faculdade. Ele havia entalhado aquelas iniciais no dia em que havia lhe pedido em casamento e ele prometera sempre estar lá para ela...

Aquele foi o último pensamento coerente que ela teve, e então algo doce e ácido pressionou contra o nariz e a boca dela – algo como o cheiro de magnólias apodrecendo.

E então veio o preto.

ELE ENVIOU MAIS uma mensagem do celular de Augusta Aldridge para garantir que todos os seus jogadores estariam presentes. Ele trabalhou rapidamente, com habilidade, sentindo-se um mestre condutor. Estava perfeitamente orquestrado, mas se uma única nota estivesse fora do lugar... mas não, não estaria.

Espalhando mais gasolina nos tijolos, até que cobrisse a mancha de

sangue por completo, ele ouviu as sirenes à distância. Distraído por um instante, ele respirou fundo, procurando o cheiro de pântano, confortando-se e se energizando nele, e só para completar, espalhou os galhos acima da cabeça e o matagal ao redor até que o cheiro de gasolina predominasse ainda mais que o cheiro do pântano. Quando terminou, acendeu um único fósforo e sorriu.

“GRAÇAS A DEUS você estava realmente trabalhando dessa vez ou poderia não ter escutado o telefone tocar!”

Savannah lançou um olhar exasperado à irmã, tentando não se irritar pela gratidão duvidosa.

“Na verdade, você tem sorte que a Sadie estava em casa, porque sem um carro ou qualquer dinheiro, você ainda estaria sentada na esquina esperando a chuva.”

“Sim, lembre-me de nunca importuná-la de novo – Jesus! Aquela merda me apavorou!” Augusta deslizou o pé descalço para cima do painel do carro. Ela havia tirado seus saltos ofensivos e os jogado no chão, prometendo usar sapatos sem salto pelo resto de seus dias dados por Deus. “Acha que o carro vai ficar bem durante a noite?”

Savannah deu de ombros. “Quem sabe. Provavelmente não haverá nada dele para vender quando chegar de manhã, mas não acho que teria sido inteligente ficar lá esperando por um instalador de trancas também.” Savannah manteve os olhos na linha amarela contínua, enervada pela escuridão prematura. Ela odiava dirigir à noite, e pensou que talvez tivesse um toque de cegueira noturna. Isso a deixava agitada – mas talvez algo mais a estivesse incomodando. Ela havia tido uma premonição horrível o dia todo... como uma nuvem preta pairando que não ia embora.

Com as árvores se curvando acima da cabeça, a estrada Fort Lamar de alguma forma parecia mais escura que o resto do mundo. Savannah olhou a irmã. “Ainda bem que você não o seguiu na viela, certo?”

“Sim... sobre isso”, Augusta reagiu, virando para olhar para ela como se ela fosse alguma curiosidade peculiar. “Como diabos você parece saber essas merdas? Você é –”

De algum lugar no final da estrada veio uma bola de fogo repentina e Savannah se enrijeceu atrás do volante. “Você viu aquilo?”

Augusta se endireitou no banco, olhando para o final da estrada, onde

havia um brilho crescente. “Jesus... é a casa da Sadie em chamas?”

As chamas aumentaram as árvores distantes como tochas gigantes de turfa, iluminando o céu que escurecia como uma tocha medieval nas entranhas de um calabouço.

De repente, elas ouviram sirenes – sirenes policiais, não de bombeiro. Luzes azuis zuniram passando por elas, vindo do nada, gritando até o final da estrada.

“Putá merda!” Augusta disse quando se aproximaram. “Acho que a casa antiga está queimando de novo!”

APESAR DAS CHUVAS RECENTES, após uma primavera e um verão ardentes, as árvores e arbustos estavam prontos para queimar. As chamas já estavam correndo para cima das árvores, incinerando o musgo e crepitando galhos mortos no caminho. Um tronco queimando rachou e mergulhou ao chão. Ajudado pelo vento crescente, o fogo estava se espalhando rápido.

Jack não foi o primeiro a chegar, mas ninguém poderia tê-lo segurado para trás.

O carro de Patterson estava estacionado de forma precária na margem da estrada. O carro de Caroline estava no matagal, como se ela tivesse dirigido rápido demais para parar – como se tivesse saído correndo da estrada em perseguição.

Jack correu passando pelos homens até as ruínas, arma sacada.

A fachada de tijolos e o matagal ao redor foram completamente engolidos... e, então, ele viu a figura emergir de um portal nas chamas – Patterson, segurando Caroline nos braços.

“Coloque-a no chão!” Jack exigiu. “Coloque-a no chão!”

O olhar de Patterson era aquele de um animal engaiolado, irritado e selvagem, mas ele se moveu para a frente com sua carga, destemido pelo comando de Jack.

As mãos de Jack balançaram ao mirar.

Caroline estava deitada completamente sem vida. Ele conseguia ver que a boca dela estava coberta por uma fita e seu coração afundou. Ela não se movia.

“Sai daí, Jack!” a voz de Garrison gritou nas costas dele.

“Coloque-a no chão, porra!” Jack exigiu mais uma vez. Ele mirou na cabeça de Patterson, pronto para enfiar uma bala entre os olhos dele.

Atrás dele, mais carros de radiopatrulha guincharam ao estacionar. Portas se abriram e bateram.

Ele não tirou os olhos de Patterson por um segundo.

Olhos flamejando quase tão quentes quanto as chamas atrás dele, Patterson parou de repente, inclinando-se, derramando o corpo de Caroline no chão, então devagar subiu e levantou as mãos se rendendo.

Homens armados avançaram, trazendo-o ao chão. Jack correu para o lado de Caroline, rasgando a fita da boca dela.

“Jack, não!” Garrison gritou.

Foda-se a evidência! Foda-se a investigação! Que eles o suspendam! Essa era a única coisa que importava na vida dele. Essa era Caroline! Ele a queria viva! “Cristo!” ele implorou. Ele arregalou a boca dela, arfando em voz alta ao encontrar a língua dela intacta e nenhuma tinta azul. Ele meteu os dedos dentro da boca dela procurando algum bloqueio – qualquer coisa – lágrimas descendo pelas bochechas. Ela soltou uma respiração estremecida e ele a trouxe aos seus braços. “Graças a Deus!” ele gritou.

Ele olhou para Patterson e percebeu quão errado sua intuição havia estado. Os instintos nos quais normalmente confiava o haviam deixado desorientado. Caroline havia tido tanta certeza que Patterson era culpado e Jack havia lutado contra ela em cada passo do caminho. Ele estava cansado de lutar.

“Vou garantir que você seja fritado”, ele jurou, enquanto algemavam Patterson e liam os direitos dele.

Ele ouviu gritos femininos agudos, e ficou vagamente consciente dos gritos frenéticos em suas costas. Então, Augusta estava de repente ao seu lado, olhando para Caroline, lágrimas derramando pelas bochechas. Augusta deu uma arfada audível quando viu Caroline piscar. “Ah, graças a Deus!” ela disse. “Caroline!”

Eles levaram Patterson embora enquanto dois policiais vieram e tentaram afastar Augusta. Ela recuou e deu uma palmada em cima da cabeça de um deles. “Fiquem longe de mim”, ela cuspiu. “Essa é minha irmã!”

Caroline piscou de novo, seus olhos se agitando para abrir. “Estamos fazendo uma fogueira?” ela perguntou fraca, olhando para Augusta em pesado torpor.

“Parece que você tentou fazer uma sem nós!” Augusta exclamou, engasgando em um choro. “Mas você colocou a maldita casa errada em chamas!”

Caroline lhe deu um sorriso fraco e Jack engasgou no próprio alívio e risada. Ele olhou de volta para verificar que ainda estavam contendo Savannah, os olhos dela bem abertos e receosos. Ele deu um aceno para o homem segurando-a e ele a soltou.

Savannah se apressou para o lado deles, caindo de joelhos ao lado de Caroline. “Ah meu Deus, Caroline!”

Augusta se virou para olhar as costas de Patterson, observando enquanto o empurravam para dentro do carro. Ele virou para olhar para ela somente uma vez antes de entrar, perfurando-a com um claro olhar azul, e ela engoliu em seco. “Eu estava tão errada”, ela disse suavemente, enquanto olhava os olhos furiosos que olhavam de volta para ela de dentro do carro.

Naquele instante, embora não acreditasse em anjos e demônios, Augusta achou que entendia o que deve ter sido o momento em que Lúcifer se tornou o Satanás.

Havia acabado.

Eles encontraram uma roupa de mergulho no porta-malas de Patterson, junto com uma “bolsa de golpe” contendo um rolo da mesma fita usada para cobrir a boca das vítimas, corda, um frasco de corante azul de comida e uma faca e um pano sangrentos. O pano seria testado para ver se era compatível com o tipo sanguíneo e o DNA de Kelly ou Amy Jones. Embora nenhuma das evidências na cena fosse possível conectar através de DNA, eles haviam descoberto uma massa torcida de plástico que em algum momento havia sido um celular. De acordo com o laboratório criminal, alguns chips de celular eram conhecidos por sobreviver a extremas temperaturas e, embora os dados não pudessem ser simplesmente acessados, ainda era recuperável. Eles acreditavam que o telefone pertencia à Augusta e que Patterson o havia utilizado para atrair Caroline à cena.

Uma busca na casa de Patterson produziu a câmera desaparecida de Jones. Estava cheia de fotos que ela havia tirado durante a noite em que morreu – a maioria do farol e do pântano, mas existiam algumas fotos que haviam sido tiradas durante o tempo que ele estava preparando Jones, e alguns close-ups do rosto dela enquanto morria – uma sequência nojenta de disparos que destacavam o terror dela e, finalmente, o instante de sua morte.

Eles também encontraram uma pequena caixa com uma língua com piercing nela, e descobriram tardiamente que Amy Jones havia tido um piercing na língua – algo que haviam perdido durante a investigação – algo que a colega de Amy não poderia ter adivinhado que devia lhes contar porque eles nunca revelaram os detalhes da mutilação e morte da amiga dela. Era

apenas uma questão de tempo antes que combinassem o DNA.

Eles descobriram várias outras parafernálias, inclusive um caderno de uma garotinha cheio de desenhos de flores chorando e casas em chamas. Rabiscado na parte de dentro da capa em preto estava a impressão clara de um adulto da palavra Amanda, junto com uma folha cheia das tentativas de uma criança de copiar em lápis vermelho.

A área ao redor das ruínas havia sido vasculhada inteiramente, mas, exceto pelo fogo recente, a paisagem parecia intacta. O corpo de Pam não foi recuperado. Nem o de Amanda Hutto. Mas com tanta evidência, não havia dúvida da culpa de Patterson. Caroline nunca viu seu agressor. Mas não importava. Eles tinham Patterson em flagrante e não fazia nenhuma diferença se ele se recusava a falar ou que a raiva em seus olhos poderia ter começado uma nova chama para rivalizar a que eles haviam apagado.

Neste momento, só havia uma coisa que a intuição de Jack estava lhe dizendo. Ele tinha a chance de construir uma vida com Caroline, e o que quer que fosse necessário para fazer aquilo acontecer, ele topava por um longo tempo. Depois de catorze anos na força, ele estava considerando se aposentar. Todos seus instintos haviam estado errados e ele havia quebrado regras demais, questionado sua própria razão, e quase perdeu Caroline no processo.

Patterson estava atrás das grades. Não graças ao Jack. Mesmo que ele morresse sem revelar o paradeiro dos outros corpos, pelo menos não iria machucar outra garota inocente. Aquilo era suficiente por enquanto. E, mais cedo ou mais tarde, a verdade viria... se alguém estivesse prestando atenção.

Jack entrou na pequena joalheria de família que um amigo seu havia aberto e recentemente vendido, e foi direto ao balcão, onde uma jovem ficou encarando-o esperançosamente.

“Em que posso ajudá-lo, senhor?”

“Eu preciso de um anel de noivado”, ele disse simplesmente, arrancando um antigo anel de platina entalhado a mão com três pedras faltando e colocando-o com reverência no balcão. Havia pertencido à avó dele uma vez. Caroline o havia devolvido dez anos atrás e Jack havia extraído os diamantes e penhorado, embora tivesse guardado o anel em si, incapaz de se separar da única relíquia que tinha da família. Ele mal se lembrava da avó após todos esses anos, mas ela era a única coisa positiva da qual se lembrava sobre a infância. Ele não havia se conectado com outra alma viva daquela forma até Caroline. Era apenas apropriado que Caroline deveria ficar com ele, mas de jeito nenhum ele lhe daria como estava. “Precisa de algo diferente”, ele disse,

“algo que mostre quanto esperei por isso cada um dos últimos dez anos da minha vida... mas algo que diga que estamos em um novo caminho.”

A garota sorriu. “Qual a cor dos olhos dela?”

“Cor de avelã, com tons de verde brilhantes.”

“Que tal uma esmeralda?” ela sugeriu. “Com diamantes para o contorno dos corações?”

“Perfeito”, ele falou.

JACKA HAVIA *INSISTIDO* que Caroline o encontrasse no Dive Inn.

Não fazia o menor sentido para ela – não depois que ele a havia rodeado por mais de uma semana, tratando-a como uma inválida, e insistindo que ela ficasse em casa e se recuperasse propriamente. Na realidade, ele havia ficado com ela na Oyster Point para garantir isso, mal saindo de seu lado. Ela teve que discutir com veemência que estava pronta para voltar ao trabalho nesta manhã, e agora ele de repente parecia ter esquecido toda a solicitude, fazendo-a sair do trajeto depois de um longo dia no escritório para encontrá-lo em um lugar público.

Ela tentou sem qualquer sorte ligar para Savannah e Augusta e avisá-las que iria perder o jantar, mas nenhuma atendeu ao celular.

Não que ela estivesse irritada ou algo do tipo.

Ela realmente queria ver o Jack – na realidade, ela queria muito ele todo para ela, mas talvez ele precisasse fazer algo normal depois do caos dos últimos meses. Ele só pareceu tão inflexível sobre ela *ter* que vir antes de escurecer, e ele a havia caçado para sair do trabalho *agora mesmo*, desligando só depois que ela chacoalhou as chaves no celular – e agora, como suas irmãs, ele não estava nem atendendo ao celular.

Ela dirigiu para Folly Beach, tentando não acelerar, janelas abaixadas, deleitando-se na brisa fria noturna. Ia lhe fazer bem sair e relaxar pela noite, disse a si mesma.

Um flash de vermelho neon brilhante chamou sua atenção e seu olhar escorregou ao barco na praia que ficava do lado da estrada Folly Beach. Ele havia estado lá há décadas, pintado e repintado com grafite. Era impossível perder a mensagem atual. Utilizava cada centímetro possível do espaço. Em enormes letras vermelhas brilhantes dizia: CASA COMIGO, CAROLINE.

Caroline piscou ao passar a placa, seu coração saltando na garganta. Borboletas voavam no estômago. Ela já estava na esquina do East Ashley

antes de se lembrar de respirar.

Casa comigo, Caroline.

Seria possível?

Pelo que conseguia se lembrar, o barco defunto havia sido utilizado para divulgar anúncios de nascimento, avisos de graduação e gritar declaração de noivado – ou basicamente qualquer coisa que as pessoas quisessem proclamar.

Sua cabeça girou com pensamentos do primeiro noivado deles e ela franziu com a memória do término deles – todos os anos desperdiçados. Se ele a pedisse novamente, ela iria se prender ao que tinham até seu último suspiro e nunca subestimar.

Ela o amava. Como havia vivido sem ele por dez longos anos Caroline não fazia ideia.

Ela virou a esquina para encontrar Jack de pé do lado de fora do Dive Inn. Ele estava sorrindo abertamente, esperando por ela, e Caroline se viu sorrindo também, euforia se construindo dentro dela.

Casa comigo, Caroline.

Ela deu uma arrancada, virando em uma vaga, estacionando de forma negligente, e correu para fora do carro. “Jack!” ela exclamou.

Ele ainda estava sorrindo. Havia um brilho distinto em seus olhos azuis brilhantes.

Ela parou e se virou para a direção de onde havia vindo, sentindo-se estranha de repente, pensando duas vezes. Ela apontou. “Foi você?”

“Você aceita?” ele interrompeu e se ajoelhou, produzindo uma caixinha vermelha de trás das costas.

Lágrimas saltaram aos olhos de Caroline e ela cambaleou na direção dele, mal percebendo que seus pés estavam se movendo. Ela ficou de joelhos na frente dele. “Ah, Jack!”

“Casa comigo, Caroline”, ele sussurrou.

Eles se ajoelharam lá no cascalho juntos, seixos se enterrando nos joelhos deles, encarando um ao outro, e Caroline não podia se importar menos que de repente parecia que o estacionamento estava se enchendo com uma plateia. Pessoas se espalharam do pequeno bar até o estacionamento coberto de cascalhos. Ela não se importou em olhar para cima. No momento, ela só via o Jack – o amor nos olhos dele, a esperança e a sinceridade genuína entalhavam o rosto lindo dele – aquele rosto que ela queria ver todas as manhãs ao acordar pelo resto da vida.

“Eu amo você”, ele jurou. “Eu quero que cada pessoa nesta cidade saiba disso!”

Caroline não conseguia encontrar a voz para falar.

“Caroline... prometo nunca deixá-la na dúvida – nunca decepcioná-la. Juro por Deus que irei sempre colocá-la em primeiro lugar no meu coração e na minha vida!”

Caroline jogou os braços ao redor do pescoço dele, beijando a ponta da orelha. “Sim, Jack!” ela sussurrou calorosamente. Lágrimas se espremeram pelas pálpebras fechadas e seu coração parecia que ia explodir no peito.

Jack se afastou longe o suficiente para abrir a caixa em sua mão e Caroline abriu os olhos para espiar o anel mais maravilhoso que ela havia visto. Ajustado na prata filigranada da avó dele estava uma enorme esmeralda ladeada por dois corações cheios de diamantes.

As mãos de Caroline tremiam enquanto ele removia o anel da caixa. Ele segurou a mão dela e deslizou o anel no dedo dela. De repente, o estacionamento explodiu em alegria.

Caroline tardiamente olhou para cima, esfregando as lágrimas dos olhos para espiar ambas as irmãs de pé, de braços dados, na frente da multidão. Aquilo explicaria por que não estavam atendendo ao telefone. Frank estava lá também – o gatuno! – junto com Daniel e George. Sadie estava chorando de forma inconsolável enquanto agarrava o braço do filho por apoio.

“Sim”, ela disse de novo e sorriu.

Pela primeira vez na vida ela se sentiu conectada, não apenas com o amor da sua vida, mas com sua família – com este lugar. Dessa vez, ela sabia que estava em casa para ficar.

EPÍLOGO

Era impossível não admirar a antiga máquina de escrever, com suas teclas de ouro brilhantes e base de nogueira polida. Savannah literalmente encarou-a por horas sem nem tocá-la, tentando descobrir como começar.

Aparentemente, a mãe delas havia usado até pouco antes de morrer. Por isso ainda estava em condição impecável, o que explicava a carreta perfeitamente lubrificada e o cilindro recentemente enchido de tinta. Como havia parado no sótão, Sadie alegou não saber. Vendo-a na mesa da mãe, Sadie a observou, perguntando por que Savannah havia trazido do sótão se não ia realmente usá-la.

O gesso de Savannah já foi retirado e não fazia sentido evitar a máquina de escrever para sempre. Augusta estava certa: ela tinha de botar algo no papel – qualquer coisa, mesmo se fosse uma merda.

Augusta estava afundada em preparações para o leilão iminente enquanto Caroline estava afundada em preparações para um casamento iminente – o dela mesma. Depois de longos dez anos, ela e Jack iam finalmente dizer sim e era um ‘felizes para sempre’ longo e atrasado para ambos.

Engraçado como às vezes era necessária a perda ou chegar perto de perder algo precioso para destacar o que importava mais na vida.

Inspecionando a mesa da mãe em busca de papel, Savannah descobriu uma resma de folhas na última gaveta, perto de um abridor de cartas de estanho no formato de uma baioneta dos Confederados. Dia de sorte, ela pensou, mas assim que o papel foi colocado, ela simplesmente encarou a folha em branco enrolada na máquina.

Talvez se ela pressionasse uma única tecla e fizesse uma impressão... como a primeira nota de uma canção, poderia estimular a escrever mais. Frustrada, ela apertou a tecla F, e então encarou a impressão pesada que fez. Rápido. Preto. Bonito.

A visão da letra única a deixou feliz imoderadamente, mas enquanto encarava a folha de papel, percebeu que havia outra impressão gravada nele. Ela desenrolou o papel da máquina e levou para debaixo da luminária na mesa, tentando ler o fantasma dos rabiscos da mãe.

Ela conseguia enxergar algumas palavras como “testamento” e “codicilo”.

Curiosa, apoiou o papel e foi buscar um lápis, determinada a descobrir que segredos o papel continha. Talvez uma pequena sondagem de terceira série fosse revelar as palavras da mãe dela. Finalmente, encontrou um lápis enterrado na gaveta do meio – não um número dois antiquado – do tipo mecânico. Mas também funcionaria, ela pensou. A impressão no papel era funda o suficiente.

Posicionando o papel na mesa, ela começou a esfregar o lápis de leve por sobre os entalhos na página e, devagar, as palavras começaram a aparecer...

Eu, Florence W. Aldridge, de James Island, declaro este o primeiro codicilo de meu Último Desejo e Testamento datado de primeiro de maio de dois mil e catorze.

Piscando, Savannah encarou as palavras atrás da sombra cuidadosa do lápis, hesitando, seu coração batendo um pouco mais rápido. O que quer que fosse... havia sido escrito apenas alguns dias antes da morte de Flo. Essas eram realmente as últimas palavras da mãe dela. Com as mãos tremendo, ela continuou...

Item I: Eu desejo e direciono que o item V do meu supracitado Último Desejo e Testamento seja cancelado por completo.

O que foi cancelado? Ela não se lembrava o que era o item V. Ela teria de olhar a cópia do testamento original. Coração batendo desordenadamente, ela continuou correndo o grafite fino pela página.

Item II: Eu desejo e direciono que o seguinte seja o item V de meu Último Desejo e Testamento.

Savannah respirou fundo, imaginando se realmente queria saber o que dizia. Será que a mãe dela tinha mudado de ideia sobre sequestrar as filhas debaixo do mesmo teto? Ela as havia renegado? Não importa quão difícil tenha sido no começo, Savannah precisava desta comunhão com as irmãs.

Até Caroline e Augusta pareciam melhores com isso. Ela não queria voltar para D.C. Ela precisava deste ano com as irmãs... o dinheiro em si não importava.

Com um pouco de trepidação, ela continuou...

Eu desejo e direciono que a propriedade que faz fronteira com o Riacho de Secessionville do atalho até a estrada Fort Lamar, e consistindo das regiões originais existentes da Fazenda Oyster Point, assim como os pântanos nos limites, sejam por meio deste doados ao município de Charleston.

Boquiaberta, ela continuou rabiscando até o final da página onde a forte assinatura da mãe dela aparecia finalmente através da sombra de lápis.

Sua respiração ficou presa ao perceber o que estava segurando. Florence havia mudado de ideia. Ela queria transferir o marco para a cidade. Augusta ficaria emocionada. Sadie ficaria desalojada, embora Flo aparentemente tivesse acrescentado um estipêndio generoso para compensar pela perda de seu lar.

Por que o novo codicilo não havia surgido no testamento?

Jesus, ela poderia nunca ter descoberto isso se não tivesse descido a máquina do sótão...

Savannah segurou o papel nas mãos, encarando-o.

Era isso mesmo o que a mãe delas havia pretendido? Se ela entregasse ao Daniel, o fantasma de um documento assinado, a Sadie ainda seria legalmente dona da terra?

No final, Savannah foi coagida pelos desejos da mãe. Ela tinha de entregá-lo. *Tudo o que você pode fazer*, ela disse a si mesma, *é partir dos melhores motivos...*

LIVRO 2 PRÉVIA

O sol estava se pondo, preenchendo as florestas a frente com sombras longas e serpeantes.

Cody Simmons imaginou que haviam cobras venenosas debaixo de cada tronco apodrecendo que ele saltava. Ele conheceu uma criança que uma vez foi mordida apenas por se sentar em um tronco, então manteve os olhos abertos e os pulos altos, procurando sinais de cobras no capim alto.

TC, que tinha doze anos e um ano inteiro mais velho, iria zombar se achasse que Cody estava com medo, então Cody ficou de boca calada e manteve o ritmo atrás de TC enquanto eles corriam até a velha igreja abandonada.

TC era seu melhor amigo, mas às vezes ele colocava Cody em apuros e a Vovó Rose de Cody não gostava muito da família dele. Ela disse que eles estavam empinando o nariz e que não dava para fazer uma bolsa de seda da orelha de uma porca não importa o quanto tentasse, mas Cody não sabia exatamente o que aquilo significava. Às vezes sua avó dizia coisas que não faziam sentido e a mãe de Cody disse que era porque a Vovó Rose ainda estava vivendo no passado – tanto faz. Cody não se importava enquanto ainda pudesse brincar com o TC.

Ele ouviu a voz da Vovó Rose ressoar à distância, chamando o nome dele para o jantar. Havia um assado fervendo na panela de pressão e creme de milho verde esperando por ele, mas ele não parou. Eles tinham pelo menos trinta minutos antes que ela ficasse determinada a encontrá-lo e TC disse que tinha certeza absoluta que conseguiriam chegar à igreja e voltar sem ninguém perceber que eles haviam sumido.

Talvez ele estivesse um pouco assustado, mas a antecipação que estava borbulhando em ver algo que nunca havia visto antes, exceto nos programas de TV, era ainda mais emocionante – uma cena de crime na vida real! TC jurou na Bíblia que ele viu sangue no altar da velha igreja. Embora Cody não acreditasse muito nele isso não tornava a aventura menos empolgante.

Seus tênis novos estavam enlameados agora porque haviam corrido pelo pântano, evitando a floresta até que tivessem que entrar. Eles avistaram a pequena igreja branca demolida no mesmo instante em que uma bola enorme de sol laranja nas costas deles mergulhou no riacho, extinguindo a maior parte da luz da floresta.

Derrapando para brecar, TC esperou Cody alcançá-lo.

“Devíamos ter trazido uma lanterna!” Cody lamentou.

“Medroso!”

“Não sou! Aposto que você não trouxe uma assim não poderia dizer se é sangue ou outra coisa! Provavelmente é só óleo ou sei lá.”

“Não, é sangue!” TC lhe assegurou, lançando um olhar afiado.

O edifício da igreja não estava a mais de nove metros de distância agora, a porta da frente arrancada, então você conseguia ver direto o interior negro. Parecia uma boca bocejando em um rosto bravo. Duas janelas escuras ficavam de cada lado da porta. As vidraças haviam sido quebradas a muito tempo atrás e não sobrara muito, exceto por uma lasca de vidro recortado preso no peitoril debaixo do vidro direito. O brilho laranja do pôr do sol refletiu como um cintilar no olho de alguém.

Os dois garotos andaram devagar até a construção, passando pelas sepulturas e cruzes que marcavam o cemitério antigo da igreja.

O pai de TC havia lhes contado histórias sobre encontros secretos do passado bem aqui na floresta. Ele havia dito que encontrara um homem enforcado dentro da igreja. Supostamente, cometeu suicídio – algo sobre fazer coisas ruins com crianças e sentir-se culpado sobre isso – ou talvez alguém simplesmente o tenha matado para fazê-lo pagar por seus pecados. Cody supôs que era esse o motivo pelo qual não usavam mais a igreja – isso e porque eles foram e construíram uma mercearia Harris Teeter bem sobre a estrada de terra que levava até a velha igreja, cortando o caminho para qualquer um que fosse corajoso o suficiente para encarar o fantasma de um homem enforcado. Nos cinco anos desde que a estrada havia sido bloqueada, a floresta já havia reclamado a estrada de terra.

“De onde cê acha que é o sangue?” Cody perguntou, lutando contra a

urgência de disparar de volta na direção de onde tinham vindo. Ele estava começando a se sentir estranho – como se talvez alguém estivesse observando-os ou algo do tipo – alguém que eles não conseguiam ver. Era uma sensação ruim que ele não conseguia afastar.

“Ouvi dizer que as pessoas matavam e tiravam a pele de gatos e coisas, poderia ser algo assim”, TC disse, naquele mesmo tom-sabe-tudo que seu pai usava.

Cody entortou a camiseta. Um de seus punhos em formato de bola ao seu lado. “Isso não tá certo.”

“Bom, às vezes as pessoas não são certas, meu pai diz.”

“Aposto que alguém se cortou naquele vidro, talvez. Parece afiado demais para mim.”

TC olhou para a parte recortada da janela e deu de ombros evasivamente. “Talvez.”

Eles pararam na porta e olharam para dentro. Teias de aranha se espalhavam pelo topo do batente da porta até o interior. Estava aninhado de insetos, todos esperando para serem sugados até secar.

“Olha isso”, TC disse.

Ele manuseou os resquícios da carcaça de uma cigarra, tentando extrai-la da madeira exposta no batente. Quando não saiu, ele esmagou com o punho. O golpe reverberou dentro do interior escuro da igreja e, em algum lugar nas sombras, algo guinchou.

Cody engoliu o bloco que subia em sua garganta.

Um altar que mal dava para ver descansava no palco lá dentro. Os bancos da igreja tinham todos sumido, mas você ainda conseguia ver o caminho onde as pessoas haviam disputado até a nave central da igreja, a madeira gasta por centenas de melhores sapatos de domingo. O caminho estava três quartos obscurecido, desaparecendo nas sombras.

Eles deslizaram olhares desconfiados um ao outro.

“Vai, entra”, TC ordenou. “Eu já vi.”

“Eu não vou sozinho!” Cody protestou.

“Por quê? Tá com medo?”

“Não!”

“Frangote!”

“Não, você tem que me mostrar onde está tudo – talvez não esteja mesmo lá?”

“Não, eu juro – olhe!” Ele apontou para o lado direito do altar. “Vê onde

aqueles panos estão pendurados? Eles estão pingando sangue.”

Cody apertou os olhos para enxergar na escuridão. “Só vejo um bando de panos velhos pendurados como se alguém tivesse limpado o lugar.”

TC fez cara de nojo. “Por que alguém limparia esse depósito velho?” ele argumentou. “Ninguém tem usado faz cem anos!”

Cody levantou a sobrancelha em dúvida. “Sim, bom, seu pai disse que costumava vir aqui na igreja quando era pequeno.”

“Meu pai nasceu nos anos sessenta. É a muito tempo atrás.”

“Sim”, Cody cedeu.

“Sim”, TC disse.

Ambos os garotos haviam perdido completamente a coragem. Nenhum queria entrar, mas nenhum queria admitir que poderiam estar assustados demais, então eles ficaram lá, cada um agarrando uma estrutura do batente da porta. Atrás deles, os últimos traços da luz do sol mal eram visíveis através da linha de árvores. Mas bem onde eles estavam parecia preto como carvão e ficando ainda mais escuro a cada segundo.

Os sons do pântano estavam se intensificando. Grilos cricrilavam mais alto e sapos-boi coaxavam de seus esconderijos. No calor de agosto o tempo era perfeito para a pesca de sapos. Cody pensou que talvez fosse melhor os sapos ficarem de boca calada a menos que quisessem terminar como o jantar de alguém – não dele, claro. Ele nunca havia experimentado um e como a mãe dele tinha medo de sapos, ele achava que nunca iria – não que ele se importasse já que todos diziam que tinha gosto de frango. Ele preferia apenas comer frango. Seu estômago roncou.

“Acho que ouvi sua avó chamando”, TC ofereceu.

“Sim. Acho que ela está preocupada.”

“Provavelmente.”

O som de um arrastar de pés veio do interior escuro da construção. O coração de Cody bateu mais rápido. “Ouve isso?” ele sussurrou.

TC balançou a cabeça em não, mas com os olhos arregalados disse sim.

Eles congelaram, esperando por mais sons.

“Provavelmente só um rato... ou uma cobra”, Cody sussurrou, mas não soou como nenhuma daquelas coisas. Soava mais como o modo que um sapato de sola macia fazia quando esfregado sobre um chão áspero, um arrastar suave como o que ele conseguia fazer quando deslizava seus melhores sapatos de domingo no velho assoalho de madeira da Vovó Rose.

Cody não teve coragem de olhar para dentro de novo, e o rosto de TC

estava fixo no rosto de Cody. Ambos os garotos estavam congelados com indecisão.

Lá dentro, algo bateu contra o chão e os dois garotos escapuliram.

Cody correu para salvar sua vida, mas TC era mais rápido e Cody lutava para manter o ritmo, seu passo não tão firme no novo par de tênis. Ele estava assustado demais até para prestar atenção em cobras ou troncos e tropeçou em um buraco no chão, caindo de joelhos na escuridão.

“TC!” ele gritou quando foi para baixo, mas TC estava correndo até o pôr do sol desaparecendo e não parou para olhar para trás mesmo após abrir caminho pelas árvores. A última coisa que Cody viu foram as costas de sua camiseta amarela brilhante.

A cabeça de Cody atingiu a terra fofa do outro lado do buraco, uma parede de lama molhada que gotejava com água fedorenta. Foi outro instante confuso antes de perceber que havia caído em um enorme buraco – talvez como um túmulo – e ele sufocou de medo quando sentiu algo mole debaixo dele. Era como uma pessoa – uma pessoa morta – mas ele não conseguiu gritar, porque sua voz ficou presa na garganta. Seu tornozelo doía como se estivesse quebrado. A dor foi lançada através da perna quando tentou se levantar.

Cody começou a chorar – suavemente, assim quem quer que estivesse dentro daquela velha igreja proibida não conseguiria ouvi-lo. Ele estava sozinho em um buraco na floresta e não conseguia ver nada além de uma lasca do céu acima das árvores. Não havia nem luz suficiente para conseguir ver NO QUE estava se ajoelhando, mas ele tentou ficar de pé, apesar da dor, e encontrou o chão irregular e mole, e caiu de joelhos de novo, agarrando o que parecia uma nádega nua. Horrorizado, ele gritou e disparou ficando de pé, mas mais dor jorrou pelo tornozelo e ele se dobrou de joelhos, caindo em prantos.

Quando sua visão se ajustou à crescente escuridão, ele conseguiu ver o contorno mais fraco de um seio pálido e um rosto distorcido debaixo dele.

Ou talvez fosse sua imaginação.

Ah, Deus! Ele tinha certeza absoluta que estava ajoelhado em um cadáver gelado.

Lágrimas quentes derramaram dos olhos, mas ele reprimiu o choro. E se alguém estivesse lá fora? Ele não queria que soubessem onde ele estava. Talvez TC fosse voltar com ajuda. Que tipo de amigo deixava você para morrer em um buraco na floresta? Talvez a avó dele estivesse certa e TC não

batesse bem da cabeça! Mesmo velha como a Vovó Rose era ela nunca o teria deixado sozinho para morrer. Ele pensou na avó se preocupando com ele e sentiu outra onda de histeria transbordando.

Uma sombra se aproximou e se elevou sobre ele, uma forma com olhos brilhantes, e ele sentiu algo quente escorrer por dentro da perna.

Cody congelou, olhando direto para os olhos pálidos, incapaz de se mover, incapaz de chorar.

Pelo instante mais longo, a sombra preta apenas o encarou no túmulo, sem dizer uma palavra, e a boca de Cody tiritou.

Ah Deus, o que ele ia fazer? Ele jurou que nunca mais sairia de casa sem dizer a alguém se simplesmente pudesse ir para casa. Ele nunca daria ouvidos ao TC – nunca mesmo!

“Tá machucado?”

Era apenas uma voz de homem, não um monstro, mas Cody não conseguia ver uma boca se mexendo e percebeu que havia algo cobrindo o rosto do homem, exceto pelos olhos. Cody concordou com a cabeça, incapaz de falar.

O homem caiu em silêncio novamente, encarando-o lá embaixo, e Cody sentiu o medo correr por ele como um trem de carga. Seu corpo inteiro começou a tremer. E, então, o homem se inclinou sobre o túmulo, estendendo a mão para o Cody.

SOBRE A AUTORA



Os romances de Tanya Anne Crosby já figuraram em diversas listas de bestsellers, incluindo as do New York Times e do USA Today. Conhecidos pelos enredos carregados de sentimento e humor e repletos de personagens imperfeitos, seus livros vêm recebendo elogios dos leitores e comentários entusiásticos da crítica. Tanya vive como marido, dois cachorros e dois gatos temperamentais no norte de Michigan.

Per maggiori informazioni:

www.tanyaannecrosby.com

tanya@tanyaannecrosby.com

